

**UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS
CAMPUS DE MARÍLIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**

VANIA REGINA PIERETTI JULIÃO

**UMA HISTÓRIA DA FORMAÇÃO E ATUAÇÃO DE PROFESSORES NO
MUNICÍPIO DE GARÇA-SP (1940- 1996)**

Marília – 2021

VANIA REGINA PIERETTI JULIÃO

**UMA HISTÓRIA DA FORMAÇÃO E ATUAÇÃO DE PROFESSORES NO
MUNICÍPIO DE GARÇA-SP (1940-1996)**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Filosofia e Ciências da Universidade Estadual Paulista – UNESP – Campus de Marília, para a obtenção do título de Doutor.

Área de Concentração: Políticas Públicas e Administração da Educação Brasileira.

Linha de Pesquisa: Filosofia e História da Educação no Brasil.

Orientadora: Dra. Rosane Michelli de Castro.

Marília – 2021

J94h

Julião, Vania Regina Pieretti

Uma história da formação e atuação de professores no município de Garça SP (1940-1996) / Vania Regina Pieretti Julião. -- Marília, 2021
274 f.

Tese (doutorado) - Universidade Estadual Paulista (Unesp),
Faculdade de Filosofia e Ciências, Marília
Orientadora: Rosane Michelli de Castro

1. História da Educação. 2. História Oral. 3. Formação de
Professores. 4. Saberes Professorais. 5. Escola Normal e Magistério. I.
Título.

Sistema de geração automática de fichas catalográficas da Unesp. Biblioteca da Faculdade de
Filosofia e Ciências, Marília. Dados fornecidos pelo autor(a).

Essa ficha não pode ser modificada.

VANIA REGINA PIERETTI JULIÃO

**UMA HISTÓRIA DA FORMAÇÃO E ATUAÇÃO DE PROFESSORES NO
MUNICÍPIO DE GARÇA-SP (1940-1996)**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Filosofia e Ciências da Universidade Estadual Paulista – UNESP – *Campus* de Marília, para a obtenção do título de Doutor, na área de concentração de Políticas Públicas e Administração Brasileira e na linha de pesquisa de Filosofia e História da Educação no Brasil.

Banca Examinadora

Orientadora: Dra. Rosane Michelli de Castro
(FFC-UNESP-Marília)

Dr. Macioniro Celeste Filho
(FFC-UNESP-Marília)

Dr. Alonso Bezerra de Carvalho
(FFC-UNESP-Marília)

Dra. Katiene Nogueira da Silva
(USP- São Paulo)

Dra. Maria Silvia Rosa Santana
(UEMS- Parnaíba MS)

Marília – 2021

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus que me guiou, me iluminou, me conservou com vida e colocou no meu caminho as pessoas certas no momento certo!

Ao meu amado esposo Tadeu pelo amor, companheirismo, paciência e auxílio constante no nosso cotidiano.

Ao meu querido e amado filho Tato pelo apoio e companheirismo.

Aos meus pais pelo amor, carinho, dedicação e pelos valores que me acompanham.

À minha eterna vó Nice (*in memorian*), pelas suas orações a Deus para que Ele sempre estivesse comigo e pelo seu infinito amor que o sinto até hoje!

Às minhas irmãs e irmão que mesmo de longe sempre estiveram comigo dando força e torcendo pelo alcance dos meus ideais.

À orientadora Profa. Dra. Rosane Michelli de Castro pelas orientações sempre precisas e sábias e pelo acompanhamento da minha trajetória acadêmica.

Ao Prof. Dr. Macioniro Celeste Filho e à Profa. Dra. Katiene Nogueira da Silva pelas valiosas contribuições na banca de qualificação e participação na banca de defesa.

Ao Prof. Dr. Alonso Bezerra de Carvalho e à Profa. Dra. Maria Silvia Rosa Santana pela participação e contribuições na banca de defesa.

Às professoras e aos professores que participaram da pesquisa, dedicando uma parte do seu tempo para buscar em suas memórias as suas trajetórias e pela valiosa contribuição com a constituição da história da educação no município de Garça SP.

Em especial um agradecimento à família do Sr. Chaves e da Profa. Cida que se foram no decorrer da pesquisa.

Aos meus amigos e às minhas amigas de perto e de longe que sempre estiveram comigo no incentivo do meu trabalho, estudo e vida!

Quem escreverá a história do que poderia ter sido o irreparável
do meu passado.
Este é o cadáver.
Se a certa altura eu tivesse me voltado para a esquerda ao invés
de para a direita;
Se em certo momento eu tivesse dito não ao invés que sim.
Se em certas conversas eu tivesse dito as frases que hoje
elaboro; seria outro hoje,
e talvez o universo inteiro seria insensivelmente levado
a ser outro também.

Fernando Pessoa

RESUMO

Nesta tese apresentam-se resultados da pesquisa de Doutorado em Educação desenvolvida no âmbito do programa de pesquisa “A história da didática em instituições de formação de professores no Brasil – 1827-2011”. O objeto de estudo é uma história da formação e da atuação de professores, o ser e os saberes professorais na constituição da docência no município de Garça-SP, considerando os professores formados na Escola Normal e na Habilitação Magistério no período de 1940 a 1996. Esta pesquisa originou-se dos questionamentos referentes aos professores formados na Escola Normal e, posteriormente, na Habilitação Magistério, considerados como agentes sociais inseridos em um lugar praticado, “lugar” de atuação, com inquietações e ideais em comum que se constituíram em instâncias que demonstravam as suas características, o seu *habitus* e as suas representações. Apresenta como objetivo geral: identificar, analisar e interpretar aspectos da constituição do ser e saberes professorais para uma história da formação e da atuação de professores no município de Garça-SP. E objetivos específicos: delinear e situar o percurso metodológico da pesquisa, o trabalho com as fontes com ênfase nos relatos orais a partir de uma repartição cultural como possibilidade para identificar e analisar as instituições escolares que proporcionaram a constituição da formação e atuação dos (as) professores (as) no município; identificar e analisar a constituição e organização dos espaços escolares como lugares praticados pelos quais percorreram os (as) professores (as) entrevistados (as); identificar e analisar a constituição das Escolas de Formação de Professores (as) para o Ensino Primário no município e as influências para a escolha da profissão professor (a) marcando o *habitus* das professoras a partir das suas escolhas; identificar e analisar a atuação dos agentes formadores na sociedade garcense nos cursos Normais e na Habilitação Magistério e os saberes específicos ensinados para a atuação professoral; identificar e analisar a trajetória dos agentes professores (as) formados (as) nas Escolas Normais e Habilitação Magistério e dos formadores (as), o *habitus* partilhado e a mobilização dos seus saberes elucidados pelas práticas. O aporte teórico metodológico é o da História Oral, apontada por Thompson (1992) como a interpretação de uma história na qual se insere sociedade e culturas mutáveis, por meio dos registros dos relatos das pessoas entrevistadas, imbricado com as fontes documentais escritas, iconográficas e com os conceitos referentes à Memória (Ricoeur, 2007), Representações e Práticas (Chartier, 1990), Campo e *Habitus* (Bourdieu, 1983, 2004), Saberes Docentes (Tradif, 2002), Culturas Escolares (Viñao Frago, 1995 e Escolano, 1998) e Lugares, Espaços e Repartição Cultural (Certeau, 1982, 1998). Este aporte possibilitou a constatação de que a história da formação e atuação de professores no município de Garça-SP se constituiu mediante seres e saberes professorais de agentes específicos – professores de um mesmo “lugar” institucional, lugares praticados, os quais partilhavam de um *habitus* e, por conseguinte, puderam estruturar elementos constitutivos das culturas escolares do município, no período em estudo. A atuação professoral nos diversos segmentos da sociedade garcense e o *habitus* dos professores de busca de uma formação continuada se caracterizou no município.

Palavras-Chave: História da Educação; História Oral; Formação de Professores; Saberes Professorais; Escola Normal e Magistério.

ABSTRACT

In this thesis, the results of a Doctorate in Education research developed within the scope of the research program “The history of didactics in teacher training institutions in Brazil – 1827-2011” are presented. The object of study is a history of the formation and performance of teachers, the teacher's being and knowledge in the constitution of teaching and the performance of teachers in the municipality of Garça-SP, trained in the Escola Normal and the Habilitation Magisterium from 1940 to 1996. This research originated from questions regarding teachers trained in the Normal School and, later, in the Magisterium Qualification, being considered as social agents inserted in a practiced place, "place" of performance, with common concerns and ideals that constituted instances that demonstrated its characteristics, its habitus and its representations. Its general objective is to identify, analyze and interpret aspects of the constitution of being and teacher knowledge, for a history of teacher education and performance in the city of Garça-SP. And specific objectives: to delineate and situate the methodological path of the research, the work with the sources with an emphasis on oral reports from a cultural division as a possibility to identify and analyze the school institutions that provided the constitution of the training and performance of (as) teachers in the municipality; identify and analyze the constitution and organization of school spaces as places practiced by the interviewed teachers; identify and analyze the constitution of Teacher Training Schools (as) for Primary Education in the municipality and the influences for the choice of the teaching profession (a) marking the habitus of teachers based on their choices; identify and analyze the role of training agents in Garçen society in Normal courses and in Teaching Qualifications and the specific knowledge taught for teaching practice; identify and analyze the trajectory of teacher agents trained in the Normal Schools and Magisterium Habilitation and of trainers, the shared habitus and the mobilization of their knowledge elucidated by the practices. The methodological theoretical contribution is that of Oral History, pointed out by Thompson (1992) as the interpretation of a history in which changing society and cultures are inserted, through the records of the interviewed people's reports, intertwined with written, iconographic and with concepts related to Memory (Ricoeur, 2007), Representations and Practices (Chartier, 1990), Campo and Habitus (Bourdieu, 1983, 2004), Teaching Knowledge (Tradif, 2002), School Cultures (Viñao Frago, 1995 and Escolano, 1998) and Places, Spaces and Cultural Division (Certeau, 1982, 1998). This contribution made it possible to verify that the history of teacher education and performance in the municipality of Garça-SP was constituted by beings and teacher knowledge of specific agents - teachers from the same institutional "place", practiced places, which shared a habitus and, therefore, can structure elements that constitute the school cultures of the city of Garça-SP, in the period under study. The teaching performance in the various segments of society in Garç and the habitus of teachers in the search for continuing education was characterized in the municipality.

Keywords: History of Education; Oral History; Teacher training; Teacher Knowledge; Normal School and Teaching.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Fotografia da Profa. Luiza e alunos, 1927.	70
Figura 2 - Primeira Escola do município de Garça-SP- Grupo Escolar “Júlio Prestes”, 1929.	77
Figura 3 - Alunos e alunas no Grupo Escolar de Garça-SP.....	78
Figura 4 - Turma do 1º ano de 1929 no Grupo Escolar “Júlio Prestes”. Na primeira fileira, sentado e com rosto “rasurado”, o Sr. Mario Manchini.	79
Figura 5 - Novo Prédio do Grupo Escolar “João Crisóstomo” (1948).	83
Figura 6 - Desfile dos alunos do Grupo Escolar de Jafa em comemoração da elevação de vila a Distrito.	89
Figura 7 - Formatura do 4º ano da Profa. Maria Regina-1958.	90
Figura 8 - Recorte do Jornal Correio Paulista de 23/05/1937.	98
Figura 9 - Maquete original do Ginásio Municipal, 1940.	99
Figura 10 - Prédio do Ginásio Municipal, 1942.	100
Figura 11 - Profa. Wilma como rainha da Festa da Primavera.....	104
Figura 12 - Diretores, Professores e outros que atuaram no período do arrendamento. ...	104
Figura 13 - Primeira turma de formandos – Curso Ginásio 1946.	105
Figura 14 - Quadro em madeira com retratos da Primeira Turma do Ginásio Particular 1946.	106
Figura 15 - Prédio do Colégio “Santo Antônio” após a ampliação	143
Figura 16 - Alunas normalistas do Colégio “Santo Antônio” - 1968.	144
Figura 17 - Frente do Colégio e Escola Normal “Hilmar Machado de Oliveira”	148
Figura 18 - Pátio e parte de trás do Colégio e Escola Normal “Hilmar Machado de Oliveira”.....	148
Figura 19 - Biblioteca da Escola	148
Figura 20 - Laboratório de Ciências.....	148
Figura 21 - Troféus conquistados pelos times do Colégio Estadual e Escola Normal “Hilmar Machado de Oliveira”.....	149
Figura 22 - Alunas e Professora na quadra exercitando ginástica ou dança- Início da década de 1960.	150
Figura 23 - Normalistas 1950.	151
Figura 24 - Normalistas - Meados de 1960- Instituto de Educação.	151
Figura 25 - Formandos Normalistas do Instituto de Educação Hilmar Machado de Oliveira.	152
Figura 26 - Convite Formatura Turma 1950.	156
Figura 27 - Colação de Grau Formatura 1950.....	156
Figura 28 - Baile de Formatura dos formandos de 1950.	156
Figura 29 – Alunas normalistas do Colégio Estadual e Escola Normal “Hilmar Machado de Oliveira”- Década de 1950.	158

Figura 30 - Fotografia da turma de normalistas de 1951, tendo no detalhe, sentado na segunda cadeira da direita, de terno branco, o Prof. José Porfírio, ao seu lado esquerdo a Profa. Terezinha Circe.....	164
Figura 31 - Integrantes do GETA em solenidade de homenagem-1965.	169
Figura 32 - Caderno da aluna Sonia do Colégio Estadual e Escola Normal “Hilmar Machado de Oliveira”- 1951.	176
Figura 33 - Aula no curso Normal do Colégio e Escola Normal “Hilmar Machado de Oliveira”...	182
Figura 34 - Aula na Fazenda Santa Cecília.	183
Figura 35 - Nota sobre Aula Inaugural.	187
Figura 36 - Encontro de Professores.....	188
Figura 37 - Materiais confeccionados e cadernos.	199
Figura 38 - Profa. Maria Regina e Prof. Paulo Freire- Década de 1980.	230
Figura 39 – Profa. Maria Helena em diálogo com a Profa. Ester Pillar Grossi- 09/11/1987....	237
Figura 40 - Profa. Nancy monitora ministrando curso sobre alfabetização e leitura no Ciclo Básico na Oficina Pedagógica da Delegacia de Ensino de Garça-SP-abril 1988.	238

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Localização do município de Garça-SP.	18
Quadro 2 - Distribuição da população no início da constituição do município de Garça-SP.	20
Quadro 3 - Cenário de Garça-SP em 1929.	20
Quadro 4 - Identificação do material selecionado	40
Quadro 5 -Relação dos sujeitos-agentes sociais- da pesquisa identificados inicialmente.	47
Quadro 6 - Identificação das entrevistas.....	48
Quadro 7 - Identificação das temáticas.....	49
Quadro 8 - Professores (as) indicados (as) nas entrevistas-fontes documentais.	49
Quadro 9 - Relação e caracterização dos agentes sociais participantes da pesquisa ordem alfabética.....	50
Quadro 10 - Matrículas dos alunos e alunas no Colégio Estadual e Escola Normal “Hilmar Machado de Oliveira”	132
Quadro 11 - Influências para a escolha das Professoras ao curso Normal	135
Quadro 12 - Disciplinas do Curso Normal do Colégio Estadual e Escola Normal “Hilmar Machado de Oliveira”- 1948-1970.	174
Quadro 13 - Disciplinas e Questões atribuídas nos exames de segunda chamada para alunos do curso Normal. 1958.....	175
Quadro 14 - Temáticas contidas no caderno da aluna- 2º ano do Curso Normal do Colégio Estadual e Escola Normal “Hilmar Machado de Oliveira”.	177
Quadro 15 - Condutas do Professor.....	179
Quadro 16 - Títulos dos livros retirados pelos (as) alunos (as) normalistas – 1953-1954.	184
Quadro 17 - Planejamento para o trabalho com Unidade Didática.	192
Quadro 18 - Turmas e Unidade Didática.....	193
Quadro 19 - Orientação para a organização da sala de aula.	200

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	12
CAPÍTULO 1 - UMA NOVA REPARTIÇÃO CULTURAL E A ORALIDADE PARA UMA HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO EM GARÇA-SP: PERCURSOS DA PESQUISA	39
1.1 História Oral, os sujeitos e as entrevistas.....	44
1.2 Encontros para as entrevistas com os sujeitos históricos da pesquisa	52
1.3 Diálogo com outras pesquisas.....	61
CAPÍTULO 2 - UM LUGAR PARA A ESCOLA: ESPAÇOS EDUCACIONAIS NOS CAMINHOS PERCORRIDOS NO MUNICÍPIO DE GARÇA-SP	68
2.1 As professoras rúbulas e o início da escolaridade no município de Garça-SP	69
2.2 Encontro com os espaços escolares: Grupo Escolar, Ensino Primário e Jardim da Infância	75
2.2.1 Grupão, grupinho e a organização escolar	83
2.2.2 O início no Jardim da Infância e as práticas de brincadeiras, histórias desenhos e música	92
2.2.3 Escola Primária dos Padres	95
2.3 A escola secundária, o acesso e a constituição dos espaços educacionais.....	96
2.3.1 Um Ginásio para Garça-SP e um corpo docente seletivo e especializado.....	97
2.3.2 O Ginásio Municipal e Escola Particular dos Padres.....	100
2.3.3 A constituição de um Secundário Público, os professores e os saberes escolares.....	107
2.3.4 O Padre Antônio Magliano e o Colégio “Santo Antônio”: um articulador da educação no município de Garça-SP	112
CAPÍTULO 3 - AS INSTITUIÇÕES DE FORMAÇÃO DOS PROFESSORES PRIMÁRIOS: RELIGIOSIDADE E LAICIDADE NA E PARA A SOCIEDADE DE GARÇA-SP	122
3.1 A constituição da Escola Normal pública e particular: busca e concretização do aperfeiçoamento da cultura pedagógica para os professores primários.....	123
3.1.1 Uma escola modelo e modelar para os (as) normalistas	127
3.2 Escolhas e a feminização do Magistério em Garça-SP.....	130
3.2.1 As professoras de Garça-SP e as influências para a opção pela Escola Normal	135
3.3 O Colégio Estadual e Escola Normal “Hilmar Machado de Oliveira” e o Colégio “Santo Antônio” na sociedade garcense e as memórias das vivências dos (as) normalistas: representações de pertencimento social, para além de espaço de aperfeiçoamento profissional	142
3.3.1 O Colégio “Santo Antônio” e a religiosidade	142
3.3.2 O Colégio Estadual e Escola Normal “Hilmar Machado de Oliveira” e a laicidade	147
CAPÍTULO 4 - A ESCOLA NORMAL E A HABILITAÇÃO MAGISTÉRIO: A FORMAÇÃO DE AGENTES FORMADORES NA SOCIEDADE GARCENSE	161
4.1 Ilustres Professores (as) Formadores (as), atuantes na sociedade garcense.....	162
4.2 Saberes no currículo da Escola Normal e na Habilitação Magistério.....	173
4.2.2 Espaços de aprendizagem: salas de aula, excursão e biblioteca	182
4.3 Escola de Aplicação-Anexo e Escola Normal: embate entre teoria e práticas ...	186
4.4 Habilitação Magistério e as teorias e práticas para o ensino e a aprendizagem .	197

CAPÍTULO 5 - DEPOIS DA ESCOLA NORMAL: DAS PRÁTICAS APRENDIDAS NA FORMAÇÃO ÀS TRANSFORMADAS NA ATUAÇÃO DOCENTE	204
5.1 Alunas Professoras: a Escola Emília e o Mobral	205
5.1.1 Escola Emília e a idealização de um método	206
5.1.2 Aprender e ensinar com o Mobral.....	208
5.2 O início da docência nas Escolas das Fazendas e as práticas específicas.....	209
5.3 A atuação professoral nos espaços escolares da cidade	214
5.3.1 O Jardim da Infância	214
5.3.2 Ensino Primário e ou 1º Grau 1ª a 4ª série	216
5.3.3 Classe Especial – Deficiente Mental: ainda em busca do aperfeiçoamento, frente à diversidade na docência	220
5.3.4 Ginásio e ou 1º Grau (5ª a 8ª séries) e Colegial e ou 2º Grau (1º ao 3º anos).....	221
5.3.5 Escola Normal e Habilitação Magistério	225
5.3.6 Coordenação e Direção: atuação na formação continuada dos professores em serviço nas escolas	226
5.4 Novos e velhos saberes: um desafio para os professores (as) formadores (as) ..	231
5.5 A continuidade na atuação	240
CONSIDERAÇÕES FINAIS	246
REFERÊNCIAS	255
FONTES	259
ANEXO A	261
ANEXO B.....	262
ANEXO C.....	263
APÊNDICE A.....	264
APÊNDICE B.....	273
APÊNDICE C.....	274

INTRODUÇÃO

Este trabalho de pesquisa originou-se das minhas inquietações e questionamentos sobre a história de pessoas, lugares, situações e, principalmente, em relação à formação dos professores intensificadas após a realização da dissertação de mestrado que desenvolvi no período de 2014 a 2016, “O curso Normal Superior do Instituto Superior de Educação de Garça e aspectos da história da formação de professores no Brasil (2003-2007)”, sob a orientação da Profa. Dra. Rosane Michelli de Castro. Essa minha dissertação, decorrente de pesquisa histórica e documental, foi desenvolvida com o objetivo geral de analisar aspectos do Instituto Superior de Educação de Garça e do curso Normal Superior, a legislação pertinente e a atuação dos possíveis sujeitos que vivenciaram o período de implantação e funcionamento do Instituto e do curso em referência. Os procedimentos metodológicos estiveram pautados, entre outros, na coleta, reunião, seleção e análise de material documental constituído por relatos coletados por meio de entrevistas com alunos do curso de formação, a respeito da atuação dos seus professores formadores do curso Normal Superior do Instituto Superior de Educação de Garça, entre 2003 e 2007.

Nos relatos dos (as) entrevistados (as) se evidenciou a força do professor (a) formador (a), visto a atuação de dado grupo de professores (as) possibilitar práticas que ocorreram na formação inicial da Instituição e cursos pesquisados. Tal evidência me levou a constatação de que a constituição de um corpo de professores (as) formadores (as) de outros (as) formadoras, tecnicamente competentes e politicamente comprometidos(as) com a formação humana, associados (as) às políticas de investimentos, contribuíram para a formação inicial e atuação professoral dos (as) seus alunos (as), embora essa formação inicial tenha se dado em um instituto normal superior da cidade, instituição essa analisada como controversa no que diz respeito às relações entre suas estruturas e “finalidades de objetivo” – legalmente prescritas, e suas estruturas e “finalidades reais” – cotidianamente constituídas.

Dentre este grupo de docentes formadores, destacaram-se professoras que foram alunas nas escolas de formação inicial, nos cursos de formação continuada, na gestão das escolas e outras atuações na área educacional no município de Garça-SP, portanto, exerceram os seus saberes que poderiam ter contribuído na constituição da educação neste município.

Assim, a partir da análise dos relatos para além das prescrições legais, identifiquei uma questão relacionada à formação de professores que, naquela ocasião do mestrado, com os limites temáticos/temporais próprios, não pude focar atenção. Tratava-se, portanto, de uma questão proporcionada pelo percurso de mestrado, referente à atuação docente, à educação e ao ser e saberes professorais no município de Garça-SP, constituídos segundo a formação e o ideal dos grupos de professores (as) nessa cidade.

Tal identificação também foi possível visto a particularidade do “lugar” (DE CERTEAU, 1992) no qual estou inserida como pesquisadora, professora/gestora e pessoa, pois “não há como suprimir a particularidade de onde falo, e do domínio em que realizo uma investigação”. (DE CERTEAU, 1982, p.65).

Inicialmente, como aluna, após o curso de Magistério, cursei Pedagogia na UNESP-Universidade Estadual Paulista – Faculdade de Filosofia e Ciências – FFC/Campus de Marília, em um período de seis anos. Apesar da duração do curso ser de quatro anos, após a conclusão com a habilitação Magistério e Administração Escolar (1987-1990), retornei para cursar outras duas habilitações: Orientação Educacional (1992) e Pré-Escola (1994). Assim, cursei mais dois anos de formação docente. Como aluna dessa Universidade, os encontros com professores e conhecimentos foram sinalizando que a minha formação como educadora seria infinita.

Enquanto estudava, comecei a lecionar na rede pública estadual, no Primeiro Grau, nas terceiras e quartas séries e, em caráter excepcional, a disciplina de História, no Primeiro Grau, da sexta série à oitava série e no Segundo grau, do primeiro ao terceiro ano. Essa atuação me permitiu encontros com outros professores (as) mais experientes em práticas docentes e formadores (as) de professores (as) junto à Delegacia de Ensino de Garça SP.

Cursando a habilitação Orientação Educacional, ao realizar o estágio em uma escola particular religiosa, a única que ainda possuía essa função de Orientador Educacional, fui convidada para atuar como tal, junto às turmas da Educação Infantil e Anos Iniciais do Ensino Fundamental. Iniciei nessa Instituição, Colégio Santo Antônio, mantida pela Associação Brasileira das Franciscanas de Agudos, no de 1994. Atuei como Orientadora Educacional e, após três anos, a Escola foi vendida para mantenedores laicos. Destaco que, no início, atuei como Coordenadora Pedagógica na Educação Infantil e Anos Finais do Ensino Fundamental e, posteriormente, no Ensino Superior.

Foi um período de muitas inquietações, estudos e encontros, pois a responsabilidade da formação continuada dos (as) professores (as) era exclusiva da minha

atuação. Os encontros a que me refiro se deram com educadores (as) que atuavam comigo, não propriamente na mesma Instituição Escolar, mas em outras instituições como Escolas Públicas, Delegacia de Ensino, Secretaria da Educação e Biblioteca Municipal.

Um desses encontros se deu com o meu ingresso em um grupo de contação de histórias, “Grupo Pirlimpimpim Contadores de Histórias”, formado em agosto de 1996, pela Profa. Lucia Helena,¹ com o objetivo de divulgar histórias e contos por meio da oralidade. Tal ingresso ocorreu em decorrência de minha participação em cursos e eventos. Nesse período, o Colégio Santo Antônio no qual eu exercia a coordenação pedagógica, como mencionei, proporcionava muitos cursos e participações em eventos relacionados à Educação. Realizei dois cursos de especialização relacionados à Educação Especial. Em um dos encontros em parceria com a Biblioteca Municipal, ao realizar um curso de formação de contação de histórias, recebi, posteriormente, o convite para ingressar no grupo mencionado, o qual integrei de 2006 a 2007 e de 2010 a 2013.

O encontro com as integrantes do Grupo Pirlimpimpim, todas educadoras, me possibilitou uma convivência de muito aprendizado, principalmente com relação à história do município de Garça-SP, mediante as narrativas das professoras formadas na Escola Normal e atuantes no Município, além dos constantes estudos e pesquisas referentes à arte de contar histórias, realizados pelo grupo. A nossa atuação era a de contar histórias na Biblioteca Municipal, uma vez por semana, para alunos munícipes de todas as idades levados à Biblioteca pelo transporte público e ministrar cursos de Contação de Histórias.

Foi como Coordenadora do Curso Normal Superior e, posteriormente Pedagogia, do Instituto Superior de Educação de Garça, que iniciei estudos referentes à formação inicial de professores em parceria com o grupo de professores (as) desse

¹Professora de Língua Portuguesa e Inglês, lecionou no curso Normal e Ginásial nas décadas de 1950 a 1970. Sua atuação como pioneira na montagem de peças teatrais com os alunos, inovação na conversação nas aulas de inglês, primeira professora do município a sair para estudar em outro país, está na memória dos que foram os seus alunos. No ano de 1996, foi à Ouro Preto participar de um curso de contadores de histórias, no Festival de Inverno da Universidade Federal de Minas Gerais. Quando voltou, se propôs a contar histórias na biblioteca municipal, fez contato com a bibliotecária Rosane Fagotti, que prontamente aceitou e convidou mais duas amigas, a Lydia Ginde, professora de Língua Portuguesa, aposentada, que também foi professora no início da Escola Normal, e a primeira bibliotecária de Garça SP, a Srta. Mônica Ribas, carinhosamente chamada de Moni. Assim, surgiu o Grupo Pirlimpimpim- Contadores de Histórias. O nome Pirlimpimpim, foi a Lucia Helena quem escolheu em homenagem a Monteiro Lobato e dizia que a pronúncia lembra uma batida em um cristal Pir... lim... pim... pim. Sempre estudando as técnicas de contar histórias, em 1999 foi à Inglaterra participar do curso Storylling, voltou com ideias, inovações e técnicas que compartilhou com todos do grupo. Sua vivacidade contagiava o Grupo. Por volta do ano de 2011, aos poucos, os fatos, as pessoas, as lembranças iam se apagando, mesmo assim, ela sabia “driblar” estes esquecimentos, ou apenas olhar para uma de nós que imediatamente lançávamos a palavra que precisava.

Instituto, no intuito de proporcionar o início de uma qualificação profissional para o exercício da docência.

Ainda concomitante com a atuação de Coordenadora Pedagógica do Curso Normal Superior ingressei, no ano de 2006, como professora do Ensino Fundamental – Anos Iniciais, no qual atuei na quarta série e terceira série.

Ao ingressar como diretora na rede pública estadual de São Paulo, no ano de 2008, na cidade de Guarulhos-SP, removida para Garça-SP no ano de 2010, deixei de atuar como Coordenadora Pedagógica. No entanto, continuei e continuo com a responsabilidade da formação continuada, a qual entendo como a possibilidade de estudos e compreensão do local de trabalho nos contextos sociais, culturais e históricos, para a identificação das situações que impedem o aprendizado dos alunos por meio, da reflexão coletiva e busca de ações transformadoras para a melhoria das condições de trabalho do professor e da aprendizagem do discente.

Essa responsabilidade permanece e se identifica com a minha atual preocupação, tanto como profissional como pesquisadora.

Mediante a necessidade de um estudo contínuo, outro encontro compôs o meu “lugar” (DE CERTEAU, 1982), a participação em grupos de pesquisa que me proporcionou a realização do Mestrado, conforme já apresentado.

Os dez anos como diretora na Escola Estadual Hilmar Machado de Oliveira, possibilitaram-me muitos encontros e questionamentos. Essa escola foi a primeira a oferecer a formação aos professores (as) primários (as) e marcar na sociedade garcense o início da escolarização secundária com a Escola Normal e o Curso Ginásial.

Desenvolvemos, sob a minha liderança, desde o ano de 2010, um trabalho de organização do acervo de memória da escola e a escrita contínua da sua historiografia a partir das entrevistas com os ex-alunos e professores, reunidos nos aniversários da Escola. Um trabalho semelhante eu já havia desenvolvido quando atuei como Orientadora Educacional e Coordenadora Pedagógica no Colégio “Santo Antônio”, outra instituição formadora de professores (as), como mencionado, com a peculiaridade de ser religiosa.

Os encontros com os (as) alunos (as) que passaram pela Escola Estadual “Hilmar Machado de Oliveira”, em períodos distintos, desde o início do seu funcionamento, possibilitaram a identificação de algumas práticas dos (as) professores (as), aspectos da cultura escolar e ainda reflexos da atuação dos (as) professores (as) na sociedade. Por cultura escolar, compreendo o que Viñao Frago (1998, p. 68-69) explicitou:

[...] conjunto de aspectos institucionalizados que caracterizan a la escuela como organización, posee varias modalidades o niveles. Podemos, por ejemplo, referirnos a la cultura específica de un establecimiento docente determinado, de un conjunto o tipo de centros por contraste con otros — por ejemplo, las escuelas rurales o las facultades de derecho —, de un área territorial determinada o del mundo académico en general por comparación con otros sectores sociales. También podemos ofrecer una perspectiva individual, grupal, organizativa o institucional de algún aspecto de dicha cultura. Por último, la expresión anterior — “conjunto de aspectos institucionalizados” — incluye prácticas y conductas, modos de vida, hábitos y ritos — la historia cotidiana del hacer escolar —, objetos materiales — función, uso, distribución en el espacio, materialidad física, simbología, introducción, transformación, desaparición... —, y modos de pensar, así como significados e ideas compartidas. Alguien dirá: todo. Y sí, es cierto, la cultura escolar es toda la vida escolar: hechos e ideas, mentes y cuerpos, objetos y conductas, modos de pensar, decir y hacer.²

Esse trabalho desenvolvido com os alunos que frequentaram a Escola Estadual “Hilmar Machado de Oliveira”, por meio de um projeto sobre a historiografia da escola, sinalizava-me, a cada ano, a riqueza de fontes que havia sob a minha responsabilidade e, como estudiosa e pesquisadora não poderia deixar ao sabor do tempo, pois em um momento, chegaria a aposentadoria ou outra situação que proporcionaria a minha saída da Instituição e, se esse material não fosse organizado e publicado de alguma forma acadêmica, poderia se perder.

Sendo assim, comecei a vislumbrar a importância de se ter uma história, contudo não somente a história da Escola, mas uma história com o foco no que, para mim, é de suma importância: a formação do (a) professor (a), a sua atuação, o ser e os seus saberes como marcos no campo educacional no município de Garça-SP.

Os encontros citados e os estudos desenvolvidos no Grupo de Pesquisa HiDEA-Brasil, relacionados à Nova História Cultural, na sintonia com a particularidade do “meu lugar” possibilitaram questionamentos referentes aos (às) professores (as) formados (as) na Escola Normal e, posteriormente, no curso Habilitação Magistério, conforme segue:

1- Quais os percursos metodológicos para identificar a constituição da história da

² [...] conjunto de aspectos institucionalizados que caracterizam a escola como organização, possui várias modalidades ou níveis. Podemos, por exemplo, referir-nos à cultura específica de um determinado estabelecimento de ensino, de um grupo ou tipo de centros por oposição a outros - por exemplo, as escolas rurais ou as facultades de Direito -, de uma determinada área territorial ou do mundo acadêmico em geral, em comparação com outros setores sociais. Também podemos oferecer uma perspectiva individual, grupal, organizacional ou institucional de algum aspecto dessa cultura. Por fim, a expressão anterior - “conjunto de aspectos institucionalizados” - inclui práticas e comportamentos, modos de vida, hábitos e ritos - história cotidiana do trabalho escolar -, objetos materiais - função, uso, distribuição no espaço, materialidade física, simbolismo, introdução, transformação, desaparecimento ... -, e formas de pensar, bem como significados e ideias compartilhados. Alguém dirá: tudo. Sim, é verdade, a cultura escolar é toda a vida escolar: fatos e ideias, mentes e corpos, objetos e comportamentos, formas de pensar, dizer e fazer.” (VIÑAO FRAGO, 1998, p. 68-69, tradução nossa).

formação e atuação dos (as) professores (as) no município de Garça-SP, com foco no ser e saberes professorais?; 2- Partindo do pressuposto de que os saberes se compõem ao longo da vida, como se constituíram no município de Garça-SP, as Instituições Escolares pelas quais os professores (as) passaram antes da profissionalização? E quais as marcas dos saberes que ficaram desse período? 3- Como se constituíram as escolas de formação de professores primários no município de Garça SP e quais as influências para a escolha da profissão professor (a), principalmente para as mulheres? Haveria marcas do *habitus* das professoras a partir das suas escolhas?; 4- Quem eram e como agiam os agentes formadores na sociedade garcense e nas Escolas Normais e, quais eram os saberes e as práticas específicas para a atuação dos (as) professores (as) ?; 5- Quais as trajetórias dos agentes professores (as) formados (as) nas Escolas Normais e Habilitação Magistério, os saberes mobilizados na atuação professoral e as inquietações e ideais em comum que poderiam demonstrar as suas características e o seu *habitus*?

Os meus questionamentos e a escolha da pesquisa não apresentam neutralidade, mas o revestimento das marcas relacionadas aos lugares institucionais que ocupo e aos encontros que ocorreram e ocorrem em minha trajetória.

A minha trajetória de aluna, professora, orientadora educacional, coordenadora pedagógica, diretora de escola pública e, principalmente, pesquisadora³, me conferiu o desenvolvimento da pesquisa intitulada “ Uma história da formação e atuação de professores no município de Garça-SP (1940-1996)”, na qual proponho que a história da formação e da atuação de professores no município de Garça-SP foi constituída mediante ser e saberes professorais de agentes específicos – professores de um mesmo “lugar” institucional e contribuiu para a composição da cultura escolar do município.

Sobre Garça-SP, é possível afirmar que se trata de um município do interior do estado de São Paulo, localizado na região Centro Oeste. A constituição do início da sua história, ou seja, como se instituiu um povoado, uma Vila e um município, é marcada por interesses políticos e econômicos, no entanto, posteriormente, identificam-se as marcas do lugar da educação, principalmente a educação pública, conforme apresentada e analisada ao longo da pesquisa.

³ Inicialmente, integrei o Grupo de Estudos e Pesquisas “GP FORME – Formação do Educador”, então liderado pela Profa. Rosane Michelli de Castro (2009 a 2016) e, posteriormente, o Grupo de Estudos e Pesquisas “HiDEA-Brasil – História das disciplinas escolares e acadêmicas no Brasil”, a partir de 2016 liderado por essa mesma professora.

Quadro 1 - Localização do município de Garça-SP.



Fonte: [www.pt.db.city.com/Brasil- Garça](http://www.pt.db.city.com/Brasil-Garça)

Desde os seus primórdios até meados da década de 1980, o município teve como principal desenvolvimento econômico a cafeicultura. A partir desse período, gradativamente, houve no município uma alteração na economia com a implantação de indústrias de eletrônica, automação de portões e portas de segurança eletrônica, promovendo o reconhecimento do município como “Polo de Eletroeletrônica”.

No ano de 1910, o governo do estado de São Paulo promoveu uma expedição de geólogos para demarcar as terras do interior do estado na intenção de posteriormente vendê-las. Dentre essas terras, está a região onde atualmente [2020] se localiza o município de Garça-SP, no qual já despontavam terras propícias para a cafeicultura, cultura predominante na economia paulista nesse período.

A sua formação foi marcada pelos primeiros proprietários de terras, dentre eles o Sr. Labieno da Costa Machado, o Cel. Joaquim de Carvalho Barros e o Sr. Carlos Ferrari.

O Sr. Labieno pertencia a uma família abastada de tradicionais cafeicultores do interior de São Paulo e chegou às terras adquiridas com um projeto de formação de cidade, desenvolvido na Europa, cidade onde estudou. Montou comitiva própria para desbravar o local que entendeu como sendo apropriado para iniciar o centro de uma cidade, futuro município de Garça-SP, e promover a cafeicultura. Cumpriu o seu propósito inicial formando um patrimônio denominado Labienópolis. Tanto a família do Sr. Labieno quanto ele eram vinculados ao Partido Democrata.

O Sr. Cel. Antônio Carvalho de Barros, também adquiriu terras nessa região, em local oposto do Sr. Labieno, e ali, iniciou a cafeicultura, construiu residências e, posteriormente, loteou parte delas, formando assim um pequeno vilarejo conhecido como Barrarópolis. O Cel. Antônio era vinculado ao Partido Republicano Paulista, o mesmo do candidato à presidência, Sr. Júlio Prestes.

Mesmo com as diferenças políticas, os dois foram responsáveis pela construção da linha férrea que foi definida para percorrer entre as duas propriedades, facilitando assim a produção cafeicultura dos dois fazendeiros. O local por onde passava a linha férrea foi doado pelo Sr. Labieno, em um possível acordo entre os dois.

Em um outro local da mesma região, concomitante à posse das terras pelo Sr. Labieno e Cel. Joaquim, o Sr. Carlos Ferrari, imigrante italiano, trabalhou como colono em uma fazenda próximo de onde seria a cidade de Garça-SP e, após economizar dinheiro, conseguiu adquirir terras que ao serem vendidas formaram outro Patrimônio que ficou conhecido como Ferrarópolis futuro centro da cidade, pois os lotes foram vendidos a preços menores em uma disputa com as vendas dos terrenos do Sr. Labieno.

A linha férrea dividia os dois patrimônios Labienópolis e Ferrarópolis-Barrarópolis, marcando assim a constituição da sociedade garçense. Visto a cidade se constituir no bairro Ferrarópolis, acima da linha férrea, as pessoas consideradas de uma “elite”, construíam lá as suas residências. Os lugares públicos também foram construídos acima da linha férrea, como o Fórum, a Prefeitura, a Câmara e as primeiras escolas.

Na memória coletiva e no senso comum, a história do município se pauta na disputa entre Carlos Ferrari e Labieno. No entanto, acima da linha férrea também estava a família Barros que se instituía com atuação política na cidade e foi responsável pela doação de terrenos para as construções das primeiras escolas.

De acordo com um discurso proferido pelo Sr. Antônio Augusto de Ávila Castro, por ocasião do aniversário do município, no ano de 2007, há relatos dos dados localizados em seu jornal “Comarca de Garça” referentes a um relatório do então Prefeito Antônio Augusto de Andrade Nogueira, enviado à Câmara, sobre as suas atividades até o mês de setembro de 1929, início da criação do município. Neste relatório se apresentava também uma estatística sobre a situação do município. Destacava-se que havia no município doze milhões e quinhentos mil pés de cafeeiros plantados nas 243 propriedades agrícolas que abrangiam uma população de onze mil duzentos e setenta e cinco pessoas distribuídas em um mil quinhentos e trinta e seis casas, conforme quadro abaixo.

Quadro 2 - Distribuição da população no início da constituição do município de Garça-SP.

	Rural	Urbana
Casas	1.536	522
Homens	3.275	755
Mulheres	3.788	547
Crianças	4.223	759
População total	11.275	2.081

Fonte: A autora mediante registro no site www.garca.sp.gov.br/cria/aniversario. Acesso em 10/02/2017.

Quadro 3 - Cenário de Garça-SP em 1929.

Automóveis e caminhões particulares	128
Automóveis e caminhões de aluguel	115
Armazéns de Secos e Molhados	48
Hotéis	09
Tipografias	02
Bares	13
Farmácias	06
Botequim	10
Pensões	09
Fábrica de Gelo	01
Agências de Automóveis	02 (Ford e Chevrolet)
Postos de Gasolina	11
Açougues	06
Serrarias	03
Torrefação de Café	01
Clubes dançantes	01
Máquinas de beneficiar café	07
Oficinas Mecânicas	12
Salão de Barbeiro	09
Sapatarias	03
Médicos	06
Dentistas	03
Banco	01

Fonte: A autora mediante registro no site www.garca.sp.gov.br/cria/aniversario. Acesso em 10/02/2017.

Pelos quadros apresentados, identifica-se que a maioria da população estava na zona rural e a cafeicultura era predominante na economia, o que proporcionava as necessidades elencadas no Quadro 3, dentre as quais não aparece a citação de escola.

O Quadro 2 sinaliza a quantidade de crianças na zona rural, sendo quatro mil duzentos e vinte e três crianças, enquanto na zona urbana setecentos e cinquenta e nove. Não se identifica as idades das crianças e, mediante tais dados, não havia até então, uma escola institucionalizada na cidade.

Atualmente [2020], de acordo com os dados estimados do IBGE- Instituto Brasileiro de Geografia Estatística, o município conta com 44.506 (quarenta e quatro mil quinhentos e seis) habitantes. Com relação à Educação, conta com 09 (nove) Instituições para atendimento às crianças de berçário à Educação Infantil; 06 (seis) Escolas Municipais de Educação Infantil; 08 (oito) Escolas Municipais de Ensino Fundamental Anos Iniciais; 06 (seis) Escolas Estaduais de Ensino Fundamental Anos Finais; 05 (cinco) Escolas Estaduais Ensino Médio; 02 (duas) Escolas Técnicas; 04 (quatro) Escolas Privadas da Educação Infantil ao Ensino Médio; 01 (uma) Faculdade Particular e 01 (uma) Faculdade Pública.

Com tais especificidades e características, a educação no município de Garça-SP foi constituída, temática sobre a qual desenvolvi a pesquisa para relatar uma história da formação e da atuação de professores nessa cidade. Essa compreensão me norteou no desenvolvimento de uma pesquisa na área da História da Educação, inserida nos pressupostos da Nova História Cultural.

A Nova História Cultural surgiu no final da década de 1980 e, pode ser considerada uma forma dominante da história cultural, apontando como um novo paradigma a ênfase na história das mentalidades e, posteriormente, a ideia de representação mais articuladas com as práticas sociais, ou seja, uma preocupação com dois aspectos fundamentais que também a caracteriza: as representações e as práticas (BURKE, 2008, p.68-70).

Nesse sentido, a função do historiador seria dar voz ao não dito, ou seja, escrever o que ainda não foi lido, dar voz aos que não foram ouvidos e considerar que desde a localização, a reunião, a seleção e a organização dos documentos, fundamentados por um aporte teórico, até a redação da tese, a prática histórica é relativa à sociedade (DE CERTEAU, 1982).

Ao se construir uma história sobre educação em um determinado município, poderia se optar por uma história constituída somente com documentos e ou dados

oficiais. No entanto, com base em pressupostos da Nova História Cultural, como os mencionados, tive a compreensão de que alguns aspectos referentes à maneira pela qual os (as) professores (as) consideram, entendem, representam essa história, a sua formação, a sua atuação, não poderiam ser identificados.

Para Thompson (1992) há a continuidade da história como atividade social, visto apresentar um sentido para as pessoas, pois a voz do passado tem importância para o presente. Sendo assim, de quem seria a voz ou as vozes que deveríamos ouvir?

Mediante tal questionamento, compreendi a importância de ouvir as vozes sobre a educação, guardadas até então, dos professores e pessoas da comunidade garçense sobre a educação; era na voz dos que ainda não foram ouvidos que também se pode constituir uma história da educação em Garça-SP.

Thompson (1992) destaca que a abordagem da História Oral está centrada na memória humana e na sua capacidade de reviver o passado como testemunho do presenciado e vivido, por meio da escuta das pessoas e do registro das suas experiências e lembranças, possibilitando a interpretação da história e das sociedades e culturas, considerando suas constantes mutações. Também, possibilita às pessoas escreverem uma história, no momento que divulgam as suas vivências e as suas experiências, registrando-as, documentando-as, em uma determinada sociedade, em uma determinada cultura, em um determinado recorte temporal.

A história oral é uma história construída em torno de pessoas. Ela lança a vida para dentro da própria história e isso alarga seu campo de ação. Admite heróis vindos não só dentre os líderes, mas dentre a maioria desconhecida do povo. [...] Traz a história para dentro da comunidade e extrai a história de dentro da comunidade. (THOMPSON, 1992, p.44).

Nesse sentido, a História Oral produz conhecimento histórico pela via da dialogicidade, visto a sua dupla função de extrair da comunidade, por meio da escuta das vozes, uma história, mas também levar para a comunidade essa história com uma narrativa que se transforma em documento.

Meihsy (2010) destaca que, ao se realizar uma história do outro, se dá vida a essa história e é por ela que o pesquisador também se reconhece como cidadão. Nesse encontro com o outro, importa ver a singularidade de cada um, respeitar e considerar esse outro como um colaborador, em um trabalho a ser realizado juntos. Tanto a singularidade, quanto a representatividade são essenciais na História Oral.

A metodologia da História Oral apresenta características próprias e especificidades, dentre as quais a entrevista com a interação e os relatos orais, são alguns dos procedimentos. Pode-se considerar que a História Oral é:

Um conjunto de procedimentos que se inicia com a elaboração de um projeto e que continua com o estabelecimento de um grupo de pessoas a serem entrevistadas. O projeto prevê: planejamento das conduções das gravações com definição de locais, tempo de duração e demais fatores ambientais; transcrição e estabelecimento de textos; conferência do produto escrito; autorização para uso; arquivamento e, sempre que possível a publicação dos resultados que devem, em primeiro lugar, voltar ao grupo que gerou as entrevistas. (MEIHY; HOLANDA, 2010, p.15).

Mediante tais apontamentos, iniciei a pesquisa, pautada na História Oral a partir da seleção das pessoas, dos contatos, da organização, da realização da entrevista, da transcrição e da sua transformação em documento, mediante a consideração explicitada por Thompson (1992). Em todos os procedimentos, considerei que os relatos orais são originários das vivências e experiências das pessoas, passam pelas suas lembranças e memórias, portanto, são portadores de uma complexidade que pode apresentar a realidade e o mito, a objetividade e a subjetividade que se fundem com as percepções individuais ou coletivas que as pessoas têm do mundo.

Tais percepções, vistas a partir do “lugar” dos entrevistados, não foram passíveis de julgamento, mas constituíram uma história por meio de análise que considerou cada uma com suas emoções, tristezas, alegrias, desabafos, raivas e a maneira como ela se relaciona com a vida e as suas representações.

Ao considerar que na História Oral estão implícitas as representações que as pessoas fazem dos fatos passados, seja de sua convivência direta ou da convivência com pessoas que vivenciaram tais fatos, se faz necessário o apoio no conceito de memória.

Visto se tratar de um trabalho pautado nos relatos das memórias dos professores que atuaram no recorte temporal citado, busquei o suporte na fenomenologia da memória elucidada por Ricoeur (2007), na qual se considera não haver outro recurso a respeito da referência ao passado senão a própria memória por sua grandeza cognitiva. Para esse pesquisador, do ponto de vista da ambição e pretensão, no tocante à fidelidade da memória em relação ao passado, decorrem elementos que podem ser vistos como deficiências originárias do esquecimento. No entanto, tais elementos devem ser tratados como o avesso de sombra das regiões iluminadas da memória que os liga ao que se passou

antes que os transformássemos em memória e não apenas como distinções ou formas patológicas.

Se podemos acusar a memória de se mostrar pouco confiável, é precisamente porque ela é o nosso único recurso para significar o caráter passado daquilo de que declaramos nos lembrar. Ninguém pensaria em dirigir semelhante censura à imaginação, na medida em que esta tem como paradigma, o irreal, o fictício, o possível e outros traços que podemos chamar de não posicionais. (RICOEUR, 2007, p.40).

Nesse sentido, na abordagem apresentada por Ricoeur (2007), a memória e a imaginação não comungam com as mesmas intencionalidades, visto a imaginação se voltar para o fantástico e irreal, enquanto a memória se relaciona com a vivência anterior da realidade. No entanto, ao considerar que a memória é voltada para algo, para um objeto, o mesmo pesquisador afirma que há uma interligação entre imaginação e memória, pois ao se colocar a lembrança como uma imagem, a memória depende da imaginação para que o objeto se manifeste, o que pode levar a uma desconfiança ou a uma cilada do imaginário.

A despeito das ciladas que o imaginário arma para a memória, pode-se afirmar que uma busca específica de verdade está implícita na visão da “coisa” passada, do que anteriormente visto, ouvido, experimentado, aprendido. Essa busca da verdade específica a memória como grandeza cognitiva. Mais precisamente, é no momento do reconhecimento, em que culmina o esforço da recordação, que essa busca de verdade se declara enquanto tal. Então, sentimos e sabemos que alguma coisa se passou, que alguma coisa teve lugar, a qual nos implicou como agentes, como pacientes, como testemunhas. Chamemos de fidelidade essa busca de verdade. (RICOEUR, 2007, p.70).

Nesse processo, o esforço da recordação, também considerado como um trabalho, elucida uma verdade que surge por meio da oralidade o que pode referendar a fidelidade dos relatos.

No entanto, Ricoeur (2007) alerta para os abusos da memória, o que nos indica alguns cuidados na escuta e na análise dos relatos orais. Para ele, há três níveis referentes aos abusos da memória a ser considerados: Nível Patológico Terapêutico, Nível Prático e Nível Ético-Político. No primeiro, pode ocorrer distúrbios de uma memória impedida, devido aos eventos ou às situações traumáticas e por repetição na celebração por uns e a negação por outros. No segundo, a memória pode ser manipulada mediante a necessidade de uma afirmação de uma identidade, tanto individual, quanto coletiva para dar credibilidade a alguns discursos, legitimação de ideologias e de determinadas práticas.

No terceiro nível, a memória, considerada como “obrigada”, é levada por um imperativo de justiça a seguir modelos impostos.

Assim, memória pessoal e memória coletiva se entrelaçam em minha pesquisa, sem priorizar uma em relação a outra, mas com o aporte de que nos fenômenos da memória há vários traços de correlações com o outro. Portanto, há que se considerar, ao entrar no campo da história, a memória individual e a memória coletiva, a partir da tríplice: “a si”, “aos próximos” e “aos outros”. É na relação com o próximo que Ricoeur (2007) atribui uma memória de um tipo distinto ao destacar:

Os próximos, essas pessoas que contam para nós e para as quais contamos, estão situados numa faixa de variação das distâncias na relação entre o si e os outros. Variação de distâncias, mas também variação nas modalidades ativas e passivas dos jogos de distanciamentos e aproximações que fazem da proximidade uma relação dinâmica constantemente em movimento: torna-se próximo, sentir-se próximo. (RICOEUR, 2007, p. 141).

Os próximos são as pessoas que estão no caminho entre o si e os outros, são aquelas que ocupam os espaços nas relações de aprovação e compartilham experiências, lembranças, convivências de aprovações entre si. Os outros são pessoas que compõem a sociedade, no entanto, numa esfera de distanciamento dos considerados como próximos.

Nessa premissa, os (as) professores (as) como agentes sociais, como próximos, compartilhavam memórias comuns, considerando o convívio no mesmo espaço social, mas, também, memórias próprias de suas particularidades mediante as trajetórias de vida e experiências, apresentadas em suas narrativas.

À luz do princípio de que a prática histórica é relativa à sociedade, é que considero os (as) professores (as) entrevistados (as) na pesquisa, na esteira de Bourdieu (2004), como agentes sociais inseridos em um campo educacional, no qual permeavam saberes que se relacionam segundo um *habitus*. Portanto, constituí o quadro teórico da pesquisa com conceitos de campo, *habitus*, práticas e representações, saberes, lugar-espço e cultura escolar.

Sobre campo, Bourdieu (2004) o define como um espaço microcosmo possuidor de regras próprias e de uma autonomia relativa, visto manter uma relação com o macrocosmo, um campo maior submetido às leis sociais. Entendido como um mundo social, nele estão inseridos os agentes e as instituições que produzem, reproduzem e difundem suas produções e reproduções. Assim, como espaços sociais dotados de uma relativa autonomia, se pode identificar como campo: o literário, o artístico, o jurídico, o científico, o cultural, o educacional, o intelectual dentre outros. Com relação à

mencionada relatividade da autonomia do campo, ressalta-se que mesmo com a possibilidade de se ter as suas regras e leis próprias, e de se tomar decisões e assumir posições, um campo está sujeito às imposições do macrocosmo. Portanto, para compreender essa autonomia relativa é necessário:

[...] saber qual é a natureza das pressões externas, a forma sob a qual elas se exercem, créditos, ordens, instruções, contratos, e sob quais formas se manifestam as resistências que caracterizam a autonomia, isto é, quais são os mecanismos que o microcosmo aciona para se libertar dessas imposições externas e ter condições de reconhecer apenas suas próprias determinações internas. (BOURDIEU, 2004, p.21).

Nessa relação com o macrocosmo o campo sofre pressões externas de várias naturezas e, quanto maior for a sua autonomia, menos vulnerável o sujeito estará as tais pressões. A identificação do grau de autonomia de um campo pela refração se dá pela sua capacidade de transfigurar as imposições externas, até torná-las irreconhecíveis. Por outro lado, se o campo prevalecer com uma heteronomia, sofrerá as influências, as pressões e imposições externas.

Para a sua conservação ou transformação todo o campo passa a ser um campo de forças e um campo de lutas, pois comporta nas relações de forças e de dominação por meio dos agentes sociais. Sendo assim, um campo somente existe porque há os agentes e as suas relações, sendo o princípio do campo a estrutura das relações objetivas entre os diferentes agentes que o compõem.

É a *estrutura das relações objetivas* entre os agentes que determinam o que eles podem e não podem fazer. Ou, mais precisamente, é a posição que eles ocupam nessa estrutura que determina ou orienta, pelo menos negativamente, suas tomadas de posições. Isso significa que só compreendemos, verdadeiramente, o que diz ou faz um agente engajado num campo [...] se estamos em condições de nos referirmos à posição que ele ocupa nesse campo, se sabemos “de onde ele fala [...]” (BOURDIEU, 2004, p.24grifos do autor).

Os agentes de um mesmo campo compartilham de interesses comum. No entanto, nem todos dispõem dos mesmos recursos, o que proporciona aos agentes com maior poder e conhecimento um lugar nessa estrutura que lhes possibilitam a intervenção no campo para empregar estratégias de domínio, enquanto outros agentes ficam na submissão. Nesse aspecto, foi fundamental para uma compreensão e análise da história da formação e da atuação dos professores no município de Garça-SP, considerar como hipótese da pesquisa que tal história da formação e atuação de professores no município de Garça-SP foi sendo constituída mediante seres e saberes professorais de agentes específicos – professores de um mesmo “lugar” institucional que partilhavam de um *habitus* e, por conseguinte,

puderem estruturar elementos constitutivos das culturas escolares do município de Garça-SP no período em estudo. Portanto, constituíram-se em um campo marcado pela formação, atuação/posição de um grupo de professores/agentes e seu *habitus*.

Sobre *habitus*, Bourdieu (1983) o define como um gerador de práticas, como disposições específicas de indivíduos ou grupos, não apenas como um condicionamento, mas também como um princípio de ação. Nesse sentido, se considerou o *habitus* como estruturas, disposições interiorizadas duráveis e como estruturantes, geradores de práticas e representações. As práticas não são concebidas como uma simples execução e as representações variam de acordo com a posição dos agentes sociais. Nesse sentido, a identificação das práticas e representações possibilita a compreensão das operações intelectuais desempenhadas pelos agentes sociais e dos discursos apresentados, considerando as posições dos que os proferem e das maneiras coletivas de pensar, agir e sentir. Na apropriação do conceito de *habitus* como um gerador de práticas, como disposições específicas de indivíduos ou grupos, Bourdieu (1983, p. 60-61) define *habitus*

[...] um sistema de disposições duráveis, estruturas estruturadas predispostas a funcionar como estruturas estruturantes, isto é, como princípio gerador e estruturador das práticas e das representações que podem ser objetivamente “reguladas” e “regulares” sem ser o produto da obediência as regras, objetivamente adaptadas ao seu fim sem supor a intenção consciente dos fins e o domínio expreso das operações necessárias para atingi-los e coletivamente orquestradas, sem ser o produto da ação organizadora de um regente.

A partir das estruturas constitutiva de um tipo particular de meio, considerando as condições materiais de existência de uma classe, que o *habitus* é produzido. Tais estruturas podem ser empiricamente apreendidas sob a configuração de regularidades associadas a um meio socialmente estruturado (BOURDIEU, 1983, p.61).

Como princípio gerador e estruturador das práticas e das representações, o conceito de *habitus* não é considerado como uma finalidade, uma predestinação, mas para a identificação, análise e reflexão sobre as características dos agentes sociais, aqui considerados como os (as) professores (as) e os grupos, o seu ser e saberes em uma determinada sociedade, considerada como as estruturas estruturadas que funcionam como estruturas estruturantes.

Para Bourdieu (1996), os agentes sociais como grupos ou indivíduos se fundamentam com princípios incorporados de um *habitus* gerador que se relacionam às disposições adquiridas pelas experiências variáveis, de acordo com o lugar e o momento históricos.

Não se considera o *habitus* apenas um condicionamento, mas também um princípio de ação. Como estruturas, são disposições interiorizadas duráveis, e como estruturantes, são geradoras de práticas e representações. As práticas não são concebidas tal qual uma simples execução e as representações variam de acordo com a posição dos agentes sociais.

A prática é, ao mesmo tempo necessária e relativamente autônoma em relação à situação considerada em sua imediatidade pontual, porque ela é o produto da relação dialética entre uma situação e um *habitus*—entendido como um sistema de disposições duráveis e transponíveis que, integrando todas as experiências passadas funciona a cada momento como uma *matriz de percepção, de apreciações e de ações* e torna possível a realização de tarefas infinitivamente diferenciadas, graças às transferências analógicas de esquemas, que permitem resolver os problemas da mesma forma, e às correções incessantes dos resultados obtidos, dialeticamente produzidos por esse resultado. (BOURDIEU, 1983, p.65).

As práticas são, então, resultados da relação dialética entre uma estrutura, como uma situação e um *habitus* e, mediante a relatividade da sua autonomia, indicam que o *habitus* não é um sistema imutável ou determinador de destinos, pois pode ser construído por meio de novas experiências. No entanto, o *habitus*, sendo durável, por princípio gerador, não adquire a flexibilidade suficiente para possibilitar improvisações regulares, pois como um princípio operador promove a interação dos dois sistemas de relação, as estruturas objetivas e as práticas e, ao mesmo tempo, realiza duas funções: reproduz as regularidades inscritas nas condições objetivas e estruturais que presidem o seu princípio gerador e permite ajustamentos e inovações postas pelas situações concretas que põem à prova a sua eficácia. Assim, o movimento completo pelo *habitus* se dá pela interiorização de estruturas exteriores, enquanto as práticas dos agentes são exteriorizadas de acordo com os sistemas de disposições incorporadas (MICELI, 2015, p.XLI).

O *habitus*, singular ou individual, pode apresentar uma diversidade na homogeneidade que lhe é peculiar, em relação aos diversos membros de um mesmo grupo, devido as características das condições sociais desse *habitus* e dos diferentes sistemas de disposições produzidos em condicionamentos diferentes, trajetórias sociais distintas e espaços diversificados, identificados no âmbito familiar, escolar e profissional.

Nesse sentido, Bourdieu (1983) denomina de “unidade de *biografia sistemática*”, uma interação das experiências e a sua organização a partir da origem da classe experimentada em um modo determinado de estrutura familiar.

Desde que a história do indivíduo não é mais do que uma certa especificação da história coletiva do seu grupo ou de sua classe,

podemos ver nos sistemas de disposições individuais *variantes estruturais* do *habitus* de um grupo ou de classes, sistematicamente organizadas nas próprias diferenças que as separam e onde se exprimem as diferenças entre as trajetórias e as posições dentro ou fora da classe. O estilo “pessoal”, isto é, essa marca particular que carregam todos um produto de um mesmo *habitus*, práticas ou obras não é senão um *desvio*, ele próprio regulado, e às vezes mesmo codificado em relação ao *estilo* próprio a uma época ou a uma classe. (BOURDIEU, 1983, p. 81-82).

Os agentes sociais, professores (as) da pesquisa, faziam parte de um grupo que compartilhava de um mesmo *habitus*, mas com as considerações das suas individualidades que poderiam indicar um estilo, uma marca, advindos, tanto das especificidades familiares, escolares, profissionais, quanto da época estudada.

Sobre o conceito de representação, Chartier (1990), na relação com o mundo social considera três modalidades: a primeira se relaciona ao trabalho de classificar e de delimitar que produz múltiplas configurações intelectuais por meio das quais os diferentes grupos constroem a realidade contraditoriamente; a segunda se refere às práticas como as que reconhecem uma identidade social, demonstram uma maneira própria de existir no mundo e de exprimir, simbolicamente, um estatuto, uma posição; na terceira estão as formas institucionalizadas e objetivadas, nas quais os indivíduos ou instâncias coletivas, ambos denominados representantes, assinalam a existência do grupo ou da classe de maneira viável e perpetuada.

Essa tríade apresentada nas práticas e na institucionalização, segundo a classificação de Chartier (1990), também alicerçou minha pesquisa à medida que possibilitou a percepção da realidade construída e representada em uma determinada sociedade, no município de Garça-SP; a identificação das práticas para o reconhecimento das identidades que simbolizam um estatuto, um poder e na compreensão das formas institucionalizadas pelos agentes sociais e grupos na sociedade garcense.

Sobre as representações do mundo social

[...] não são, de forma alguma, discursos neutros: produzem estratégias e práticas (sociais, escolares, políticas) que tendem a impor uma autoridade à custa de outros, por elas menosprezadas, a legitimar um projeto reformador ou a justificar, para os próprios indivíduos, as suas escolhas e condutas. (CHARTIER, 1990, p.17).

Nesse sentido, as representações podem ser consideradas como forças reguladoras na definição de identidades, e as práticas das representações ou as representações das práticas como presentes nas apropriações efetivadas pelos grupos, tanto por imposição, quanto por aceitação.

Chartier (1991) destaca que as práticas efetivadas dos agentes, dos grupos, considerando a escola, a sociedade e a posição que assumem e que as identificam, são representações de práticas que produziram. Ainda, aponta que as representações são *“estratégias simbólicas que determinam posições e relações e que constroem para cada classe, grupo ou meio, um ser percebido, constitutivo de sua identidade.”* (CHARTIER, 1991, p.184 grifos do autor).

A identificação das práticas e representações possibilita a compreensão das operações intelectuais desempenhadas pelos agentes sociais, dos discursos apresentados, considerando as posições dos que os proferem e das maneiras coletivas de pensar, agir e sentir.

Com relação à constituição dos saberes, esses estão relacionadas às representações e práticas que se apresentavam nos grupos, nos quais os professores estavam inseridos e àquelas que os próprios professores, como agentes sociais, desenvolveram a partir dos seus conhecimentos e experimentos.

Na busca dos saberes existentes na docência e na sua relação com a formação profissional e atuação no exercício dessa profissão, Tardif (2012), a partir do princípio da pluralidade, definiu que o saber docente não se reduz somente a transmissão dos conhecimentos já instituídos, mas é formado a partir da junção de diversos saberes provenientes da formação profissional para o magistério; saberes provenientes dos programas e livros didáticos usados no trabalho docente; saberes provenientes de sua própria experiência na profissão, na sala de aula, na escola. O conjunto dos saberes definidos pelo autor promove a legitimação do fazer cotidiano da profissão docente.

Para conceber uma classificação para os saberes docentes há que se considerar todos os saberes, as suas relações, e problematizá-los a partir do pressuposto de que os saberes dos professores são plurais e heterogêneos, pois evidenciam, no exercício do trabalho, conhecimentos e demonstrações do saber-fazer e do saber ser diverso e advindos também da diversidade de fontes, portanto, por inferência, sendo também de natureza diferente.

Os saberes apresentados como base para o ensino são, de certa forma e à primeira vista, identificados como sincretismo, considerando três aspectos: a coerência pragmática e biográfica, a não aplicabilidade de técnicas padronizadas e a utilização, na ação pedagógica, dos valores, normas, tradições e experiências vividas. No entanto, uma abordagem apenas tipológica apoiada somente nos saberes provenientes do social, pode ser simplificadora, pois se pode entender que todos os saberes seriam contemporâneos uns dos outros, imutáveis, disponibilizados igualmente na memória do professor, sem

considerar a história de vida do professor e a sua construção no decorrer da carreira, o que seria as dimensões temporais do saber profissional, não somente de tempo cronológico, mas de tempo vivido (TARDIF, 2012, p.66-67).

Mediante a “existência”, como um dos fatores dos saberes professorais, Tardif (2012) destaca que, ao entrevistar um (a) professor (a) e questioná-lo (a) sobre os seus saberes, significa também levá-lo (a) a contar a história de seu saber-ensinar, por meio das suas experiências pessoais e profissionais que, do ponto de vista da identidade pessoal, foram significativas para ele (a).

Os saberes como sociais se relacionam à diversidade das fontes sociais e adquiridos em tempos diferentes, como na família, na infância, na escola, na universidade, na sua formação profissional, no ingresso do trabalho, na carreira. Assim, a relação dos saberes professorais, se entrelaçam com a relação social e a consciência do (a) professor (a).

[...] parece ser amplamente marcada por processos de avaliação e de crítica em relação aos saberes situados fora do processo de socialização anterior e da prática da profissão, por exemplo os saberes da ciência da educação transmitidos durante a formação profissional, os saberes curriculares produzidos pelos funcionários do Ministério da Educação, os saberes dos outros atores escolares (pais, orientadores educacionais etc.) que de uma maneira ou de outra são exteriores ao trabalho docente. O uso desses saberes pelo professor implica, portanto, uma relação social com esses mesmos saberes bem como com os grupos, instâncias e indivíduos que os produzem. (TARDIF, 2012, p.105).

Aqui se percebe, de acordo com Tardif (2012), a necessidade de pesquisas que aprofundem a relação social dos saberes, com foco nos grupos sociais que produzem saberes sobre o ensino, com a finalidade de conhecer mais os critérios de legitimação ou de invalidação utilizados pelos professores.

Nas práticas e representações presentes no ser e nos saberes professorais, ao mesmo tempo que se tem a singularidade tão peculiar de cada agente, de cada pessoa da pesquisa, também se tem o grupo, a classe, a comunidade, a sociedade, que marcam um lugar praticado, que se constitui em espaço no qual se pode construir uma história.

Nesse aspecto, De Certeau (1982) apresenta uma distinção entre lugares e espaços. Define “lugar” como próprio e como uma configuração instantânea de posições, marcado por uma estabilidade e uma ordem na qual se distribuem elementos na relação de coexistência. Já o espaço nem é próprio e nem apresenta estabilidade, “*é produzido pelas operações que o orientam, o circunstanciam, o temporalizam e o levam a funcionar em unidade polivalente de programas conflituais ou de proximidades contratuais.*” (DE CERTEAU, 1982, p. 201 grifos do autor).

Assim, o espaço se constitui pelo movimento, tempo, trajetórias, práticas e relações estabelecidas com o “lugar”, que passa a ser um lugar praticado. Essa dinâmica que transforma o lugar em espaço e em lugar praticado, não é neutra, pois está repleta das práticas e representações, conforme já apontadas nos fundamentos de Chartier (1991).

De Certeau (1994) sinaliza que os relatos são capazes de proporcionar as transformações de lugares em espaços ou de espaços em lugares. Tais relatos apresentam duas determinações, a saber: uma por objetos fixos e outra por operações, que atribuídas a um objeto, especificam os espaços pelas ações dos sujeitos históricos, considerados nesta pesquisa como agentes sociais.

Nessa premissa é que a História Oral pautou minha pesquisa por meio dos relatos das memórias dos professores e de pessoas que vivenciaram os primórdios da constituição da educação e a sua continuidade no município de Garça-SP. Assim, a cidade em questão, na apresentação das memórias passa a ser um espaço de agentes sociais, um lugar praticado, junto as Instituições formadoras.

Toda a história depende da finalidade social e a História Oral se estabelece no desenvolvimento de uma história mais socialmente consciente e democrática, sendo o seu mérito proveniente de uma atividade exercida em um contexto social que tem implicações políticas, sem priorizar posturas políticas específicas (THOMPSON, 1992, p.10).

Vale retomar Bourdieu (1983), ao considerar que a história do indivíduo é uma certa especificação da história coletiva. Assim, a História Oral possibilita essa identificação por meio das memórias, das narrativas e das representatividades. Nesse sentido, os (as) professores (as), mediante as suas memórias, participantes da história, nos lugares e espaços que ocupavam, passaram por uma formação institucional, ou seja, em uma Instituição Educacional, denominada Escola Normal e, posteriormente, Escola de 2º Grau Habilitação Magistério.

Com relação à institucionalização da formação dos professores foi possível identificar muitos trabalhos, mas optei pelos estudos e pesquisas de Nóvoa (1991), Tanuri (2001), Vicentini e Lugli (2009), considerando possibilitarem a compreensão da trajetória dessa formação, o seu percurso, as influências sociais, econômicas, políticas, culturais e as imposições e resistências. Dessa forma, tais estudos corroboram minha pesquisa na medida que também proporcionam a relação com a identificação das relações dos professores (as) de Garça-SP, o seu *habitus*, suas práticas e representações, o seu ser e saberes na sociedade e em um sistema educacional mais amplo.

Na trajetória da formação de professores (as), é necessário considerar a figura do docente, tanto como professor (a) formador (a) de professores (as) quanto o (a) professor (a) formado (a) que exerceu a docência. A docência se constituiu a partir de uma formação institucional, mas também a partir dos agrupamentos por afinidades e, ainda, por opções e decisões de fazer uma educação no município, no lugar praticado onde ocorreu a formação.

Nóvoa (1991), sobre a docência e a instituição escolar, destaca que mediante a imposição da escola como meio de estratificação social, os docentes foram dotados de um poder ao entenderem que também poderiam possibilitar a ascensão ou a estagnação social. Assim, de maneira contraditória, são colocados entre interesses e aspirações socioeconômicas, pois de um lado estão como funcionários do Estado, agentes de reprodução da ordem e, por outro, representam a esperança das diferentes camadas da população como propositores de mobilidade social.

Desde meados do século XIX que o ensino normal constituiu um dos lugares privilegiados de configuração da profissão docente. Em torno da produção de um *saber* socialmente legitimado relativo às questões do ensino e da delimitação de um *poder* regulador sobre o professorado confrontam-se visões distintas da profissão docente nas décadas de viragem do século XIX para o século XX. (NÓVOA, 1995, p.16).

Nesse aspecto, os professores, no município de Garça-SP, formados institucionalmente nos modelos de determinado tempo-espço históricos faziam parte de grupos que ora entendiam a profissão docente como uma ascensão social, ora como uma necessidade de profissionalização, principalmente com relação ao gênero feminino, para atuação no mercado de trabalho. Mas, também poderiam entender a educação como um campo para modificação social e cultural.

Os apontamentos de Tanuri (2001) indicam a trajetória da formação de professores no Brasil, mediante os interesses políticos e proposições das legislações que alteravam de maneira gradativa a docência.

Nos estudos de Vicentini e Lugli (2009) sobre a História da Profissão Docente no Brasil e as representações em disputa foi possível identificar que a formação do professor e a sua profissionalização ocorreram de maneiras diferenciadas de acordo com os sistemas de ensino e interesses políticos locais, mas também de acordo com as condições de trabalho e movimentos de organização dos (as) professores (as). Assim, os professores (as) como agentes sociais em suas práticas e representações, na constituição

de um *habitus*, determinavam os espaços no campo da educação que também pode ser considerada no *lócus* das instituições formadoras.

Ao considerar as instituições formadoras de professores no município de Garça-SP, nos deparamos com um cotidiano escolar, com as práticas e representações e *habitus* inseridos em uma Cultura Escolar, ou seja, conforme afirmado em Viñao Frago (1995), em tudo que compreende a vida escolar: fatos, ideias, mentes, corpos, objetos, modos de pensar e de fazer. Desse conjunto destacam-se dois aspectos relevantes: tempos e espaços escolares.

Tais aspectos institucionalizados estavam presentes nas memórias dos entrevistados como marcos da vida escolar que permaneceram na formação e na atuação como professores (as), ora como repetição, ora como transformação.

Os dois aspectos, tempos e espaços escolares, também permearam minha pesquisa, considerando que o tempo escolar é uma construção social que, historicamente, passa por mudanças. Esse tempo, constituído e organizado social e culturalmente, é vivenciado pelos (as) professores (as), pelos alunos (as), pelos seus familiares e pela comunidade por meio de inserções e relações com outros ritmos e tempos sociais. Nesse sentido, o tempo de ensino pode ser definido como o que inclui o tempo previsto pelos programas, que de acordo com o controle da escola é o da instrução e educação; o tempo da presença na escola, refeição, descanso, estudos; o tempo das atividades extras escolares, tarefas de casa, aula-passeio. Nessa organização está o calendário escolar com os horários das aulas, os dias letivos e descanso.

Com relação ao espaço escolar, como local físico, mas disposto e habitado, apresenta uma dimensão histórica e, conseqüentemente, é uma construção social. Assim, o espaço físico como espaço escolar se apresenta como um símbolo, disposto e habitado por professores, alunos e outros profissionais da educação. Esse espaço também comunica e educa, e apresenta variações de acordo com cada época. Como território, o espaço escolar condiciona e explica as relações com os espaços que estão ao seu redor, mostra as relações dos locais edificadas ou não, como são ocupados, quais os sentidos da sua ocupação e a sua disposição. Dentro desse universo escolar, como espaços pessoais, se destacam o mobiliário ou objetos como carteiras, arquivos, armários e outros. Esses elementos podem apontar as relações educacionais existentes (VIÑAO FRAGO, 1995, p.69).

Também sobre cultura escolar, Escolano (2006) afirmou que ela se inicia mediante a criação da escola, como instituição pública no final do século XIX e início do século XX e, momento em que a escola era considerada propulsora para o progresso, o que provocou um novo conjunto de práticas, discursos e modos de organização, como a

arte de ensinar, o ofício docente, que interferem nas instituições escolares. Nessa perspectiva, a escola é entendida como representações e, conseqüentemente, a cultura escolar como representações e práticas que se relacionam com os sujeitos que participam do espaço escolar. Nesse aspecto, definem-se quatro âmbitos: 1 - As estruturas que se referem ao tempo, espaço e formas de organização escolar; 2 - Os atores, os sujeitos que interferem na vida escolar, os alunos, os professores e as suas relações; 3 - O programa, o que a escola possui em seu currículo e como o transmite; e, 4 - As mediações, influências na cultura material, material utilizado pela escola que interfere no ensino e na aprendizagem (ESCOLANO, 2006, p. 27-28).

Portanto, se pode considerar que nos espaços e tempos e no exercício do trabalho, os (as) professores (as), de diferentes formas, constroem uma cultura profissional, se constituindo, assim, como um grupo profissional.

Tanto Escolano (1998) quanto Viñao Frago (1995) apontam que nem o tempo, nem os espaços escolares são dimensões neutras do ensino, mas operam como uma espécie de discurso que institui, em sua materialidade, um sistema de valores, um conjunto de aprendizagens sensoriais e motoras e uma semiologia que recobre símbolos estéticos, culturais e ideológicos. Ambos os pesquisadores consideram a atuação dos sujeitos na escola, as relações entre si e entre a materialidade da escola, as continuidades e persistências em relação às culturas da escola.

Com relação ao estudo relacionado a formação dos (as) professores (as) em uma determinada sociedade, considerando as práticas e as relações sociais, pode se destacar que

Um enfoque de este tipo, em su sentido más amplio, abarcaria lo explícito y lo implícito, las ideas y la creencias, los valores y las actitudes, las maneras de pensar y los modos de vida, los roles académico-intelectuales y lo sociales. Y ello tanto em relación com um campo y um grupo determinado como com um tema o cuestión concretas. (VIÑAO FRAGO, 1995, p. 65).⁴

Como grupo profissional, os (as) professores (as) constituíram um *habitus* em relação ao ser e saberes, também marcados por uma Cultura da Escola como alunos, normalistas e professores (as).

Pelo exposto, é possível afirmar que considerando o próprio aporte teórico norteador da pesquisa, centralmente sobre o papel da História e da função do historiador,

⁴ Uma abordagem desse tipo, em seu sentido mais amplo, abarcaria o explícito e o implícito, ideias e crenças, valores e atitudes, modos de pensar e modos de vida, papéis acadêmico-intelectuais e sociais. E isso tanto em relação a um campo e a um grupo específico quanto a um tópico ou problema específico. (VIÑAO FRAGO, 1995, p. 65, tradução nossa).

como mencionei que desenvolvi uma pesquisa em busca da produção de uma história da formação e da atuação de professores (as) em Garça-SP de forma engajada a partir da relação desta pesquisadora com o objeto, que é única e, portanto, promove o ineditismo.

Nesse sentido, fundamentada na hipótese de que uma história foi sendo constituída mediante seres e saberes professorais de agentes específicos – professores de um mesmo “lugar” institucional, os quais partilhavam de um *habitus* e, por conseguinte, puderam estruturar elementos constitutivos das culturas escolares do município de Garça-SP, no período em estudo, proponho que a história da formação e atuação de professores no município de Garça-SP foi constituída mediante seres e saberes professorais de agentes específicos – professores de um mesmo “lugar” institucional e contribuiu para a composição da cultura escolar do município de Garça-SP.

Para tanto, elaborei o seguinte objetivo geral: identificar, analisar e interpretar aspectos da constituição dos seres e saberes professorais para uma história da formação e atuação de professores no município de Garça-SP (1940-1996).

Sobre o recorte temporal observo que procedi a essa delimitação considerando que a formação docente institucional no município de Garça-SP iniciou-se com a Escola Normal, no período da década de 1940, sendo transformada a partir da Lei Complementar 5.692/71 (BRASIL, 1971) na Habilitação Magistério de caráter profissionalizante. Os professores (as) formados (as) no modelo da Escola Normal atuaram como professores (as) e alguns passaram a ser formadores (as) de professores (as). Assim, a opção do recorte temporal se fez visto a década de 1940 ser o início da formação de professores no município em questão e a década de 1990 apresentar o anúncio das alterações para um novo modelo de formação de professores, mais precisamente com a promulgação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação LDB 9.394/96, que alterou o funcionamento das Instituições formadoras bem como a atuação dos (as) professores (as) formadores (as). No entanto, a atuação dos agentes professores (as) presentes na pesquisa se prolongou por um período maior com destaque para alguns que estão em ação até o presente [2020].

Ainda, amparada no quadro teórico-metodológico mencionado e para o alcance do objetivo geral da pesquisa, elaborei os seguintes objetivos específicos:

- Delinear e situar o percurso metodológico da pesquisa, o trabalho com as fontes com ênfase nos relatos orais, a partir de uma repartição cultural, como possibilidade para identificar e analisar as instituições escolares que proporcionaram a constituição da formação e atuação dos (as) professores (as) no município de Garça-SP;

- Identificar e analisar a constituição e organização dos espaços escolares como lugares praticados, pelos quais percorreram os (as) professores (as) entrevistados (as), no Município de Garça-SP, com ênfase na influência familiar para os estudos e as marcas dos saberes e da cultura escolar presentes nas memórias referentes a este período;
- Identificar e analisar a constituição das Escolas de Formação de Professores (as) para o Ensino Primário no município de Garça-SP e as influências para a escolha da profissão professor (a) marcando o *habitus* das professoras a partir das suas escolhas;
- Identificar e analisar a atuação dos agentes formadores na sociedade garcense, nos cursos Normais e na Habilitação Magistério, e os saberes específicos ensinados para a atuação professoral;
- Identificar e analisar a trajetória dos agentes professores (as) formados (as) nas Escolas Normais e Habilitação Magistério e dos formadores (as), o *habitus* partilhado dos professores (as) e a mobilização dos seus saberes elucidados pelas práticas.

Dessa maneira, compus esta tese, além desta introdução, dos aspectos pré e pós-textuais e considerações finais, cinco capítulos conforme segue:

No Capítulo 1, “Uma nova repartição cultural e a oralidade para uma história da educação em Garça-SP: percursos da pesquisa”, como o título indica, explico percursos da pesquisa, o trabalho com as fontes e, sobretudo, mediante o encontro com os participantes da pesquisa/agentes sociais, com a oralidade, para uma “nova repartição cultural” (DE CERTEAU, 1982), o que me possibilitou o reconhecimento da necessidade da identificação e análise das várias instituições escolares do município de Garça-SP como lugares praticados, onde se constituiu a história da formação dos professores desse município.

No Capítulo 2, intitulado “Um lugar para a escola: espaços educacionais e os caminhos percorridos no município de Garça-SP”, apresento e analiso a constituição dos espaços educacionais, “lugares praticados”, no município, pelos agentes religiosos e laicos da sociedade garcense que, atrelados às memórias dos (as) agentes professores (as) entrevistados (as) e outras fontes, expõem a influência familiar para o ingresso na escola, as marcas dos encontros com os espaços escolares, com destaque para a cultura escolar e os saberes constituídos na escolaridade anterior à formação profissional.

No Capítulo 3, denominado “As instituições de formação de professores (as) para o Ensino Primário e as escolhas: religiosidade e laicidade na e para a sociedade de Garça-SP”, apresento e analiso a instituição das escolas de formação de professores (as) para o Ensino Primário, como constituíram o município de Garça-SP a partir das demandas

específicas para uma escola pública laica e uma escola particular religiosa exclusiva para moças, a atuação dos agentes professores (as) formadores (as) e dos (as) normalistas na sociedade, as culturas escolares constituídas e as influências para a escolha de cada entrevistado (a) para o curso de formação de professores (as) para o Ensino Primários em períodos distintos, desde quando só havia a escola pública, passando pelo período do funcionamento das duas escolas, pública e particular, e na transformação do curso Normal para Habilitação Magistério, com a notoriedade para a feminização do magistério e o *habitus* das professoras.

Sob o título “ O Curso Normal e a Habilitação Magistério: os agentes formadores na sociedade garcense e o ensino para a atuação professoral”, apresento e analiso, no Capítulo 4, a atuação dos professores (as) formadores (as), nas décadas de 1950 e 1970, na escola e na sociedade garcense, como marcos de professores (as) ilustres e sábios que influenciavam os alunos (as) e sociedade com os seus saberes e práticas; os saberes e práticas contidos no currículo prescrito e ensinado no curso Normal e Habilitação Magistério; os embates entre os saberes e práticas ensinados no curso Normal e na Habilitação Magistério e os apresentados pelas professoras atuantes no Ensino Primário da Escola de Aplicação e dos Grupos Escolares.

No Capítulo 5, intitulado “ Das práticas aprendidas na formação às transformadas na atuação docente”, apresento e analiso, por meio dos relatos dos agentes professores (as), os saberes elucidados nas práticas pela atuação deles, no início da docência e no decorrer da carreira do Magistério, que se relacionam com a pluralidade dos saberes adquiridos na história de vida e, principalmente, no curso de formação; as suas representações de docência, um *habitus* dos (as) professores (as) nos espaços educacionais como “lugares praticados”, conforme segue: Escolas Isoladas da zona rural; Jardim da Infância e Pré Escola; Ensino Primário/ 1º Grau 1ª a 4ª série; Ginásio/ 1º Grau 5ª a 8ª série, Colegial/2º Grau; Classe Especial; Gestão- Direção e Coordenação; Órgão da Secretaria da Educação- Delegacia de Ensino e a continuidade da atuação em distintos segmentos da sociedade garcense.

Na sequência, apresento as Considerações Finais e os aspectos pós-textuais.

CAPÍTULO 1

UMA NOVA REPARTIÇÃO CULTURAL E A ORALIDADE PARA UMA HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO EM GARÇA-SP: PERCURSOS DA PESQUISA

Neste capítulo, como mencionado, apresento elementos do quadro teórico-metodológico da pesquisa desenvolvida, amparados, segundo De Certeau (1982), em uma “nova repartição cultural” que indicou um lugar e, conseqüentemente, um espaço, um lugar praticado onde a atuação dos professores sinaliza marcas identitárias e culturais.

Na constituição de uma história da formação e da atuação de professores no município de Garça-SP, com foco no ser e saberes professorais, considerando os espaços-lugares praticados da cidade e instituições escolares, a cultura escolar, as práticas e representações entrelaçadas com o *habitus* dos professores como agentes sociais é, que na esteira de De Certeau (1982), busquei um aporte para a identificação das fontes, a sua seleção, organização e análise e a escrita de uma história que só tem sentido a partir da fabricação do historiador.

Nas palavras de De Certeau (1979, p. 30), em história tudo começa com “uma nova repartição cultural” o gesto de separar, de reunir e de transformar os objetos escritos ou materializados que estavam difundidos de outra maneira. Esse gesto implica em transformar elementos extraídos de campos naturais em cultura (DE CERTEAU, 1979, 29) na medida em que esses documentos são transcritos, fotografados ou copiados por meio de digitalização ou outras formas, sofrem esse processo de transformação cultural.

Na pesquisa desenvolvida, para a localização das fontes e a sua transformação em documentos, o primeiro passo foi a localização. Considerei como fontes os documentos escritos que apontassem para a constituição de uma história da formação e atuação de professores (as) no município de Garça SP e, ainda, capazes de serem lidos para a identificação do ser e saberes professorais.

Apesar de em minha pesquisa eu ter priorizado, segundo a fundamentação teórica apresentada, a memória dos (as) professores (as) que atuaram no período apresentado, os documentos escritos se entrelaçam com os relatos obtidos por meio da História Oral. Vale ressaltar que os relatos integraram o *corpus* da pesquisa, já constituído com documentos escritos e iconográficos possíveis de serem lidos em diálogo com esses produzidos, por meio da História Oral, para o alcance dos objetivos.

O trabalho de localização dos documentos escritos, conforme já anunciado na minha apresentação e nos meus encontros, iniciou-se no meu próprio local de trabalho,

na Escola Estadual “Hilmar Machado de Oliveira”. Mas, foi como pesquisadora que defini que precisava selecionar todo o material referente à Escola Normal, pois os materiais apesar de organizados em um local adequado, no “Acervo de Memória”, estavam organizados por períodos e, o curso Normal funcionou concomitante com o secundário considerado, na época, como Ginásio, Clássico ou Científico. Além da Escola de Aplicação- Anexa e outros cursos.

Nesse “garimpo”, encontrei um vasto material que selecionei para facilitar a identificação e a análise, separei-os por temas e grupos conforme quadro a seguir:

Quadro 4 - Identificação do material selecionado

Grupo A- Cotidiano Escolar, atuação e perfil dos professores e ações desenvolvidas na escola
-1(um) livro Ata de Termo de Posse dos funcionários e professores da Escola Normal e Ginásio Estadual de Garça- 1948 a 1952; -1(um) livro de Registro de Atividades Extracurriculares- 1958; -1(um) Livro de Escrituração Escolar para uso das Escolas Normais- organizado por Elias F. D’Annunziata- Prof. Chefe da 1ª Secção- Educação 5ª edição-1949; -2(dois) livros reuniões de professores 1952 -1955-1956; -2(dois) livros de reuniões pedagógicas-Escola de Aplicação Anexo 1954 a 1975; -1(um) livro de reunião da Congregação; -2(dois) livros de Reunião do Conselho Técnico- 1962 a 1963; -1(um) livro de Reunião de Órgão de cooperação; -1(um) caderno registros dos Seminários apresentados pelos alunos e professores do curso Normal em 1960; -1(um) caderno de registro de matéria: Canto Orfeônico; -1(um) livro de ocorrências referentes às aulas previstas dadas e não dadas- Normal 1967; -1(um) caderno de uma aluna normalista com o registro das matérias do 2º ano do curso Normal; -1(uma) pasta com fotografias e cópias de documentos- História da Escola de 1º Grau Hilmar Machado de Oliveira-1975 - 1(uma) pasta com fotografias e registros escritos sobre o trabalho desenvolvido na Delegacia de Ensino de Garça SP, nas décadas de 1980 e 1990. -1 (uma) pasta Projeto Historiografia da Escola Estadual “Hilmar Machado de Oliveira” 2003-2019
Grupo B- Biblioteca e Materiais
-1(um) Livro Tombo do curso Normal – 1958-1964; -2(dois) Livros de anotações dos empréstimos; -1(um) Livro de registro de material didático
Grupo C- Atas de Exames
-1 (um) Livro Ata de Exames Escola Particular Santo Antônio e do Curso de Aplicação da Escola Normal Livre de Garça-1947-1948 - 2 (dois) Livros Ata do Curso de Formação Profissional-Normal- 1950 a 1977;

- 1(um) livro Ata dos exames parciais do curso de formação profissional de Professor do Colégio Estadual e Escola Normal de Garça;
- 1(um) livro Ata Exame vestibular ao Curso de Aperfeiçoamento DO IE Escola Normal Hilmar Machado de Oliveira- 1961 a 1968;
- 1(um) livro dos Resultados Finais do Curso de Administradores Escolares- 1965-1970;

GRUPO D- Outras informações adicionais

- 1(um) Livro de Matrícula 1954-1959
- 1(um) Livro de registros de visitas- 1967
- 1(um) caderno de inscrições para curso de férias- 1958;
- 1(um) Livro de Registro de Documentos de Professores e Funcionários 1948 a 1952;
- 1(um) caderno de registro do Orfeão do Curso primário anexo ao Colégio Estadual e Escola Normal Hilmar Machado de Oliveira.

Fonte: A autora- Acervo da Escola Estadual Hilmar Machado de Oliveira

Para a análise e seleção dos documentos escritos, elaborei outro quadro para cada grupo com o registro dos seguintes itens, conforme a apresentação no Apêndice A, na qual se tem: tipo de documento, o assunto, o número de páginas, o período, a síntese do registro e observações/análise/questionamentos.

Os documentos me possibilitaram a identificação de toda a organização da escola, quem eram os professores e alunos. As atas das reuniões dos professores, as reuniões pedagógicas indicaram alguns saberes dos professores e suas atuações como profissional e como cidadão na comunidade. Com relação à matriz curricular não localizei documento específico, mas nos livros das Atas dos Exames há muitos registros documentais encontrados na Escola citada que indicam o currículo predominante e as disciplinas lecionadas na época. Desse modo, tais documentos sinalizavam as ideias relacionadas à formação institucional de professores, às representações, às práticas, ao *habitus*, às culturas escolares.

No acervo da biblioteca, atualmente designada como Sala de Leitura, encontrei 4 (quatro) livros de uma coleção de livros denominada *A criança e nós* (APÊNDICE B), e 23(vinte e três) exemplares da *Revista Idéias* (APÊNDICE C).

Com relação às revistas, foi possível identificar por meio dos carimbos e algumas com Fichas Catalográficas que foram transferidas do acervo da Delegacia de Ensino do município de Garça-SP⁵, na ocasião de sua extinção, no ano de 1998.

⁵As Delegacias de Ensino dos Municípios de São Paulo foram implementadas a partir de meados da década de 1970. No município de Garça SP, passou a funcionar no ano de 1976, atendendo sete municípios vizinhos. Este órgão era vinculado e sujeito à Secretaria da Educação do Estado de São Paulo e tinha a finalidade de executar a política educacional da Secretaria da Educação, acompanhar o desenvolvimento

Tais revistas foram publicadas pela Fundação para o Desenvolvimento da Educação- FDE, com 32 exemplares, no período compreendido de 1988 a 1998. No entanto, no acervo da Sala de Leitura há 23 (vinte e três) exemplares. Cada exemplar é composto por artigos escritos por professores, pesquisadores da área educacional ou da psicologia. Essa coleção possibilitou a identificação e análise das concepções teóricas que fundamentavam os cursos de formação continuada para os professores nas décadas de 1980 e 1990, na Delegacia de Ensino de Garça-SP, com propostas de mudanças na abordagem dos conteúdos, currículo, avaliação, metodologia, postura do professor, conforme apontado nos artigos da *Revista Ideia*.

Com relação à coleção *A criança e nós*, a fundamentação é na Psicologia do Desenvolvimento Infantil e, em cada livro há uma abordagem escrita por professores da Escola Normal de Paris, França. A coleção conta com a publicação do ano de 1958, no entanto, há nos livros textos que circularam anterior à publicação na década de 1940. A abordagem nesta coleção se fundamenta no desenvolvimento afetivo da criança e apresenta orientações aos pais e professores a partir da concepção da criança como ser social sem dissociá-la do biológico.

Essas obras encontradas no acervo me possibilitaram um entendimento do discurso educacional presente na formação dos professores, no recorte temporal pesquisado que também se entrelaça com as vozes dos sujeitos históricos- agentes entrevistados.

Com relação à outra escola de formação de professores, a Escola Normal do Colégio “Santo Antônio”, escola confessional, exclusiva para moças e internato, não foi possível o acesso aos documentos da escola. A escola existe até o momento, no entanto, de acordo com o atual mantenedor não há mais documentos, fotografias, produções, pois após a aquisição da escola, uma chuva destruiu parte do acervo da biblioteca, e o que se referia à documentação da Mantenedora Associação Brasileira das Franciscanas de Agudos havia sido encaminhado para Agudos-SP ou Bauru-SP.

Mediante tal informação, procurei o Mantenedor das Instituições citadas e obtive a resposta que não tinham nenhuma documentação da Escola Colégio “Santo Antônio” de Garça-SP.

do ensino e dar subsídios e assistência aos Diretores no seu trabalho administrativo e pedagógico. Mediante a política da descentralização adotada no estado de São Paulo, no ano de 1998 foram transformadas em Diretorias Regionais de Ensino aumentando a área de atuação e extinguindo as Delegacias de Ensino de alguns municípios. No caso de Garça SP, a Delegacia de Ensino foi extinta no ano de 1999, e as escolas do município a qual estavam vinculadas passaram a pertencer à Diretoria de Ensino de Marília SP. O acervo de livros e materiais da Delegacia de Ensino de Garça SP, foram transferidos para a Escola Estadual Hilmar Machado de Oliveira.

Sendo assim, busquei as informações nos registros que realizamos no ano de 1999, por ocasião da comemoração do cinquentenário do Colégio “Santo Antônio”, no período que lá atuava como Vice-Diretora e Coordenadora Pedagógica. Os registros estavam localizados no Museu Histórico Pedagógico, visto que os doamos para o local, naquele período.

Outras fontes importantes para a contextualização do histórico da Instituição foram as notícias publicadas nos jornais dos períodos estudados, os relatos orais das alunas normalistas e as fotografias localizadas nos jornais, redes sociais e com as alunas entrevistadas.

O jornal foi uma importante fonte que possibilitou o diálogo com as outras fontes, com textos e discursos de um determinado período, nele se identificou informações que ora reforçavam os relatos e os escritos nos documentos, ora contradiziam, ora eram inéditos.

Para o acesso aos jornais, se fez necessário várias idas ao Museu Histórico Pedagógico do município de Garça-SP. Arquivados com o rigor necessário, encadernados com capa dura, os exemplares do “Correio de Garça” se apresentaram organizados nos períodos compreendidos da década de 1950 à década de 1980. Havia outro jornal na cidade nesse mesmo período, mas não foi possível consultá-lo visto o acervo ser de um particular e de difícil acesso.

A análise iconográfica foi de suma importância nesse trabalho de pesquisa. A pasta localizada na escola contendo várias fotografias de anos diversos, as fotografias doadas pelos entrevistados, as fotografias localizadas nas redes sociais e as localizadas nos jornais do Museu Histórico Pedagógico contribuíram, a partir de um diálogo com os demais documentos e entrevistas, para a compreensão de uma história da educação do município de Garça-SP.

As fotografias aqui representadas não são meramente ilustrativas, são documentos que registram momentos e podem nos dizer muito sobre as relações sociais, os costumes, as regras, a cultura escolar, as predominâncias e até as resistências.

Kossoy (1989) destaca que é possível ter um inventário de informações a partir de uma fotografia, de uma imagem referente a um momento passado. Essa imagem sintetiza um fragmento real aparente que se destaca do contínuo da vida. No entanto, também podem ocorrer, no momento retratado, omissões intencionais, acréscimos ou as mais diversas manipulações.

Mesmo considerando a credibilidade da fotografia, pois ela revela fragmento de uma situação, de uma vivência, do momento que se quis guardar, o que ela mostra é um fragmento da realidade, portanto, há necessidade do diálogo com outras fontes sem deixar de contextualizar a imagem com um olhar interrogativo, pois a fotografia está sujeita à variadas interpretações, visto nem todos os significados estarem explícitos.

Toda a localização, seleção e organização dos documentos citados foram realizadas considerando o tipo de fonte, o período e a temática.

1.1 História Oral, os sujeitos e as entrevistas

Nos pressupostos de Thompson (1992), a metodologia da História Oral, como um método interdisciplinar que se dá por meio da interação humana, favoreceu os encontros com os professores que participaram da entrevista.

Na abordagem dessa metodologia, o suporte está no processo da entrevista no qual se considera o antes, o durante e o depois, sendo cada etapa cuidadosamente organizada e trabalhada com vistas a se conseguir as informações desejadas.

Por tratar-se de interação com pessoas, a preparação do encontro foi de suma importância, pois toda a condução da entrevista depende da relação estabelecida entre o pesquisador e o entrevistado. Desde o primeiro contato até a finalização da entrevista, faz-se necessário que o entrevistado se sinta prestigiado.

Thompson (1992) ressalta que para ser bem-sucedido em uma entrevista é essencial a habilidade do entrevistador, para tanto, há algumas qualidades essenciais tais como: 1- interesse e respeito pelos outros como pessoas e flexibilidade nas reações a eles; 2- capacidade de demonstrar compreensão e simpatia pela opinião deles; 3- disposição para ficar calado e escutar.

Com relação às perguntas, que sejam simples, diretas, em linguagem comum, sem duplos sentidos ou muito complexas. De preferência, perguntas elaboradas e abordadas sem ter que lê-las, ou seja, ter um roteiro para que facilite a interação sem muitas interrupções, fazer as perguntas somente nos momentos oportunos da narrativa.

Nos pressupostos do autor, organizei o modelo da entrevista. Optei por uma entrevista na qual eu estivesse com um Roteiro, partindo de uma pergunta que ativasse a memória do entrevistado e possibilitasse que as lembranças dele fossem revividas. A partir de então, após o entrevistado esgotar a sua fala, ou seja, silenciar, introduzi outra questão, conduzindo como uma conversa de memória.

O roteiro foi um norte, e as questões foram flexíveis variando de acordo com a história de vida do entrevistado, bem como de acordo com as suas vivências e experiências na educação. As questões norteadoras ficaram organizadas conforme segue:

- 1- Identificação – nome, idade, onde nasceu;
- 2- Trajetória de vida – sobre os pais, a infância, adolescência, os estudos, escolhas, escolha do curso Normal;
- 3- Durante o curso Normal, professores que marcaram e porque, o que ensinavam, como ensinavam, quais os saberes dos professores identificados pelo entrevistado, cotidiano da escola, disciplinas do curso, avaliação, saberes que predominavam nesta formação institucional;
- 4- Trajetória após o curso Normal – continuidade aos estudos, início da carreira, remuneração, as práticas e outras formações em que atuou, como foi influência da formação na atuação, as permanências e as rupturas em relação ao aprendizado e as práticas.

Para a entrevista com os dois sujeitos da história não-professores, o roteiro foi elaborado com questões relacionadas às vivências e o início da escolarização; para os dois entrevistados que não cursaram a Escola Normal, mas foram professores, a questão se relacionou à atuação de professor formador; e para a Professora da Escola de Aplicação Anexa, além das questões norteadoras referentes à formação, questão sobre o cotidiano da Escola Anexa e as relações com a Escola Normal.

Thompson (1992) alerta para alguns cuidados durante a entrevista como evitar interromper a narrativa ou deixar o entrevistado perceber a sua opinião sobre o assunto, para que não ocorram respostas ou narrativas induzidas.

A gravação é essencial, sempre mediante a autorização do entrevistado, pois se trata de um registro fidedigno ao apresentar exatamente o que foi narrado e as palavras estão exatamente como foram ditas, possibilitando a identificação de pistas em relação ao humor, incertezas e outros. Na sua realização da transcrição, manter os significados das falas para favorecer a interpretação e registrar as informações sobre o entrevistado. (THOMPSON, 1992, p.146).

Sobre a interpretação, o autor destaca três indicações conforme segue: a escolha da maneira que se irá apresentar; como avaliar e testar as evidências; como relacionar as evidências encontradas com as teorias. As evidências não seriam a busca simplesmente de uma verdade, mas relacionada aos fatos que poderão compor a história, como nome de alguma escola, datas, alteração de Leis Orgânicas.

Nesta premissa da História Oral, iniciei pela identificação das pessoas que seriam entrevistadas e, após a submissão ao Comitê de Ética via Plataforma Brasil, obtive a aprovação mediante o Parecer 3.528.709.

A seleção e a escolha das pessoas não foram aleatórias e nem neutras. A identificação dos sujeitos históricos, considerados como agentes sociais presentes nesta pesquisa, ocorreu mediante os meus encontros, ao longo da minha trajetória educacional em diferentes momentos.

A princípio, me questionei por onde começar, mas, considerando eu ter identificado e selecionado as fontes escritas e iconográficas encontradas na Escola Estadual “Hilmar Machado de Oliveira”, ocorreu-me verificar nos livros de matrícula os professores que cursaram a Escola Normal no recorte temporal da pesquisa. No entanto, também vislumbrei que ao longo da minha trajetória na educação, neste município, muitos estiveram próximos e, de certa forma, mediante as suas atuações, me inspiraram para os questionamentos desta pesquisa.

Não seria possível entrevistar todos os (as) professores (as) do município de Garça-SP, mas um grupo, desde que identificado, selecionado e contactado.

Assim, fiz uma seleção de trinta pessoas, já me antecipando das dificuldades que enfrentaria, desde o contato, encontro, transcrição e análise. Elenquei como critério ter sido aluno (a) ou professor (a) na Escola Normal em uma das duas Instituições que ofereciam tal curso ou professor (a) ou aluno (a) no curso de Magistério e, ter atuado como professor (a) no município, considerando o objetivo central da pesquisa centrado na história da formação e da atuação dos (as) professores (as) em Garça-SP.

Para esta seleção, identifiquei os (as) professores (as) com quais de certa forma eu havia compartilhado a atuação na educação e professores (as) que já haviam participado do Projeto da Escola Estadual “Hilmar Machado de Oliveira” referente à construção da sua historiografia, com relatos sobre o período em que foram alunos nesta Escola.

Dos trinta professores (as) identificados (as) e selecionados (as), foi possível, inicialmente, a realização da entrevista com quinze professores, sendo 12 (doze) professoras e 03 (três) professores, dos quais 02 (duas) professoras participaram do Projeto da Escola e os demais compartilharam de algum momento da minha trajetória na educação.

Dos (as) que a princípio identifiquei e selecionei, alguns não se dispuseram a participar por motivo de doença familiar, outros por não quererem e outros por falecimento.

Na busca da constituição da educação no município de Garça-SP e dos primórdios da atuação professoral, identifiquei um casal que poderia contribuir, mesmo não estando nos critérios de alunos (as) normalistas ou professores (as). O Sr. João Chaves e a sua esposa Sra. Madalena Chaves, perfazendo assim, inicialmente, um total de 17 (dezessete) sujeitos, considerados como agentes sociais identificados e entrevistados. Seguem no quadro os seus primeiros nomes.

Quadro 5 -Relação dos sujeitos-agentes sociais- da pesquisa identificados inicialmente

Minha Convivência	Convivência a partir do Projeto da Escola
1-Elizabeth	16-Wilma
2-Estela	17-Jane- nome fictício por solicitação da entrevistada.
3-João Chaves	
4-José	
5-Madalena	
6-Márcia	
7- Cidinha	
8-Maria Helena	
9-Maria Regina	
10-Mario	
11-Mariza	
12-Nancy	
13-Sergio	
14- Terezinha	
15-Vera	

Fonte: A autora

No decorrer das entrevistas, surgiram as lembranças de outros nomes de alunos e alunas normalistas que foram atuantes no município de Garça-SP, as memórias do ser e saberes professorais dos seus professores já falecidos, além de fotografias, cadernos e materiais.

Nesse contato com as pessoas que fizeram parte do contexto da pesquisa, vale ressaltar o apontamento de Thompson (1992) que aponta a entrevista como meio que

possibilita o acesso aos documentos escritos e fotografias que somente nessa interação poderiam ser adquiridos.

Desse modo, apoiei-me na premissa citada bem como na organização do contato com os entrevistados.

O primeiro contato com as pessoas escolhidas foi variado, alguns por via *WhatsApp*, *Facebook*, telefone e outros pessoalmente. Por se tratar de uma cidade pequena e de minha atuação, conhecia todos e eles também me conheciam. No primeiro contato, apresentei o título da pesquisa e o objetivo geral. Fui prontamente atendida por aqueles que aceitaram participar e marcamos uma data para a entrevista. O local também variou, ocorreu na minha casa, na casa do entrevistado e na Escola.

As entrevistas foram gravadas com a autorização dos entrevistados e transcritas logo em seguida, com exceção de uma entrevistada que solicitou que não fosse gravada a sua fala, no entanto, permitiu que eu a anotasse.

Após cada entrevista, realizei a transcrição na íntegra de cada palavra e acrescentei informações sobre a data, o local e algumas observações sobre as reações do entrevistado, elementos coletados em conversa informal após a entrevista. Por fim, elaborei um quadro no qual constam os seguintes itens: Nome-Idade-Atuação; Data da Entrevista; Instituição que cursou a Escola Normal; Síntese da Entrevista com registro dos aspectos identificados nas memórias relacionados ao ser e saberes professorais e ao *habitus*, conforme quadro 6:

Quadro 6 - Identificação das entrevistas

Nome/Idade/Atuação/data da entrevista	Instituição que cursou a Escola Normal/Magistério e ano	Síntese da Entrevista-Pontos relevantes
---------------------------------------	---	---

Fonte: A autora

No texto, após a transcrição, localizei quatro eixos temáticos que sublinhei com as respectivas cores conforme segue: 1 – Escolhas, expectativas e trajetórias, em vermelho; 2 – Práticas pedagógicas, em amarelo; 3 – Elementos da cultura escolar (eventos, costumes, uniformes, arquitetura, tempo escolar, tudo o que envolve a vida escolar), em roxo; 4 – Atitudes professorais, reconhecimento e professores que ficaram na memória dos entrevistados, em verde.

Elaborei um quadro com os nomes dos entrevistados e a transcrição das vozes relacionadas a cada um dos quatro temas por mim identificados, conforme o exemplo do quadro 7, a seguir:

Quadro 7 - Identificação das temáticas

Nome	Escolhas, expectativas e trajetórias	Práticas pedagógicas	Cultura Escolar	Atitudes professorais
------	--------------------------------------	----------------------	-----------------	-----------------------

Fonte: A autora

Esses registros me possibilitaram a análise das memórias, das representações, do ser e saberes professorais bem como do *habitus* dos professores entrevistados. Também, tais registros possibilitaram a compreensão dos contextos educacionais de cada momento vivido por cada pessoa entrevistada, bem como a constituição das instituições escolares no município de Garça SP.

As identificações e análises acima mencionadas ocorreram mediante um trabalho dialógico e de alteridade presentes em todo o processo dos pressupostos da História Oral, com destaque para o momento da entrevista.

Durante o processo da entrevista com os 17 (dezesete) sujeitos históricos, agentes sociais, selecionados, surgiram mais outros 04 (quatro) professores que denominei como “indicados”, ou pelo próprio entrevistado ou por mim, mediante uma citação do entrevistado ou identificado nas fontes escritas, conforme quadro 8:

Quadro 8 - Professores (as) indicados (as) nas entrevistas-fontes documentais

Professores	Indicação	Motivo
18-Aparecida	Por mim	Aluna que mais retirou livros de Sociologia da Educação e Psicologia, nos anos de 1953, 1954.
19-Caio	Sr. João Chaves	Cursou Escola Normal e, a mãe foi a primeira professora nomeada.
20-Maria Izabel	Profa. Maria Helena	Professora da Escola de Aplicação-Anexa
21-Nilma	citada na entrevista da Profa. Márcia	Professora do Jardim da Infância que tocava pianos e influenciou a escolha para ser professora

Fonte: A autora

Desse modo, o trabalho de memória ora apresentado, conta com 19 (dezenove) relatos, sendo de 04 (quatro) professores, 15 (quinze) professoras e 02 (dois) relatos dos sujeitos históricos, Sr. João Chaves e Sra. Madalena que participaram dos primórdios da educação em Garça, compondo 21(vinte e um) relatos que me possibilitaram a

constituição de uma história da formação e da atuação dos (as) professores (as) no município de Garça-SP, o seu ser e os seus saberes, conforme o Quadro 9 a seguir:

Quadro 9 - Relação e caracterização dos agentes sociais participantes da pesquisa ordem alfabética

1- Aparecida	Aluna da Escola Normal Hilmar Machado de Oliveira na década de 1950; aluna que mais retirava os livros de Sociologia; atuou como professora primária iniciando na Escola Rural; cursou Letras, atuou como professora do Ginásio e, após a aposentadoria cursou direito e atuou como advogada. Faleceu enquanto eu escrevia esta tese.
2- Caio	Aluno da Escola Normal Hilmar Machado de Oliveira; atuou como professor primário e desistiu da carreira de professor, seguindo a carreira de direito. A mãe foi uma das primeiras professoras no município de Garça SP; esposo da Profa. Aparecida.
3- Elizabete	Aluna da Escola Normal Colégio Santo Antônio; cursou Educação Física e atuou como professora no Ginásio e, na comunidade com trabalhos sociais.
4- Estela	Aluna da Escola Normal Colégio Santo Antônio e Hilmar Machado de Oliveira, participou, como aluna, na transição da Escola Normal para a Habilitação Magistério; atuou como professora primária, professora da Escola Mobral; Orientadora Educacional, Diretora e Secretária da Educação no município de Garça-SP
5- Jane	Aluna da primeira turma da Escola Normal Hilmar Machado de Oliveira na década de 1940; iniciou dando aula nas Escolas Isoladas Rurais, cursou Letras e atuou como Professora Ginásio e Magistério.
6- João Chaves	Cidadão garçense, acompanhou a constituição das Escolas no município e a atuação dos representantes da Educação no município, faleceu enquanto eu escrevia o final deste trabalho.
7- José	Professor na Escola Normal, na década de 1960; Diretor de Escola, Supervisor de Ensino e Delegado de Ensino no município de Garça, nas décadas de 1980 e 1990
8- Madalena Chaves	Cidadã garçense, esposa do Sr. Chaves, foi aluna da primeira turma de alunos, identificada no agrupamento de crianças em uma garagem, na década de 1920.
9- Márcia	Aluna da Habilitação Magistério, na década de 1980, foi professora dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental e atualmente Diretora de Escola Pública Estadual.
10- Cidinha	Professora Primária no Colégio Santo Antônio e Professora da Escola Normal Hilmar Machado de Oliveira na década de 1960, Diretora de Escola Pública Estadual e Supervisora de Ensino na Delegacia de Ensino de Garça SP; após aposentadoria cursou Psicologia; Professora do curso de Pedagogia e atua como Psicóloga na comunidade garçense.
11- Maria Izabel	Professora da Escola de Aplicação- Anexo à Escola Normal Hilmar Machado de Oliveira, que atendia os estágios dos (as) normalistas. Atuou na administração da entidade “Lar das Crianças”.

12- Maria Helena	Aluna da Escola Normal Hilmar Machado de Oliveira na década de 1960, atuou como professora primária, iniciando nas Escolas Isoladas Rurais e, posteriormente, na cidade de Garça-SP; após aposentadoria, integrante do Grupo Pirlimpimpim.
13- Maria Regina	Professora na Escola Normal Hilmar Machado de Oliveira, na década de 1960, Professora de História no ginásio, Diretora de Escola Pública Estadual, Supervisora de Ensino e Delegada de Ensino. Atuou na formação continuada dos professores na década de 1990.
14- Mario	Aluno da Escola Normal Hilmar Machado de Oliveira na década de 1950; Atuou como Professor Primário, cursou Educação Física, atuou como instrutor de fanfarra e Presidente do CPP- Centro do Professorado Paulista.
15- Mariza	Aluna da Escola Normal Hilmar Machado de Oliveira na década de 1950 e da Escola Normal Colégio Santo Antônio; Enquanto Normalista também professora de música; cursou Pedagogia e Educação Especial, atuou como professora primária, Professora na Classe de Deficiente Mental, Coordenadora Pedagógica, Diretora de Escola, Secretaria da Educação no município de Garça SP e integrante do Grupo Pirlimpimpim-contadores de histórias.
16- Nancy	Aluna da Escola Normal na década de 1960, cursou letras, atuou como Professora no Ginásio, como Coordenadora na Delegacia de Ensino de Garça, responsável pela formação continuada dos professores nas décadas de 1980 e 1990. Professora do curso de Pedagogia; Coordenadora de curso da FATEC; Professora na FATEC e integrante do Grupo Pirlimpimpim-contadores de história.
17- Nilma	Aluna da Escola Normal Hilmar Machado de Oliveira na década de 1950, cursou Especialização Pré Escola e atuou como Professora Primária no Jardim da Infância e Pré Escola. Foi Coordenadora e atuou na formação continuada de Professoras da Pré-Escola.
18- Sergio	Aluno da Escola Normal Hilmar Machado de Oliveira na década de 1950. Atuou como professor primário, cursou Pedagogia e atuou como Diretor de Escola e Presidente do CPP-Centro do Professorado Paulista de Garça-SP.
19- Terezinha	Aluna da Escola Normal Santo Antônio, na década de 1960, atuou como professora primária nas Instituições religiosas, cursou Especialização de Pré-Escola, atuou como professora de Pré e Primário no Grupo Escolar
20- Vera	Aluna da Escola Normal na Escola Hilmar Machado de Oliveira, na década de 1960, atuou como professora primária, cursou Licenciatura de História, atuou como professora no Ginásio. Integrante do Grupo Pirlimpimpim-contadores de histórias.
21- Wilma	Aluna da primeira turma da Escola Normal Hilmar Machado de Oliveira, na década de 1940; atuou como professora primária em Instituição religiosa, pública e particular.

Fonte: A autora

1.2 Encontros para as entrevistas com os sujeitos históricos da pesquisa

Iniciei as entrevistas com os Professores Mário e Sérgio, conhecidos por estarem na administração do Centro do Professorado Paulista – CPP, um sindicato dos Professores. Fui até a sede do Sindicato para expor o meu trabalho e ambos aceitaram prontamente participar da pesquisa. Naquele mesmo momento, quiseram começar os seus relatos orais. Como eu já os procurei, estando preparada com um roteiro, iniciamos a conversa que os levou ao tempo de normalista e a toda trajetória de professores e gestores, até aquele momento à frente do CPP de Garça-SP.

O Prof. Sergio buscou um envelope com várias fotografias de quando foi aluno, dele e da esposa. O Prof. Mario ia nomeando os professores e contando o quanto foi marcante determinados professores na formação deles, como foi o caso da Professora Terezinha Circe que mesmo depois de muitos anos de formados, no ano de 1984, compareceu a um encontro que eles realizaram. Nesse momento, o Prof. Sergio se lembrou que tinha um envelope guardado com o endereço dela. Anotei o endereço, era da cidade de Bragança Paulista SP. Iniciei a procura, ligando para uma escola pública estadual da cidade. O Agente de Organização que me atendeu, após eu me identificar e apresentar o motivo do meu contato, me informou o número do telefone do edifício onde a Professora residia. Ao conversar com o porteiro, fui informada que ela estava em Campinas SP, na casa de um filho. Iniciei outra busca: localizar o filho. Após várias pesquisas em meios digitais, localizei-o como um médico no município de Campinas SP. Fiz contato, expliquei sobre a minha pesquisa, mas, de acordo com ele, não seria possível, visto a mãe estar com Alzheimer.

As Professoras Wilma e Jane foram alunas da primeira turma de formandos da Escola “Hilmar Machado de Oliveira” da cidade de Garça-SP, onde atuo como diretora. Suas fotos estão registradas em um lindo quadro grande de madeira maciça que registra os primórdios da escola. Por isso, muitas das suas histórias estão registradas por ocasião da participação nos encontros com os alunos dessa escola.

A entrevista com a Profa. Wilma foi realizada em sua casa. Retomamos o que ela havia narrado na Escola e ela ampliou os relatos e as suas memórias, contando sobre a sua trajetória e vivências. Sempre alegre, elegante e linda, com os seus oitenta e sete anos, tivemos uma conversa longa além da entrevista, regada com chá e biscoitos numa cozinha aconchegante.

A Profa. Jane também me recebeu em sua casa com muita receptividade e me apresentou seus relatos de maneira alegre, contando a sua história de normalista e

professora. Mas, pediu para não gravar e não divulgar o seu nome, o que foi respeitado por esta pesquisadora. Sempre de bom humor, lembrou de fatos hilários ocorridos na escola e na cidade, me cedeu material que utilizava como professora e, no final, pediu que eu fosse ouvi-la mais vezes. Retornei para ler-lhe o que havia anotado e, por várias vezes, ao passar em frente à sua casa, pois ela mora no centro da cidade e está sempre na varanda, parei para ouvi-la e saber como estava.

Sobre os sujeitos históricos, agentes sociais que encontro ao longo da minha trajetória e que estão presentes nesta tese, não os apresentarei de forma linear, mas conforme os contatos e encontros para a realização da entrevista.

A Profa. Estela foi minha parceira ao longo de 14 (catorze) anos em que atuei no Colégio “Santo Antônio” de Garça-SP. Fomos orientadoras educacionais por um período. Ela foi diretora e eu vice-diretora e coordenadora. Juntas, por ocasião do cinquentenário do Colégio, fizemos um trabalho de registro da história pela voz dos alunos que passaram pela Instituição e sobre a história das freiras franciscanas. Pela convivência, sempre ouvi as suas próprias histórias sobre como era ser aluna no Colégio. Ao procurá-la para a entrevista, ela me esclareceu que iniciou o curso Normal no Colégio “Santo Antônio”, mas devido à opção das freiras de não continuarem com o curso Normal, terminou-o na escola pública Instituto de Educação “Hilmar Machado de Oliveira”. A convivência com essa professora trazia a minha memória vários dos seus relatos sobre a sua formação, o início de sua carreira e a sua atuação como educadora, o que se ampliou de maneira organizada na entrevista realizada em sua casa. Foi possível, neste momento, o empréstimo do Livro *Em busca do Absoluto*, escrito por uma freira professora que muito contribuiu com minha pesquisa. Após a entrevista, a Profa. Estela também escreveu sobre vários fatos dos quais se lembrou depois e os enviou para mim por escrito.

Em sua entrevista, ela lembrou-se que sempre ouviu de sua família que a sua tia havia sido a primeira professora da cidade e para relatar-me elementos sobre esse fato indicou-me a sua tia Madalena e o seu tio João Chaves. Ambos já eram meus conhecidos.

Após o agendamento, fui à casa do casal. O Sr. João Chaves foi vereador por quatro mandatos na cidade de Garça SP e, nos seus noventa e oito anos, detentor de uma memória excelente. A entrevista foi gravada e, de forma bem explicada, ele narrou sobre a Profa. Luiza, com a contribuição da Sra. Madalena que foi aluna considerada como primeira da turma de alunos e sobre outros fatos. Indicou que eu procurasse o Dr. Caio, pois a sua mãe foi a primeira professora nomeada da cidade e, assim, ficavam os dois disputando quem foi a primeira professora. Muitas memórias nos levaram à continuidade

da conversa, mesmo após a entrevista, com as lembranças do Sr. João Chaves com relação aos vários aspectos referentes ao município de Garça-SP.

Atendi a indicação do Sr. Chaves e fiz contato com o Dr. Caio, mas não conseguimos agendar entrevista logo de início. Concomitante, também identifiquei nos documentos escritos da Escola Estadual “Hilmar Machado de Oliveira”, especificamente no *Livro de Registro de Retiradas de Livros* da década de 1950, várias retiradas de um livro de Sociologia da Educação pela aluna Aparecida, esposa do Dr. Caio. O Dr. Caio e sua esposa foram normalistas na década de 1950 no Colégio Estadual e Escola Normal “Hilmar Machado de Oliveira” de Garça-SP.

Não conseguimos agendar a entrevista, mas, tanto o Dr. Caio quanto a Professora Aparecida fizeram questão de participar, enviando por escrito, via *e-mail*, aspectos de suas trajetórias como alunos, professores e, posteriormente advogados.

Sendo assim, mesmo não estando nos pressupostos da História Oral, considerei os seus registros para minha pesquisa. Enquanto escrevia, já encaminhando para um final, recebi no dia 17/10/2020 a triste notícia do falecimento da Profa. Aparecida.

Das professoras que atuaram comigo em minha trajetória, identifiquei algumas delas que foram normalistas no Colégio “Santo Antônio”, no entanto, somente duas aceitaram participar da entrevista: a Profa. Terezinha, com quem compartilhei minha docência na Escola Estadual João Crisóstomo e muito me chamava a atenção em sua atuação com os alunos, por estar sempre cantando e levando materiais para suas aulas. A outra professora, a Profa. Elizabete, atuamos juntas, ela professora de Educação Física e eu Coordenadora no Colégio “Santo Antônio”. A sua atuação de promover o protagonismo no aluno, sempre com espírito de cooperação, me veio à memória para a sua identificação, além de um trabalho com os jovens alunos (as) da Escola Estadual “Hilmar Machado de Oliveira”, no início dos anos 2000, que movimentou a cidade e levou a Escola a ganhar vários prêmios.

A entrevista com a Profa. Terezinha foi em sua casa, na qual fui muito bem recebida. De sorriso aberto e voz solta, eu poderia ficar dias ouvindo as muitas histórias da trajetória da Profa. Terezinha que trazia detalhes de cada fato e situação vivenciada por ela como aluna e como professora. A riqueza dos detalhes apresentados em seus relatos possibilitou a constituição de uma escola, que mesmo eu tendo realizado entrevistas em outra situação sobre a história do Colégio “Santo Antônio”, não havia identificado determinados aspectos.

Também recebi para uma entrevista, na minha casa, a Profa. Elizabete. Animada, atuante junto aos idosos da cidade, economicamente menos favorecidos, para melhorar a qualidade de suas vidas, relatou-me aspectos de sua atuação, partindo do presente para justificar a sua experiência tão marcante de aluna normalista de uma Instituição religiosa de freiras que impunha o que chamou de “moral e bons costumes”.

Enquanto atuei no Grupo Pirlimpimpim, as narrativas das Professoras Vera, Maria Helena, Nancy e Mariza sobre suas trajetórias de vida ficaram guardadas em minha memória e ressurgiram com a possibilidade do desenvolvimento de minha pesquisa.

Muito antes de eu realizar a minha pesquisa de mestrado (2014-2016), como integrante do Grupo Pirlimpimpim, (2007), tivemos um encontro para narrar sobre a trajetória de nossas vidas. Foi esse momento, vivenciado por nós, que ecoou em minha memória para convidá-las a participar minha pesquisa de doutorado, com ressalva para o meu encontro com a Profa. Nancy que ocorreu antes do meu ingresso no referido grupo.

Há encontros na vida e, principalmente na vida educacional, capazes de provocar transformações nas concepções, nas práticas, mas, principalmente na maneira de ver o mundo, assim foi o meu encontro com a Profa. Nancy. Logo no início de minha carreira como professora, ao participar de um curso de formação continuada promovida pela Oficina Pedagógica da Delegacia de Ensino de Garça-SP no ano de 1991, aquela professora formadora iniciou o curso nos apresentando, por meio de uma narrativa envolvente, o autor e filósofo Ruben Alves, no conto “Até que a morte...” Muitos outros autores e maneiras de abordar as histórias para a sedução literária ocorreram. Era de maneira sutil que aprendíamos fazer o mesmo com os nossos alunos.

Outros encontros continuaram em outros cursos. No ano seguinte, 1992, ingressei em um grupo de estudos sobre leiturização, liderado pelo Prof. Dagoberto Buim Arena, então Supervisor de Ensino na Delegacia de Ensino e doutorando em Educação pela “FFC- Faculdade de Filosofia e Ciências –UNESP- Marília”, no qual a Profa. Nancy também fazia parte. Com ela e com o nosso mestre Prof. Dagoberto, muito aprendi. Para esse encontro, quando tive a oportunidade de compor um grupo de professores (as) formadores (as) para o curso Normal Superior do Instituto Superior de Educação de Garça, a Profa. Nancy foi convidada. Aspectos da experiência desse encontro estão em minha dissertação de mestrado. Continuamos ainda nossos encontros na composição e atuação do Grupo Pirlimpimpim-Contadores de histórias.

A entrevista com a Profa. Nancy foi iniciada, mas não conseguimos dar continuidade por um imprevisto no trabalho dela no mês de novembro do ano de 2019.

Em seguida, agendamos várias vezes, mas sempre ocorria algum imprevisto, até chegar o dia 13/03/2020, quando não podemos mais nos encontrar em decorrência da pandemia causada pelo coronavírus e o distanciamento imposto desde aquele ano. Porém, visto ser uma voz que muito contribuiria para a constituição da história da formação dos professores no município de Garça-SP, optamos por conversas via *WhatsApp*, e assim a Profa. Nancy me enviou o seu relato.

O encontro com a Profa. Vera não foi especificamente no Grupo Pirlimpimpim, e sim no Colégio “Santo Antônio” logo que lá iniciei como orientadora educacional. A professora de História alegre, que explicava encenando, sempre me chamou a atenção. Amada pelos (as) alunos (as) pela sua franqueza, nos surpreendeu com a sua saída do grupo devido uma doença que superou com bravura. Atualmente (2020), além de encantar contando histórias, também atua como alfabetizadora de adultos. Foi aluna do Colégio Estadual e Escola Normal “Hilmar Machado de Oliveira” e participou do Projeto da Escola contando sobre o tempo em que foi aluna do Ginásio e declamando um lindo poema sobre mãe que emocionou os (as) alunos (as). Como integrante do Grupo Pirlimpimpim nos brindava constantemente com as histórias da mitologia grega.

A entrevista com a Profa. Vera ocorreu em minha casa. Ela, muito à vontade e com seriedade, trouxe os seus aprendizados desde o seu lugar em sua família até a sua atuação presente.

O encontro com as Professoras Mariza e Maria Helena ocorreu quando ingressei no Grupo Pirlimpimpim. Já as conhecia, mas não tivemos a oportunidade de trabalharmos juntas até aquele momento.

A Profa. Mariza sempre animando o Grupo com os seus saberes musicais e a Profa. Maria Helena, uma pesquisadora nata, com os saberes, para além da contação de histórias, sobre as questões sociais, econômicas, políticas, dentre outras.

A entrevista com cada uma ocorreu em suas casas.

Fui recebida pela Profa. Mariza com grande receptividade e acolhida. Ela contou sobre a sua trajetória, seu início na música tocando acordeom e ainda adolescente dando aulas de música, arte que influenciou a sua geração, filhos e netos. Aluna normalista, na década de 1950, esteve nas duas Instituições formadoras, iniciou a sua carreira como professora de classe especial e destacou-se na gestão como diretora, coordenadora pedagógica e Secretária da Educação do município de Garça-SP.

Com a Profa. Maria Helena, também muito acolhedora, ao sabor do seu chá das fadas, a entrevista ocorreu. Ela trouxe de suas memórias relatos sobre cada professor do

Ginásio e da Escola Normal, descrevendo com precisão cada um deles, além da sua experiência obtida desde o primeiro contato com a escola em uma fazenda, que era como uma cidade, a chamada Fazenda dos Ingleses. Lembrou-se da “Escola de Aplicação”, também chamada de “Escola Anexa” que havia no Colégio Estadual e Escola Normal “Hilmar Machado de Oliveira”, quando fez o curso Normal no início da década de 1960, e da transformação em Instituto de Educação “Hilmar Machado de Oliveira”. Ao se lembrar da escola onde os (as) alunos (as) normalistas realizavam os estágios, também se lembrou da Profa. Maria Izabel que era professora do Primário naquele período e ainda estava viva. Indicou-me quem essa Professora era, pessoa muito conhecida como diretora do “Lar Meimei”, instituição beneficente de atendimento às crianças de creche. Então, a partir da indicação da Profa. Maria Helena, fui à casa da Profa. Maria Izabel. Lá, encontrei uma senhora animada, com os seus 96 anos!! Apresentei-me, e ela mesmo sem me conhecer, fez-me entrar. Com dificuldade para andar, viúva e com os filhos falecidos, estava com uma cuidadora. Ao ouvir a minha proposta, ficou feliz. Disse que nunca ninguém havia se lembrado dela como professora para algum registro, apesar de muitas pessoas na sociedade garcense a considerarem, visto ter sido a professora deles. Citou nomes de alguns médicos, advogados, empresários. No entanto, socialmente, sempre a viam como a diretora do “Lar Meimei”, recebendo até o título de cidadã garcense devido a essa atuação. Após muita conversa, na qual ela contou sobre toda a sua atuação, inclusive que mesmo com a impossibilidade de andar estava fazendo biquinhos de crochê nos guardanapos para vender no Lar e auxiliar o atendimento às crianças, agendei um dia para a entrevista.

No dia agendado, retornei, e a Profa. Maria Izabel apresentou-me relatos de sua atuação na Escola Anexa, na década de 1950, a influência da Professora de Práticas, além da sua trajetória e atuação antes de iniciar na carreira do magistério como contadora, função pouco ocupada por mulheres. No final da entrevista, destacou que estava com as pernas fraquinhas, mas com a mente boa e com muita fé em Deus e nas mensagens do Dr. Bezerra de Meneses que lia nos livros. Ela passou a falar sobre as mensagens, a farmácia de Deus, a fé em Jesus. Falava com emoção e com precisão sobre as suas leituras atuais e como o caça-palavras também ajudava a manter a sua mente em ação.

O meu encontro com a Profa. Cidinha ocorreu no início da década de 2000, quando uma amiga professora me convidou para participar de forma voluntária de um projeto na “Creche Maria Leonor” para dar aula para idosos, uma vez por semana, no período noturno. A cada dia, era uma professora com foco em uma disciplina, e a mim

coube a disciplina de História. A liderança desse Projeto estava sob a responsabilidade da Profa. Cidinha que organizava as reuniões. Ela e eu, com fundamento nos conceitos e experiências herdadas do educador Paulo Freire, elaborávamos os conteúdos e as metodologias. Esse encontro me possibilitou conhecer a professora, o seu trabalho e, posteriormente, trabalharmos juntas no curso de formação Normal Superior e Pedagogia do “Instituto Superior de Educação”, conforme apresentado em minha dissertação de Mestrado. Assim, eu sabia um pouco sobre a trajetória da Profa. Cidinha, devido às nossas conversas que anunciavam uma professora formadora de professores no Colégio Estadual e Escola Normal “Hilmar Machado de Oliveira” na década de 1950. Diretora da mesma escola, supervisora, após a aposentadoria, realizou o curso de Psicologia, Mestrado e Doutorado na área. Também conhecia a sua atuação na sociedade, em órgãos de proteção ao menor, nos atendimentos às crianças e adolescentes como psicóloga e no acompanhamento às alunas em formação por meio das orientações dos Trabalhos de Pesquisa.

A entrevista ocorreu em minha casa. De maneira diferente das conversas anteriores, trouxe elementos de toda uma trajetória que compõe o ser e os saberes da Professora Doutora. Mas, após a entrevista, a conversa de tempos de convivência também ocorreu entre cafés e chás.

O meu encontro com o Prof. José e com a Profa. Maria Regina se deu logo no início da minha carreira na educação, como professora iniciante. O Prof. José era Delegado de Ensino e a Profa. Maria Regina Supervisora, na “Delegacia de Ensino de Garça-SP”, no início da década de 1990. Visto as muitas reuniões e cursos de formação continuada, conheci o trabalho de formação da Profa. Maria Regina, na área de História, que se relacionava aos estudos que havia realizado na minha formação no curso de Pedagogia, mas com um aprofundamento das metodologias. O Prof. José estava sempre presente nos períodos da formação e sempre com muita atenção às professoras e aos professores que participavam. Ambos, professores no Colégio Estadual e Escola Normal “Hilmar Machado e Oliveira” e Instituto de Educação “Hilmar Machado de Oliveira”, iniciaram a carreira atuando na formação inicial na década de 1960. Com a aposentadoria do Prof. José, a Profa. Maria Regina assumiu como Delegada de Ensino e, o professor José, após cursar Direito, passou a exercer a função de Advogado.

A Profa. Maria Regina, mediante a reorganização das Delegacias de Ensino da Secretaria da Educação do estado de São Paulo em Diretoria de Ensino, no ano de 1999, passou a responder como Dirigente de Ensino na região de Ourinhos-SP, retornando para

a Diretoria de Ensino Marília-SP, como Supervisora de Ensino no ano de 2011, o que possibilitou mais um encontro, considerando que atuava como minha supervisora e, juntas, exercemos a formação continuada dos professores do Ensino Fundamental Anos Finais e Ensino Médio. Esse convívio direto também me possibilitou conhecer mais a atuação da professora, atuante na APASE- Sindicato dos Supervisores de Ensino do Magistério Oficial no Estado de São Paulo. Vale ressaltar que a sigla significa Associação Paulista de Supervisores de Ensino, mas devido à reorganização em Sindicato no ano de 1990, manteve a nomenclatura citada: APASE- Sindicato dos Supervisores de Ensino do Magistério Oficial no Estado de São Paulo.

No período da entrevista, a Profa. Maria Regina já havia se aposentado e a entrevista ocorreu em sua casa. Muito receptiva e disposta a contar a sua trajetória, logo ao entrar, chamou-me a atenção um móvel antigo todo recoberto com várias fotografias suas em situações escolares. Ao questionar sobre o que vi, a educadora me contou que foi um presente dos colegas da Diretoria de Ensino de Ourinhos-SP. Por ocasião de sua despedida, “garimparam” fotografias dela atuando na educação e fizeram um envelopamento no móvel.

A partir daí iniciamos a entrevista, seguida de um lanche e muitas conversas de educadoras.

A entrevista com o Prof. José ocorreu na Escola onde atuo como diretora, mas em horário fora do meu expediente. O local foi acordado por ser mais adequado ao nosso tempo de trabalho. Sempre com muita serenidade e seriedade, o Prof. José relatou elementos de sua trajetória, atuação na formação dos professores, tanto como Professor quanto como gestor na função de Delegado de Ensino.

O meu encontro com a Profa. Márcia ocorreu desde a minha chegada ao município de Garça-SP, no ano de 1987. Cursamos a Pedagogia na “FFC- Faculdade de Filosofia e Ciências UNESP/Marília” e trabalhamos no Colégio “Santo Antônio” como Coordenadoras Pedagógicas. Compartilhávamos as preocupações e constantes estudos para a formação continuada dos (as) professores (as). Atualmente (2020), a Profa. Marcia é diretora de escola pública estadual no município de Garça SP e continua nos estudos e atuação para a formação continuada dos (as) professores (as).

A trajetória de formação inicial para a docência da Profa. Márcia ocorreu na década de 1980, já na Habilitação Magistério, conforme a alteração propositada na Lei Complementar 5.692/1971. Assim, identifiquei, mediante as minhas memórias relacionadas à convivência, como a sua atuação educacional comigo compartilhada, que eu

apresentava aspectos daquela formação muitas vezes citados por ela: “Escrevo assim, porque a Dona Alzira exigia”; “Elaborei este material, porque aprendi no Magistério”. Foram as lembranças de tais frases que me levaram até a Profa. Márcia.

A entrevista ocorreu, tanto em sua casa, quanto na minha. Durante as conversas, mediante os relatos das suas memórias, ela localizou um material muito bem guardado com todo o capricho que me “emprestava” para enquanto ocorresse a minha pesquisa, portanto, deveria ser devolvido com todo o cuidado.

Na entrevista com a Profa. Márcia, chamou-me a atenção, logo no início do seu relato, a sua primeira experiência com a escola no Jardim da Infância, período durante o qual a marcante Profa. Nilma já a identificou com a profissão devido a sua postura. Naquele momento, já me acendeu uma seta: preciso procurar essa professora.

A Profa. Nilma foi “indicada” pela minha curiosidade de pesquisadora. Não a conhecia e infelizmente não tive um encontro físico com ela no decorrer da minha trajetória.

Visto a grande demanda que se apresentava no decorrer das entrevistas, a transcrição, os retornos e outros, deixei para o final esta entrevista e, bem no período marcado, no mês de março/2020, ocorreu a Pandemia COVID-19 e não conseguimos nos ver pessoalmente. Mas, com tantos recursos tecnológicos, a entrevista ocorreu por meio de uma chamada de vídeo no *WhatsApp*. Muito honrada por dar a sua contribuição à história da formação e da atuação de professores no município de Garça-SP, a Profa. Nilma trouxe em sua voz toda a sua trajetória com destaque para o Jardim da Infância, como bem lembrou, onde começa a educação escolar da criança.

Mediante as histórias de vida narradas, ouvidas, registradas e divulgadas para a composição de uma história é que comungo com a ideia de que uma das mais profundas lições da história oral é a singularidade, tanto quanto a representatividade de cada história de vida. (Thompson, 1992, p.174).

Nesse sentido, a historiografia

Não se interessa por uma “verdade” escondida que seria necessário encontrar; ela constitui símbolo pela própria relação entre um espaço novo, recortado no tempo e um *modus operandi* que fabrica “cenários” susceptíveis de organizar práticas num discurso hoje inteligível-aquilo que é propriamente “fazer história”. (DE CERTEAU, 1982, p.12)

Cada história de vida que é única, no entanto, ao ser narrada passou a compor a história da educação no município de Garça-SP, mediante as vivências e experiências dos sujeitos históricos- agentes sociais participantes dessa pesquisa.

Em tal trabalho de entrevista, apoiado na História Oral, não se teve a pretensão da busca por uma verdade, mas respeito e consideração pela subjetividade, na qual a representação de cada entrevistado se fez presente.

Ressalto que após a transcrição das entrevistas, fiz contato com cada participante para a verificação dos registros.

1.3 Diálogo com outras pesquisas

Há muitos trabalhos de pesquisa que priorizam a História Oral, como também a história da formação e da atuação de professores. Sendo assim, busquei nos bancos de dados de teses e dissertações pesquisas que se aproximassem da qual realizei, ou seja, pesquisas relacionadas à História da Educação, à História da formação e à atuação de professores, ser e saberes professorais na formação da Escola Normal ao Magistério, em um recorte temporal em um determinado local, fundamentada na metodologia da História Oral e nos conceitos de Memória, Representação e *Habitus* apresentados respectivamente por Ricœur, Chartier e Bourdieu.

A consulta se realizou nos bancos de dados a saber: <http://bdt.ibict.br>; <http://scielo.br>; <https://catalogodeteses.capes.gov.br>, no qual a cada termo inserido para a busca se verificavam muitos trabalhos. Assim, se fez necessário por meio da leitura dos títulos e palavras-chave a aproximação entre os termos “História da formação dos professores”; “Saberes Professorais”; “História Oral”; “Escola Normal”; “Magistério”; “Memória”; “Representações”; “*Habitus*”.

Desse modo, foi possível selecionar dezenove trabalhos entre teses e dissertações. No entanto, após a leitura apenas onze trabalhos se relacionaram a alguns dos conjuntos dos termos citados, sendo 3 (três) mestrado e 8(oito) doutorado.

A tese intitulada “Escola Normal “Carlos Gomes”: memória e formação de professores (1903-1936)”, apresentada por Azevedo (2005) na Universidade Estadual de Campinas- Faculdade de Educação, analisa a história da Escola Normal Carlos Gomes de Campinas (SP) por meio das memórias de formação de professores para as séries iniciais da rede pública de ensino. Para tanto, recorre à entrevista com dois sujeitos participantes desse período, uma ex-aluna e um ex-professor, e à análise documental dos documentos escolares e jornais. Com base na associação do entrecruzamento das vozes dos dois depoentes e das vozes dos republicanos do período, examina os sentidos das tradições que abarcam as memórias da ex-aluna e do ex-professor que realizaram as duas práticas escolares nesta escola e sua articulação às questões políticas e pedagógicas do Estado

Republicano. A pesquisadora conclui que as memórias dos depoentes e os documentos revelam os impactos das experiências escolares, as marcas das suas relações com o passado e a sua tradição, que constitui a valorização dos saberes e dos elos afetivos como interferência na base constitutiva do ser, do fazer e do querer ser. Também aponta o desvelamento do espaço de formação de professores, que se originou nos discursos, embates e reivindicações dos republicanos, para a valorização e garantia da educação pública para todos. Visto a autora ser professora na Escola em referência e ter feito a pesquisa enquanto terminava o curso do Magistério, ela finaliza em suas considerações a precarização da formação de professores. A remota aproximação que identifiquei com o meu trabalho foi a de a pesquisadora fazer parte do local de sua pesquisa bem como identificar os espaços de formação de professores nos discursos republicanos.

O trabalho de mestrado desenvolvido por Bernardes (2005) também na Universidade Estadual de Campinas- Faculdade de Educação, intitulado “História e Memória das Alfabetizadoras: desenvolvimento profissional”, apresenta como objeto de estudo a constituição da história da formação de alfabetizadoras com o propósito de reconstituir e analisar a trajetória de seis profissionais reconhecidas como boas alfabetizadoras pelas comunidades em que atuam, na rede pública municipal, estadual e federal da cidade de Uberlândia MG a partir de 1980. Esse trabalho se utiliza da metodologia História Oral de Vida. Por meio de narrativas dos fatos relevantes vivenciados pelos sujeitos há a identificação das interações mediadas por outras pessoas em um determinado contexto político-econômico-cultural, e das influências determinantes das instituições sociais na formação dessas alfabetizadoras. Nesse sentido, a pesquisadora, em suas considerações, aponta que se evidenciou que as alfabetizadoras demonstram em sua trajetória a constituição de um ser profissional com uma experiência de mudança, mas com uma inteligibilidade das continuidades, rupturas e resistências e, ainda, sendo o seu saber não somente de ordem intelectual, a sua realidade é multifacetada, restante de muitas interações, de histórias de vida, e ações singulares que foram construídas num determinado contexto. A proximidade com a minha pesquisa se estabelece na metodologia da História Oral e na identificação do ser e saberes das alfabetizadoras no seu percurso de formação. No entanto, a pesquisadora não se apropria dos conceitos de ser e saberes e nem das representações e *habitus*.

A tese “A Escola Regional Nossa Senhora do Carmo em Belo Jardim PE: desfilando o *habitus* professoral pelas ruas da cidade”, defendida por Souza (2013), na Universidade Federal da Paraíba- PA, analisa o *habitus* professoral como o jeito de ser

professora, a partir da moralidade católica. Pesquisa etnográfica, fundamentada na História Cultural, apoia-se no conceito de *habitus* em Pierre Bourdieu, no de cotidiano Michel de Certeau e no de memória em Ricoeur, nas fontes documentais como escritos, imagéticos, nos objetos biográficos e nas narrativas das entrevistas com ex-alunas normalistas, abordando as práticas, saberes e condutas constituídas na escola. A autora apresenta que a Escola Normal pesquisada se identifica, por meio do estabelecimento e consolidação do *habitus* professoral, com um ambiente de preparo, na perspectiva missionária, às novas protagonistas da reforma urbana, ou seja, as normalistas formadas em um modelo de discurso moderno-conservador. Há uma relação com a minha pesquisa no aporte teórico relacionado ao *habitus* e a memória, mas se distancia visto apresentar a história da influência de uma única instituição escolar na formação do *habitus* professoral.

A pesquisa de mestrado desenvolvida por Pinheiro (2003), intitulada “A Escola Normal de Campinas no período de 1920-1936: práticas e representações”, apresenta uma discussão das práticas vividas na Escola Normal de Campinas e das representações dessas práticas por aqueles que as vivenciaram no período investigado. Para tanto, se apoia no conceito de Chartier (1991) com relação à representação e se utiliza das fontes conforme segue: documentos oficiais, artigos de jornais do período, fotografias e bibliografias de autores campineiros que narram fatos e acontecimentos de Campinas no início do século XX. A partir das leituras dos artigos dos jornais, a pesquisadora localizou dois ex-alunos e um ex-diretor que atuou em período posterior ao investigado. Mediante contatos, realizou entrevistas. A pesquisadora aponta que ao tentar captar os movimentos de continuidades e rupturas que se articulam a signos e vestígios da condição e das relações sociais de e entre os sujeitos, observa que as práticas por eles relatadas, bem como as suas representações delas, constituem-se como símbolo de uma época. A pesquisa apresentada aproxima-se parcialmente da minha, no quesito da organização do acervo da escola, das fontes e das entrevistas com alunos que passaram pela escola, além das práticas e representações que também abordo, mas relacionadas aos saberes professorais de um determinado período. Também se pode destacar uma similaridade com relação à historiografia e arquitetura da escola pesquisada pela autora e da Escola Normal da minha pesquisa.

A tese defendida por Frankfurt (2011) na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, intitulada “Da escola Normal à habilitação específica para o Magistério em 2º Grau: práticas e apropriações (1961-1981)”, aponta que a Lei 5692/71 não é responsável pela degradação da formação dos professores ao transformá-la em uma formação

tecnicista. Completa que somente a partir da análise que considere as práticas e apropriações é possível perceber o alcance da Lei em confronto com uma cultura escolar já estabelecida. Para tanto, utiliza-se do apoio teórico de Michael de Certeau e Roger Chartier em relação aos conceitos de prática, representação e apropriação. A pesquisadora analisa práticas e apropriações efetivadas na passagem da formação de professores da Escola Normal para Habilitação específica para o Magistério em 2º Grau, instituída em 1971, com a Lei 5.692/71, mediante investigação em duas instituições da cidade de São Paulo, com perfis diferentes, uma pública e a outra, particular. Ela realizou análise documental das instituições e das Legislações pertinentes e entrevista com treze pessoas que vivenciaram o período estudado. Esta pesquisa se identifica com alguns aspectos apresentados na minha pesquisa em relação ao trâmite da Escola Normal para a Habilitação para o Magistério do 2º Grau em duas Escolas distinta, uma particular e uma pública, em uma determinada cidade; no entanto os resultados são específicos e são referentes ao impacto da Lei 5.692/71 em uma instituição de formação de professores, com defesa de que neste lugar não se estabeleceu uma educação tecnicista.

A pesquisa de doutorado intitulada “Histórias contadas e vividas: memórias da Escola Normal Rural Murilo Braga de Itabaiana/Sergipe (1950-1972)”, desenvolvida por Costa (2016) na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, defende a tese de que dentro dos propósitos do governo federal, a escola Normal Rural Murilo Braga foi criada para formar professores rurais, entretanto, inexistiu a adequação do Ensino Normal e Primário em Sergipe, a fim de atender os objetivos da implantação, não ocorreu a formação quantitativa de professores para atender à demanda das Escolas Primárias Rurais; as normalistas formadas no período compuseram o quadro docente do Murilo Braga e das Escolas Primárias da cidade. A autora conclui que mesmo sem atender aos propósitos de sua criação, essa escola assumiu um papel fundamental na formação de professores, preparando-os e, posteriormente, inserindo-os na carreira profissional como seus profissionais, atendendo também a uma necessidade urgente de ampliação do seu quadro docente. Para tanto, a pesquisadora se apoiou na História Cultural, História Oral e nos conceitos de Civilização (ELIAS, 1993), *Habitus* (BOURDIEU, 1990), Representação (CHARTIER, 2009) e utilizou como fontes os documentos oficiais, impressos e memórias de antigos alunos e docentes por meio de entrevistas com sete ex-alunas e dois professores. Há uma aproximação com a minha pesquisa em relação a um aspecto, o da análise de um grupo social, suas representações e seu *habitus*, caracterizando a não passividade dos sujeitos, mãos os tomando com agentes sociais,

considerando que no cotidiano escolar e fora dele os indivíduos interagem, assimilam e modificam os espaços onde estão inseridos. No entanto, essa pesquisa se fixou em uma Instituição, os seus formandos e a sua importância para a comunidade.

A dissertação de Silva (2012), com o título “Trajetórias de Formação de Professores de Educação Infantil: História Oral de Vida”, apresentada na Universidade de São Paulo-Faculdade de Educação, aborda a compreensão dos processos de formação nas histórias de vida de 07 (sete) professoras de Educação Infantil da rede municipal de educação da cidade de São Paulo, inseridas em um curso de formação de serviço. Por meio da História Oral, abordagem biográfica com entrevistas e fundamentada no conceito de *habitus* de Bourdieu, a pesquisadora considera que por meio das histórias de vida se podem compreender os percursos de experiências que explicitam e revelam os processos formativos do desenvolvimento pessoal e profissional dessas 07 (sete) professoras de Educação Infantil, bem como revelar os significados das trajetórias de formação profissionais, e nos seus itinerários as experiências de aprendizagens, os dispositivos, os rituais e os *habitus* formadores da identidade. Também identifiquei alguns aspectos referentes à trajetória profissional e de vida dos professores, bem como com o que a pesquisadora chama de *habitus* profissional, nos entrevistados em minha pesquisa.

Na tese intitulada “História e Memória da formação docente em Ituiutaba-MG”, apresentada na Universidade Federal de Uberlândia-Faculdade de Educação, Moraes (2014) trabalha com a ideia de que a formação de professores/as no município de Ituiutaba-MG, no período de 1935 a 1971, deu-se exclusivamente no *locus* das Escolas Normais e que essa formação no município se deu do privado para o público, realizando um trabalho de identificar as ideias pedagógicas que alicerçaram as produções sociais sobre a formação docente, tanto na legislação educacional quanto no interior das instituições de formação de professores existentes no município, no recorte temporal da pesquisa. Utiliza como metodologia a História Oral e a análise documental, mediante documentos internos da escola, jornais e fotografias. Entrevista ex-alunos e gestores. Há uma aproximação com a pesquisa realizada por mim, no aspecto da abordagem das entrevistas pautadas na História Oral, na identificação dos documentos e nas relações das Escolas Normais com a sociedade. No entanto, não há uma análise dos saberes professorais e se utiliza do conceito do *habitus* somente na análise do currículo das escolas estudadas.

A tese desenvolvida por Auras (2005), apresentada na Universidade Federal do Paraná, intitulada “Uma vez Normalista, sempre Normalista – A presença do método de

Ensino Intuitivo ou Lições de Coisas na construção de um *Habitus* Pedagógico (Escola Normal Catarinense – 1911-1935)”, investigou-se a presença de um conjunto de ideias constitutivas do método Intuitivo, referência para o ensino público de Santa Catarina no período de 1911 a 1935. A autora apresentou que a presença dessas ideias na documentação educacional do período e a sua longa permanência como determinada forma de pensar de professores permitiram a construção de um *habitus* pedagógico. A pesquisadora define que o conceito de *habitus* pedagógico foi considerado como a expressão das questões que orientaram e organizaram a política educacional no período em que determinadas professoras cursaram a Escola Normal e exerceram o magistério. Afirma que as professoras se apropriaram do novo *habitus* pedagógico como hábitos e estes as fizeram um tipo muito particular de professoras. Essa pesquisa se amparou no referencial teórico de Norbert Elias, Pierre Bourdieu, Roger Chartier e na metodologia da análise documental e entrevistas. Verifico uma aproximação na análise a partir do conceito de *habitus*, mas diferente da pesquisadora citada, busco na análise a identificação de um *habitus* presente em um grupo distinto de professores, considero os seus saberes, constituindo assim a história da educação no município, enquanto a pesquisadora analisa o *habitus pedagógico* a partir da implantação de uma reforma no estado de Santa Catarina.

A pesquisa de doutorado apresentada por Furtado (2007) na Universidade de São Paulo-Faculdade de Educação, intitulada “Por uma história das práticas de formação docente: um estudo comparado entre duas escolas normais de Ribeirão Preto- SP (1944-1964)”, desenvolve um estudo na perspectiva comparada sobre as práticas de formação docente no período de 1944 a 1964, em duas instituições de ensino situadas na cidade de Ribeirão Preto-SP, uma particular religiosa e a outra pública estadual. A pesquisadora compara as práticas de formação docente nessas duas instituições, identificando diferenças e semelhanças entre o católico e o leigo, o público e o privado, o masculino e o feminino. Utiliza-se das fontes documentais e depoimentos de ex-alunos. Analisa as orientações curriculares, a cultura escolar e o percurso dos alunos formados, apontando as diferenças entre as duas escolas: enquanto a escola pública se preocupava com a profissionalização a escola religiosa se preocupava também com a transmissão dos valores católicos. Apesar da abordagem diferente da minha pesquisa, essa constatação da pesquisadora também se identifica na minha análise.

A tese desenvolvida por Figueirôa (2017) na Universidade Federal de Pernambuco, sob o título “Que saudade da professorinha: história e memória da escolarização das Normalistas niteroienses e recifenses (1946-1972)”, busca a

compreensão dos ensejos que expressaram, em meados do século XX, a implantação do Ensino Normal em Niterói-RJ no Recife-PE por meio de estudo comparativo. Apresenta a história das Instituições e demonstra as particularidades do cotidiano da escolarização das Normalistas nas instituições estudadas. A pesquisa utilizou-se do método da História Oral, mediante entrevistas, análise documental e iconográfica. Aproxima-se da minha pesquisa em relação à metodologia, porém se distancia na análise por apresentar a história da Instituição.

Os diálogos com outras pesquisas, aqui apresentados, possibilitaram a amplitude do conhecimento referente à constituição de uma história que somente se realiza devido o lugar específico do historiador.

CAPÍTULO 2

UM LUGAR PARA A ESCOLA: ESPAÇOS EDUCACIONAIS NOS CAMINHOS PERCORRIDOS NO MUNICÍPIO DE GARÇA-SP

Comecei o Primário no primeiro Grupo Escolar, em casa tinha que estudar! Depois no terceiro ano fui para a Escola dos Padres, que era pago, era a única escola que tinha o Ginásio e tinha começado o Primário. No quarto ano eles já davam como um cursinho para o exame de admissão para o Ginásio, por isso fui. (ENTREVISTA 1 – Prof. Mário, Garça-SP, 29/08/2019).

A história da constituição das Instituições Escolares no município de Garça-SP se entrelaça com a história de vida dos agentes entrevistados, visto cada um ingressar, logo na infância, em uma Escola e apresentar uma trajetória no campo educacional.

Essa trajetória percorrida nos espaços escolares também compõe a formação dos professores (as), pois possibilita os saberes provenientes da formação escolar anterior à formação profissional, a que ocorre no Primário e no Ginásio, bem como anterior ao Ensino Primário, denominado Jardim da Infância. Outros saberes adquiridos pelos professores (as) são os considerados como pessoais, relacionados à família e ao ambiente de vida.

Tardif (2012) considera plural e temporal o saber dos professores, pois é adquirido no contexto de uma história de vida e de uma carreira profissional.

Nesse sentido, o encontro dos agentes entrevistados com a escola ao longo da sua relação com essa instituição, é relevante e de caráter formador, pois antes de iniciar a docência oficialmente, os professores já assimilaram de várias formas o ensino, a organização escolar e podem ter adquirido crenças e representações do que é ser aluno (a), ser professor (a) assim como sobre o que é a instituição escolar.

O excerto das memórias do Prof. Mario indica o funcionamento de uma Escola Primária, de um primeiro Grupo Escolar e de uma Escola Secundária, mantidos por religiosos católicos e particular, e a sua preocupação para a continuidade aos estudos após o primário. As escolas primárias, as secundárias e a anterior à escola primária, como o Jardim da Infância passaram por transformações e permanências e se estabeleceram como espaços nos quais os (as) alunos (as) que optaram pela profissão professor retornariam, posteriormente, como docentes. Destacam-se em suas memórias a influência da família na obrigatoriedade de estudar, que no período no qual os (as) entrevistados (as) eram alunos (as) marcava o acesso, a permanência e o sucesso escolar.

Nas memórias dos agentes entrevistados (as), além da influência familiar no acesso e permanência na escola, destacaram-se os espaços escolares com as marcas de uma organização específica que caracteriza um lugar praticado e uma cultura escolar que se estabelecia a partir da escola institucionalizada e os saberes identificados na atuação dos (as) professores (as).

Sobre espaços e lugares, vale retomar a definição de De Certeau (1998) que estabelece uma distinção entre ambos para delimitar um campo. Para o autor, o lugar implica em uma estabilidade e se estabelece a partir de uma ordem na qual se distribuem elementos nas relações de convivência de maneira que predomina a lei do “próprio”, pois cada elemento se situa um o lado do outro num lugar distinto e próprio e o espaço não possui tal homogeneidade e nem a estabilidade do lugar, mas é definido como um lugar praticado, pois é avivado pelos movimentos variados decorrentes dos relacionamentos, das práticas, das apropriações e vivências dos sujeitos históricos.

É nesse lugar praticado considerado como espaço que a escola, como instituição, se constituiu mediante a atuação e práticas dos agentes nele inseridos, como professores, alunos, funcionários e pessoas da sociedade.

Neste capítulo, apresento, por meio da análise dos documentos escritos, iconográficos e relatos das memórias dos professores (as) que vivenciaram as Escolas Primária e Secundária, representadas respectivamente pelos Grupos Escolares e Ginásios, o início da escolaridade no município de Garça-SP como um agrupamento informal, a constituição da escola pública e particular nesse município, a influência familiar para o ingresso, permanência e sucesso na escola, as marcas dos encontros, como alunos (as), dos (as) professores (as) entrevistados (as) com os espaços escolares, a organização escolar com destaque para a cultura escolar, os saberes dos (as) professores (as) e as influências de agentes religiosos e laicos da sociedade na escolaridade do município.

2.1 As professoras rúbulas e o início da escolaridade no município de Garça-SP

A valorização do conhecimento, do acesso às primeiras letras, a necessidade de aprender a ler e a contar mobilizaram um grupo dos primeiros moradores, no município de Garça-SP, a reunir crianças das mais variadas idades sob a liderança de uma professora sem formação normalista para promover tais conhecimentos mediante os seus saberes.

Na busca dos primórdios da educação no município, recorri à lembrança de uma fotografia – Figura 1 – que pertencia a uma amiga e parceira de atuação na educação, desde o ano de 1994, a Profa. Estela. Eu já havia utilizado essa fotografia quando atuei

como professora na terceira série do Ensino Fundamental, no ano de 2007, para escrever com os alunos a história do bairro onde se localizava a escola, o mesmo bairro onde começou aquela que ficou conhecida como “Escola na Garagem”, porque foi instalada na década de 1920, na garagem de um morador, Sr. Mathias Manchini, avô da Profa. Estela Mancini, então morador do Patrimônio Labienópolis, que já com o nome de Garça, foi elevado à categoria de Vila em 29 de dezembro de 1925, à categoria de município em 27 de dezembro de 1928 e recebeu a sua emancipação política em 5 de maio de 1929.

Ao retomar o contato com a Profa. Estela e relatar o meu propósito de pesquisa, ela me indicou entrevistar o Sr. Chaves e a Sra. Madalena, seus tios, pois a Sra. Madalena fez parte do grupo de crianças que estavam na fotografia da Figura 1 mencionada, além de ter as lembranças das narrativas do seu pai, o Sr. Mario Manchini, que também estava na fotografia, ainda criança com oito anos.

Figura 1 - Fotografia da Profa. Luiza e alunos, 1927



Fonte: Acervo da autora – fotografia cedida pela Profa. Estela Mancini.

Sobre a fotografia da Figura 1 foi possível identificar a Profa. Luiza, em pé, primeira à esquerda e a primeira turma de aluno, dentre os (as) quais a Sra. Madalena, sentada no chão, primeira à esquerda e o Sr. Mario Manchini, pai da Profa. Estela, na fileira do meio, à esquerda, o terceiro.

Foi com a fotografia da Figura 1 em mãos que ocorreu a entrevista com o Sr. Chaves, a Sra. Madalena, sua esposa e com a Profa. Estela, sobrinha da Sra. Madalena, que acompanhou. Assim, foi possível recuperar mediante a história oral aspectos do processo de escolarização que se iniciou antes mesmo de Garça ser elevada a município, em maio de 1929, como mencionado.

O Sr. João Chaves relatou que a Profa. Sra. Luiza Anceloni Bertolucci não tinha formação docente, portanto, era chamada de rábula, pessoa que exercia a docência sem certificação de formação, esclareceu que a Sra. Luiza veio morar com o Sr. Mathias Manchini e a Sra. Ida Anceloni, pais de sua esposa – Sra. Madalena –, aos dezesseis anos, pois ficou órfã e era sobrinha da Sra. Ida Anceloni. O Sr. Mathias, como mencionado, era morador do Patrimônio Labienópolis e veio com os filhos e a esposa para a promissora Vila, que viria a ser a cidade de Garça-SP, trabalhar como carroceiro e logo montou uma Casa de Comércio próximo de sua residência, ocasião em que improvisou a citada escola na garagem de sua casa. (ENTREVISTA 2 – Sr. João Chaves, Garça-SP, 04/09/2019).

Nas lembranças da Sra. Madalena, contadas pela sua mãe, a Profa. Luiza ensinava várias crianças ao mesmo tempo.

Sra. Madalena: Eram crianças diferentes, algumas sabiam ler. As que sabiam ajudavam a ensinar as outras. Quem tinha livros levava para ler e levavam cadernos. A Tia Luiza ensinava assim, do jeito que ela aprendeu, as letras, as sílabas e depois juntava as palavras. Eu não cheguei a me alfabetizar com ela, nesse tempo, eu desenhava e, algum colega ou a tia Luiza, escrevia. Nessa fotografia [Figura 1] eu apareço aqui, a primeira sentada no chão mexendo na grama, ou no matinho, eu tinha dois anos, foi em 1927. (ENTREVISTA 3 – Sra. Madalena, Garça-SP, 04/09/2019).

Neste relato da Sra. Madalena, é possível identificar as práticas escolares e saberes da Profa. Luiza, que buscava nas suas experiências de aluna, como ser professora e como ensinar. Ensinava como aprendeu, para crianças com idades diferenciadas, às quais conseguia oferecer tarefas relacionadas as idades, conforme apresentado pela D. Madalena que mesmo com dois anos desenhava.

De acordo com a Profa. Estela, o seu pai Sr. Mario Manchini (21/05/1919-30/10/2006), em vida, sempre contava para seus filhos as histórias da sua primeira escola e da sua primeira professora, a escola na garagem e a Profa. Luiza. Também gostava de apontar as crianças na fotografia.

Profa. Estela: Contava que a primeira escola funcionava em uma garagem. Não havia ninguém para dar aulas, se juntavam nesta garagem para estudar sob a regência da tia Luiza. Improvisaram mesas e algumas cadeiras e até tocos de árvore. Essa garagem se localizava na casa do pai dele o Sr. Mathias Manchini, onde ele mantinha uma Casa de Comércio (mercadinho) que, na época, ficava na saída da fazenda do Alto Cafezal, em direção à Marília. Também era perto da casa do velho Montovanelli e da fazenda dos Fabretti (onde é hoje a esquina da Rua do Sul com a Av. Faustina). Ele reconhecia alguns de seus irmãos na fotografia [Figura 1], suas primas e os filhos do Popofe, Nicolau e Natália, grandes amigos. Estes últimos, pertenciam a uma família

originária da Rússia, fugindo do comunismo. Moravam numa chácara, ali próximo. Tinham ainda vários descendentes de japoneses também de famílias tradicionais e conhecidas hoje da cidade. Ele aparece com 08 anos aproximadamente, em pé, ao centro da foto, com paletozinho escuro e camisa branca por baixo com colarinho, dizia que já sabia ler. Aprendeu na escola com a Tia Luiza. (ENTREVISTA 4 – Profa. Estela, Garça-SP, 04/09/2019).

Nessa memória trazida pela Profa. Estela das narrativas do seu pai, se pode identificar que esta reunião de crianças com a professora sem formação de normalista, identificava-se com a organização de uma Escola, carteiras e cadeiras, mesmo que improvisada, material escolar e disciplina para a aprendizagem das primeiras letras. No entanto, sem a seriação de uma Escola Graduada, assemelhava-se mais às Escolas Isoladas.

Ao retornar à fotografia da Figura 1, vale ressaltar que mesmo se tratando de uma escola informal, em uma garagem, com uma professora “rábula”, a organização das crianças para a pose da fotografia mencionada mostra a similaridade com imagens de uma escola formal, pois as crianças foram organizadas por ordem de tamanho, conforme se verifica na fileira na qual estão em pé. Também todos estão arrumados, os meninos de paletó, as meninas de vestidos, com cabelos bem penteados. Pode-se inferir, pelas poses, que houve uma solicitação de mostrar ordem, organização, visto as crianças que estão em pé apresentarem os braços estendidos e as que estão sentadas, os braços cruzados. Outra análise é a separação por gênero: fileira de meninos, fileira de meninas, apesar de na primeira fileira, na qual as meninas estão sentadas, ter um menino bem pequeno, e como lembrou a Sra. Madalena, ela, com apenas dois anos, estava mais preocupada em mexer na terra, no matinho do que fazer pose para a fotografia. A Profa. Luiza também se mostra em pose imponente e bem arrumada, provavelmente com a intenção de mostrar a importância da sua função. Desse modo, a escola na garagem apresentava indícios de uma cultura escolar, com os ritos de uma escola, possivelmente assimilada da escolaridade da Profa. Luiza que a reproduziu na “Escola na Garagem”.

Sobre a Profa. Luiza, considerada pela família como a primeira professora do município de Garça SP, mesmo sem a formação, o Sr. João Chaves destacou:

Sr. João Chaves: A Luiza era uma mulher de muita paciência, ensinou tantas crianças diferentes, mas não seguiu como professora, depois que teve o grupo escolar já vieram professoras de fora e as crianças foram para lá. Eu mesmo comecei lá no grupo escolar. A Luiza se casou e foi cuidar dos seus filhos. Para nós, ela foi a primeira professora, mesmo sem formação, já o Caio fala que a primeira professora foi a mãe dele. (ENTREVISTA 2 – Sr. João Chaves, Garça-SP, 04/09/2019).

Mesmo o Sr. João Chaves relatando, como se observa no excerto acima, que há controvérsias sobre quem teria sido a primeira professora de Garça-SP, é possível inferir que de acordo com os relatos orais apresentados e analisados, a escola na garagem foi uma maneira de atender a demanda de uma pequena sociedade que se iniciava ainda como Vila, em 1925, como mencionado. Nesse período, imigrantes italianos e japoneses e até russos, instalaram-se na Vila, tanto no Patrimônio Labienópolis como no Ferrarópolis e nas terras do Cel. Antônio Carvalho de Barros, chamada de Barrarópolis. No entanto, é no Patrimônio Labienópolis que se tem o início de um povoado e é neste local que começa a “Escola” na garagem do Sr. Matias. Assim, se tem a constituição do pequeno vilarejo e a necessidade para se consagrar, nesta região, um fundador do município.

Ao retornar à escola na garagem do Sr. Mathias, vale ressaltar que esse senhor e a sua família vieram para este vilarejo por solicitação do Sr. Labieno, que como mencionado na introdução, tinha disputas políticas com Cel. Joaquim Barros e com Carlos Ferrari. Os três, em períodos distintos, instalaram-se em terrenos opostos e eram grandes proprietários de terras na região que seria o município de Garça-SP. Outras famílias também se instalaram no pequeno povoado ao redor da casa do Sr. Labieno e do outro lado também foram se formando os pequenos povoados que despontavam. Havia famílias e crianças, além das várias propriedades rurais que se formavam tanto dos grandes cafeicultores como dos pequenos sitiantes, em sua maioria, japoneses.

Conforme observado na fotografia da Figura 1, era um grupo de crianças, no entanto, de acordo com os registros nos documentos históricos, havia muitas outras famílias com crianças que não estavam na “Escola da Garagem”.

De acordo com as memórias do Sr. João Chaves, havia a “Escola na Garagem” e em algumas fazendas, como a que ele morava, uma escola construída e mantida pelo dono da fazenda, inclusive como pagador do salário da professora, e na mesma classe estudavam alunos de mais de uma série, chamada de classe multisseriada. Apesar de tal afirmação, o Sr. João Chaves salientou que Caio Celso sempre dizia que a primeira professora de Garça foi a mãe dele, ela dava aula em uma salinha no prédio que depois foi a Prefeitura, entretanto a “Escola na Garagem” começou antes. (ENTREVISTA 2 – Sr. João Chaves, Garça-SP, 04/09/2019).

É na voz do Prof. Caio, normalista, professor e, posteriormente, advogado, que identificamos outra professora, nomeada pela Prefeitura Municipal de Garça-SP para dar aula em uma sala para algumas crianças, antes de ficar pronto o prédio do Grupo Escolar.

Prof. Caio: Minha mãe, Maria Nogueira de Almeida, que foi a primeira professora de Garça no alvorecer de sua fundação. Não lhe posso afirmar com precisão. Meus avós, por parte de mãe, Antônio Augusto de Andrade Nogueira e Maria de Carvalho Nogueira, vieram para Garça nos fins de 1926. Garça era simplesmente uma Vila, sendo elevada a município em 28 de dezembro de 1928. Antes da construção do Grupo Escolar, segundo a minha mãe, foi criada uma classe primária onde ela lecionou. O lugar onde estava instalada não sei. Depois da criação do município, em 1928, foi criada pelo meu avô, Antônio Augusto, então prefeito eleito, a Escola Municipal Reunida, onde ela continuou a lecionar pela prefeitura até 1931, quando se casou. Minha mãe não era professora de formação. Fez o grupo escolar em Ouro Fino, estado de Minas Gerais, o ginásio e o colégio num internato famoso de Itu, interior de São Paulo, pertencente a uma Congregação de Freiras. Como a precariedade e a falta de professores era uma realidade naqueles tempos, considerando a sua formação, foi contratada, nomeada para lecionar na escola primária. (ENTREVISTA 5 – Caio, Garça-SP, 29/03/2020).

No excerto do relato do prof. Caio, é possível identificar que mesmo antes da construção da primeira escola oficial, havia um local específico para atender uma parte da demanda educacional que se anunciava. Esse local foi lembrado pelo Sr. João Chaves como sendo uma sala no prédio da Prefeitura Municipal e pelo Prof. Caio como sendo algum lugar onde a sua mãe dava aula e foi nomeada Professora logo que o seu avô assumiu a Prefeitura do município de Garça-SP.

A Escola Municipal Reunida a qual o Prof. Caio se referiu é identificada nos documentos como Grupo Escolar de Garça.

Assim, é possível afirmar que mediante as análises dos relatos apresentados até o momento, identifiquei que de um lado da Vila se erguia uma Escola, não oficial, funcionando em uma garagem de uma casa de um “amigo” do Dr. Labieno da Costa Machado, o Sr. Mathias Manchini, sendo a sua sobrinha a professora e do outro lado, assim que a Vila é constituída município, uma classe primária foi criada e uma professora nomeada pela Prefeitura, a Profa. Maria Nogueira de Almeida. Ambas com formação secundária, mas não a de normalista; enquanto uma, por não ser oficial, é reconhecida como “rábula”, a outra, como nomeada, é reconhecida como “professora”. Ambas as t não seguiram como professoras, casaram-se e foram ser mães e esposas. Como afirmou Prof. Caio: “De uma coisa tenho lembrança, minha mãe era extremamente culta e foi quem, com meu pai, ajudou em minha criação.” (ENTREVISTA 5 – Caio, Garça-SP, 29/03/2020).

Tanto a Escola na Garagem quanto a Escola na sala da Prefeitura, apresentavam modelos de escola, como o agrupamento das crianças, as tarefas, tempo de funcionamento, mas não atendiam a maioria das crianças que estava na zona urbana.

2.2 Encontro com os espaços escolares: Grupo Escolar, Ensino Primário e Jardim da Infância

Os modelos de escolas apresentadas nas memórias dos entrevistados, o agrupamento na garagem e a salinha no prédio da Prefeitura Municipal, não seriam suficientes para o atendimento da demanda escolar que se apresentava no pequeno e recente município.

Sendo assim, o município teve o seu primeiro Grupo Escolar no ano de 1929 que posteriormente se expandiu, no ano de 1949, com um novo prédio e uma sala denominada Jardim da Infância. Concomitante com o funcionamento do Grupo Escolar, no início dos anos de 1940, outra escola primária se estabeleceu no município, a “Escola Particular Santo Antônio”, ministrada pelos padres e assumida, posteriormente, no ano de 1949, pelas freiras da Congregação Franciscana- Associação Brasileira das Franciscanas de Agudos que inauguraram uma creche com um Jardim da Infância e Escola Primária em um outro local.

Mediante a institucionalização da escola, foi possível identificar nos relatos das memórias dos (as) entrevistados (as), nas fotografias e nos documentos, alguns aspectos como: o perfil dos professores; a valorização da escola pelos familiares; as condições socioeconômicas; a organização da escola e a cultura escolar como o uniforme, os materiais, os rituais, a seriação; o ensino e a aprendizagem mediados pelos saberes dos (as) professores (as).

“Comecei no Grupão [...] Comecei no Grupinho [...]”. Assim iniciaram os relatos de alguns entrevistados (as) que começaram a escolaridade no primeiro Grupo Escolar do município.

A construção e institucionalização do Grupo Escolar no município de Garça-SP, deu-se em consonância com os ideais que pautaram a institucionalização dos grupos escolares no país, mais especificamente no estado de São Paulo. Tais ideais, fundamentados nos princípios republicanos de elevar a instrução pública como obrigação da nação por meio de uma educação pautada na alfabetização, na incorporação da disciplina, do civismo e da higiene, visavam promover o desenvolvimento social, econômico, o progresso e a modernidade.

Os Grupos Escolares, como a escola primária graduada, apresentavam características similares, como a organização dos alunos por nível de conhecimento e idades em classes seriadas, várias classes no mesmo prédio escolar com um professor para cada classe, aprovação ou retenção de acordo com a aprendizagem do aluno verificada por

avaliações, sistematização dos conteúdos por série, calendário letivo com ordenação do tempo e jornada escolar. Para este modelo de escola, fez-se necessária a função do diretor para garantir tal funcionamento bem como de outros funcionários para atuar na limpeza, na fiscalização da disciplina e na documentação.

Os edifícios dos Grupos Escolares também seguiam um padrão: possuíam características monumentais e eram projetados para ter destaque como locais de propagação da educação e dos saberes e ao mesmo tempo para atender o modelo educacional que necessitava de espaços adequados para a mobília, pátios e entradas divididas para meninos e meninas.

No entanto, apesar do padrão estabelecido, cada Grupo Escolar se constituiu com as suas especificidades, com práticas e culturas escolares, de acordo com os espaços.

No município de Garça-SP, no ano da mudança de vila para município, em 1929, mediante a necessidade de uma escola formal, o Sr. Antônio Carvalho de Barros doou uma parte de suas terras para construção de uma escola, o primeiro Grupo Escolar denominado Grupo Escolar de Garça “Júlio Prestes”. Esse Grupo funcionou nesse local até o ano de 1945, quando foi transferido para um prédio maior, em uma área próxima, em terreno também doado pela família Barros.

Sobre a construção do primeiro Grupo Escolar o Prof. Caio, relatou:

Prof. Caio: De quando meus avós aqui chegaram, meu avô, político, já se preocupando com os problemas da cidade e com a previsão da criação do município, considerando a influência do Dr. Labieno da Costa Machado, contraria aos interesses e, juntamente com o Sr. Antônio de Carvalho de Barros que deu o terreno e financiou, construíram o nosso grupinho, hoje o museu. Esse empenho tinha não só o objetivo de criar uma escola, assim como se fazer ali a coleta de votos das eleições, o que realmente aconteceu. O Dr. Labieno queria que a eleição se processasse no Patrimônio de baixo, hoje o bairro Labienópolis, onde ele poderia industrializar a votação. (ENTREVISTA 5 – Caio, Garça SP, 29/03/2020).

O primeiro grupo escolar, lembrado pelo Prof. Caio como “grupinho” recebeu o nome de Júlio Prestes, indicado pelo doador do terreno como uma forma de homenagear o candidato paulista Júlio Prestes de Albuquerque,⁶ durante as eleições presidenciais de 1930. No entanto, somente no início, não sendo mais identificado nas fotografias do prédio, nem nos registros dos documentos que se referem ao Grupo Escolar a referência ao nome “Júlio Prestes”.

⁶ Último presidente do Brasil eleito durante período conhecido como República Velha, mas não assumiu o cargo impedido pela Revolução de 1930.

Figura 2 - Primeira Escola do município de Garça-SP- Grupo Escolar “Júlio Prestes”, 1929



Fonte: Acervo do Museu Histórico Pedagógico Garça-SP

A propósito, mediante o relato do Prof. Caio, o seu avô, primeiro prefeito no município era aliado ao Sr. Antônio de Carvalho de Barros, ambos filiados ao Partido Republicano Paulista- PRP, que apoiava o candidato Júlio Prestes do mesmo partido à presidência da república, enquanto o Sr. Labieno da Costa Machado, era do Partido Democrata Paulista que apoiava o candidato Getúlio Vargas⁷- Aliança Liberal-PL.

Assim, a localização da construção da primeira escola do município se deu por disputa política para “industrial” os votos para presidente como lembrou o Prof. Caio, mas também para a enaltecer a educação e a Instituição Escolar como lugar de progresso do município e da nação.

Sobre o período do funcionamento desse Grupo Escolar, o Sr. João Chaves relatou que os alunos não moravam somente na cidade, mas vinham também das fazendas. Os alunos que vinham das Fazendas eram transportados por jardineiras e os custos bancados pelos seus pais que tinham 50% de desconto nos bilhetes. Assim foi o início da sua escolaridade, por volta de 1933. Também relatou que as classes eram mistas com meninos e meninas. O prédio era composto de um andar térreo e um superior, tendo quatro classes em cada, num total de oito classes que tinham até quarenta alunos cada, as professoras vinham de outros municípios, algumas tinham familiares na cidade, outras ficavam em pensões. (ENTREVISTA 2 – Sr. João Chaves, Garça-SP, 04/09/2019).

⁷ Mediante a Revolução de 1930 assumiu no Brasil a Chefia do Governo provisório até 1934 quando foi eleito presidente por uma Assembleia Constituinte.

Figura 3 - Alunos e alunas no Grupo Escolar de Garça-SP



Fonte: Acervo do Museu Histórico Pedagógico Garça SP

As duas fotografias, das Figuras 2 e 3, demonstram a primeira escola formal, ou seja, o primeiro Grupo Escolar no município de Garça-SP. É possível identificar os indícios e as evidências do passar do tempo mediante as alterações no prédio e em seus arredores do prédio. Na Figura, 2 vê-se ao fundo várias árvores, enquanto na Figura 3 já é possível observar uma outra construção no mesmo local. A fotografia da Figura 3 indica um evento, visto as poses, a quantidade de crianças que nos leva ao entendimento de que todos os alunos estariam naquele momento, como uma necessidade de registrar e marcar a existência do Grupo de Escolar, do início da Escola Primária, assim como o atendimento a muitos alunos e alunas, mostrando o acesso das camadas populares. No entanto, nota-se que nem todas as crianças estão uniformizadas, mas, pareceu-me que a intenção era o registro das crianças, considerando que elas foram dispostas em frente ao grupo de pessoas que estão ao fundo. Importa ressaltar a pintura com o nome da escola: “Grupo Escolar de Garça”, sem constar o nome do Grupo e o não registro da data.

Outra lembrança do início do Grupo Escolar, encontrei na fotografia, na Figura 4 adiante, também cedida pela Profa. Estela. Ela relatou que de acordo com as memórias do seu pai, assim que se instalou o “Grupo Escolar Júlio Prestes”, a “Escola na Garagem” acabou e as crianças foram para esse grupo, inclusive o seu pai, o Sr. Mario Manchini, que aparece na fotografia com o rosto rasurado. Ele contava que fez essa rasura na fotografia por se achar feio e orelhudo.

Figura 4 - Turma do 1º ano de 1929 no Grupo Escolar “Júlio Prestes”. Na primeira fileira, sentado e com rosto “rasurado”, o Sr. Mario Manchini.



Fonte: Acervo pessoal da autora-fotografia cedida pela Profa. Estela Mancini.

Mediante a institucionalização escolar, fazia-se necessária a atuação de professores. Ao voltar o olhar para a fotografia da Figura 3, podemos inferir a presença de algumas professoras, pois estão próximas às crianças. E na fotografia da Figura 4, duas professoras estão ao lado do grupo de crianças que se apresentam uniformizadas e com poses determinadas. A maioria delas com os braços cruzados, mas algumas com outras poses. A separação de meninos e meninas também está bem evidente: fileira de menino, fileira de menina. Uma fotografia típica para registrar uma determinada turma de alunos e alunas da década de 1930.

O Grupo Escolar deu continuidade ao atendimento do Ensino Primário passando por situações diversas:

Profa. Wilma: Morávamos na fazenda e viemos para Garça, por volta de 1937, e depois, no ano seguinte fui para o Primário, mas eram duas salinhas, lá onde foi à Delegacia de Ensino. Depois, no terceiro e quarto ano, que fui para o Grupo Escolar, chamávamos de Grupo do Sr. Sr. Otávio Franho; era um senhor bem clarinho dos olhos azuis, era o diretor. (ENTREVISTA 6 – Profa. Wilma, Garça-SP, 10/09/2019).

O Grupo Escolar de Garça, nesse momento, não era vivido pelos alunos e comunidade como uma Escola pública, mas como uma escola de alguém, de uma pessoa, representada pelo diretor que assumia um papel de autoridade, como um “dono” da escola.

Sobre as salinhas a Profa. Wilma lembrou:

Profa. Wilma: Era uma sala de aula, com carteiras duplas de meninos e meninas, mas para sentar-se somente, meninas com meninas e meninos

com meninos. Era fila para entrar, usávamos um livro que os pais comparavam e levávamos o nosso lanche. Eram poucos alunos. Era professora que não me lembro o nome, mas muito boa, mas tínhamos que ter muita disciplina. (ENTREVISTA 6 – Profa. Wilma, Garça-SP, 10/09/2019).

As duas “salinhas” lembradas pela Profa. Wilma faziam parte do Grupo Escolar, conforme relatou o Prof. Sergio.

Prof. Sergio: Comecei o primeiro ano no Grupinho, em 1938, o primeiro Grupo Escolar de Garça, tínhamos todos os deveres que alunos tinham que ter: ir de uniforme, limpo, asseado, se comportar na hora da aula e brincar na hora do recreio. Quando cheguei no segundo ano, avisaram que o prédio estava ruim, as paredes trincadas e iam reformar, então a minha classe foi para um barracão, que era um armazém, e foi adaptado para a classe, ficava no centro, onde hoje [2020] é o Banco do Brasil. Outras classes não sei para onde foram. Nesse barracão fiz o segundo e terceiro ano. (ENTREVISTA 7 – Prof. Sergio, Garça-SP, 29/08/2019).

Apesar da construção recente, o prédio mostrava precariedade, por isso os alunos foram remanejados para outros lugares. Como a Profa. Wilma relatou, iniciou o primeiro ano na salinha da Prefeitura Municipal no mesmo ano em que o Professor Sergio fazia o segundo ano na classe que funcionava em um barracão.

Os alunos retornaram para o prédio do Grupo Escolar, em 1940, a Profa. Wilma para cursar o terceiro e quarto ano e, o Prof. Mario, neste ano iniciou a sua escolaridade, apresentando em suas memórias um recorte de alguns aspectos do cotidiano do Grupo Escolar:

Prof. Mario: As professoras eram rígidas, mas ao mesmo tempo acolhedoras. Não se ouvia barulho na hora das aulas, eram meninos e meninas juntos fazendo as lições. O que se ouvia era só o barulho do assoalho quando um levantava com a permissão da professora. Já na hora do recreio podia brincar, correr, tinha espaço de terra, na volta, todos tinham que ficar quietos para a aula. Sempre fila para tudo. As classes eram lotadas, nos dois andares e nos dois períodos, mas nem todos eram aprovados. (ENTREVISTA 1 – Prof. Mário, Garça-SP, 29/08/2019).

Nas memórias do Prof. Mario, as professoras se apresentavam como exigentes, mas acolhedoras. O entrevistado completou que o acolhimento se referia à atenção dada aos alunos, a exigência da disciplina que significava ficar quieto, prestar atenção às explicações das professoras e realizar as tarefas que fossem solicitadas e que apesar das classes numerosas, nem todos eram aprovados. Os alunos que não conseguiam aprender, as professoras tentavam ensinar, explicavam, mas sempre do mesmo jeito. Na continuidade de suas lembranças, o Prof. Mario citou que havia muitas exigências para frequentar o Grupo Escolar, o uniforme por exemplo, teria que ter pelo menos dois, pois como brincavam muito

no chão de terra do pátio, sujavam-se e as professoras não admitiam sujeiras, queriam todos limpos e asseados. Quanto ao material, os pais tinham que comprar. Tinha que ter muita atenção para aprender, por isso muitos colegas desistiram e foram trabalhar na roça de café com os pais. (ENTREVISTA 1 – Prof. Mário, Garça-SP, 29/08/2019).

A Profa. Nilma, apresentou em suas memórias o seu primeiro encontro com a escola, também no primeiro Grupo Escolar que se apresentava como um espaço para aprender e cumprir as regras de se sentar com as meninas, fazer as lições e obedecer à professora e ainda o compromisso de passar de ano, pois os seus pais exigiam que estudasse, diziam que a prioridade seria o estudo e tinham que se formar. (ENTREVISTA 8 – Profa. Nilma, Garça-SP, 18/07/2020).

A propósito, os entrevistados (as) até aqui apresentados (as) foram unânimes nas memórias em relação aos pais, que valorizavam e obrigavam ao estudo e providenciavam tudo o que era necessário para que cursassem o ensino primário, sempre com o discurso de que deveriam continuar e deveriam se formar.

Apesar da quantidade de crianças apresentadas na Figura 3, nem todas conseguiam concluir o ensino primário, seja pelo modelo de escola exigente, como citou o Prof. Mario, sejam pelas condições socioeconômicas familiar que exigiam o trabalho da criança ou mesmo pela falta de condições na providência dos materiais, uniformes, transporte, dentre outros.

Assim, é no Ensino Primário do primeiro “Grupo Escolar de Garça”, que se iniciou a trajetória de alguns professores garcenses, como da Profa. Wilma, Prof. Sergio, Prof. Mario e da Profa. Nilma que encontram com a organização de uma escola, na qual os alunos eram organizados por classes em níveis de seriação, com um professor ou uma professora por classe, com tempos de entrada, recreio e saída, sempre com fila, aulas expositivas e explicativas com utilização de livros e cartilhas, cumprimento das tarefas pelos (as) alunos (as), aprovação e reprovação.

Outra professora entrevistada iniciou sua escolaridade em outra escola. Trata-se da Profa. Jane, que nesse mesmo período da trajetória da escolaridade da Profa. Wilma, fez o primário em um internato localizado em outro município. Além dela, outras famílias com poder aquisitivo adotavam a mesma iniciativa: enviar os filhos para estudarem em internatos. (ENTREVISTA 9 – Profa. Jane, Garça-SP, 02/09/2019).

A Professora Maria Helena, já em meados de 1950, lembrou do seu primeiro encontro com a escola na Fazenda dos Ingleses⁸ pertencente à Gália-SP, um município vizinho do município de Garça-SP. Apesar de ser zona rural, devido a especificidade dessa fazenda que tinha características de uma cidade, a escola era considerada como Grupo Escolar.

Profa. Maria Helena: Meu pai era escriturário na Fazenda dos Ingleses. As crianças da fazenda iam para a escola assim que fazia os sete anos, e eu também fui. Era um Grupo Escolar, as classes eram separadas por série, a organização das salas com carteiras e cadeiras sentando meninos separados das meninas, uma professora para cada classe, livros, não precisava comprar, tinha na escola, hora de recreio com sopa e, sempre a lição de respeitar e obedecer a professora. A educação e a cultura eram muito valorizadas pelos Ingleses, então tínhamos os livros e ainda uma grande biblioteca na própria fazenda. Meus pais também faziam questão do estudo e leitura. Tinha cinema, teatro e íamos com os pais, e na igreja também. Ah, também o uso do uniforme era obrigatório, igual da cidade mesmo, camisa branca e saia azul marinho. A alfabetização era com livro e na silabação, b com a igual a ba. Quando terminei o quarto ano, teve uma festa e já era a nossa despedida, pois a fazenda tinha sido vendida. Fomos para o Rio de Janeiro, meu pai foi trabalhar para os Ingleses no Frigorífico Anglo, só depois voltamos para Garça. (ENTREVISTA 10 – Profa. Maria Helena, Garça-SP, 3/09/2019).

No relato da Profa. Maria Helena, identifica-se uma escola na zona rural, mas era um Grupo Escolar comendo com outras instituições de lazer e religião, com destaque para o que ficou na memória da professora como aluna e criança, a valorização da educação e cultura tanto pela família como pelos responsáveis pela Fazenda, o que propiciava a ela e a sua família assistir à filmes e à peças teatrais. Visto o pai ser escriturário, a leitura de livros e jornais era presente na casa.

Os outros professores entrevistados também iniciaram a sua escolaridade no Grupo Escolar, que se tornou conhecido como “Grupão”, ou em outro Grupo Escolar chamado de “Grupinho”. Os dois Grupos Escolares são apresentados a seguir como lugares praticados pelos agentes professores (as) e alunos (as) e com as suas organizações escolares caracterizando a cultura escolar dos períodos dos encontros ocorridos pelos entrevistados (as).

⁸Fazenda denominada São João do Tibiriça, conhecida como Fazenda dos Ingleses, teve a sua existência entre os anos de 1927-1954. Pertencia a empresa inglesa Brasil Warrant. A fazenda possuía uma vasta área de 2.500 alqueires e predominava o plantio do café. Também havia a produção de sementes de algodão, milho e fábricas de: pinga, cal, farinha de mandioca, fio de seda. Um moinho de milho e uma serraria. Os trabalhadores com suas famílias residiam na fazenda, sendo a média de 3.000 pessoas residentes. A fazenda comportava além do trabalho, lazer, educação e religião, por meio do cineteatro, salão de baile, biblioteca, campo de futebol, Grupo Escolar e Igreja. A fazenda foi vendida em 1954 e, dividida o que obrigou a dispersão dos moradores.

2.2.1 Grupão, grupinho e a organização escolar

O pequeno “Grupo Escolar de Garça” não era mais suficiente para atender as famílias das crianças em idade escolar. Para atender a esta demanda, no ano de 1939, a família Barros fez a doação de um outro terreno, na Avenida onde ficava a sua residência, no qual construiu-se um Grupo Escolar de arquitetura suntuosa, típica das construções desse período, inaugurado no ano de 1948. Esse Grupo Escolar foi denominado Grupo Escolar “João Crisóstomo”.

Figura 5 - Novo Prédio do Grupo Escolar “João Crisóstomo” (1948)



Fonte: Museu Histórico Pedagógico de Garça SP

Mas, tanto os entrevistados quanto os outros garcenses que vivenciaram o período, falam com tristeza que o patrono escolhido não tinha vínculo com o município, nunca esteve na cidade e que tal escolha ocorreu na Assembleia Legislativa de São Paulo.

O prédio antigo do primeiro Grupo Escolar continuou funcionando com o curso primário, pois o então prédio novo do Grupo Escolar “João Crisóstomo” não comportava todos os alunos. Assim, o prédio antigo passou a ser chamado de Grupinho e o novo de Grupão.

Após algum tempo, foi construído um prédio para o segundo Grupo Escolar, no bairro Labienópolis. Os alunos que ali moravam passaram a frequentá-lo e o prédio do primeiro Grupo Escolar de Garça não mais foi utilizado para este fim. Esse segundo Grupo Escolar, localizado no bairro Labienópolis, recebeu o nome de Profa. Maria do Carmo Pompeu Castro, mas continuou a ser chamado de “Grupinho”.

A Profa. Mariza começou o primeiro ano no Grupão, no ano de 1949 e lembrou que o que ficou marcado nesse primeiro encontro com a escola foi a organização e a disciplina.

Profa. Mariza. Aquele prédio de dois andares, as crianças se dividiam no andar térreo e superior, subiam e desciam em fila! Ninguém saía correndo. Cadernos e livros bem encapados e o maior respeito às professoras. Fiz o primeiro e segundo ano. Meu pai era gerente da Casas Pernambucanas e foi transferido para o Rio de Janeiro, onde fiz o terceiro ano e no final do 4º ano voltamos para Garça SP. Meu pai e minha mãe sempre valorizavam e primavam pelos estudos, então minha mãe me matriculou novamente no Grupão, mas quando viram meu boletim, as minhas notas já estavam mais do que os exames e então nem precisei frequentar. (ENTREVISTA 11 – Profa. Mariza, Garça-SP, 06/09/2019).

No relato apresentado, a ordem dos alunos no espaço da escola e a organização do material surgiram como o que a impressionou, o que ficou na sua memória. Apresenta um aspecto da organização escolar referente à avaliação, que era mensurada por notas, e para a aprovação deveria ter uma somatória estipulada. Naquele final de ano, ao atingir a nota necessária para a aprovação, a Profa. Mariza não precisou frequentar a escola. Caso não tivesse atingido a nota, deveria frequentar a escola e fazer os exames.

O “Grupão” também foi a primeira escola onde a Profa. Vera iniciou os seus estudos.

Profa. Vera: Fiz todo o primário, do primeiro ao quarto ano no Grupão, Grupo Escolar João Crisóstomo. Minha família não era rica, não tínhamos posses, mas meu pai e minha mãe, eram leitores! Havia livros, revistas e jornais em casa, valorizavam muito os estudos e meu pai gostava de música, tocava violão! As professoras no Grupão eram muito exigentes e havia muita disciplina. Para continuar no secundário tinha que fazer o exame de admissão que era muito difícil, então, no segundo semestre do quarto ano, eu ficava depois da aula e tinha aula de História e Geografia com a Profa. Doralice e Língua Portuguesa e Matemática com a Profa. Lurdes Água. A matéria era conteúdo que cairia na prova de admissão para o Ginásio. (ENTREVISTA 12 – Profa. Vera, Garça-SP, 12/09/2019).

Nas memórias da Profa. Vera sobre o primeiro contato com a escola, destacou-se a importância que a sua família dava ao estudo, tanto que ainda é evidente a preparação que tinha que fazer, ainda no primário, para a continuidade dos estudos no secundário e ser aprovada no “Exame de Admissão” sobre o qual falaremos posteriormente neste capítulo. A Profa. Vera ainda destacou que livros e música já faziam parte de sua formação antes do ingresso na escola, completando que as leituras e músicas eram a diversão da família que se reunia para ler e cantar.

Nas memórias da Profa. Nancy, irmã da Profa. Vera, o seu contato com a escola se deu no início da década de 1960 e o Grupão e o Grupinho fizeram parte do início da sua formação escolar.

Nos seus relatos, destacou que quando completou seus sete anos, morava no bairro Labienópolis, mas o prédio do Grupinho ainda não havia sido construído, por isso foi

estudar no Grupão, situado no bairro Ferrarópolis. Para tanto, atravessava os trilhos da Companhia Paulista da Estrada de Ferro.

Profa. Nancy: Levei comigo a ideia de que professora e professor eram para ser muitíssimo respeitados. “Vai, filha!! Vai para a escola e respeita sua professora. Olha lá. Não quero reclamação! Não é todo mundo que pode estudar!!!aproveita a oportunidade!” E lá eu ia, período da tarde, uniforme limpinho, saia azul marinho pregueada que ia até o meio da canela, camisa branca com o número de listrinhas correspondente a série em curso, costuradas no bolso. Meia branca, que era lavada todo dia e sapato de sola de pneu, feito pelo seu Nagib, sapateiro que morava perto de casa. (ENTREVISTA 13 – Profa. Nancy, Garça-SP, 06/05/2020)

Logo no início do relato já se evidencia a importância dada pela família, representada pela mãe, aos estudos e principalmente à professora, como aquela que detinha o saber e deveria ser valorizada, pois nem todos tinham a oportunidade de estudar. A oportunidade de estudar novamente surge nas memórias da Profa. Nancy, o que faz recordar-nos do relato do Prof. Mario no qual dissera que as exigências da escola levavam ao abandono dos alunos mais pobres.

Na continuidade das memórias da Profa. Nancy, o uniforme continuava como parte da cultura escolar, no entanto, não era somente o uso, mas todo um significado de asseio, ordem, identidade e evolução. O uniforme limpinho, as meias lavadas todos os dias demonstravam a limpeza da aluna, o modelo do uniforme, que era padrão na maioria dos Grupos Escolares, também caracterizava uma ordem e uma identificação de que aquela criança era um aluno, estava em um Grupo Escolar. Vale ressaltar sobre o comprimento da saia das meninas, tinha que ser até a canela, apontando as vestes discretas para as meninas. O solado do sapato de borracha feito pelo sapateiro não era uma escolha da família, mas uma exigência também da escola. Os sapatos tinham um modelo próprio, pois além de compor o uniforme e dar segurança no andar, também contribuíam para manter a limpeza e organização do piso da parte interna do Grupo Escolar que apresentava uma parte de assoalho e outra de vermelhão, ambos encerados. Assim, o solado de borracha evitava quedas, mas também riscos no piso. As listrinhas na camisa do uniforme identificavam a evolução na seriação, uma listrinha significava que o aluno estava no primeiro ano, duas listrinhas no segundo e assim por diante até o final do ginásio.

Outros aspectos do cotidiano escolar, como o material, a aprendizagem memorizada, a disciplina, a separação por sexo masculino e feminino e a saúde do escolar são apresentados nas memórias da Profa. Nancy:

Profa. Nancy: Carregava uma bolsa que meu pai tinha me dado e dentro dela tinha meu caderno, um lápis, uma borracha, a Cartilha que tinha sido usada pela outra minha irmã e que estava na quarta série e, um pedaço de pão com doce de abóbora. O grupo Escolar “Prof. João Crisóstomo”, o Grupão, tão longe e diferente de tudo o que eu conhecia, foi minha escola por dois anos. Partilhei com uma classe, exclusivamente feminina, a Cartilha da Pata Nada. Dona Nadir Lourenço era, minha professora. Da pata, eu não entendia nada. Assim como não entendia, ter que comer o meu pão em sala de aula e só sair da classe para ir ao banheiro ou ir ao dentista, caso ele chamasse. Não dava nem para conversar com a menina que partilhava a mesma carteira que eu e que já tinha até caneta de pena para quando começássemos a escrever a tinta. (ENTREVISTA 13 – Profa. Nancy, Garça-SP, 06/05/2020).

Continua presente no relato da Profa. Nancy a importância dada pela família aos estudos, mesmo com as dificuldades, o pai providenciou uma bolsa para guardar o material e a cartilha reaproveitada, já utilizada pela irmã.

O Grupo Escolar “João Crisóstomo” era, com os seus ritos escolares e disciplinares, um lugar diferente das brincadeiras que até então a Profa. Nancy vivenciara. A sua surpresa ao se deparar com outras crianças com condições econômicas distintas da sua, pois ter uma caneta de pena não era comum, revelava as condições econômicas distintas dos alunos que frequentavam o Grupo Escolar. A maioria das famílias que optava por manter os filhos nos Grupos Escolares, se preocupava somente com o que era exigido e era difícil conforme também apontado pelo Prof. Mario e Profa. Nancy, nem todos tinham esta oportunidade. Sobre a rigorosa disciplina relatada com relação à saída das alunas da sala, o momento do recreio era apenas para comer, não era para brincar. Ela declara não entender por que tinha que ficar na sala para comer. São nas memórias da Profa. Estela, descritas posteriormente, que foi possível identificar que somente saiam da classe para o recreio os alunos que iam comer a merenda escolar.

Também nesse relato da Profa. Nancy, se identificou que havia no Grupo Escolar um dentista. O gabinete dentário fazia parte das dependências da escola desde o projeto de construção, com influência da política higienista visava a prevenção e tratamento na expectativa de se ter adulto saudável e com bons hábitos de higiene.

Sobre a aprendizagem da leitura, a Profa. Nancy destacou a falta de significado e um aprendizado pautado na memorização. Na continuidade das suas memórias lembrou que no ambiente familiar a leitura era comum, pois recebiam semanalmente essa revista.

Profa. Nancy: Até conseguia reconhecer as letras e pronunciar o nome de um periódico semanal chamado Seleções do Roger Digest – “Se-le-... tropeçava no “ções”, mas ia em frente e acabava recebendo palmas e elogios da família que orgulhosamente a reconhecia como uma menina inteligente. Essa menina passou a decorar a pata pa, nada na; fazia

cópias com letra linda e conseguiu ser aprovada no primeiro ano de grupo. (ENTREVISTA 13 – Profa. Nancy, Garça-SP, 06/05/2020).

A Profa. Nancy salientou que esta diferença entre a leitura de sua casa, incentivada pelos pais, e a leitura ensinada na escola, não se relacionava com o que a sua mãe dizia, que a escola seria, a continuidade da sua casa, e assim no segundo ano foi reprovada. Coincidiu que no ano seguinte, o Grupo Escolar, localizado no bairro onde residia, ficou pronto e se transferiu para este Grupo conhecido como Grupinho. No Grupinho, as crianças eram mais pobres, mas as professoras tão exigentes quanto as do Grupão, meninos e meninas separados, mas havia uma diferença elucidada nas suas memórias:

Profa. Nancy. Eu nem me mexia na carteira, mas corria feito louca no recreio de meia hora. Eu nem precisava mais levar meu pãozinho com doce de abóbora. No recreio tinha sopa, arroz doce, leite com groselha, pão com carne moída. Tudo isso era comido às pressas para não atrapalhar as brincadeiras de roda, amarelinha, pega-pega com as meninas. Só com as meninas. Meninas e meninos não podiam se misturar. (ENTREVISTA 13 – Profa. Nancy, Garça-SP, 06/05/2020).

Apesar das semelhanças, ficaram marcados os momentos do recreio e a merenda. Enquanto no Grupão se fazia necessário levar o lanche, no Grupinho se tinha a cada dia um cardápio diferente e o recreio era o momento para extravasar brincando. A separação dos meninos e meninas, tanto nas classes como no recreio, também ocorria nas duas escolas. Foi neste cenário do primário no Grupinho, no terceiro e quarto ano que a Profa. Nancy lembrou que aprimorou o seu gosto pela leitura.

Profa. Nancy. Dona Maria da Glória Bircol e a querida Dona Lolinha soltaram a minha imaginação e me deixavam voar nas palavras. Elas liam minhas histórias para a classe e, também, encenavam, depois de ensaios exaustivos, as peças de teatro que eu escrevia. Eu era considerada como uma aluna excelente que recebia, todas as vezes, o boletim das mãos do diretor. (ENTREVISTA 13 – Profa. Nancy, Garça-SP, 06/05/2020).

Nos relatos da Profa. Nancy, nas suas vivências de aluna nos dois Grupos Escolares, identificaram-se aspectos referentes à organização da escola que prevalecia há décadas como o uso do uniforme, a disciplina na sala de aula, a aprendizagem por meio da memorização, turmas seriadas e separadas por sexo masculino, sexo feminino, enfim características próprias dos Grupos Escolares, mas se destacou a diferença das práticas das professoras com relação à abordagem da leitura, pois no Grupinho as duas

professoras citadas incentivaram a escrita e inovavam por meio das encenações das histórias escritas pela aluna Nancy.

O orgulho de ser aluna do “Grupinho” surgiu nas memórias da Profa. Nancy, por lá ter uma linda fanfarra com balizas e flautistas, veio-lhe a lembrança de uma das manhãs de setembro, durante a qual acontecia o tão esperado desfile cívico de Sete de Setembro.

Profa. Nancy: Estávamos todos uniformizados e a Fanfarra Mirim arrancava aplausos infindáveis do povo e das autoridades do palanque. Foi lindo!!! Eu usava luvas e era ladeada por quatro coleguinhas, também de luvas e, enquanto o vento tentava me tirar das mãos o auriverde pendão de minha terra natal, eu o sustentava galhardamente sentindo o coração a quer me saltar pela boca. Eu sentia um orgulho extravasante de ter nascido sob o céu deste país, onde tudo era tão belo e me fazia feliz e que me defenderia até mesmo com a própria morte. (ENTREVISTA 13 – Profa. Nancy, Garça-SP, 06/05/2020).

O desfile cívico, um evento que fazia parte da cultura escolar e da cultura do município, era esperado pela população e despertava nos alunos e no público um patriotismo, conforme narrou a Profa. Nancy ao citar o orgulho da sua terra natal e a felicidade de poder carregar a bandeira.

Outras escolas também participavam do Desfile e apresentavam alunos (as) com orgulho de representarem suas escolas e comemorarem a independência do país que era tão estudada nas aulas de História.

Além do “Grupão” e do “Grupinho”, o Grupo Escolar do “Distrito de Jafa”, que pertencia ao município de Garça SP, despontou na década de 1950 e foi espaço do encontro da Profa. Maria Regina com a escola:

Profa. Maria Regina: Eu morava no distrito de Jafa, e o meu primeiro contato com escola foi no primeiro ano no Grupo Escolar de Jafa. Eram poucas classes, do primeiro ao quarto ano no período da manhã e primeiro ao quarto ano no período da tarde. Tinha muito mais meninos que meninas e poucos e nem todos concluíam o quarto ano. A maioria das meninas saía após o terceiro ano, pois havia uma cultura de região agrícola, que recebia muitos migrantes e imigrantes. Então, as meninas iam trabalhar na roça, casar e não precisava terminar o quarto ano, até o terceiro estava bom. Mas eu sempre tive incentivo da minha família! (ENTREVISTA 14 – Profa. Maria Regina, Garça-SP, 04/10/2019).

Também com o incentivo da família para os estudos, a Profa. Maria Regina não fez parte da maioria que não concluía o primário. Naquele vilarejo, como em muitos lugares, a representação da atuação da mulher era para o trabalho na roça, nos afazeres domésticos e, para tal, não seria necessário o estudo, bastava saber ler, escrever o básico e contar, dessa forma, cursar até o terceiro ano era o suficiente. A Profa. Maria Regina

relatou que havia uma cultura agrícola, no entanto, também na zona urbana havia uma representação semelhante de que a mulher não precisaria estudar para trabalhar em fábrica ou para exercer os serviços domésticos como empregada ou esposa.

Em suas memórias de aluna do Grupo Escolar da “Vila de Jafa”, participou da comemoração da elevação de Vila para Distrito de Jafa, por meio do Desfile no qual alunos e alunas do Grupo Escolar marcharam pelas ruas do Distrito.

Figura 6 - Desfile dos alunos do Grupo Escolar de Jafa em comemoração da elevação de vila a Distrito.



Fonte: Acervo da Profa. Maria Regina enviado à pesquisadora.

O desfile mostrava o valor da escola, do Grupo Escolar, como símbolo do progresso do então pequeno vilarejo que passara a Distrito do município de Garça-SP. A Profa. Maria Regina é a primeira criança da esquerda para a direita. Para todos os moradores, era uma conquista Jafa não ser mais Vila, mas como destacou a Profa. Maria Regina, para os alunos era uma honra poder representar a escola e desfilar pelas ruas do novo Distrito exibindo a marcha aprendida com o Prof. Ângelo.

Profa. Maria Regina: No quarto ano do Grupo, um professor marcou muito! Ele foi o único que inovava na metodologia, o professor Angelo! Ele aplicava uma metodologia para que aprendêssemos matemática fazendo um campeonato de rodízio de matemática. Ele tinha confeccionado 100 cartelas de papelão, numerou de 1 a 100, e em cada uma tinha 10 situações problema, problemas relacionados ao nosso cotidiano. Ficavam organizadas no estrondo da porta, era sala de madeira. A gente pegava, resolvia e entregava e ele corrigia e a gente voltava e pegava outra. E assim, em plena década de 1950 eu vivenciei a metodologia de situação problema. Ele levava a turma para o campo de futebol para fazer Educação Física, dava aulas de corrida de saco, modalidades de Olimpíadas. (ENTREVISTA 14 – Profa. Maria Regina, Garça-SP, 04/10/2009).

Nesse relato apresentado pela Profa. Maria Regina, o professor ficou marcado em sua memória pelos seus saberes e atuação, como ela destacou, ele, em meados da década de 1950, já utilizava a metodologia de situações problema, contrário ao que a maioria dos professores (as) ministravam, com aulas de memorização e repetição. Ele fazia pensar e raciocinar a partir do que era significativo para os alunos.

Com relação à disciplina e organização da classe, a Profa. Maria Regina também lembrou o quanto o Prof. Ângelo era diferente. Os outros (as) professores (as) organizavam as fileiras dos meninos e meninas com A, B, C, mas ele dizia que não existia B ou C, todos eram A. Ele separava as fileiras de meninos e meninas, mas na aprendizagem todos eram A, para não discriminar. Também dizia que menina tinha que ter castigo leve e menino o castigo que merece.

Profa. Maria Regina. Eu não parava de conversar na aula, e virava para trás e conversava com a colega da frente. O professor chamava atenção, eu parava, mas dali a pouco, estava eu conversando novamente. Então ele me colocou de castigo para sentar-se na fileira dos meninos, mas aí que eu gostei!! Conversei e conversei com os meninos. No outro dia voltei para a fileira das meninas com muita bronca. (ENTREVISTA 13– Profa. Maria Regina, Garça-SP, 04/10/2009).

A separação de meninos e meninas era tão imbuída no comportamento dos alunos que colocar uma menina na fileira dos meninos ou vice e versa seria considerado um castigo, o que não ocorreu mediante o relato da Profa. Maria Regina que já demonstrava na sua trajetória um comportamento de convivência com a diversidade.

Figura 7 - Formatura do 4º ano da Profa. Maria Regina-1958



Fonte: Acervo da Profa. Maria Regina cedido à pesquisadora.

A fotografia na figura 7 demonstra a importância dada à solenidade da formatura. O Prof. Ângelo está à direita da foto de braços cruzados e bigodes, a terceira a sua esquerda é a Profa. Maria Regina.

Sobre a sua convivência com os colegas, a Profa. Maria Regina se lembrou que durante a sua trajetória encontrou vários deles que desistiram, buscando a continuidade da formação, mesmo que tardiamente, nos cursos de supletivos. Quanto ao Prof. Ângelo, destacou que teve contato até o presente [2019], pois ele era filiado à APASE- Sindicato dos Supervisores de Ensino do Magistério Oficial no estado de São Paulo. Eles se tornaram amigos.

Apesar dos “abandonos” citados pelo Prof. Mario e Profa. Maria Regina, o Grupo Escolar era um local para o começo de uma escolaridade e representava um lugar de destaque e importância na sociedade, conforme mostrava o jornal “Correio de Garça”, de 06 de setembro de 1953, exibindo na página de capa uma manchete na qual se lê: “Garça conta com o maior Grupo Escolar do Estado”. No decorrer da matéria, há o esclarecimento de que é um dos maiores grupos do interior de São Paulo, Grupo Escolar “Prof. João Crisóstomo”, com 40 classes, 1.800 alunos distribuídos em três períodos e 40 professores.

Essa representação de um grande Grupo Escolar, chamado de Grupão, permanece até hoje [2020] na sociedade garcense.

Vale ressaltar que nos relatos apresentados há uma valorização dos estudos pela família, representada pela apresentação da Profa. Nancy com o conselho de sua mãe para valorizar os professores, aproveitar a oportunidade dos estudos e ainda o zelo para com o uniforme e materiais, como símbolos do estudo e dedicação.

O ensino primário representado pelos Grupos Escolares, com os seus ritos, organização e cultura, marcou o início da trajetória escolar dos professores (as) apresentados até aqui a partir da década de 1930. Esses espaços escolares se estenderiam por um tempo e seriam também os lugares praticados dos professores (as) que apresentaram as suas memórias como alunos (as).

Outros (as) professores (as) tiveram o seu primeiro contato com a escola no Jardim da Infância⁹, que teve início no final da década de 1940 no município de Garça-SP, conforme apresentado na sequência.

⁹O termo Jardim de Infância, traduzido do alemão *Kintergarten*, foi criado por Frederico Guilherme Froebel, na Alemanha, para designar a sua Instituição Escolar. Esta terminologia se referia ao ideal educativo defendido por Froebel, na qual por uma analogia, descrevia que a criança como a planta,

2.2.2 O início no Jardim da Infância e as práticas de brincadeiras, histórias desenhos e música

O Grupo Escolar “Prof. João Crisóstomo”, além do Ensino Primário, no ano de 1950, iniciou o oferecimento de uma sala de Jardim da Infância, no entanto, anterior a este início da Educação Infantil no Grupo Escolar, no ano de 1949, outra Instituição começou com turmas de Educação Infantil, era o “Instituto Educacional Maria Leonor”, mantido pela Associação Brasileira das Franciscanas de Agudos. Sobre essa Instituição será falado posteriormente neste capítulo.

Sem a rigidez do Ensino Primário dos Grupos Escolares, o Prof. José, a Profa. Estela, a Profa. Marcia, a Profa. Terezinha e a Profa. Elizabete tiveram encontros com uma escola que ficou marcada em suas memórias pelas brincadeiras, desenhos e músicas

Prof. José: Nasci em 1944, em Garça, minha mãe era servente do Grupo, que inicialmente era Grupo Escolar de Garça, funcionava onde hoje [2020] é o Museu. Depois foi construído o prédio onde é o João Crisóstomo. Acontece que a minha mãe era viúva e ela me pôs para frequentar as aulas no Jardim da Infância, a partir dos cinco anos, 1950, tinha poucas crianças, era no João Crisóstomo. Havia no máximo umas dezoito crianças. Eu frequentei dois anos de Jardim da Infância. Não havia menção ainda à Pré-Escola. (ENTREVISTA 15 – Prof. José Benevides, Garça-SP, 30/08/2019).

Nesse relato do Prof. José, foi possível identificar uma mãe viúva que, em contato com a educação, assumiu ofertar uma formação educacional para o seu filho, proporcionando-lhe o que poucos, naquele momento, teriam acesso: o Jardim da Infância.

Sobre o Jardim da Infância que fazia parte do Grupo Escolar, o Prof. José lembrou que havia poucos alunos, era uma pequena sala no Grupo Escolar “Prof. João Crisóstomo” e as atividades eram de desenho, recortes de figuras, colagem, pintura, cantar.

necessitava de cuidados especiais, como em um jardim as plantas precisam de cuidados para crescerem saudáveis, as crianças pequenas também necessitariam dos cuidados de um professor, como se este fosse um jardineiro. Assim, destinado à criança de 3 a 7 anos, se destacava a importância do seu desenvolvimento físico, moral e intelectual, a educação dos sentidos, a valorização dos jogos, o preparo para escola elementar, o trabalho conjunto entre a escola e a família e a isenção da antecipação do trabalho com leitura. (KISHIMOTO, 1988, p. 52). No Brasil, o início do funcionamento do Jardim de Infância é identificado no final do Império em Estabelecimentos particulares, como a do Rio de Janeiro para atender às crianças da elite carioca. No mesmo período a Escola Americana, protestante e particular ofereceu o Jardim de Infância às crianças de uma elite, enquanto escolas de Jardim de Infância também eram elaboradas, de maneira particular, pelos imigrantes que apontavam a deficiência de um atendimento às crianças nesta faixa etária. Tais escolas, comungavam com os ideários educacionais propagados por Froebel. Kuhlmann (2000), destaca que é a partir do regime republicano que se inicia o processo de expansão das creches, dos jardins-de-infância e escolas maternas em instituições vinculadas aos organismos educacionais e, também à assistência social ou de saúde, destinadas ao atendimento das crianças pobres.

Nesse mesmo Jardim da Infância, a Profa. Elizabete também iniciou a sua escolaridade no ano de 1959. Sua mãe era servente no Grupo, por isso foi facilitada a sua matrícula no Jardim da Infância. Trouxe em suas memórias a questão das diferenças das classes sociais na organização das classes. Para as crianças ricas era uma determinada professora e para as crianças pobres outra professora. Com relação às atividades, lembrou-se que eram mais músicas, histórias e desenhos. Destacou que continuou o primário no Grupão, que também organizava as classes pelas condições sociais, classes dos mais ricos, os que tinham mais condições financeiras e classe dos mais pobres. Lembrou-se que a sua família era muito pobre, mas a mãe muito bem relacionada com as professoras. Trouxe em sua memória uma peculiaridade de sua mãe que a marcaria para sempre: não podia ver criança necessitada, abandonada que levava para a casa, adotava, cuidava como filho e filha. Essa atitude exigiu muito ajuda da Profa. Elizabete, mas a mãe também sempre conseguia os tratamentos e as ajudas das professoras e outros membros da comunidade. (ENTREVISTA 16 – Profa. Elizabete, Garça-SP, 24/09/2019).

A Profa. Estela apresentou em seus relatos a sua ida à escola Grupo Escolar “Prof. João Crisóstomo”, no início da década de 1960, no Jardim da Infância e salientou que a sua ida e da sua irmã à escola foi facilitada por ser próximo de sua casa:

[...] A nossa primeira professora se chamava Profa. Odete Lorenzetti Vollet. Lembro-me bem de sua docilidade e paciência e de que nos dava como atividades de sala de aula muitos desenhos e recortes das revistas que levava. Em meio a estas revistas existia uma que se chamava “O Cruzeiro” onde havia uma *charge* com um personagem que eu adorava. Era “o amigo da onça”, mas confesso que na época, nunca entendi por que tinha esse nome, talvez porque não entendesse o que o chargista quisesse transmitir em seus desenhos publicados na revista. Durante as aulas, a professora buscava em uma caixa, algumas tesouras e lápis coloridos, tipo crayon, de todas as cores e nos dava folhas com algumas linhas pontilhadas por ela mesma, para preenchermos, além de muitos exercícios para o desenvolvimento motor. Ela nos contava histórias, mostrava gravuras lindas com acontecimentos diversos com crianças e animais, rios, montanhas e florestas e nos pedia para relatar o que entendíamos, ensinava a cantar várias músicas e fazia brincadeiras na sala de aula também. Apesar de a escola oferecer merenda, nunca provamos daquela sopa porque meus pais diziam que era para deixar para as crianças mais pobres que não tinham comida em casa. Ficávamos curiosas para saber que gosto tinha aquela merenda porque o cheiro era sempre muito bom e despertava a nossa fome. Mamãe preparava sacolinhas com a nossa merenda que sempre continha pão com manteiga, ovos cozidos, bananas ou laranjas descascadas e suco. Lembro-me bem que primeiro saiam para o recreio as crianças carentes para tomarem a sopa. Os demais ficavam na sala de aula para o lanche e só depois desciam para brincar, todos interagindo no pátio. (ENTREVISTA 4 – Profa. Estela Mancini, Garça-SP, 04/09/2019).

Esse primeiro contato da Profa. Estela com a escola, o Jardim da Infância ficou em suas memórias como um lugar de aprendizagem por meio de diversos materiais e mesmo ao citar os exercícios de coordenação motora, observa que eram para colorir, ela fala também do seu encantamento com as histórias e músicas. As práticas da professora do Jardim da Infância, de cantar e contar histórias, marcaram as memórias da Profa. Estela ao retomar o seu primeiro contato com a escola.

Outra observação: há um esclarecimento em relação à merenda, visto a explicação do seu pai de que a merenda seria para as crianças “pobres”, as que tinham alguma condição levariam o seu lanche, como também relatou a Profa. Nancy (ENTREVISTA 13 – Profa. Nancy, Garça-SP, 06/05/2020). Esta atitude evidencia o tratamento diferenciado dado pela escola, neste período, às classes sociais e a representação de que a merenda escolar era para as crianças pobres. Para a criança ser identificada como “criança pobre”, teria que declarar no ato da matrícula se precisaria da merenda ou não. Por isso o não levar o lanche significava necessidade de alimentação e só o fato de sair antes dos outros já declarava que era “pobre”.

Após uma década, no início da década de 1970, a Profa. Márcia também teve o seu primeiro encontro com o Jardim da Infância na mesma escola. Lembrou-se com muito carinho da Profa. Nilma e das atividades ministradas por ela sendo desenhos, recortes e colagens, dobraduras, histórias, brincadeiras no parque, momento de descanso de deitar-se; e destacou que gostava mais do momento da música, quando a professora se sentava ao piano para tocar e cantar e as crianças acompanhavam-na (ENTREVISTA 17 – Profa. Márcia, Garça-SP, 22/01/2020).

Em outra Instituição, no Instituto Educacional “Maria Leonor”, em meados da década de 1950, a Profa. Terezinha iniciou no Jardim da Infância com as freiras.

Profa. Terezinha: Comecei no Jardim de Infância. Ia no Jardim de Infância de ônibus, o ônibus do Seu Vizotto, íamos até a creche. Eram as freiras que nos levavam, era a Irmã Geralda. Então, o meu contato com as freiras começou no Jardim da Infância com a Irmã Geralda que era a professora. Era muito bom o Jardim, tinha os hábitos de higiene, rezas, mas muitas brincadeiras, desenhos para pintar, histórias e músicas. (ENTREVISTA 18– Profa. Terezinha, Garça-SP, 11/09/2019).

Nessa Instituição religiosa, a Profa. Terezinha continuaria toda a sua trajetória escolar com as freiras e anos mais tarde, depois de formada, voltaria como professora.

Mediante os relatos, o Jardim de Infância se constitui nas memórias apresentadas como um espaço de aprendizagem, por meio das brincadeiras, desenho, pintura, colagem, histórias e músicas.

Concomitante ao Ensino Primário no Grupo Escolar, outra instituição religiosa funcionou com o Ensino Primário, era a Escola dos Padres, conforme apresento a seguir.

2.2.3 Escola Primária dos Padres

Ao retornar às memórias do Prof. Sergio e do Prof. Mario, identificamos uma outra Escola de Ensino Primário funcionando a partir do ano de 1940

Prof. Sergio: Na escola arrendada pelos padres, onde seria o Ginásio Municipal, também teve o Ensino Primário. Fiz lá o Primário, só o 4º ano, em 1943, mas era pago uma taxa, e já fazia o cursinho para o exame do Ginásio, por isso tinham poucas crianças estudando. Era uma classe de meninos e uma de meninas. (ENTREVISTA 7 – Prof. Sergio, Garça-SP, 29/08/2019).

O Prof. Mario também relatou que fez até o terceiro ano no Grupo Escolar de Garça, de 1940 a 1942, e no ano de 1943 e 1944 foi cursar o 4º ano e “cursinho” na Escola dos Padres, atual Escola Estadual “Hilmar Machado de Oliveira” [2020].

Mediante os relatos dos dois professores, foi possível localizar no *Livro de Atas de Exames* a relação dos alunos e alunas em uma escola funcionando no prédio em que seria o Ginásio Municipal, designada “Escola Particular Santo Antônio”. Nesse Livro, localizei os nomes dos dois professores e as notas referentes às disciplinas: Língua Portuguesa, Matemática, Geografia, História, Leitura e Linguagem Oral. Os registros constam até 1946. Continuam os registros nos anos de 1947 e 1948, mas com o nome de “Curso Primário do Curso de Aplicação da Escola Normal Livre”, visto os Padres terem assumido a Escola Primária, Ginásio e a Escola Normal, conforme será descrito posteriormente.

Sobre esse período do quarto ano na “Escola dos Padres”, o Prof. Sergio relatou que era o Prof. Serafim Martins, dono de uma tabacaria, que ministrava as aulas do 4º ano, e como ainda não tinha o Ginásio público, somente o que os padres arrendaram, seria mais fácil começar no quarto ano, pois se preparava melhor para a entrada no Ginásio.

Tanto o Prof. Sergio como o Prof. Mario relataram que a “Escola dos Padres” era muito rígida, as turmas separadas e havia muita disciplina para o estudo. Tinha que

estudar em livros comprados pelos pais e pelos pontos colocados na lousa pelo professor e copiados pelos (as) alunos (as) e ainda cumprir os ritos religiosos das rezas.

Com a criação do primeiro Grupo Escolar e mediante as conclusões do Ensino Primário, criou-se a demanda para a continuidade dos estudos no nível secundário, que a princípio foi atendida pelo sistema público e logo em seguida esse atendimento foi substituído pela Escola particular, conforme apresento na sequência.

2.3 A escola secundária, o acesso e a constituição dos espaços educacionais

Mediante os relatos já expostos, identificou-se nas memórias dos (as) entrevistados (as) o desejo da continuidade da escolaridade após a conclusão do Ensino Primário, no Ginásio, que fazia parte do Ensino denominado “Secundário”. Verificamos o almejo de sair do Grupo Escolar, na decisão do Prof. Sergio e Mario, para cursarem o quarto ano e o curso preparatório, a fim de obterem aprovação no “exame de admissão” que garantia o ingresso no Ginásio, que era particular. Na lembrança dos outros professores também se destacou a mesma necessidade: preparar-se para o Ginásio,

A constituição e instituição da escola secundária, no município de Garça SP, ocorreu mediante as especificidades da sociedade local, mas também fundamentada nas legislações, que apresentavam os ideais políticos e educacionais do período.

Nesse processo de implantação e funcionamento da Escola Secundária no município de Garça-SP, é possível identificar, por meio das fontes dos relatos orais, da iconografia e dos documentos escritos, aspectos referentes à responsabilização desse sistema de educação, ao acesso, à representação que se apresentava à comunidade concernente à escola, à administração da escola, à religiosidade, à moralidade como essência de uma boa educação, à conduta dos professores e à disputa para a efetivação da escola pública ou particular confessional.

As famílias com poder aquisitivo, não mais queriam enviar os seus filhos e filhas para outros municípios para cursarem o Ginásio, pois exigiam que esses se estabelecessem em Colégios Internos, conforme esclareceu a Profa. Jane. Foi essa classe social que passou a reivindicar junto ao poder público o estabelecimento do curso ginásial como parte do Ensino Secundário e de um curso para formar professores (as).

No ano de 1936, foi criado o Ginásio Municipal pela Lei n. 58 de 19 de dezembro de 1936. A princípio, funcionou em duas salinhas, no Prédio da Prefeitura Municipal, como ensino público gratuito até o ano de 1942, quando ficou pronto o novo prédio.

(PASTA HISTÓRIA DA ESCOLA DE 1º GRAU “HILMAR MACHADO DE OLIVEIRA, 1972-1975)

Vale ressaltar que esse período da década de 1930 apresenta marcas na educação no âmbito nacional, como a ascensão do governo Getúlio Vargas ao poder, a criação do Ministério da Educação e Saúde, tendo como ministro Francisco Campos que implantou a Reforma do Ensino, conhecida como “Francisco Campos”, na qual se destacaram Decretos, dentre eles: Decreto 19.890, de 18 de abril de 1931 que organizou o ensino secundário e instituiu o exame de admissão e o Decreto 21.241 de 14 de abril de 1932 que consolidou as disposições sobre a organização do Ensino Secundário. Tais decretos dividiam o curso secundário com duração de cinco anos e mais dois anos complementares e, na matrícula, além do estabelecimento das provas para a ascensão ao Ensino Secundário, ainda exigia o pagamento de taxas e o comprovante de sanidade.

O exame de admissão para o secundário era composto de provas escritas e orais com abrangência das quatro áreas do conhecimento: Matemática, Português, Geografia do Brasil e História do Brasil. Para prestar o exame, o aluno ou aluna deveria ter a idade entre 11(onze) e 13 (treze) anos, caso fosse reprovado poderia prestar no ano seguinte, desde que estivesse na idade citada.

A dificuldade ao acesso ao Ensino Secundário continuaria com a Constituição Federal de 1934 que no item b do Parágrafo Único menciona: “tendência a gratuidade do ensino ulterior ao primário, a fim de tornar mais acessível”. (BRASIL, 1934).

É nesse cenário que se inicia a constituição do Ensino Secundário no município de Garça-SP.

2.3.1 Um Ginásio para Garça-SP e um corpo docente seletivo e especializado

As salinhas na Prefeitura eram um ginásio de improviso. Mesmo com as dificuldades para o ingresso no Ensino Secundário, as famílias reivindicavam um prédio adequado, e um município para ser caracterizado como acompanhando o progresso e a modernidade necessitava de escolas adequadas.

No ano de 1937, o “Jornal Correio Paulista”, de 23/05/1937, já explicitava por meio de um anúncio as expectativas das instalações do novo prédio.

Figura 8 - Recorte do Jornal Correio Paulista de 23/05/1937



Fonte: Acervo da Escola Estadual Hilmar Machado de Oliveira

No excerto do jornal, há características de uma propaganda, chamando a atenção para o que seria significativo e importante na educação das crianças e jovens, para atrair os pais, provavelmente de uma elite da sociedade garcense, demonstrando assim a representação do que seria uma boa escola e uma boa educação. Também se identifica a intenção da Prefeitura Municipal para se ter um prédio próprio e adequado para o ano seguinte. Mas vale ressaltar que se trata do mesmo período lembrado pelo Prof. Sergio, no qual o prédio do primeiro Grupo Escolar de Garça estava ruindo.

Retornando à propaganda, identifica-se o destaque para os professores na chamada em negrito na qual se lê: “Corpo Docente selecto e especializado”. Esse destaque para a qualidade dos professores, como a seleção e a especialização, fazia-se necessário, pois nem todos os professores eram especialistas nas disciplinas que ministravam. Conforme apontado nas memórias de alguns entrevistados sobre o início do Ginásio, alguns professores eram médicos, advogados, comerciantes.

Um corpo docente seletto e especializado garantiria um ótimo ensino e uma primorosa educação, além dos outros itens que compunham a educação para as crianças e jovens, com relevância para os aspectos da saúde, higiene, moralidade e civilidade. Aspectos estes relacionados às políticas dos ideais republicanos, que marcariam ainda muitas décadas.

A relevância da saúde na educação identifica-se na citação da higiene, ginástica diária, a qualidade da água como “puríssima”, local arejado, clima saluberrimo, boa altitude e localização. A civilidade relacionada à disciplina e às práticas de valorização à pátria, com os ritos escolares que se estabeleceriam, e a irrepreensível moralidade relacionada à conduta dos docentes, da qual se pode inferir o reforço para a comunidade do ser professor como uma pessoa de boa conduta, cumpridora dos seus deveres.

Outros aspectos são divulgados chamando a atenção para a ascensão das classes que não tinham muitas condições financeiras, trata-se da chamada de que se teria isenção de taxas nas matrículas e mensalidades e passe para o transporte de Jardineira. Este anúncio faz entender que havia cobrança de mensalidades para os alunos que ingressavam no Ginásio e o transporte de Jardineira para os moradores da zona rural que faziam uso do mesmo para chegar à cidade. Como demonstrado na Introdução, havia muitos moradores na zona rural, inclusive alguns fazendeiros e suas famílias.

Estes aspectos anunciados no Jornal, serão identificados no decorrer da apresentação dos relatos e dos documentos referentes a instituição da Escola Secundária no município de Garça-SP.

Para a construção do Ginásio, no ano de 1939, a família do Cel. Antônio Carvalho Barros, envolvida na política do município, fez a doação de um grande terreno em um bairro onde despontavam as construções das residências dos grandes cafeicultores que se destacavam naquele período, próximo ao prédio do Fórum, da Prefeitura, do Grupo Escolar, do centro da cidade e ainda de uma grande mata que viria a ser o Bosque Municipal, cumprindo assim com uma parte do anúncio do Jornal, referente à localização.

A construção do prédio do Ginásio Municipal iniciou-se em 1939, com dois pisos e oito salas de aula, conforme a maquete original – Figura 9, e terminou em 1942, conforme Figura 10.

Era o primeiro prédio escolar do município, aparentemente, com espaços adequados para o Ensino Secundário.

Figura 9 - Maquete original do Ginásio Municipal, 1940



Fonte: Acervo da E.E. “Hilmar Machado de Oliveira”

Figura 10 - Prédio do Ginásio Municipal, 1942



Fonte: Acervo da E. E. “Hilmar Machado de Oliveira”

Sobre a localização das escolas, Escolano (2001), destaca que no início do século XX despontaram correntes arquitetônicas voltadas para o modernismo, que muito influenciou a localização para a construção do espaço escolar, e que indicavam que as construções das escolas deveriam ocorrer em locais de espaços verdes, fora da área de tráfego, mas ser um elemento de destaque no conjunto das construções próximas, para ser reconhecida como símbolo e demonstração do esforço em favor da cultura.

Apesar da construção ocorrer no final da década de 1930, é possível identificar essa influência na escolha do local para a construção do Ginásio Municipal, que deveria se erguer de frente para o centro da cidade e estar também no centro de todos os bairros, ou seja, poderia atender moradores de outros locais, pois era fácil o acesso. No entanto, estava situado num local de moradores economicamente privilegiados.

O edifício pronto deveria atender os itens que estavam no anúncio do jornal descrito anteriormente. No entanto, de escola pública se tornou escola particular, a Escola Particular do Padres.

2.3.2 O Ginásio Municipal e Escola Particular dos Padres

Ao término da construção do novo prédio do Ginásio, no ano de 1942, não houve autorização do Ministério da Educação para o seu funcionamento devido à falta das condições necessárias exigidas. Assim, o então prefeito do município, Sr. Durval Alves de Souza, por meio de licitação pública, concedeu a autorização de arrendamento do

prédio aos Padres Antônio Magliano e João Aquino que deram continuidade aos cursos que tiveram a primeira turma formada em 1946.

Assim, nesse período, a escola não foi considerada pública, apesar de denominada “Ginásio Municipal”, ficou na memória dos entrevistados como a “Escola dos Padres” e teve nos documentos encontrados a denominação de “Escola Particular Santo Antônio”. Assim, a “Escola dos Padres” não oferecia somente o curso Ginásial, mas também o Primário, como conferimos nas memórias dos Professores Sergio e Mario.

A Profa. Wilma e a Profa. Jane, fizeram parte da primeira turma do Ginásio, que foi projetado para ser público, mas iniciou como particular.

Profa. Jane: Voltei do Colégio Interno e fui estudar no Ginásio Municipal, era o nome de Ginásio Municipal, mas não era. Eram os dois padres, o Padre Antônio e Padre Aquino, os responsáveis pela Escola. E tinha também o Padre Lupércio que dava aula. Fui da primeira turma de formandos, de 1946. (ENTREVISTA 9 – Profa. Jane, Garça-SP, 02/09/2019).

Profa. Wilma: Não era assim tão fácil entrar no Ginásio! Tinha que fazer o exame de admissão e, lá mesmo no Ginásio, tinha o curso de admissão. E, nesse Ginásio, se pagava uma taxa, era particular então não eram todos que terminavam o primário que iam para o Ginásio. (ENTREVISTA 6 – Profa. Wilma, Garça-SP, 10/09/2019).

Ambas as professoras ressaltaram que era uma minoria que prosseguia os estudos após o Ensino Primário. Após a conclusão do Ensino Primário, com diploma e formatura, somente as famílias que tinham alguma condição econômica proporcionavam aos filhos a continuidade dos estudos no Ensino Secundário, pois teriam que mantê-los em outros municípios, nas escolas internas. Mesmo com o início do Ginásio na cidade de Garça SP, os alunos teriam que passar no exame de admissão, tendo um custo para esta preparação e, ainda, pagarem uma taxa mensal no “Ginásio dos Padres” que, a princípio, seria público municipal.

Vale ressaltar que no ano de 1942, houve no país, em 09 de abril de 1942, a Lei Orgânica do Ensino Secundário, que organizou o Ensino Secundário em dois níveis, o inicial denominado Ginásio com duração de quatro anos e na sequência o Colegial com duração de três anos. Esse último dividido em Científico e Clássico. O Científico apresentava um currículo com ênfase nas Ciências Naturais e o Clássico nas Humanidades. Nessa Lei prevaleceu a necessidade do Exame de Admissão para o ingresso nos dois níveis do Ensino Secundário, sendo extinto legalmente somente com a Lei Complementar 5.692/71. (BRASIL, 1971).

Tanto a Profa. Jane como a Profa. Wilma fizeram parte da primeira turma de formandos da “Escola Particular dos Padres”. Os Professores Sergio e Mario, também cursaram o Ginásio neste período. Estes professores e professoras apresentaram em seus relatos alguns aspectos do cotidiano escolar referentes à postura e saberes dos professores: as aulas, as normas de conduta com ênfase na disciplina, na obediência e na religião, mas também as possibilidades de festas e até algumas artes.

Profa. Jane: Os professores do Ginásio, no começo, eram os padres, o Padre Antônio, o Padre Aquino e o Padre Lupércio. Todos muito sérios e rígidos, mas o Padre Antônio era mais temido, pois além de dar aulas também era diretor. Todos os dias fazíamos a fila, rezávamos, Pai Nosso, Ave Maria, tinha dia para o canto do Hino Nacional e, íamos para as classes, mesmo que os professores não estivessem na fila. Além dos padres, tinha ainda o Prof. Zure de Educação Física e o Cesarino Segal de Matemática. No começo, a Educação Física era dada pelo professor, tínhamos que fazer muita ginástica, claro com roupas bem compridas, shortão até o joelho, bem depois que veio professora exclusiva para as alunas. Nesta primeira turma, não separava meninos de meninas por classe. Somente na hora de sentar-se, não podíamos nos sentar com os meninos. Na hora do recreio, podíamos sair após o sino, parecia um sino de igreja, era pequeno, mas fazia um barulhão e era um padre que tocava, tinha que sair em fila de meninos e fila de meninas. Até tinha a divisão do pátio dos meninos e pátio das meninas, mas às vezes nos misturávamos. (ENTREVISTA 9 – Profa. Jane, Garça-P, 02/09/2019).

Os rituais de disciplina como a fila, a reza, o cântico do Hino Nacional faziam parte da inculcação nos alunos da obediência, ordem e civismo, que perdurou por muitas décadas. As aulas de ginástica, com os exercícios para o corpo, atendiam o ideal do desenvolvimento de um corpo sadio, além de desenvolver a obediência também. Como completou a Profa. Jane “parecia exercícios do “Tiro de Guerra”.

Sobre as aulas, as duas professoras, Jane e Wilma, relataram que existia muito respeito aos professores, eles entravam na classe, os alunos não se sentavam antes deles. A Profa. Jane lembrou que só poderia fazer o que os professores deixassem, mas só deixavam levantar-se para ir ao banheiro, e ainda tinha horário, e levar o caderno até a mesa do professor para a verificação da tarefa. Salientou que os professores sempre tinham um livro de onde copiavam os pontos na lousa e os alunos copiavam da lousa no caderno, depois eles explicavam. Difícil mesmo era entender o que o padre Lupércio explicava sobre religião, com rezas e frases em latim, pois também dava aulas de Latim. (ENTREVISTA 9 – Profa. Jane, Garça-SP, 02/09/2019).

Sobre os professores, o Prof. Sergio lembrou:

Prof. Sergio: Como garotinhos, achávamos que todos os professores eram muito sabidos, tínhamos total respeito a tudo que vinha deles. Os professores que não eram padres sempre de terno, gravata com um livro nas mãos e a nossa tarefa era aprender o que ensinavam, tudo com muita ordem e disciplina, com fila por ordem de tamanho e ai de quem desrespeitasse!!! Vinha muito castigo e as vezes até puxões de orelha. Tinha Hino Nacional e tinha reza. (ENTREVISTA 7 – Prof. Sergio, Garça-SP, 29/08/2019).

A representação de que os professores eram os detentores do saber, dignos de respeito, permaneceu nas memórias dos alunos que se tornariam, posteriormente, professores. As vestes deveriam combinar com a sabedoria, portanto, sempre elegantes de acordo com a função.

Eram poucas as professoras. Foi possível identificar algumas nas memórias dos entrevistados e no álbum da formatura, como a Dona Margarida que ministrava as aulas de Inglês e a Dona Didi, as aulas de desenho. Todas elegantes, sempre de vestidos ou blusas, saiam e salto. Nas memórias do Prof. Mario, a Dona Didi, era extremamente exigente, a ponta do grafite ter que ser muito fininho para fazer as atividades que exigia, se não fosse como o solicitado, ela não considerava.

A avaliação foi lembrada como um momento de medo e nervoso, pois era por meio de provas e exames que se era aprovado para o ano seguinte, e se fosse reprovado, os pais castigavam. Tinha que decorar tudo o que foi registrado no caderno.

No entanto, em meio as memórias de uma educação rígida, eis que surgem algumas lembranças de peraltices que os alunos faziam para “driblar” tanta disciplina e de festas. As peraltices, pediram para não publicar: “Não coloca isso não”. Mas as festas sim. Eram as festas religiosas, tipo quermesses para arrecadação de dinheiro e festa junina. Os alunos organizavam-nas junto com os familiares e podiam participar outras pessoas. Nas memórias da Profa. Wilma outra festa foi lembrada como significativa:

Profa. Wilma: Fazíamos muitas festas também! A Festa da Primavera era todo o ano no começo da Primavera, organizávamos com comidas, bebidas para vender, músicas e ainda tinha a venda dos votos para eleger a Rainha da Primavera. Quem vendia mais votos ganhava o título de rainha com coroa e tudo e depois desfilava. O dinheiro era revertido para as benfeitorias da escola. Em uma das festas eu fui rainha, olha aqui a fotografia. (ENTREVISTA 6 – Profa. Wilma, Garça-SP, 10/09/2019).

Com orgulho a Profa. Wilma me mostrou e me emprestou a foto:

Figura 11 - Profa. Wilma como rainha da Festa da Primavera



Fonte: Acervo pessoal da Profa. Wilma

E chegou o dia que as duas professoras Wilma e Jane lembram com orgulho: a formatura da Primeira turma do Ginásio do Município de Garça SP, ainda “Escola dos Padres”. Com solenidade de entrega dos diplomas, missa e comidas, ficaram as lembranças no álbum de fotografia dos alunos e no quadro de madeira maciça que faz parte do acervo da Escola Estadual “Hilmar Machado de Oliveira”.

Na abertura do álbum estão as pessoas que estavam à frente no período do arrendamento do Ginásio:

Figura 12 - Diretores, Professores e outros que atuaram no período do arrendamento.



Fonte: Acervo da Escola Estadual “Hilmar Machado de Oliveira”

Conforme é possível observar na fotografia da figura 12 e de acordo com as memórias das Professoras Jane e Wilma, o corpo docente era formado pelos padres, sendo o mentor o Padre Antônio Magliano, e pelos professores contratados. A mulher que está entre os professores e diretor era uma senhora religiosa católica da comunidade garcense, escolhida para ser a paraninfa da turma.

Já na fotografia da figura 13, na sequência, há quatro mulheres em pé na fileira da frente, a paraninfa está entre os dois padres e as outras três mulheres eram professoras contratadas.

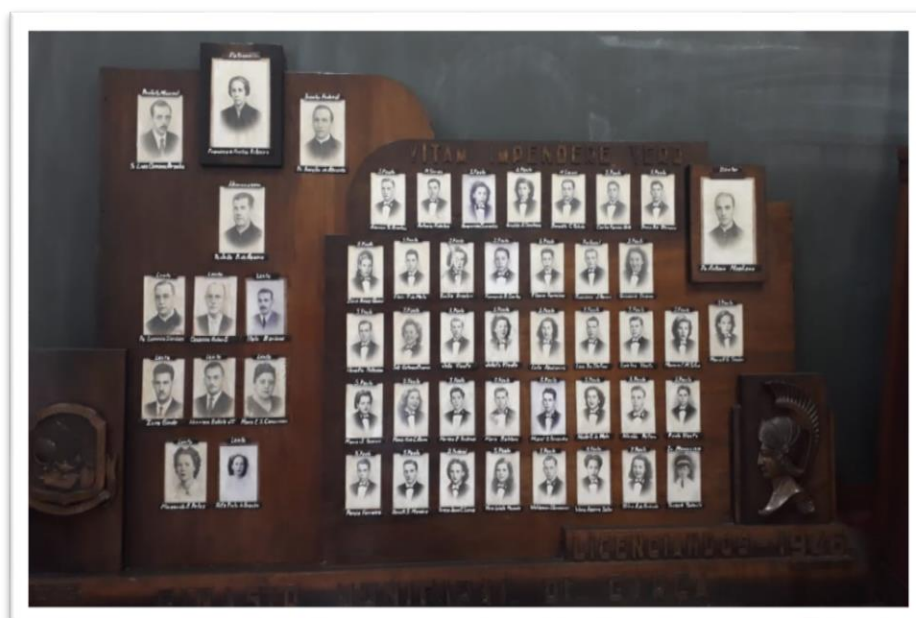
Figura 13 - Primeira turma de formandos – Curso Ginásio 1946



Fonte: Acervo da Escola Estadual “Hilmar Machado de Oliveira”

Ressalto a importância dada à atuação dos professores homens, no momento do registro mediante fotografia, a qual está em destaque na página de abertura no álbum de fotografias e no grande quadro de madeira que existe até a presente data (2020) no acervo da Escola Estadual “Hilmar Machado de Oliveira”. Já, as fotografias das professoras são colocadas abaixo das fotografias dos professores.

Figura 14 - Quadro em madeira com retratos da Primeira Turma do Ginásio Particular 1946



Fonte: Acervo da E.E. “Hilmar Machado de Oliveira”

Na figura 14, no quadro de fotos, acima de cada foto tem a designação de cada um. A Senhora como Patrona bem acima, foi a que patrocinou o evento e todos os gastos, um pouco abaixo, o Prefeito Municipal Sr. Luiz Campos Aranha, o Inspetor Federal Padre Aurélio de Almeida, do lado oposto do quadro, na mesma direção, o Diretor Padre Antônio Magliano. Abaixo da Patrona, o homenageado, Padre João B de Aquino. Abaixo na sequência, os professores e professoras com o nome designado de Lente: Padre Lupércio Simões, Cesarino Avino Segá, Zure Ginde, Henrique Batista Junior, Maria E.S. Carquejeiro, Margarida A. Pyles e Rita Pinto de Araújo. As fotografias no meio do quadro são dos alunos, as quais, na parte superior, são identificadas pelo nome e estado de origem do aluno, na parte inferior com o nome do aluno ou aluna. As professoras, Jane e Wilma estão no quadro. A Profa. Wilma é a penúltima da fileira de baixo, onde se lê o seu nome: Wilma A. de Andrade.

Vale destacar o escrito em latim no alto do quadro: “Vitam impendere vero”, que traduzido significa: “Consagrar a vida à verdade”. Os formandos do curso Ginásial são identificados como “Licenciandos”. Esse quadro suntuoso simbolizava a importância da conclusão do Ginásio que era privilégio de poucos, no ano de 1946. Apenas 39 jovens concluíram o Ginásio.

Mediante a conclusão da primeira turma do curso Ginásial, os padres mantenedores da “Escola Particular Santo Antônio” ofereceram a Escola Normal Livre e

o curso Clássico, no entanto os alunos não sabiam se teria continuidade do Ensino Secundário nessa Escola, como apontou a Profa. Wilma:

Profa. Wilma: Quando terminei o Ginásio, não sabia se teria o curso Normal. A minha irmã já fazia o curso Normal no Colégio Santa Marcelina em São Paulo, então fui para lá e fiz o primeiro ano, depois começou aqui, voltei e fiz o segundo e terceiro ano. Havia muito incentivo dos meus pais para o estudo e eu queria ser professora! (ENTREVISTA 6 – Profa. Wilma, Garça-SP, 10/09/2019).

Enquanto a Profa. Wilma foi para São Paulo e cursou o primeiro ano na Escola Normal Santa Marcelina, a Profa. Jane, outra entrevistada da pesquisa, como mencionado, continuou no que foi denominado nessa Escola, como Escola Normal Livre, no ano de 1947.

A continuidade após o Ensino Primário, no Ginásio, dependia muito do incentivo dos pais e da disponibilidade econômica para manter os filhos. Alguns mesmo em desvantagem com relação à situação econômica, esforçavam-se, economizavam, conseguiam material já usado, e assim conseguiam manter o filho (a) no Secundário.

No entanto, nesse período, muitas famílias queriam manter os filhos na Escola, após o Primário, mas com os custos na Escola dos Padres não podiam. Diante de tal situação, vários pais, vereadores e outros representantes da sociedade garcense cobravam o retorno do “Ginásio Municipal de Garça” público.

2.3.3 A constituição de um Secundário Público, os professores e os saberes escolares

Dois documentos foram localizados e reunidos na pesquisa, evidenciando as disputas no campo educacional; de um lado, a necessidade de “provar” para a sociedade garcense que a “Escola dos Padres” era adequada, conforme o apontamento de um Técnico da Educação descrito no ANEXO A e do outro lado, um grupo reivindicando uma Escola Pública, de acordo com um abaixo assinado destinado ao Sr. Prefeito, Sr. Joaquim Ribeiro do Val conforme o ANEXO B.

Conforme o termo de visita de um Técnico de Ensino, há o destaque para o administrador, o Padre Antônio Magliano, como competente e dedicado. Tal alusão se confirma na memória coletiva da maioria dos entrevistados e da própria comunidade que o conheceu, como pessoa que se preocupava com todas as questões assistenciais do município e articulava doações junto aos grandes fazendeiros e pessoas abastadas.

No termo do Técnico de Ensino, há a nomeação de uma Professora específica para Educação, a Professora Iracema Judith Casella, formada em Pedagogia pela Faculdade de

Filosofia da Universidade de São Paulo, e a quantidade de alunos. O destaque para a professora nomeada e a sua formação, podendo ter como justificativa a qualidade e a preocupação com a formação dos professores primários.

Tanto o Ginásio arrendado como Escola Normal Livre, não agradaram a todos, por se tratar de escola particular, sendo assim foi realizado um abaixo-assinado, no qual há o seguinte texto introdutório:

“Os abaixo-assinados, tendo conhecimento de que V.S. numa de suas palestras pelo microfone da “Rádio Propaganda”, local, se comprometeu enviar todos os seus esforços no sentido de que o Eminentíssimo Governador do Estado, Dr. Adhemar Pereira de Barros, viesse a oficializar o Ginásio local, que funciona em prédio da Prefeitura, mas que é explorado, por particulares, vem dar inteiro, leal e decidido apoio para que essa iniciativa, a da oficialização do Ginásio seja uma realidade.

Sabemos que a oficialização do Ginásio local em Ginásio Estadual trará descontentamento a um reduzido número de pessoas que o exploram, mas sabemos também que essa transformação terá, por parte da população do município de Garça, o mais decidido apoio.

Por isso vimos pedir a V.S. que seja intérprete, junto ao Snr. Governador do Estado, da principal aspiração do povo de Garça. A OFICIALIZAÇÃO DO ATUAL GINÁSIO, que já foi focalizada por V.S. na palestra que nos referimos.

Atenciosas saudações” (ABAIXO -ASSINADO, Garça, 28/06/1947)

Vale ressaltar que no texto do abaixo-assinado não se menciona a Escola Normal, somente o Ginásio, o que coincide com os relatos das Professoras entrevistadas. A Profa. Wilma afirmou que não tinha a certeza de que teria a Escola Normal, ao terminar o Ginásio no ano de 1946 e por isso foi para outro colégio. A Profa. Nilma, ao retomar ao início da sua formação, relatou que após ter feito o primário no “Grupo Escolar de Garça”, precisou esperar para fazer o Ginásio:

Profa. Nilma: O meu pai incentivava muito os estudos, mas tinha eu e mais duas irmãs. Quando eu terminei o primário, a minha irmã estava fazendo o Ginásio na Escola dos Padres que era particular e o meu pai disse que não poderia pagar para as duas. Como já se tinha uma organização para ser escola pública, ele conversou comigo para que eu esperasse. E assim, foi mesmo, no ano seguinte a escola passou a ser pública. Eu fiz o exame de admissão e comecei a primeira série do curso ginasial. (ENTREVISTA 8 – Profa. Nilma, Garça-SP, 18/07/2020).

Assim, mediante as reivindicações e pressões da sociedade, no ano de 1947, há a solicitação do Prefeito de Garça SP, Sr. Joaquim Ribeiro do Val, ao Governador do Estado de São Paulo, Sr. Ademar de Barros, para a transformação em escola do estado e o comprometimento da doação do prédio ao Estado. Em 1948, a solicitação foi atendida

e a Instituição Escolar voltou a ser pública, denominada, “Ginásio Estadual e Escola Normal de Garça” e teve o primeiro corpo docente nomeado pelo então governador.

No Jornal “O Progressista”, de 22 de abril de 1948, teve a seguinte manchete: “As primeiras nomeações para o Ginásio Estadual e Escola Normal de Garça”. No corpo do texto se explica que o Governador do estado de São Paulo, Sr. Adhemar de Barros, havia realizado o decreto de nomeações do corpo docente e administrativo que atuariam no “Ginásio Estadual e Escola Normal de Garça”. As disciplinas foram divulgadas, conforme segue: Português, Francês, Inglês, Geografia Geral e Geografia do Brasil, História Geral e História do Brasil, Trabalhos Manuais, Doméstica, Educação Física, Desenho, Matemática, Canto orfeônico e Ciências Naturais. Não há no artigo a descrição de disciplinas específicas e professores específicos para a Escola Normal. No entanto, de acordo com a Profa. Jane que fez o chamado Pré-Normal, no ano de 1947, e a Profa. Wilma que retornou no ano de 1948, havia as aulas de Educação e Práticas de Ensino, ministradas pelas professoras Lydia e Iracema. A Professora Iracema Judith Casella, continuou marcando a formação de muitos alunos (os), inclusive de todos (as) entrevistados (as) na pesquisa, que foram seus alunos (as) e que tiveram a oportunidade de trabalhar com ela como formadores (as) de professore (as).

É a partir do ano de 1948 que a cidade tem, oficialmente, um Ensino Secundário Público, Ginásio e Escola Normal e, em 1950, mediante a Lei n. 671, de 23 de março de 1950, publicada no Diário Oficial do estado de São Paulo-Executivo, de 23/03/1950, p.1 de autoria de Gabriel Migliori, que “Determina que passem a funcionar como Colégio, diversos Ginásios Estaduais e dá outras providências”, a instituição passou a denominar-se “Colégio Estadual e Escola Normal Dr. Hilmar Machado de Oliveira”, em homenagem póstumas ao prefeito, Hilmar Machado de Oliveira. Os cursos Clássico e Científico foram oferecidos posteriormente. Vale fazer uma observação que o Dr na frente do nome do Patrono da escola perdurou por alguns anos, conforme se identificou em alguns documentos.

A partir da transformação da Escola particular para pública, mais alunos (as) puderam dar continuidade aos estudos, após o primário. No entanto, algumas dificuldades permaneceram, como o Exame de Admissão, programas de ensino rígidos de memorização, provas e exames, o que provocava a desistência de muitos alunos (as). Essa escola foi se constituindo como de excelência e almejada.

Os (as) professores (as) entrevistados (as) que estudaram nesse Ginásio, após ele tornar-se público, foram: Profa. Nilma, Profa. Cida, Prof. José, Profa. Vera, Profa. Maria Helena e Profa. Nancy.

O almejo de estudar no Colégio e Escola Normal “Dr. Hilmar Machado de Oliveira” é explicitado também nos relatos do Prof. José (ENTREVISTA 15 – Prof. José, Garça-SP, 30/08/2019). Porém, esse professor afirmou que, no período em que estudou, mesmo sendo um lugar almejado, nem sempre era alcançado e, quando alcançado, nem sempre concluído. Salientou que ingressar no Curso Ginasial desse colégio, dificilmente era possível logo ao término do quarto ano, sendo assim alguns alunos (as) faziam aulas particulares, concomitante com o quarto ano primário. Outros terminavam o quarto ano e passavam um ano com aulas particulares. Esses estudos eram necessários, devido aos exames de admissão.

Prof. José: Eu fiz o exame de admissão com uma professora particular e entrei no Ginásio que era no Ginásio Estadual Hilmar Machado de Oliveira, entrei em 1956, comecei e fui até 1959. Havia muita reprovação. [...] e os professores também eram rígidos, mas a maioria da reprovação era Matemática e Português. Todo mundo tinha medo de Matemática e Português. Quando eu entrei no ginásio, o Professor de Português era o Amílcare Varanda e o de Matemática o Domingos Vigianni. Havia outros, mas estes eram os titulares. Eram poucos os alunos, só havia duas classes da primeira série do ginasial que no segundo se transformou em uma só. Era muita reprovação e, era normal, não havia a preocupação se o aluno abandonaria a escola! [...] Não me lembro bem, mas parece que o aluno não poderia reprovar mais de duas vezes, se reprovasse não poderia voltar. (ENTREVISTA 15 – Prof. José, Garça-SP, 30/08/2019).

No excerto acima, da entrevista 15 do Prof. José (30/08/2019), pareceu-me que a reprovação dos (as) aluno (as) passa ser critério de avaliação de uma escola boa ou como lembraram os (as) entrevistados (as), “uma escola puxada”. Mas a representação de uma escola “puxada” se dá pela atuação do (as) professores (as), como apontou o Prof. José, destacando que os professores mais exigentes eram os de Matemática e Língua Portuguesa.

A exigência dos professores é retomada pelo Prof. José com relação às atitudes que eles apresentavam nas aulas, explicavam e exigiam. Lembrou que os professores exigiam livros e que a mãe trabalhava, comprava-os e às vezes os emprestava. De Português eram três livros, um de gramática, um dicionário e um de literatura. Das outras matérias, um de cada. Todos os dias tinha que levá-los. Era muito conteúdo e informação para memorizar, fazer as provas e os exames. Destacou que de vez em quando se

surpreende, lembrando dos conteúdos aprendidos no Ginásio, como os de Português, os de Geografia e os de História.

Na continuidade das exigências, o Prof. José também lembrou do uniforme:

Prof. José: A escola também era rígida. Tinha o uniforme, era muito importante para mim ter o uniforme, era uma conquista! Era uma camisa bege, uma calça cáqui, uma cinta branca, sapato preto e meia preta. Esse era dos meninos. Das meninas saia azul, camisa branca, sapato preto e meia branca. O bedel era o Sr. Heitor que ficava no portão e se algum aluno chegasse com alguma coisa diferente nas vestes ou calçado tinha que voltar para casa e se colocar em ordem. Depois até poderia voltar para a escola, mas desde que estivesse totalmente uniformizado. (ENTREVISTA 15 – Prof. José, Garça-SP, 30/08/2019).

O uso do uniforme para muitos alunos (as), como foi para o Prof. José, era motivo de orgulho, considerado, conforme o seu relato, como uma conquista, pois muitos adolescentes não conseguiam nem iniciar o Ginásio devido às exigências da compra dos livros e do uniforme.

A maioria dos entrevistados passou por essa escola e mantém na memória os rituais, as aulas, os professores, o aprendizado, as alegrias e medos. Sobre os professores, a Profa. Maria Helena lembrou-se deles citando os seus nomes e suas características, que coincidiram com as memórias dos outros entrevistados.

Profa. Maria Helena: Marcou muito a Profa. Celeste e as suas aulas de música. Ela era engraçada e ensinava a leitura de partitura mesmo e solfejo, além de termos que saber todos os Hinos para nas datas cívicas cantá-los. Até o Hino da Marinha tivemos que aprender. E o Hino Nacional tínhamos que cantar no tempo certo e cantar a introdução. O Prof. Porfírio, de Ciências, era de uma oratória! Alegre e falante, mas abria o livro e tínhamos que decorar. Já o prof. Domingos Vigianni tinha desprezo pelos que não sabiam a Matemática. O José Maurício de Português, era exigente e explicava bem. Tínhamos que ter muita disciplina! As aulas de Educação Física eram com a Dona Jacinta, era dinâmica e fazíamos ginástica, sempre muito sincronizada. (ENTREVISTA 10 – Profa. Maria Helena, Garça-SP, 03/09/2019).

Cada professor e professora que surgiu na memória da Profa. Maria Helena tinha a sua especificidade, mas em comum a exigência da disciplina e um ensino pautado na memorização.

Ainda nas memórias dos entrevistados que fizeram o Ginásio nessa Escola, alguns ritos como a formação da fila para a entrada, o cântico do Hino Nacional e de outros Hinos, as comemorações em datas cívicas, a disciplina para permanecerem sentados durante as aulas, sentar-se nas cadeiras duplas somente com os do mesmo sexo, prestar atenção nas aulas, copiar pontos da lousa, ter os livros exigidos pelos professores,

decorar e estudar para as provas e exames, que conforme lembrou a Professora Vera, era sorteio de pontos.

Profa. Vera: Tínhamos que estudar todos os pontos da matéria, no dia da avaliação o professor “sorteava” um ponto para cada aluno e tinha que saber. As vezes era escrito e as vezes chamada oral. Mas estudávamos muito e foram conhecimentos que permaneceram. (ENTREVISTA 12– Profa. Vera, Garça-SP, 12/09/2019).

A afirmação da Profa. Vera e do Prof. José de que os conhecimentos memorizados, decorados, estudados ainda permanecem ou aparecem na memória, também foi relatada pelos outros (as) entrevistados (as).

Com relação aos eventos da Escola, no período que cursaram o Ginásio, além das festas e comemorações de datas como Dia do Índio, Descoberta do Brasil, Dia da Natureza, Libertação dos Escravos, Dia da Bandeira, dentre outros, o mais aguardado era a comemoração da independência do Brasil, devido ao Desfile e fanfarra.

Profa. Vera. O Desfile era um evento que esperávamos desde o primário até o Normal. Era tudo bem-organizado, alunos e alunas de uniforme, a fanfarra, bandeiras e a marcha que ensaiávamos muito bem antes. Saíamos da frente do Hilmar e íamos até o início da Carlos Ferrari, atravessávamos toda a cidade. (ENTREVISTA 12– Profa. Vera, Garça-SP, 12/09/2019).

O secundário Ginásio público continuou marcando a formação dos professores, com os modelos de professores exigentes, mas também com os ritos e eventos.

Com a retomada da Escola Secundária pública, o Padre Antônio, como um articulador na educação garcense, deu continuidade ao funcionamento de uma escola particular religiosa, conforme exposto a seguir.

2.3.4 O Padre Antônio Magliano e o Colégio Santo Antônio: um articulador da educação no município de Garça-SP

Conforme já exposto, a disputa no campo educacional em relação a público e particular estabeleceu-se com a instituição do Ensino Secundário- Ginásio, tendo como articulador representante da Escola particular, o Padre Antônio Magliano.

O Padre Antônio Magliano está presente nas memórias dos entrevistados que vivenciaram até meados da década de 1950, na sociedade garcense e na memória coletiva, como o idealizador da educação no município, conforme relatou o Sr. Chaves:

Sr. Chaves: O Padre Antônio Magliano era um visionário na educação, tinha os seus contatos e solicitava as benfeitorias para a educação como a doação dos terrenos para as construções das escolas. Quando não se

pode ter o Ginásio Municipal, ele assumiu, mesmo que para poucos, depois junto com as Franciscanas foi responsável pela Creche e Colégio Santo Antônio. Ele mediava para se ter as escolas. (ENTREVISTA 2– João Chaves, Garça-SP, 04/09/2019).

Essa referência se deve ao fato de Magliano ter articulado, junto ao poder público e aos políticos, as doações dos terrenos para as construções de escolas, ter assumido o Ginásio, mesmo que particular, para oferecer o Curso Ginasial, incluindo a Escola Normal e, após a sua saída, continuar a articulação junto à Congregação Franciscana para a instalação da Creche e da Escola Confessional Colégio Santo Antônio, exclusiva para o sexo feminino.

Logo após a saída dos padres do prédio do “Ginásio Municipal”, os mesmos, tendo à frente o Padre Antônio Magliano, articularam a continuidade de uma Escola Particular religiosa e uma Instituição assistencialista.

Um dos padres, o Padre Aquino, era da cidade de Agudos, interior de São Paulo, diretor do Instituto Nossa Senhora do Sagrado Coração e Diretor Geral da Associação Brasileira das Franciscanas de Agudos, composta por freiras vindas da Alemanha. Ainda no período em que os dois padres, Antônio Magliano e Aquino, estavam à frente do Ginásio arrendado da Prefeitura Municipal de Garça, a Associação Brasileira das Franciscanas de Agudos recebeu a doação de uma grande casa de dois andares, da família do Cel. Antônio de Barros, mais precisamente de sua esposa, a Sra. Maria Ornelas de Barros. Esse casarão era de sua filha que havia falecido no parto e como homenagem à ela, fez a doação verbalmente no ano de 1945 e a concretizou no ano de 1948, na condição de ser sempre um local para obra beneficente, ou seja, uma Casa de Caridade.

Conhecida como “Casa da Onça”, porque logo que construída tinha a cabeça de uma onça empalhada no *hall* de entrada, localizada na mesma avenida da residência da família Barros, a residência passou por uma reforma, sempre com a atuação do Padre Antônio Magliano, pois o Padre Aquino já havia saído da Associação Brasileira das Franciscanas de Agudos. No dia treze de maio do ano de 1949, ocorreu a inauguração dessa Instituição. A partir de então, teve início em Garça SP uma creche para crianças pobres e um Jardim de Infância, denominado Instituto Educacional “Dona Maria Leonor” IEDML, presente nas memórias como Creche “Maria Leonor”.

Sem discriminação social, motivando mesmo maior entrosamento entre as classes sociais de Garça, o IEDML, a pedido das famílias católicas, resolveu ampliar suas atividades, instalando também um curso ginasial. Em 1950, teve início o funcionamento desse curso, provisoriamente

naquela casa, devendo, no futuro ser construído seu prédio próprio. (CAMPOS, 1986, p. 61).

A transcrição acima está referendada no livro *Em busca do absoluto* (1986), escrito pela Irmã Maria Cristina Alves Campos, Professora de Língua Portuguesa que atuou no Colégio “Santo Antônio”, iniciado no Instituto Educacional “Maria Leonor”, exclusivo para meninas, denominado Ginásio “Santo Antônio”.

Das Professoras entrevistadas segue as que estudaram nesta Instituição: Profa. Cidinha (Primário e Ginásio); Mariza (Ginásio); Terezinha (Jardim, Primário, Ginásio, Normal); Elizabete (Ginásio e Normal); Estela (Ginásio).

A Profa. Cidinha relatou que a sua mãe era servente nesse Ginásio, por isso conseguiu uma bolsa de estudos, quando ele funcionou no Instituto “Maria Leonor”; lembrou que os professores eram as irmãs religiosas, mas também alguns em comum com os do Ginásio e Escola Normal “Hilmar Machado de Oliveira”, como o Prof. Porfírio. Era tudo muito rígido, com rezas e uma preocupação com a higiene e com o belo, tudo era bem bonito e asseado. (ENTREVISTA 20 – Profa. Cidinha, Garça-SP, 16/09/2019).

Com a mediação do Padre Antônio Magliano, a Associação Brasileira das Franciscanas de Agudos adquiriu um terreno mais próximo do centro da cidade, no entanto, tendo a linha férrea para atravessar. Assim, foi construído um prédio de dois andares, com quatro salas de aulas em cada andar, sendo posteriormente ampliado. Visto a construção inicial ser de um prédio pequeno, perante as outras construções da cidade ficou conhecido como “Coleginho”. Essa ampliação deu-se com doações das famílias que queriam um curso de formação de professores, o Curso Normal, exclusivo para moças, que iniciou suas atividades no ano de 1957. Assim, a Escola passou a ser denominada Colégio “Santo Antônio” e “Escola Normal Livre”, externato e internato.

A Instituição de Ensino religiosa, mantida pelas irmãs franciscanas da Associação Brasileira das Franciscanas de Agudos, era exclusiva para meninas e moças, pois a sua constituição se deu para atender às famílias católicas que reivindicaram um local exclusivo para a educação das suas meninas, como destacou em uma homenagem à Profa. Lucia Helena C. Alves, no jornal local “Estrela Seráfica”, do dia 13 de junho de 1957, destacado no livro escrito pela Irmã Maria Cristina Alves Campos:

A ideia da criação de um colégio católico em nossa cidade um estabelecimento de ensino que pudesse ministrar às nossas jovens uma educação integral, que as fizesse cristãs verdadeiras, surgiu de uma inspiração pequena, mas forte e generosa que brotou do coração do nosso antigo vigário, Mons. Antônio Magliano. [...] E o colégio foi

crescendo e as Irmãs sentiram que precisaram crescer ainda mais para que a formação cristã que elas se haviam proposto a dar às jovens garcenses fosse ainda mais completa. E o Curso Normal foi criado e já está em funcionamento. Como a ideia surgiu, cresceu e foi recebida pela população garcense, aí está, em menos de oito meses, elas conseguiram inaugurar a parte nova do colégio. Todas as palavras são inexpressivas e insuficientes para louvar toda a bondade e carinho que estas Irmãs estão dispensando à atual juventude garcense que recebe no colégio uma educação que fará das meninas de hoje elementos úteis à sociedade e capazes de contribuir para o maior progresso da nossa terra. (CAMPOS, 1986, p.65).

Segundo o excerto de Campos (1986), é possível afirmar que a sociedade garcense, católica e com poder aquisitivo para manter as suas filhas, sentia-se honrada em ter um local, no qual pudesse formar meninas cristãs que pudessem atuar nesta sociedade.

No entanto, não somente as meninas das famílias que tinham condições financeiras frequentaram o Colégio Santo Antônio, mas as freiras também ofertavam Bolsas de Estudos, como foram os casos da Profa. Cidinha, que a mãe trabalhava na Instituição, da Profa. Estela, com bolsa em troca de alguns serviços prestados para as freiras, da Profa. Terezinha com meia bolsa devido à amizade de sua família com as religiosas.

Havia algumas bolsas de estudos para as melhores notas obtidas no exame de admissão, como ocorreu com a Profa. Elizabete que por meio da prova que realizou devido à insistência da mãe, conseguiu a Bolsa de Estudos. (ENTREVISTA 16 – Profa. Elizabete, Garça-SP, 24/09/2019).

O Colégio Santo Antônio continuou exclusivo para moças, no regime de internato e externato, marcando uma formação religiosa e de cumplicidade com algumas famílias, desde o início da sua formação no Jardim da Infância, conforme apontou a Profa. Terezinha que iniciou a sua escolaridade no Jardim da Infância com as freiras, que já frequentavam a sua casa, pois a sua mãe bordava os parlamentos das celebrações.

Esse Jardim da Infância mencionado pela Profa. Terezinha funcionava no Instituto Educacional “Dona Maria Leonor” e foi considerado como o primeiro Jardim da Infância do município de Garça SP, instalado no ano de 1949, pois somente no início da década de 1950 que se instalou o Jardim da Infância no Grupo Escolar João Crisóstomo.

Diariamente, após o almoço, a pé, Ir. Geralda fazia a caminhada do IEDML até o centro da cidade. Aí, então, já em um ônibus especial, ia estendendo as mãos e acolhendo, uma a uma, as crianças, nos postos determinados. À tarde, findo o período escolar, realizava tarefa inversa,

acompanhando os seus alunos, e regressando, em seguida, a pé, para casa. Foram 7 anos consecutivos (de 1949 a 1956). (CAMPOS, 1986, p. 57).

Os alunos (as) que frequentavam o Jardim da Infância residiam na cidade e o Instituto Educacional “Maria Leonor” se localizava no final de uma longa rua, denominada, posteriormente, Avenida Brasil, em uma vila, a Vila Salgueiro.

A Irmã Geralda era a responsável por buscar e levar as crianças. Considerada como a primeira professora do primeiro Jardim de Infância,

[...] por anos seguidos, batalhou construindo o “Mundo encantado” de muita criança garcense, hoje, gente adulta e importante da sociedade. [...] Juntamente com essas crianças do Jardim da Infância, havia outras no Instituto, menos privilegiadas (aos olhos do mundo, mas não aos do Divino Mestre). Eram as crianças pobres atendidas em regime de semi-internato. Nos recreios não havia divisão entre elas e as do Jardim. (CAMPOS, 1986, p.57).

No excerto acima de Campos (1986) é possível identificar que o primeiro Jardim de Infância era frequentado pelas crianças “mais privilegiadas” economicamente, residentes na cidade, enquanto o regime de semi-internato, ou seja, o que atualmente conhecemos como creche, local onde as crianças passam o dia, era para as crianças “menos privilegiadas” economicamente que não estavam no Jardim de Infância. Mas no momento do recreio todas ficavam juntas.

O Jardim da Infância funcionou nessa Instituição até o ano de 1957, quando foi transferido para o Colégio Santo Antônio. No entanto, o Instituto Creche “Maria Leonor” continuou atendendo às crianças que não tinham condições de pagamento, em regime de tempo integral, ofertando também classes de Jardim de Infância.

O Colégio “Santo Antônio” cumpria, assim, o atendimento previsto pelo Padre Antônio Magliano, uma formação religiosa da Educação Infantil à Escola Normal.

Nos relatos da Professora Terezinha, ela deu continuidade aos seus estudos, fez o Primário no Colégio Santo Antônio e fez o exame de admissão para o Ginásio no Colégio Estadual Hilmar Machado de Oliveira, pois os pais não estavam em situação confortável para pagar os estudos. No entanto, as freiras fizeram questão que cursasse o ginásio no Colégio “Santo Antônio” e ofertaram-lhe meia bolsa de estudo, o irmão mais velho pagou a outra metade, pois não queria que ela estudasse no Colégio Estadual e Escola “Hilmar Machado de Oliveira”, por ter classe mista, meninos e meninas, e já sabia

que faria o curso Normal, então ficaria na mesma escola, em classe exclusiva feminina. (ENTREVISTA 18 – Profa. Terezinha, Garça-SP, 11/09/2019).

Assim como a Profa. Terezinha, a maioria das meninas que cursava o ginásial no Colégio Santo Antônio, dava continuidade na Escola Normal na mesma Instituição.

Do curso Ginásial, a Profa. Terezinha destacou que as Irmãs franciscanas eram quem davam aulas e os outros professores leigos eram os mesmos do Colégio Estadual e Escola Normal “Hilmar Machado de Oliveira”, além de se referir ao temor que se tinha da diretora Madre Sofia, devido às atitudes rígidas e de controle. Os professores que eram comuns nos dois colégios, apresentados nas memórias da Profa. Terezinha, eram: Dona Celeste de Música, o Prof. Porfírio de Ciências, o Prof. José Maurício, o Prof. Douglas e a Profa. Lúcia Helena de Inglês. (ENTREVISTA 18 – Profa. Terezinha, Garça-SP, 11/09/2019).

Da descrição da atuação de cada professor, a Profa. Terezinha destacou a metodologia na avaliação utilizada pelo Prof. Douglas que ditava as questões e dava um tempo para respondê-las; quando ele dissesse a palavra “tempo” elas tinham que parar. Do Prof. Porfírio, as aulas de decorar sobre Ciências, do Prof. José Maurício, o Português arcaico perfeito e as suas extensas explicações, da Dona Celeste, as aulas de música com os solfejos e cânticos de todos os hinos. Destacou a Profa. Lúcia Helena que falava inglês o tempo todo na aula, referindo-se ao que estava ocorrendo, o que fazia parte do cotidiano, o que auxiliava muito na aprendizagem. Sobre as freiras, elas ministravam aulas de francês e alemão. Todos e todas muito rígidos, mas com muito estudo e aprendizado. (ENTREVISTA 18 – Profa. Terezinha, Garça-SP, 11/09/2019).

A Profa. Terezinha e a Profa. Elizabete apresentaram em suas memórias um período de Ginásio, no qual existia a rigidez das freiras, com muitas regras como o uso obrigatório do uniforme, sendo a saia dois palmos abaixo do joelho, e as irmãs conferiam todas na entrada, fazendo-as ajoelharem as rezas obrigatórias antes do início das aulas, a frequência na missa aos domingos também obrigatória. Destacaram que as regras da escola se estendiam para além da escola. Se alguma freira pegasse uma das alunas uniformizadas na praça era castigo, pois ao sair da escola se deveria ir direto para a casa. (ENTREVISTA 18 – Profa. Terezinha, Garça-SP, 11/09/2019); (ENTREVISTA 16 – Profa. Elizabete, Garça-SP, 24/09/2019).

Para a Profa. Estela que cursou o Ginásio no Colégio “Santo Antônio”, junto com os seus irmãos, a passagem por esse colégio foi significativa, no qual voltaria alguns anos depois como diretora.

Profa. Estela: De todo o tempo que ali convivemos tiramos várias lições e a mais forte foi o amor ao próximo sempre presente na fé daquelas mulheres, freiras, corajosas e humanizadoras. [...] Para receberem a procissão do dia dedicado à Celebração de Corpus Christi os alunos e familiares integravam o mutirão de vizinhos dos arredores do Colégio, com a maior boa vontade, para confeccionar os enfeites e passar madrugada adentro na arrumação. (ENTREVISTA 4 – Profa. Estela, Garça-SP, 04/09/2019)

Assim, a atuação dos professores e irmãs no ginásio do Colégio Santo Antônio configuraram nas memórias das alunas o aprendizado, a rigidez e a religiosidade.

No município de Garça-SP, o atendimento às crianças anterior ao Ensino Primário, denominado Jardim da Infância, começou, conforme já exposto, com o Instituto Educacional “Dona Maria Leonor” e, no mesmo local, o atendimento de creche.

O modelo assistencialista de creches expandiu-se por meio das entidades religiosas, na década de 1950, junto à Igreja e Casa Paroquial Nossa Senhora de Lourdes, conhecida como “Igreja do Frei”. Teve-se, assim, o Patronato Juvenil de Garça, localizado em um bairro oposto da Creche das Irmãs, com a finalidade de atender às crianças necessitadas, tendo como idealizador e diretor o Frei Aurélio Di Falco.

Na década de 1960, outra instituição religiosa espírita “Caminho de Damasco” manteve o Lar da Criança – Instituição Filantrópica de Amparo ao Menor, iniciando o atendimento às crianças necessitadas em regime de semi-internato.

Assim, evidenciam-se lugares de educação para as crianças necessitadas, as creches mantidas por religiosos, e lugares de educação para as crianças não necessitadas, os Jardins de Infância, particular ou junto ao Grupo Escolar, conforme descrito anteriormente.

Mesmo o Padre Antônio não estando mais no município de Garça SP, a partir do ano de 1956, a sua influência continuou marcada na constituição da Escola Particular e Assistencialismo, como sendo o iniciante.

Sobre a atuação do Padre Antônio como representante da Igreja Católica e em contrapartida, a atuação de uma parte da sociedade garcense que reivindicou a Escola Pública, pode-se relacionar o cenário educacional que se acentuou no âmbito nacional a partir da década de 1930 com a divulgação do documento “Manifesto dos Pioneiros”, sobretudo considerando as defesas, distintas em dados momentos políticos, dos católicos e dos escolanovistas.¹⁰ Esse documento, marcado pela corrente teórica escolanovista

¹⁰ Sobre tais defesas, ver Saviani (2008).

apresentava uma concepção plural da educação pautada nos estudos sociológicos, biológicos e psicológicos, também apresentava a defesa da Escola Pública, sendo embasado nos princípios da laicidade, gratuidade e obrigatoriedade.

Mediante a divulgação desse documento, houve um embate junto à Igreja Católica que liderava um vasto número de Instituições de Ensino, sobretudo de iniciativa privada. Esse embate influenciou a disputa no campo educacional em relação à escola laica e a escola confessional, como foi possível identificar na instituição da Educação no município de Garça-SP.

Neste capítulo foi apresentado a constituição das Instituições Escolares entrelaçada com a história de vida dos agentes entrevistados, com destaque para o ingresso na escola, a cultura escolar e os saberes que se apresentaram nas memórias.

O início da escolarização no município ocorreu ainda quando este era denominado “Vila” e anterior à instituição de uma escola formal, em uma “escola” na garagem. Somente após a vila ser elevada à município que se teve uma salinha no prédio da Prefeitura Municipal para atender o Ensino Primário e, logo no ano seguinte, a construção e inauguração de um prédio próprio para o Grupo Escolar.

A escola na garagem era localizada próxima à casa do Sr. Labieno, do Partido Democrata Paulista-PD, primeiro a chegar com uma comitiva e estabelecer um Patrimônio. Com a elevação da Vila à Município, a família Barros, do Partido Republicano Paulista- PRP, doou um terreno para construção de um Grupo Escolar e a construção ocorreu com a finalidade primeira para ser local das eleições à presidente

Foi possível identificar no início da constituição da educação no município uma disputa política para consolidar um grupo partidário, que se dispersou no decorrer do tempo ou se uniram, haja visto a doação do terreno para a construção da escola secundária ocorrer pela família Barros no mandato do então Prefeito Sr. Hilmar Machado de Oliveira, enteado do Sr. Labieno da Costa Machado.

Ao término da construção da primeira escola secundária, não houve autorização do Ministério da Educação e a escola secundária foi arrendada para os dois padres Antônio e Aquino como escola particular religiosa. Devido a possibilidade da continuidade dos estudos de uma pequena parcela da sociedade garçense, se teve um abaixo assinado da população e a escola passou a ser pública estadual denominada Colégio Estadual e Escola Normal “Dr. Hilmar Machado de Oliveira”, homenagem ao prefeito que havia falecido.

O Padre Antônio Magliano foi um articulador na constituição das escolas no município, pois também mediou a constituição do Instituto Educacional “Maria Leonor” e do Colégio “Santo Antônio”.

Assim, a constituição das escolas, tanto laica como confessional, e dos seus “lugares praticados” no município de Garça-SP, apresenta marcas da valorização dada pela família aos estudos, saberes dos professores (as) e cultura escolar, conforme se apresenta a seguir.

A valorização do estudo estava presente mesmo anterior a escolaridade oficial com a organização dos pais de uma escola na garagem. A partir da institucionalização das escolas, as atitudes dos familiares de possibilitar os meios para a ida à escola, a permanência e a continuidade nela, nas providências dos materiais, uniformes, incentivos, mesmo com as dificuldades. A propósito foi possível traçar o perfil dos pais dos (as) professores (as) entrevistados (as) em relação à ocupação profissional conforme segue: Comerciantes - Proprietários de: vidraçaria, oficina mecânica, posto de gasolina e serralheria; Empregados - Gerente de Loja, Corretor, Servente Escolar, Escriturário de Fazenda; Trabalho Autônomo: motorista de taxi, sitiante.

Ao analisar as profissões citadas se pode entender que todos eram alfabetizados e o trabalho exercido exigia competência leitora para desenvolvê-lo. Além da profissão dos pais, também se identificou famílias que tinham como lazer leituras, tocar instrumentos musicais, frequentar cinema e igreja. Esta identificação se relaciona ao que Bourdieu (1998) denominou como capital cultural, no qual os pais ou responsáveis pelos (as) alunos (as), independente dos recursos econômicos, possibilitam acessos aos meios de aprimorar a educação na oferta de livros, jornais e eventos culturais como teatro e cinema. Também procuram aprimorar as suas condutas para que os filhos (as) tenham como exemplo, visto o acesso, a permanência e o sucesso escolar se vincularem com a aquisição dos conhecimentos escolares considerados legítimos, como o domínio da língua culta na escrita e na fala, comportamento intelectual e curioso e ao mesmo tempo, contraditório a esses primeiros, disciplinado/moldado para cumprir com as regras e normas da escola, que se impõe e, muitas vezes impedem o desenvolvimento intelectual.

As regras e normas da Escola faziam parte de uma Cultura Escolar, incorporadas, obedecidas e lembradas como a fila para entrar, meninos separados das meninas nas filas e na organização das classes, o uso obrigatório do uniforme que representava a Escola, tanto a pública laica como a particular confessional, o domínio e o cântico do Hino Nacional e de outros, a organização com o material (livros e cadernos) tendo que estar

encapado e cuidado, os desfiles com as fanfarras, as festas, os exames como forma de avaliação, o recreio com saídas em tempos diferentes de grupos distintos, alunos(as) que comeriam a merenda e alunos que levavam o lanche, disciplina e cumprimento das regras das escolas para se ter um ambiente disciplinado e organizado.

Os saberes dos (as) professores (as) do Ensino Primário, Secundário e Jardim da Infância foram retomados nas memórias dos (as) entrevistados. Como alunos (as) do Ensino Primário, surgiram memórias de professoras que dominavam o saber de dar aulas com as cartilhas e exigir uma memorização, professoras que ensinavam com as histórias e possibilitavam aos (as) seus alunos (as) escrevê-las, demonstrando assim os seus saberes de leitoras, o professor que, diferente dos outros, ensinava a matemática por meio de jogos e situações problema. Do Jardim da Infância, as memórias que ficaram das professoras se referem ao saber cantar, tocar piano e promover as brincadeiras, recortes, colagem, pintura e exercícios motores. Há referências aos professores (as) do Ginásio como os detentores do saber e dignos de muito respeito. Demonstravam, os seus saberes por meio do domínio dos conteúdos de suas disciplinas, de ter uma boa comunicação e exigir dos (as) seus (as) alunos (as) o conhecimento do que foi ensinado por meio das leituras, compreensão e memorização. O bom (a) professora era o que exigia o aprendizado do (a) do (a) aluno (a), como a boa escola era a exigente, a que reprovava o (a) aluno (a) de ano. Da escola religiosa ficaram as marcas do aprendizado, a rigidez e a religiosidade. Vale ressaltar que a Instituição religiosa oferecia também o sistema de creche para crianças necessitadas e o Jardim de Infância para as crianças não necessitadas. Sobre a creche nenhum dos (as) professores (as) frequentou.

Assim, na constituição da Educação no município, a formação dos (as) professores (as) para atuar nas Escolas Primárias, por meio da Escola Normal, também se constituiu nas duas Instituições: uma escola pública laica e uma escola particular religiosa, como apresento no capítulo 3, que segue.

CAPÍTULO 3

AS INSTITUIÇÕES DE FORMAÇÃO DOS PROFESSORES PRIMÁRIOS: RELIGIOSIDADE E LAICIDADE NA E PARA A SOCIEDADE DE GARÇA-SP

Para ser professor ou professora na escola primária, a partir de meados do século XIX no Brasil, foi projetada uma formação em instituição específica, a exemplo de outros países: as escolas normais.

No município de Garça-SP, as duas instituições de formação de professores primários constituíram-se ao longo da década de 1950 e cada uma com a sua especificidade, marcou a representação da formação e da atuação dos professores (as) primários (as) por meio dos seus agentes professores (as) formadores (as) e alunos (as) na sociedade e das suas culturas escolares que foram sendo constituídas.

Não há neutralidade na escolha para ser professor (a), há a influência da representação que a sociedade e familiares constituem da profissão docente, com destaque da opção para a atuação na escola primária ocorrer pela maioria feminina, o que caracterizou a feminização do magistério também no Brasil, marcando o *habitus* das professoras a partir das suas escolhas.¹¹

Essa influência também está relacionada ao Capital Cultural (Bourdieu, 1998) constituído no âmbito familiar (herança familiar), no qual o nível cultural global do grupo familiar que mantém relações mais próximas com o (a) aluno (a), mais do que a escolaridade ou diplomas, contribui com o êxito escolar bem como com a continuidade dos estudos e a busca de uma profissionalização.

Neste capítulo, apresento como as escolas Normais constituíram-se no município de Garça-SP e para a sociedade garcense, a partir das demandas específicas para uma escola pública laica e uma escola particular religiosa exclusiva para moças; como se processou essa constituição e quais as influências para a escolha de cada entrevistado (a) para o curso de formação de professores (as) para o Ensino Primário em períodos distintos, desde quando só havia a Escola Normal pública, passando pelo período do funcionamento das duas escolas, pública e particular, e pela transformação do curso Normal para Habilitação Magistério, com ênfase na escolha da maioria feminina caracterizando a feminização do magistério e o *habitus* das normalistas.

A partir das memórias dos (as) entrevistados (as) e dos documentos, apresento elementos da cultura escolar constituída nas duas Escolas, Colégio Estadual e Escola

¹¹ Sobre feminização do magistério, ver, sobretudo, Demartini; Antunes (1996), Almeida (1998) e Tanuri (1973).

Normal “Hilmar Machado de Oliveira” e Colégio “Santo Antônio” e a representação dessas instituições na sociedade garçense. Também demonstro a atuação dos (as) professores (as) formadores (as), na sociedade garçense, como representantes da educação e da Escola.

3.1 A constituição da Escola Normal pública e particular: busca e concretização do aperfeiçoamento da cultura pedagógica para os professores primários

O município de Garça-SP, no recorte temporal da pesquisa, contou com duas Instituições formadoras de professores primários, a escola pública Colégio e Escola Normal “Hilmar Machado de Oliveira” e a escola particular “Santo Antônio”.

O primeiro Ginásio Municipal, arrendado pelos padres Monsenhor Antônio Magliano e Padre Aquino, já anunciava a intenção de ter o curso Normal para formar professores. Ainda sob a liderança dos padres e com a reivindicação da população para se tornar escola pública, os padres mantiveram no ano de 1947 a Escola Normal Livre. No ano de 1948, a Escola tornou-se pública e foi nomeada Ginásio Estadual “Hilmar Machado de Oliveira”; em 1951 passou a Colégio Estadual e Escola Normal “Hilmar Machado de Oliveira”.

O Colégio Santo Antônio, mantido pela Associação Brasileira Franciscana de Agudos, conforme já exposto no capítulo anterior, passou a oferecer o curso Normal a partir do ano de 1957, exclusivo para moças em regime de internato e externato.

No ano de 1962, o Colégio e Escola Normal “Hilmar Machado de Oliveira” tornou-se Instituto de Educação “Hilmar Machado de Oliveira”.

A transformação em Instituto de Educação esteve relacionada a um panorama mais amplo, alinhado aos ideais escolanovista.

Mesmo a Escola Normal, nessa Instituição, ter se consolidado no final da década de 1940 e início da década de 1950, apresentou influências que decorrem da década de 1930, marcada com consequências das ideias escolanovistas que já se perpetuavam ao longo da década anterior. Conforme aponta Tanuri (2009, p.72):

O movimento da escola nova continuava a centrar-se na revisão dos padrões tradicionais de ensino: não mais programas rígidos, mas flexíveis, adaptados ao desenvolvimento e a individualidade das crianças; inversão dos papéis do professor e do aluno, ou seja, educação como resultados das experiências e atividades deste, sob acompanhamento do professor; ensino ativo em oposição a um criticado “verbalismo” da escola tradicional.

A partir dessas ideias, foi promulgado o Decreto n. 3.810 de 19/03/1932 com destaque para a remodelação na escola Normal do Distrito Federal, mediante a reforma preconizada por Anísio Teixeira e, na capital, pela reforma realizada por Fernando de Azevedo, segundo o Decreto n.5.884 de 21/04/1933. Essa remodelação foi a transformação da Escola Normal em Instituto de Educação.

No Estado de São Paulo, o primeiro Instituto de Educação foi criado no ano de 1933, na Escola Normal “Caetano de Campos”, mas somente se expandiu para o interior do estado a partir de 1951, processo que se estendeu até 1967.

Esse modelo de formação influenciou a Escola Normal pública que foi implantado no município de Garça-SP.

A década de 1930 também foi marcada pela necessidade apontada pelos educadores de se ter no Brasil um sistema nacional de ensino no lugar dos muitos sistemas estaduais existentes. Esses ideais se concretizaram a partir da Constituição de 1937, no governo Vargas, mediante a proposição de que a União deveria organizar o ensino em todos os níveis no país. Assim, foi promulgada, em 1946, a Lei Orgânica do Ensino Normal – Decreto Lei n. 8.530, de 02/01/1946.

Sobre a estrutura geral da formação de professores, a Lei mencionada estabeleceu que o curso seria dividido em dois ciclos: o primeiro com duração de 4 anos – formação de regentes para o Ensino Primário em instituições denominadas Escolas Normais Regionais e o segundo com duração de 3 anos – formação de professor primário nas Escolas Normais e nos Institutos de Educação. Este segundo ciclo apresentava um caráter mais técnico, mais profissional para a formação dos normalistas. Ainda, um terceiro nível de formação também foi estabelecido na referida Lei, para a formação de diretores de grupos escolares, inspetores de ensino e orientadores escolares, cursos de especialização nos Institutos de Educação (VICENTINI e LUGLI, 2009, p.43-45).

No estado de São Paulo, no município de Garça SP, predominou a formação de professores primários na Escola Normal com duração de três anos, no grau Colegial e para ingressar fazia-se necessário o exame de admissão, conforme se identificou nos relatos dos (os) professores (as) entrevistados (as) da pesquisa e nos documentos referentes ao curso Normal da Escola pública. Na escola particular, identificou-se o mesmo tempo de duração, também com o exame de admissão.

A partir da década de 1950, houve um crescimento do Curso Normal no país, inclusive na iniciativa particular. Sob a égide da legislação citada, as duas Escolas de formação de professores primários, no município de Garça-SP, o Colégio e Escola

Normal “Hilmar Machado de Oliveira” e o Colégio “Santo Antônio” mantinham escolas primárias e Jardim da Infância/Pré-escola como anexas, o que também era uma das exigências para de ser um Instituto de Educação.

No ano da transformação de Colégio Estadual e Escola Normal “Dr. Hilmar Machado de Oliveira” para Instituto de Educação “Hilmar Machado de Oliveira”, em 1962, já havia sido promulgada a Lei de Diretrizes e Bases da Educação n. 4.024/61, na qual se manteve a funcionalidade dos Institutos de Educação como *lócus* de formação para Professores Primários, como Curso Normal de grau Colegial de três séries anuais e Cursos de Formação para administradores do grau Primário para graduados em escolas normais do grau Colegial.

Essa transformação também foi reivindicação dos professores que se formavam na Escola Normal, conforme se verificou no jornal “O Correio de Garça”, do dia 3 de dezembro de 1959, em uma matéria intitulada “Curso de Aperfeiçoamento para o Colégio do Estado” que destaca que há tempo havia chegado à diretoria do Colégio Estadual e Escola Normal “Hilmar Machado de Oliveira” um abaixo assinado encabeçado pela Profa. Maria Cecilia Velasques. Ainda, o vereador Prof. José Porfírio apresentou ao jornalista as providências da direção do estabelecimento de enviar um ofício ao Diretor Geral do Departamento de Educação, solicitando o referido curso. Na sequência da matéria o Prof. José Porfírio completa que o curso iria enriquecer a cultura pedagógica das professoras primárias. (O CORREIO DE GARÇA, 3/12/1959, p. 3).

Uma outra matéria no mesmo jornal, do dia 27 de novembro do ano de 1959, apresentava a seguinte manchete: “Instituto de Educação Dr. Hilmar Machado de Oliveira” e anunciava conforme transcrito:

Acaba de ser aprovado na Câmara dos Deputados o projeto de autoria de Luciano Nogueira Filho que transforma em Instituto de Educação o Colégio Estadual e Escola Normal Dr. Hilmar Machado de Oliveira. A diferença fundamental entre os Institutos de Educação e os Colégios Estaduais e as Escolas Normais, diz relação apenas ao Curso Normal, que passa naqueles a possuir cursos de aperfeiçoamento, de administração e primário. Para que seja transformado em Instituto de Educação o Colégio Estadual de Garça, resta apenas a sanção governamental. Cumpre salientar que a Câmara Municipal de Garça, aprovou requerimento nesse sentido proposto pelo vereador João Tarora, daí seu encaminhamento ao Deputado Luciano Nogueira Filho, que acolheu a solicitação. (O CORREIO DE GARÇA, 27/11/1959, p.8).

Mediante tais publicações, foi possível identificar que houve uma reivindicação e solicitações para se ter um Instituto de Educação, principalmente para favorecer a formação continuada nos cursos de aperfeiçoamentos ,que de acordo com os relatos dos

professores (as) entrevistados (as) e formados (as) na Escola Normal na década de 1950, se eles quisessem realizar cursos de aperfeiçoamentos, para melhorar a formação e auxiliar na escolha das classes e escolas, deveriam busca-los em outros municípios.

Durante uma década, no período de 1947 a 1957, a escola pública foi exclusiva na formação dos professores primários. No período de 1957 a 1971, o município contou com as duas Instituições formadoras, uma Escola Normal pública e uma Escola Normal particular.

A transformação da Escola Normal para Habilitação Magistério propositada na Lei Complementar n. 5.692/71 (BRASIL,1971) promoveu também mudanças nas duas Instituições. Essa Lei provocou transformações e descaracterização da Escola Normal, visto a formação de professores se igualar aos outros cursos profissionalizantes no nível de segundo grau, como contabilidade, secretariado e outros. Os Grupos Escolares também se descaracterizaram com a unificação de uma única fase, da 1ª a 8ª série.¹²

O Instituto de Educação “Hilmar Machado de Oliveira” manteve-se como tal, oferecendo o curso Normal até o ano de 1975. A partir do ano de 1976, adequou-se à Legislação e passou a ser Escola Estadual de 1º e 2º Grau “Hilmar Machado de Oliveira”, deixando assim a formação de professores Habilitação para o Magistério para uma nova escola, a Escola Estadual de Segundo Grau “Monsenhor Antônio Magliano”.

Com relação aos espaços físicos ocupados, no ano de 1972, o Instituto de Educação “Hilmar Machado de Oliveira” foi transferido para um novo prédio de arquitetura moderna, enquanto no antigo prédio, foi estabelecida uma Escola denominada “Escola Industrial”. A partir do ano de 1984, para se atender a organização das escolas e adequações à Lei vigente, a “Escola Industrial” foi organizada junto à Escola Profissionalizante e o Instituto de Educação foi transformado em Escola de Primeiro Grau Hilmar Machado de Oliveira que retornou ao antigo prédio. No novo prédio, foi criada a Escola Estadual de Segundo Grau “Monsenhor Antônio Magliano” com os Cursos Colegial, Contabilidade, Secretariado e Habilitação Magistério.

Esse novo modelo de formação de professores teve uma alteração gradual. Os professores do Curso Normal do Instituto de Educação “Hilmar Machado de Oliveira” continuaram os mesmos na transformação para a Habilitação Magistério.

¹² Essa Lei causou um impacto na organização das escolas brasileiras bem como em toda a educação. Vale retomar que ela foi promulgada no período que prevalecia a ditadura militar no país e apenas dez anos após a primeira Lei de Diretrizes e Bases da Educação n. 4.024/61. A Lei Complementar 5.692/71 unificou o então primário-1º ao 4º ano que era oferecido nos Grupos Escolares, com as quatro séries do Ginásio, denominando essa fase como Escola de 1º Grau. A Escola de 2º Grau ficou para o colegial, separando-o dos cursos profissionalizantes e marcando a dualidade do ensino. Dentre os cursos profissionalizantes destaca-se o de formação de professores que passou a ser denominado Habilitação Específica de Magistério, com duração de quatro anos, sendo o primeiro ano comum a todos os cursos do 2º grau e os outros três específicos para a formação de professor para a 1ª a 4ª série do 1º Grau e Pré- Escola.

As irmãs mantenedoras do Colégio “Santo Antônio”, mediante a promulgação da Lei citada, optaram para no ano seguinte, 1972, não mais oferecer o curso Normal. Assim, as alunas do 2º ao 3º ano se viram obrigadas a continuarem na Escola Pública ou Escolas particulares em outro município.

De acordo com as memórias da Profa. Estela que vivenciou este período no Colégio “Santo Antônio”, a Irmã Josefina sempre dizia que não concordavam com a forma que a Lei previa a formação, por isso optaram na atuação da formação somente do Infantil e 1º Grau, abrindo a escola para o sexo masculino.

Pelo exposto, as alunas, após a conclusão do Ginásio, que escolhiam cursar a escola Normal, no período de 1957 a 1971, tinham duas opções: a escola pública laica ou a escola particular religiosa. No período de 1947 a 1957, somente havia como opção a escola pública. Para os alunos que escolhessem o Curso Normal continuou como opção somente a escola pública.

A trajetória da instituição, dos cursos de formação de professores (as) para o Ensino Primário, curso Normal do Colégio Estadual e Escola Normal “Hilmar Machado de Oliveira” e, posteriormente Instituto de Educação, fundamentou-se na legislação pertinente citada com ideais escolanovista. Assim, na busca e concretização da cultura pedagógica para os (as) professores (as) do Ensino Primário, mesmo anterior à transformação para Instituto de Educação, o Colégio Estadual e Escola Normal “Hilmar Machado de Oliveira” providenciou uma Escola primária no mesmo prédio, como escola modelar para a formação dos (as) professores (as). O Colégio “Santo Antônio”, quando iniciou o curso Normal, já havia estabelecido no mesmo prédio o Ensino Primário, que também apresentou a mesma função: ser uma escola modelar na formação das normalistas. A seguir apresento a constituição desse modelo do Ensino Primário.

3.1.1 Uma escola modelo e modelar para os (as) normalistas

Após analisar os Livros Atas encontrados na Escola Estadual “Hilmar Machado de Oliveira”, verifiquei que três deles se referiam ao “Curso Primário Anexo ao Colégio Estadual e Escola Normal Dr. Hilmar Machado de Oliveira”. Dois livros são exclusivos das reuniões das Professoras e Diretora desse curso e um exclusivo das reuniões do Conselho Técnico do Curso de Formação do Professor Primário do Colégio Estadual e Escola Normal “Dr. Hilmar Machado de Oliveira”. Na transcrição da primeira reunião desse Conselho, realizada no dia 04 de maio de 1954, se lê:

[...] Prosseguindo, o Sr. Diretor disse que no ano de 1953 não houve reuniões periódicas do Conselho Técnico porque não havia Curso de Aplicação instalado (sic) comentou como empecilho para a Prática de

Ensino, o fato de os alunos praticarem didática no 1º Grupo Escolar da cidade. (LIVRO ATA DAS REUNIÕES DO CONSELHO TÉCNICO DO CURSO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES PRIMÁRIOS Garça, 1954, f.1)

Assim, os (as) alunos (as) normalistas dessa instituição que cursaram até o ano de 1953, realizavam as aulas práticas no Grupo Escolar “João Crisóstomo”, citado pelo diretor como o primeiro Grupo Escolar.

É a partir do ano de 1954, que o Colégio Estadual e Escola Normal “Hilmar Machado de Oliveira” teve o Ensino Primário funcionando no mesmo prédio como uma Escola de Aplicação anexa à Escola Normal, nomeada de Escola Anexa à Escola Normal¹³. Neste período, a escola Anexa teria como finalidade ser um modelo para os (as) normalistas, considerando que a proposta de ensino deveria se fundamentar nos modernos processos pedagógicos advindos do método Intuitivo. No entanto, conforme será abordado no próximo capítulo, no decorrer do seu funcionamento houve incoerências entre a formação dos (as) normalistas no curso e a atuação das professoras da Escola Anexa.

A Profa. Maria Helena confirmou que nessa Escola Anexa funcionava o Curso Primário, no mesmo horário do Curso Normal, no período da tarde, em quatro salas do mesmo prédio. No entanto, a sua administração era separada, era outra diretora, a D. Morena, que se chamava Baptistina Cesar de Camargo Zaccarelli, sendo agora já falecida.

¹³ A concepção de se ter uma escola primária anexa à Escola Normal foi defendida no Brasil no final do Império, por meio do Decreto n. 10.060 de 13 de outubro de 1888, no qual mediante a reforma na Escola Normal da Corte, seria anexada uma escola de aplicação à Escola Normal. De acordo com artigo 6º do referido Decreto, a escola anexa deveria ser dividida por gênero para os alunos e alunas normalistas exercerem as práticas de ensino. No artigo 7º, se destaca que também poderia ter como anexo uma escola de Jardim da Infância. No entanto, é no início da República, com a Reforma Paulista, que as escolas anexas se destacam a partir do Projeto para a Escola Normal elaborado por Francisco Rangel Pestana, contido no Decreto n.27 de 12 de março de 1890, que tem como propositura a reforma na Escola Normal e a conversão das Escolas anexas em Escolas Modelos. Para consolidar a reforma na Escola Normal, o médico Caetano de Campos assumiu a direção da Escola Normal de São Paulo que se caracterizou como modelo para as demais Escolas Normais que foram implantadas no estado de São Paulo, bem como para os demais estados. O Decreto referido traz em seu bojo os ideais republicanos dos reformadores e, em relação à formação de professores, a preocupação de preparar bem os professores, instruí-los de maneira prática nos modernos processos pedagógicos, além de proporcionar os conhecimentos científicos necessários a vida atual pois dessa maneira o ensino poderia ser regenerador e eficaz. Os modernos processos pedagógicos se referiam ao método intuitivo de Pestalozzi, já praticado nos Estados Unidos, sendo os reformadores os seus adeptos, no qual se prioriza a observação, a educação dos sentidos, as experiências sensoriais e a ênfase nas práticas. Para a consolidação desse método foram contratadas para a Escola Normal de São Paulo e centralmente para a sua Escola Anexa, professoras e diretoras de formação norte-americana, já formadas e com experiência no método Intuitivo, também conhecido como “Lições de Coisas”. Assim, para os alunos e alunas normalistas desenvolverem as suas práticas e aprenderem com os professores mais experientes, que as escolas anexas às Escolas Normais se consolidam na medida em que a implantação das Escolas Normais se estende pelo estado de São Paulo, dependendo sempre das peculiaridades dos locais.

Mas, conforme relatou, uma professora da Escola Anexa estava viva, a Profa. Maria Izabel (ENTREVISTA 10 – Profa. Maria Helena, Garça-SP, 03/09/2019).

A Profa. Maria Izabel é muito conhecida na cidade, não somente pelo magistério, mas por fazer parte da administração durante muitos anos do Lar Meimei, uma Instituição filantrópica de atendimento às crianças carentes, mantida pelo Centro Espírita “Caminho de Damasco”. Atualmente, como ela mesma afirmou, não tem condições de ir presencialmente, visto os seus 96 anos e as pernas fraquejarem, mas continua contribuindo fazendo “biquinhos de crochê” em guardanapos que são vendidos e a renda revertida para a Instituição e obras de caridade.

Assim, mediante os registros do Livro Ata e no relato da Profa. Maria Izabel foi possível identificar o funcionamento de uma escola “dentro” de outra Escola e a sua marca no município por meio da atuação das professoras e da diretora.

Profa. Maria Izabel: Muito bom!! O curso primário anexo era famoso aqui em Garça! Dia de matrícula, de manhã, já tinha pais na fila para matricular. E a Dona Morena usava um sistema, primeiramente os parentes dos que já estavam na escola, para deixar a família unida. (ENTREVISTA 21 – Profa. Maria Izabel, Garça-SP, 28/10/2019).

Os relatos da Profa. Maria Izabel evidenciam a grande procura dos pais para ter os filhos e filhas nessa Escola Anexa à Escola Normal e a preferência de nela ter matriculados os seus familiares que lá já estavam.

Desde o início do funcionamento da Escola Anexa, já havia dois Grupos Escolares, além das Escolas isoladas nas fazendas pertencentes ao Município de Garça SP. No entanto, a Escola Anexa à Escola Normal apresentava um diferencial dos Grupos Escolares devido a sua autonomia e uma estreita convivência com os pais, conforme se identifica nos registros das atas e por meio dos relatos da Profa. Maria Izabel que lembrou sobre a participação dos pais na escola e que compravam os livros que ela indicava.

Conforme apontado na primeira reunião da Escola Anexa, registrada na Ata do dia dezoito de maio do ano de 1954, há a nomeação das professoras chamadas adjuntas, que eram professoras concursadas, dentre elas a Profa. Maria Izabel. Nessa mesma Ata, a diretora Sra. Baptistina César de Camargo Zacarelli, propõe a criação de uma Caixa Escolar com a intenção de “resolver os problemas das crianças necessitadas” e solicita às professoras que façam uma investigação nas classes, procurando escolher com “acerto e justiça” os alunos que tinham mais necessidade. Tal registro nos faz entender que apesar da prioridade nas matrículas para os alunos que tinham seus familiares na Instituição, o ensino não era exclusivo para alunos das classes sociais mais favorecidas. (LIVRO ATA DAS

REUNIÕES PEDAGÓGICAS DO CURSO DE APLICAÇÃO ANEXO AO COLÉGIO ESTADUAL E ESCOLA NORMAL “HILMA MACHADO DE OLIVEIRA”, 1954, f.1)

Como foi possível observar, no município de Garça-SP, a Escola Anexa à Escola Normal foi instituída cinco anos após o início da Escola Normal. Nesse período, as alunas realizavam as aulas práticas no Grupo Escolar.

Ao retomar os relatos da Profa. Maria Izabel, percebo que há as afirmações de que quando foi ser professora na Escola Anexa, ficou sabendo depois, com as professoras da Escola Normal, que a Profa. Iracema Judith Casela pressionava para ter essa escola, para facilitar a realização, pelas alunas, das práticas de ensino e ter uma convivência mais próxima com os alunos e alunas, porque eram aulas que aconteciam no mesmo período. Vale ressaltar que a Profa. Iracema Judith Casela era professora da Escola Normal e concebia os ideais escolanovistas por meio das suas aulas, nas quais as concepções de ensino eram pautadas no método intuitivo. Desse modo, reivindicava essa Escola Anexa na intenção de ter uma escola modelo, na qual os (as) normalistas pudessem colocar em prática o ensino intuitivo aprendido nas aulas do curso de formação e observar e aprender com o trabalho das professoras. Essa questão abordarei com mais detalhes no próximo capítulo

No Colégio Santo Antônio, na implantação do curso Normal, a Instituição já mantinha o curso primário, no qual as alunas já realizavam os estágios de observação e aplicavam as aulas de práticas.

As Escolas Normais, no município, cada uma com a sua especificidade, constituíram-se como um lugar de formação para o exercício de uma profissão, sendo uma possibilidade para a profissionalização. Ao término do Ginásio, os (as) alunos (as) que optavam para a continuidade poderiam escolher entre Clássico, Científico ou Normal, sendo este o curso que profissionalizava. Desse modo, o momento da escolha para ser professor (a) poderia ter determinadas influências, não seriam escolhas neutras conforme apresentamos a seguir.

3.2 Escolhas e a feminização do Magistério em Garça-SP

Como mencionado, a escolha para a docência não é neutra, está relacionada à vida do professor ou professora, apresenta as influências relacionadas ao âmbito familiar, social, econômico e cultural, conforme foi possível identificar nos relatos dos entrevistados referente ao percurso escolar até o término do Ginásio.

Para tanto, fez-se necessário considerar as representações de ser professor (a), de acordo com os períodos e o local, nos seus aspectos sociais, econômicos e culturais, que

apesar de apresentar peculiaridades próprias e identitárias, também apresentava as influências do contexto mais amplo, nacional.

A década de 1940, o período inicial desta pesquisa, ainda apresentava resquícios do ideário do início da República, principalmente nas pequenas cidades que consideravam o progresso como essencial para o desenvolvimento da cidade e a educação, por meio da escola, lugar primordial para contribuir com esse progresso, conforme destaca Almeida (2014):

[...] havia a crença numa visão de escola que doméstica, cuida, ampara, ama e educa. Essa crença teve seu prolongamento nas décadas seguintes à Proclamação e, juntamente com as aspirações de unidade política e a proliferação de um discurso alvissareiro sobre a educação, colocou nas mãos femininas a responsabilidade de guiar a infância e de moralizar os costumes. (ALMEIDA, 2014, p.57)

Nesse sentido, a figura feminina relacionada à professora como representante de uma mãe que guia, amorosa, a que ensina os bons costumes, a boa conduta e a moral, permaneceu na sociedade, influenciando algumas escolhas para a docência, principalmente pela valorização dada pela família à atuação da professora.

No entanto, há também a escolha pela profissão docente realizada pelos homens, iniciando pela Escola Normal, mas com pouco tempo de atuação, visto a continuidade na carreira do magistério em outras funções, como diretor, inspetor ou professor do secundário, ou até mesmo a mudança de profissão, de acordo de Demartini e Antunes (1996).

A representação da professora como a capaz de transformar a criança, de educar e ao mesmo tempo cuidar das tarefas domésticas, pois poderia lecionar meio período, proporcionava a valorização pela sociedade da Escola Normal e, conseqüentemente, a das moças serem normalistas. Assim, a Profa. Terezinha apresenta em suas memórias que essa representação era bem presente na sua família ainda no início da década de 1960.

Profa. Terezinha: Era uma honra para a família ser normalista. Então a gente já carregava esse peso, essa coisa forte que você era normalista! Nossa, a minha filha é Normalista! Tinha que mudar até de pensamento, que você agora era uma mulher, você não era a pessoa, você não era a Vania, eu não era a Terezinha, eu era uma Normalista! A minha avó dizia: “Eu tenho uma Normalista na família! Ela não dizia, “Minhas netas são preciosas, minhas netas são bonitas, ela dizia: “Minhas netas são Normalistas!!!! (ENTREVISTA 18 – Profa. Terezinha Manchini, Garça-SP, 11/09/2019).

A valorização à profissão professor é ressaltada na referência da entrevistada como um adjetivo de algo bom, que também se relacionava à importância de realizar um

bom casamento, pois ser professora significava que se teve uma boa formação para ser uma boa mãe, uma boa esposa, visto o currículo dos cursos de formação apresentarem também esse ensino. Por outro lado, também existia a concepção de que muitos moços queriam casar-se com professoras, pois não precisariam trabalhar muito, considerando ser uma profissão na qual se ganhava bem e ainda a mulher poderia cuidar da casa. (ENTREVISTA 10 – Profa. Maria Helena, Garça-SP, 03/09/2019).

Mediante a representação da profissão docente, geralmente a família influenciava nas escolhas. Da mesma maneira que incentivava a cursar o Ensino Primário e Ginásio, o fazia para a Escola Normal, investindo financeiramente e promovendo meios para a conclusão do curso que já garantia uma profissão. Tal concepção também estava atrelada à expectativa da manutenção no lugar que se ocupava na sociedade ou ascensão nessa sociedade.

O curso Normal, no município de Garça-SP, passou a ser oferecido a partir do final da década de 1940, mais precisamente em 1947, ainda na escola dos padres. Até então, os pais enviavam as suas filhas para cursarem a Escola Normal em Colégios internos particulares de outras cidades.

Foi possível identificar que havia poucas escolhas masculinas para cursar a Escola Normal desde 1948, quando a escola se tornou pública, diminuindo a partir de meados de 1950, conforme quadro 10 com a apresentação dos dados a cada dois anos.

Quadro 10 - Matrículas dos alunos e alunas no Colégio Estadual e Escola Normal “Hilmar Machado de Oliveira”

Matrícula 1º Normal	Homens	Mulheres
1948	7	12
1950	10	13
1952	8	25
1954	4	26
1956	3	28
1958	1	24
1960	1	23
1962	3	25
1964	3	28
1966	2	25
1968	4	26
1970	3	28

Fonte: A autora, de acordo com os Livros de Matrícula- 1948-1970

O Quadro 10 aponta que desde o início do curso, a escolha era da maioria feminina e, que até 1952, a escolha masculina variava de 07 (sete) a 10 (dez) alunos, diminuindo para uma média de 03 (três) alunos.

Sobre a influência para cursar a Escola Normal, os professores entrevistados na pesquisa relataram que, ainda muito moços, escolheram a docência e optaram por iniciar a formação pela Escola Normal, cada um na sua especificidade, no início da década de 1950.

Prof. Mario: Escolhi fazer a Escola Normal, pois queria fazer Educação Física, ser professor de Educação Física, como tinha que arcar com os custos da faculdade, a Escola Normal, tinha a duração de três anos e sabia que logo em seguida já estaria dando aulas, mesmo que na zona rural, pois havia falta de professores. Assim, já teria um trabalho que poderia pagar a faculdade de Educação Física. O Professor do secundário era melhor remunerado, como professor primário não daria para sustentar família! (ENTREVISTA 01 – Prof. Mario, Garça-SP, 02/09/2019)

O Prof. Sergio também queria ser professor de Educação Física e escolheu iniciar pela Escola Normal.

Prof. Sergio: Eu já era envolvido desde o Ginásio com o esporte, com o basquete. Tínhamos o time da escola e eu fazia parte. Esse envolvimento me fez escolher ser professor de Educação Física. No final do Ginásio, na Escola Hilmar, os professores já divulgavam que a Escola Normal ensinaria o essencial para dar aulas e que também ao terminar eu já poderia começar a lecionar e fazer a faculdade de Educação Física que era particular. Mais para frente já ia se casar, tinha que pensar em continuar e ganhar mais. (Entrevista7– Prof. Sergio, Garça-SP, 29/08/2019)

Pelo excerto dos relatos apresentados dos dois professores, iniciar a formação docente pela Escola Normal possibilitaria um trabalho imediato após a formação, para custear o curso escolhido e ser professor de Educação Física, ou outra disciplina específica para atuar no Ensino Secundário e ter um salário melhor do que do professor primário. Essa escolha possibilita identificar a preocupação do professor de sustentar uma família, preocupação que não aparece nas escolhas das professoras.

O Prof. Caio, apresentou outra motivação para a escolha da Escola Normal:

Prof. Caio: Na realidade a minha formação como professor foi obra do acaso. Minha vontade era ser médico, mas como os meus pais não tinham condições para arcar com os meios necessários para me sustentar e a única opção era escola Normal, fui ser professor, sem arrependimento! Naquela época, em 1950, não tinha o científico nem o clássico, vieram depois. Bem, o curso Normal foi a opção e uma das mais felizes da minha vida na juventude! Apesar de ficar pouco tempo na profissão. (ENTREVISTA 05 – Prof. Caio, Garça-SP 29/03/2020)

Conforme apontou o Prof. Caio, no ano de 1950, ainda não se oferecia no município o ensino Clássico e Científico, o que neste período pode ter levado outros moços a escolherem a Escola Normal, a única opção para a continuidade aos estudos.

Em um período posterior, meados da década de 1950, havia as opções de continuidade após o Ginásio, nos cursos Clássico, Científico ou o curso técnico de contabilidade na Escola Particular do Prof. Cesarino. É nesse período que o Prof. José terminou o Ginásio e apesar da insistência da mãe não foi para a Escola Normal.

Prof. José: Quando eu cheguei na quarta série do ginásio, minha mãe queria que eu fizesse o Normal, porque ela trabalhava no Grupão, tinha contato com os professores e queria que eu fizesse o Normal. Mas eu estava influenciado pelo grupo, meninos iam para o Científico. Naquela época tinha o Científico que era praticamente as exatas, depois tinha a escola Normal, depois tinha o clássico. Aí eu preferi fazer o científico, no Hilmar. Quando nós iniciamos, era uns trinta alunos, mais ou menos. Desses trinta, quinze foram para o segundo ano e, dos quinze, cinco foram para o terceiro. Terminamos com cinco alunos. Isso era uma glória para alguns professores. Alguns professores não concordavam, claro com isso. Já havia aquela crítica. Mas a reprovação era muito grande. [...] Quando eu saí do Hilmar, do científico, eu fui fazer Pedagogia. (ENTREVISTA 15 – Prof. José, Garça-SP, 30/08/2019).

Mediante o relato do Prof. José, é possível afirmar que mesmo sendo uma escola mista, as classes se dividiam em masculino e feminino, segundo a escolha dos cursos. O que o Prof. José relatou é que a mãe o influenciava, tanto que após a conclusão do Secundário, no Curso Científico, foi cursar Pedagogia, e a opção para o Curso Científico foi mais pela influência dos amigos que diziam ser “curso para homem”. Na lembrança desse professor não havia moças no Curso Científico, e apenas 05 (cinco) alunos o concluíram, enquanto no curso Normal, havia mais alunas, alunos e concluintes. Vale ressaltar que não era uma regra instituída na Escola a questão da escolha dos cursos, mas era claro, também na sociedade garcense, que o Curso científico seria mais para os moços, que se formariam e poderiam trabalhar em bancos, escritórios das fazendas, lojas, enfim locais que exigissem conhecimentos específicos da Matemática. Os conteúdos mais elaborados foram historicamente pensados para os currículos a serem ofertados em cursos considerados socialmente como masculinos. Enquanto o curso Clássico preparava para a continuidade dos estudos nos cursos superiores, a Escola Normal prepararia para ser professor primário, escolha que se dava pela maioria feminina.

Uma das professoras entrevistadas que atuou na formação de professores e outros segmentos da Educação, também não iniciou a docência pela Escola Normal. A Profa. Maria Regina relatou que desde criança tinha acesso às leituras e no Ginásio

identificou-se com a disciplina de História, por isso, no ano de 1962, foi fazer o curso Clássico em Marília SP, cidade vizinha a Garça SP, e logo em seguida, a Faculdade de História, também em Marília SP. (ENTREVISTA14 – Profa. Maria Regina, Garça-SP, 04/10/2019).

Era uma minoria feminina que terminava o Ginásio, como a Profa. Maria Regina e seguia para o Clássico, pois no município de Garça-SP, o curso era oferecido no período noturno, o que não era indicado para as moças. Assim, as que insistiam poderiam cursá-lo em outro município, dependendo de transporte ou internato.

3.2.1 As professoras de Garça-SP e as influências para a opção pela Escola Normal

As professoras participantes da pesquisa relataram as suas escolhas e influências para cursar a Escola Normal em períodos distintos que compreendem entre 1940 e início de 1980. Mediante tais relatos, identificaram-se quatro elementos que proporcionaram a escolha para cursar a Escola Normal e se formar professora da Escola Primária, conforme segue: influência da família, experiência como aluna ao vivenciar a atuação dos seus professores e professoras, possibilidade de trabalhar após a conclusão do curso e iniciar na Escola Normal para cursar uma Licenciatura. Alguns relatos apontaram para a junção de duas influências ou mais.

Quadro 11 - Influências para a escolha das Professoras ao curso Normal

Professoras	Início do curso Normal	Influência familiar	Experiência como aluna	Possibilidade de trabalhar após a conclusão do curso	Início para outra licenciatura
Maria Izabel	1940	X		X	
Jane	1947		X		
Wilma	1947	X			
Nilma	1952	X			
Cida Poletto	1952	X			
Cidinha	1955	X			
Mariza	1957	X		X	
Maria Helena	1961	X		X	
Vera	1962	X			X
Terezinha	1963	X			
Nancy	1963	X	X	X	
Beti	1966	X			
Estela	1971	X	X		
Marcia	1984		X		

Fonte: A autora

Conforme exposto no Quadro 11, a influência familiar predominou na escolha das professoras para cursar a Escola Normal. Mesmo em décadas e períodos distintos, existe em comum na história dessas professoras alguém da família, pai, mãe, irmão, irmã ou até mesmo uma prima, mostrando o quanto é valioso ser professora. Em alguns casos, de acordo com os relatos, essa influência familiar ocorreu concomitante com a necessidade do trabalho, visto ao término do curso já se ter a oportunidade de trabalho, mesmo que na zona rural.

Das 15 (quinze) professoras que cursaram a Escola Normal, 02 (duas) não cursaram no município de Garça-SP, a Profa. Maria Izabel e a Profa. Cidinha. A Profa. Maria Izabel, por não morar em Garça SP no período da escolha, e a Profa. Cidinha, por falta de informação sobre o curso Normal no município, conforme os relatos apresentados. Ambas cursaram a Escola Normal por influência familiar.

A Profa. Maria Izabel relatou que morava na cidade de Bauru-SP, quando terminou o Ginásio, no ano de 1940. Ela relatou que fez dois anos de Escola Normal no Colégio “Neves de Azevedo”. Era a duração do curso que também tinha um exame admissional para ingressar. Traz em suas memórias a decisão de cursar a Escola Normal de manhã e no período noturno a Escola do Comércio que formava para perito contador.

Profa. Maria Izabel: Minha mãe morreu eu ainda era muito pequena, o meu pai fez questão que todos os filhos estudassem, desde pequena queria que eu fosse professora, mas como o meu irmão era contador da fazenda onde morávamos e meu pai administrador, me pediu para fazer o curso do comércio junto com a Escola Normal. Assim, teria mais uma oportunidade de trabalho. (ENTREVISTA 21 – Profa. Maria Izabel, Garça-SP, 28/10/2019).

Nesse relato da Profa. Maria Izabel, identifica-se a influência para outra atuação que não era comum para as mulheres no início da década de 1940. O pai ainda carregava a representação de ter a filha professora e o irmão, como a própria Profa. Maria Izabel lembrou, a preocupação da autonomia financeira ao se ter a oportunidade de mais um campo de trabalho.

A Escola Normal funcionava no município de Garça-SP, desde 1947. Mesmo com as divulgações no jornal da cidade, em meados de 1950, nem todos os jovens tinham acesso a este conhecimento, como relatou a Profa. Cidinha em suas memórias sobre a escolha para ser professora marcada pela influência familiar de uma prima.

Profa. Cidinha: Eu fiz o curso Normal no Instituto Educacional Américo Brasiliense, em Santo André SP. Mas em Garça tinha. Já tinha no Hilmar Machado de Oliveira, só que eu nem sabia!!!. Eu estudava no Colégio Santo Antônio, minha mãe era servente e a gente era da classe mais

popular possível e não tinha aquela informação adequada, eu me lembro que no Colégio Santo Antônio, nunca ninguém falou de curso Normal para mim, eu nem sabia que existia!! Ninguém falou: Olha, vocês podem fazer o curso Normal. Alguém que desse informações o que faria depois que terminasse o ginásio. Ai foi assim: eu fui até Santo André com a minha mãe na casa da minha tia, ao chegar lá encontrei com uma prima que seria muito amiga. Eu fiquei encantada porque ela estudava, ela era muito dinâmica, e fazia o curso Normal, muito feliz me mostrou as atividades e o que era o curso e a atuação de professora, de ensinar, eu me encantei! Minha mãe conversou com a minha tia e eu fiquei lá e comecei a fazer o curso lá, me formei e voltei para Garça. (ENTREVISTA 20 – Profa. Cidinha, Garça-SP, 16/09/2019).

O relato da Profa. Cidinha mostra que a sua escolha não foi direta por meio da sua mãe, mas no âmbito familiar pela influência de sua prima, assim como a oportunidade de conhecer o que seria a profissão docente e quais eram os aprendizados no curso de preparação para a referida profissão.

A Profa. Wilma e a Profa. Jane foram da primeira turma da Escola Normal do município de Garça-SP, do Colégio e Escola Normal “Dr. Hilmar Machado de Oliveira”. Ambas cursaram o Ginásio, ainda sob a direção dos Padres e apresentaram a influência da família na escolha. A Professora Wilma relatou que na incerteza de ter o curso Normal na cidade, cursou o primeiro ano no Colégio Santa Marcelina na cidade de São Paulo SP.

Profa. Wilma: Minha irmã já cursava a Escola Normal, lá no Santa Marcelina. Eu sempre vi o professor e professora como uma profissão tão nobre! Via como ela estudava, o que aprendia e quis também seguir o mesmo caminho, além de ter um respeito enorme pela fase da infância. Meus pais incentivavam, tanto que como já falei, na dúvida de ter o curso em Garça, fiz o primeiro ano no Colégio Santa Marcelina em São Paulo. Depois como já estava funcionando a Escola Normal em Garça, voltei e fiz o segundo e terceiro ano. (ENTREVISTA 6 – Profa. Wilma, Garça-SP, 10/09/2019)

A Profa. Jane destacou que pertencia a uma família grande, os pais tinham uma situação econômica boa e incentivavam muito a leitura e o estudo. O pai falava para ser professora, e o Normal era o único curso que tinha quando terminou o Ginásio dos Padres, como não queria voltar para Colégio interno fora da cidade, optou por ficar e fazer a Escola Normal.

A Profa. Cida cursou o Ginásio no Colégio e Escola Normal “Hilmar Machado de Oliveira”, morando na casa de amigos, visto os pais morarem em uma cidade próxima onde ainda não tinha este segmento de estudo. Quando terminou o Ginásio, os pais se mudaram para Garça SP para que ela pudesse dar continuidade como normalista. Destacou que os pais sempre incentivaram para que ela fizesse a Escola Normal, e ela

também queria ser professora. Há uma mudança da família para apoiar a formação de professora, o que indica a importância dada a tal formação. (ENTREVISTA 19 - Cida, Garça-SP, 29/03/2020).

De acordo com a Profa. Terezinha, ser normalista, para os seus pais, principalmente para a sua mãe e sua avó, seria natural e honroso para as moças da família. Por isso, tanto os pais como o seu irmão mais velho faziam questão de ela estudar no Colégio das Freiras, no Colégio Santo Antônio, pois teria uma boa preparação para ser professora, além de preservar a religiosidade, os bons costumes devido a rigidez do Colégio. Para ela, a escolha ocorreu desde que iniciou o Ginásio. (ENTREVISTA 18 – Profa. Terezinha, Garça-SP, 01/09/2019)

A Profa. Nilma, a Profa. Vera e a Profa. Elizabete tinham outras escolhas, mas foi a influência familiar que as encaminhou para o curso Normal.

A Profa. Elizabete lembrou que o fato da sua mãe ser servente na Escola Estadual João Crisóstomo possibilitava a mãe a ter contato com as professoras primárias e com isso sempre querer que ela fosse professora, tanto que ao conseguir a bolsa de estudos no Colégio Santo Antônio para cursar o Ginásio, já era com a intenção de que ela continuasse no curso Normal, o que de fato ocorreu. A Profa. Elizabete queria ser psicóloga, mas não tinha condições de pagar a faculdade, por isso a mãe solicitou que fizesse o Curso Normal. (ENTREVISTA 16 – Profa. Elizabete, Garça-SP, 24/09/2019).

Profa. Nilma: Queria ser médica, mas não tinha o Clássico em Garça, fui fazer em Bauru. Não quis continuar longe, voltei e meu pai sugeriu para eu fazer o curso Normal e, depois, quando tivesse o Clássico em Garça, poderia fazer o Clássico ou Científico e prestar vestibular para a medicina. Fui fazer a Escola Normal, gostei tanto que não sai mais da área da educação. (ENTREVISTA 8 – Profa. Nilma, Garça-SP, 18/07/2020).

Profa. Vera: A minha escolha era para ser professora de História do secundário, do Ginásio e Colegial. Mas, teria que fazer o Clássico ou Científico. O Científico era mais exatas e não era a área que eu gostava. O Clássico era no período noturno e o meu pai não deixava. Então fui fazer o Normal para depois fazer a Licenciatura de História. (ENTREVISTA 12 – Profa. Vera, Garça-SP, 12/09/2019)

No relato das duas professoras, Nilma e Vera, não se identifica a obrigação imposta pelo pai para cursar a Escola Normal, mas sim o encaminhamento. De acordo com os relatos das professoras os pais valorizavam muito o estudo, e como não havia a possibilidade de cursar o Clássico ou Científico, para Profa. Nilma porque não existia naquele período na cidade e para a Profa. Vera porque o pai não admitia que ela fizesse o

curso no período noturno, então o curso Normal seria o mais adequado para não ficar sem estudar.

O período relatado pelas professoras Nilma e Vera corresponde a meados do século XX, mas na pequena cidade de Garça SP, o magistério ainda era a profissão mais acessível.

Assim, as dificuldades para formação para outras profissões faziam do magistério a opção mais adequada para o sexo feminino, fortalecida pelas características de vocação e missão, bem como a continuidade do trabalho do lar. (ALMEIDA, 2014, p.72)

Além do trabalho no lar, outro atrativo destacava-se: a possibilidade de já iniciar o trabalho logo após o término do Curso Normal. As professoras Mariza, Maria Helena e Nancy relataram essa necessidade e a influência da família para o encaminhamento à Escola Normal.

Profa. Mariza: Quando eu estava terminando o Ginásio eu queria fazer o Clássico. A Faculdade de Letras de Marília estava no começo e eu gostava muito de escrever e ler. Escrevia textos, crônicas, poemas. O Prof. José Maurício Borges de Português gostava muito de mim, porque eu escrevia bem, mas ele era excelente professor. Queria ser professora de Português. Então, mas a minha mãe falou para eu fazer o curso Normal, pois já sairia com um diploma e poderia trabalhar, depois faria a Faculdade. (ENTREVISTA 11 – PROFA. Mariza, Garça-SP, 06/09/2019).

Profa. Maria Helena: O Normal era mais escolhido pelas meninas, sempre gostei de escola e de estudar. Como disse a minha família, eu tinha voltado para Garça e não estávamos em situação fácil. O curso Normal era um curso profissionalizante e quando saía já tinha trabalho! Na minha classe só tinham três meninos. (ENTREVISTA 10 – Profa. Maria Helena, Garça-SP, 03/09/2019).

Profa. Nancy: Acredito que todo o meu jeito de ser me encaminhou para a Escola Normal no Hilmar Machado de Oliveira, a única escola pública em Garça com ensino médio. Eu gostava muito de brincar de escolinha, de ler, de pesquisar e de tentar aprender a Vida. O Curso Clássico no qual eu poderia aprender Inglês, Latim e outras disciplinas afins, funcionava somente no período noturno e filha do meu pai não estudava à noite. Fazer o Científico, no período da manhã, também estava fora de questão, porque era o tipo de curso para homens e só preparava para quem fosse prestar vestibular em exatas e tivesse possibilidade de ir morar fora, coisa sem cogitação para filhas do meu pai. O Normal era curso para mulher e dele já se saía com um emprego quase certo e definitivo e eu tinha o perfil certo para ser professora, além do que, ser professor era uma das carreiras mais bonitas e mais respeitadas. (ENTREVISTA 13 – Profa. Nancy, Garça-SP, 06/05/2020)

Os três relatos elucidam a representação de que o Curso Normal era para as mulheres uma carreira considerada respeitada e bonita. As dificuldades para as pessoas

do sexo feminino cursarem o Clássico ou o Científico se mostrava visto à representação desses cursos ser para “homens”, o que poderia interferir nas indicações dos pais ou mães para as filhas cursarem a Escola Normal, além da consideração que se tinha da profissão professor.

O respeito e a consideração aos professores no município de Garça-SP estavam presentes mediante a atuação de alguns professores formadores na comunidade, o que era divulgado nos meios de comunicação, conforme será apresentado no próximo capítulo.

Apesar da necessidade de trabalho que as três professoras apresentaram, elas já se identificavam com a profissão docente. A Profa. Mariza pela sua facilidade de escrita e leitura e a afinidade com o professor de Português, a Profa. Nancy nas suas brincadeiras de escolinha e atitudes de pesquisas e conhecimento.

Essa identificação com as primeiras professoras, no primário, foi uma das influências para a Profa. Estela. Como a Profa. Nancy, a primeira lembrança que apareceu foi a da imitação de suas professoras primárias ao brincar de escolinha:

Profa. Estela: Para buscar uma boa razão de ter escolhido a carreira do Magistério, uma cena me vem logo à lembrança. Na época de criança minha brincadeira preferida com minhas irmãs era a de “professora e alunas”, sempre nos revezando nesses papéis. (ENTREVISTA 04 – Profa. Estela, Garça-SP, 04/09/2019)

Além da imitação de suas professoras primárias, outra influência ocorreu, conforme relatou a Profa. Estela: no período do início da sua adolescência, quando estava no Ginásio, viu a sua mãe, com quatro filhos, estudando com a ajuda das freiras do Colégio “Santo Antônio”, onde ela e seus irmãos tinham bolsa em troca de alguns trabalhos que sua mãe lá realizava. As freiras forneceram à sua mãe livros para que ela estudasse e prestasse a prova de Madureza¹⁴ para concluir o Ginásio. Assim, a sua mãe passou na prova, conclui o Ginásio e foi para o curso Normal no Colégio “Santo Antônio”. Acompanhar todo o esforço de sua mãe a incentivou ser professora e escolher dar continuidade aos estudos no curso Normal.

O início da década de 1970 é marcado por uma alteração na formação dos professores primários, devido à Lei Complementar 5.692/71 que institui o Colegial como 2º Grau e no mesmo nível cursos profissionalizantes, incluindo o curso de formação para professores primários como Habilitação Magistério.

¹⁴Curso de educação de jovens e adultos, fundamentado na Lei de Diretrizes e Bases da Educação 4.024/1961, ministrava disciplinas do Ginásio e Colegial. A idade mínima para ingresso era de 16 anos para o Ginásio e 19 anos para o Colegial. A partir do ano de 1969, com o Decreto Lei 709/1969, não havia necessidade de frequência à curso, podendo o interessado, estudar e prestar exame nas escolas autorizadas.

Não é de imediato que uma lei transforma ou altera a vida de uma Instituição Escolar e nem as representações de uma sociedade. Assim, ainda por mais tempo, a sociedade garcense referia-se ao curso de formação de magistério como “Normal” e às alunas como normalista.

Em meados dos anos 1980, a Habilitação Magistério já era oferecida no período noturno e já não havia o *glamour* das normalistas andando pela rua com os uniformes, mas continuou a preferência pelo curso pela maioria feminina, mesmo com a abertura e facilidade para outros cursos como secretariado e contabilidade; além das faculdades na cidade vizinha de Marília-SP.

É nesse cenário que a Profa. Márcia terminou o 1º Grau, que mediante a Lei Complementar 5.692/71 (BRASIL,1971) unificou o primário e o ginásio, e começou o 2º Grau, no qual o primeiro ano era comum a todos os alunos e partir do 2º ano havia a opção para um curso profissionalizante ou colegial.

A Profa. Márcia relatou que sempre quis ser professora. Ajudava os seus irmãos nas tarefas, gostava de ensiná-los e atribuiu essa escolha também ao seu primeiro contato com uma professora no Jardim da Infância.

Profa. Márcia: A Professora Nilma era bonita, alegre, tocava piano! Ficou marcado na minha memória esse jeito de ser professora. Escolhi ser professora porque sempre quis ser, e sem esquecer aquele jeito da Professora Nilma, muito dinâmica e acolhedora. (ENTREVISTA 17 – Profa. Márcia, Garça-SP, 22/01/2020).

No excerto do relato da Profa. Márcia há o destaque para a Profa. Nilma que ficou na sua memória como uma professora dinâmica, alegre, acolhedora. Mesmo havendo outras professoras com outros perfis, foi este que a marcou como professora e que contribuiu para a sua escolha. Vale ressaltar que a Profa. Nilma é a mesma que está nesta pesquisa.

Pelo exposto, as escolhas dos entrevistados relacionavam-se com as relações familiares, relações sociais nas Instituições Escolares e, principalmente, com as representações que tanto a família como a sociedade apresentavam sobre a “professora primária”, assim como pela valorização da educação.

As instituições de formação seriam os lugares praticados, nos quais alguns elementos da cultura escolar e dos ideais de formação proporcionavam um pertencimento à escola e à sociedade garcense, conforme segue.

3.3 O Colégio Estadual e Escola Normal “Hilmar Machado de Oliveira” e o Colégio “Santo Antônio” na sociedade garcense e as memórias das vivências dos (as) normalistas: representações de pertencimento social, para além de espaço de aperfeiçoamento profissional

O Colégio e Escola Normal “Hilmar Machado de Oliveira” e o Colégio “Santo Antônio” não se limitaram a ministrar os cursos. Ambas, por meio dos seus gestores, um laico e funcionário público e o outro religioso e particular e por meio dos(as) professores (as), colocaram as escolas à disposição de uma parcela específica da sociedade, que promoveu na memória coletiva uma representação de cada uma como um lugar de importância para sociedade, para além do ensino dos conteúdos. Também para além do ensino dos conteúdos, cada escola manifestava o seu modo de funcionamento, suas características próprias como as regras, a atuação dos diretores, a atuação dos professores e alunos, organização dos espaços físicos, eventos e outros que extrapolavam os espaços da escola. Assim, o jeito de ser de cada escola, com os seus elementos da cultura escolar, possibilitava uma representação de cada uma na sociedade garcense.

3.3.1 O Colégio “Santo Antônio” e a religiosidade

As Irmãs Franciscanas, mantenedoras do Colégio “Santo Antônio” em parceria com a Igreja Católica, interagiam com a sociedade por meio de eventos religiosos organizados na Escola ou na Igreja. No ano de 1967, o Colégio inaugurou um grande salão, chamado de Salão Nobre, com capacidade para 200 pessoas e com um palco apropriado para apresentações teatrais, com toda a estrutura de cortinas e camarim. Esse salão era utilizado para apresentações internas, formaturas, eventos religiosos da Igreja Católica, mas também para eventos como casamentos, teatros e outros relacionados aos fundamentos religiosos. No mesmo ano, foi inaugurada a Capela e a residência das irmãs, junto ao prédio da escola. Nessa capela, missas eram celebradas, principalmente em dias específicos, como dia de Santo Antônio, São Francisco, Dia das Mães e Dia dos Pais. Em dias comuns, as alunas poderiam entrar para rezar.

Esses espaços na Escola marcavam uma cultura relacionada à religiosidade, sendo também lugares de formação.

Figura 15 - Prédio do Colégio Santo Antônio após a ampliação



Fonte: Acervo do Museu Histórico e Pedagógico de Garça SP

Na figura anterior de número 15, o prédio da Escola apresenta: a Capela, a representação da religião católica e os seus ideais e doutrinas, e junto, na sequência, as salas de aula representando a educação. Na parte de trás da capela é possível ver um outro prédio, onde a parte de baixo é o Salão Nobre com o palco, e a parte de cima é a residência das freiras, chamada de “clausura”, local onde jamais as alunas poderiam entrar.

Mediante a relação da mantenedora do Colégio com a “Associação Franciscana da Alemanha”, periodicamente o Colégio recebia dessa Associação roupas para serem usadas no atendimento assistencial. Assim, toda semana era promovido um Bazar aberto ao público e a renda revertida para a Creche “Maria Leonor”, também mantida pela “Associação Brasileira das Franciscanas de Agudos”. As alunas e familiares tinham acesso ao bazar antes das outras pessoas da comunidade.

O cotidiano das alunas normalistas no Colégio “Santo Antônio” era pautado no ideal religioso e franciscano de oferecer às moças da cidade e região uma educação integral que as fizesse “cristãs verdadeiras”. A educação integral era ministrada para formar, além das práticas para a docência, a postura do que seria ser cristã. Este ideal está presente nos relatos das duas professoras que fizeram todo o curso Normal nessa Instituição, Terezinha e Elizabete, e no relato de uma que cursou os dois últimos anos lá, a Profa. Mariza. Em suas memórias, elas apresentam informações sobre o vestuário, comportamentos, eventos e atuação do Grêmio Estudantil, que precisou mudar de Grêmio para Associação, por solicitação das freiras.

Sobre o vestuário, nos relatos das três professoras o uniforme era obrigatório, deveria estar sempre muito limpo e muito bem passado. Camisa branca com uma gravata

e um broche do Santo Antônio preso na gravata, saia era azul marinho pregueada. A medida da saia deveria ser abaixo do joelho, os sapatos estilo colegial, sempre engraxados e as meias brancas três quartos.

Profa. Terezinha: A Irmã Inácia ficava escondida, quando estávamos entrando na escola, puxava uma pelo abraço, e já tinha um lugarzinho forradinho para ajoelhar e se a saia não batesse no chão, já ia para um quartinho escutar o estatuto da escola. É que muitas vezes, nós dobrávamos o cós da saia para ficar mais curta e, quando entrávamos na escola soltava. (ENTREVISTA 18 – Profa. Terezinha, Garça-SP, 11/09/2019).

Essa atitude de dobrar o cós da saia está nas memórias das três professoras como uma maneira de se esquivarem da obrigatoriedade do comprimento da saia.

A Profa. Elizabete passou pela situação de ter que se ajoelhar e faltaram dois dedos de tecido para encostar no chão, então a Irmã Inácia colocou o dedo na costura da barra e a desfez toda, além obrigá-la a ficar até o final da aula com a barra da saia desmanchada com as linhas penduradas. (ENTREVISTA 16 – Profa. Elizabete, Garça-SP, 24/09/2019).

No final do curso Normal da turma da Profa. Elizabete, 1968, as alunas se reuniram para o registro fotográfico e conforme a figura a seguir as saias estavam acima do joelho, com o provável cós erguido, como uma representação de despedida e sem a presença das freiras.

Figura 16 - Alunas normalistas do Colégio “Santo Antônio” - 1968



Fonte: Acervo da Profa. Elizabete cedido à pesquisadora.

O uniforme tinha um grande significado para a Escola, representava os valores daquela Instituição, por isso a regra para as moças que não eram internas era sair da escola e ir direto para a casa e da casa para a escola. Não poderiam andar pela cidade ou ficar

nas praças. A Profa. Terezinha relatou uma situação na qual, ao término das aulas, saiu da escola com uma amiga; passaram em uma quitandinha, compraram queijo com bolacha e se sentaram no banco da praça para comerem, uma das freiras as viu, foram levadas para o Colégio, chamaram os pais e passaram um sermão, pois elas estavam desrespeitando a escola sentando-se no banco da praça com o uniforme do colégio. (ENTREVISTA 18 – Profa. Terezinha, Garça-SP, 11/09/2019).

O comportamento das alunas normalistas deveria demonstrar os bons modos, ter conhecimento dos mandamentos contidos na Bíblia, frequentar a missa aos domingos, estar sempre vestida sem mostrar as pernas ou os seios, não usar maquiagem e nem tingir os cabelos. Conforme relatou a Profa. Terezinha, um fato que ocorreu um ano antes de iniciar o curso Normal, ela resolveu pintar os cabelos de preto e colocar um pozinho que os deixava prateado conforme a moda da época, era o ano de 1963. Ao chegar em sua casa, o irmão a fez lavar o cabelo, mas a tinta não saiu. No outro dia, ao chegar ao Colégio, a Irmã Sofia, diretora, a viu com aquele cabelo, colocou a sua cabeça no tanque e lavou os cabelos com sabão, dizendo que ela vestia o uniforme da escola, estava naquela escola e não poderia andar daquele jeito, com um cabelo daquele. (ENTREVISTA 18 – Profa. Terezinha, Garça-SP, 11/09/2019).

Pelo relato exposto, as alunas tinham as regras de comportamento, vestuário, cabelo, não somente dentro do Colégio, mas também fora do espaço da escola, pois eram representantes de um colégio religioso.

Quanto à diversão, as internas só podiam ir às missas e ao cinema se fosse com uma das freiras e dependia do filme. As que não eram internas iam ao clube, as que eram sócias iam também ao cinema, de acordo com as regras das famílias.

Assim, o Colégio apresentava uma cultura do controle das alunas para defender os ideais religiosos e é nesse cenário que a Profa. Elizabete relata uma situação que lhe causou muito constrangimento:

Profa. Elizabete: Logo que comecei a Escola Normal, em 1966, já namorava e tinha dezesseis anos, acabei engravidando. Assim que as freiras souberam, me expulsaram, não deixaram mais eu estudar lá, fui transferida para a Escola Normal Hilmar Machado, mas nem cheguei a frequentar. A minha mãe era servente no Grupão e o diretor de lá disse a ela que as freiras não poderiam agir assim e a orientou entrar com recurso. A minha mãe entrou e eu voltei. Mas as alunas solteiras não podiam nem me cumprimentar. Na classe tinha alunas casadas, estas conversavam comigo e tinham até feito abaixo assinado para o meu retorno. Quando voltei, no primeiro dia uma irmã me disse: Não cante vitória antes do tempo porque você vai se ver com Deus. (ENTREVISTA 16 – Profa. Elizabete, Garça-SP, 24/09/2019).

A recepção da irmã ao retorno obrigatório da então aluna Elizabete demonstra a religião que condena a relação sexual anterior ao casamento, e para as outras não seguirem o exemplo da colega, a colocação era um alerta. A Profa. Elizabete relatou que continuou a estudar, teve a filha e retornou à instituição, concluindo assim o curso Normal.

Os eventos ocorridos no Colégio “Santo Antônio” estão nas memórias das professoras entrevistadas, como sendo as missas e celebrações, a formatura e os desfiles. Estes sempre muito bem-organizados, pois as alunas deveriam mostrar para a comunidade a simplicidade, a beleza, organização e a criatividade.

Profa. Terezinha: O desfile cívico era muito esperado pela comunidade garcense e para nós também. Tinha a missa na capela da escola, depois um chocolate quente, depois íamos para a marcha. Só tocava na fanfarra a aluna que tinha boas notas. Eu tocava rebite. Também tínhamos que estar impecáveis com o uniforme e boina. A Irmã Inácia ficava com uma toalha olhando se alguma aluna estava com batom ou maquiagem e, se estivesse passava a toalha. Quem tocava na fanfarra era cultuada! O desfile era lindo, com as bandeiras, faixa da escola e outras alegorias que, nós alunas, criávamos com temas sobre a pátria ou sobre o município. (ENTREVISTA 18 – Profa. Terezinha, Garça-SP, 11/09/2019).

Nesse excerto exposto pela Profa. Terezinha, verifica-se o envolvimento das alunas e a importância de representar a escola e sair no desfile, mesmo sem a maquiagem que tanto as moças gostavam e não podiam usar.

A Profa. Elizabete também lembrou dos desfiles e disse que eram muito bem-organizado, tinham os pelotões, a fanfarra, as alunas e as demonstrações. Relatou que sua filha nasceu no dia 05 de agosto de 1966 e, no dia 07 de setembro do mesmo ano, foi obrigada a desfilar separando um pelotão, mas no meio do desfile desmaiou, sendo mais um motivo para a discriminação que sentira durante o curso. (ENTREVISTA 16 – Profa. Elizabete, Garça-SP, 24/09/2019).

Sobre a participação das alunas em organizações, a Profa. Mariza citou que como aluna da Escola Normal “Hilmar Machado de Oliveira” e no Colégio “Santo Antônio” participou do Grêmio Estudantil. Ela salientou que no Colégio Santo Antônio, as irmãs solicitaram para mudar o nome de Grêmio para Associação, assim o nome ficou Associação Estudantil Thomas de Aquino. As alunas da Associação organizavam, junto à comunidade, campanhas de doações para as crianças da Creche “Maria Leonor” que era mantida pela Associação Brasileira da Franciscanas de Agudos, auxiliavam na organização das Celebrações e Desfiles e também participavam de um Programa no Rádio chamado “A Voz do Estudante”, no qual podiam falar sobre higiene e saúde das crianças, sobre bons hábitos e comportamento, receitas, importância do estudo, sobre respeito aos outros e sobre ajuda aos necessitados. Durante esses programas de rádio, também

colocavam músicas e declamavam poesias. (ENTREVISTA 11 – Profa. Mariza, Garça-SP, 06/09/2019).

Os excertos dos relatos apresentados mostraram uma educação mais rígida, que estava relacionada à religiosidade, representada na sociedade como uma educação cristã.

Desse modo, o Colégio “Santo Antônio” apresentava-se à sociedade como uma Instituição, além de Escolar e de formação, também religiosa e de atendimento assistencial.

3.3.2 O Colégio Estadual e Escola Normal “Hilmar Machado de Oliveira” e a laicidade

A reivindicação de uma parcela da sociedade garcense, para que o Ginásio dos Padres se tornasse uma escola pública, já marcou esta Instituição Escolar como parte da sociedade e a serviço da sociedade, por meio dos agentes que lá atuavam, alunos, professores, diretores, funcionários.

Nas memórias do Prof. Caio, foi a partir de 1948 que a cidade teve um grande ganho na educação com a vinda de professores licenciados para as disciplinas específicas, para a formação dos professores primários e para atuarem no Ginásio Estadual e Escola Normal, que posteriormente, em 1950, tornou-se Colégio e Escola Normal Hilmar Machado de Oliveira. (ENTREVISTA 05 – Prof. Caio, Garça-SP, 29/03/2020).

Os espaços nessa Instituição Pública, considerados como lugares de aprendizagem, são identificados e valorizados como necessários para promover o ensino e a aprendizagem, mas também como local grandioso, onde os garcenses se sentiriam honrados, como destaca um excerto do jornal local sob o título: “Colégio do Estado: Pioneiro: Pioneiro do Ensino Secundário Garcense”:

Um dos estabelecimentos de Ensino que muito honra a nossa cidade, é o “Colégio e Escola Normal Hilmar Machado de Oliveira”, com curso Normal, Colegial e Ginasial, abriga centenas de alunos de Garça e cidades circunvizinhas. [...] Concluindo, diremos que Garça, possui indubitavelmente, um dos mais bem montados e instalados estabelecimento de ensino secundário de todo o interior do estado de São Paulo. (Jornal O Correio de Garça, 05 de abril de 1956, f.11- Museu Histórico Pedagógico de Garça-SP).

A menção ao Estabelecimento de Ensino Secundário bem montado e instalado referia-se à arquitetura, aos ambientes externos e internos e aos materiais que possibilitavam o ensino e a aprendizagem, principalmente referente à formação de professores. A suntuosidade do prédio demonstrava a valorização, a beleza e o bem-estar dos alunos (as) no local que também formava professores (as) para o ensino primário, sendo o orgulho da cidade.

Figura 17 - Frente do Colégio e Escola Normal Hilmar Machado de Oliveira



Fonte: Acervo da E.E. Hilmar Machado de Oliveira

Figura 18 - Pátio e parte de trás do Colégio e Escola Normal Hilmar Machado de Oliveira



Fonte: Acervo da E.E. Hilmar Machado de Oliveira

A relação da Instituição Escolar com a sociedade, logo no início da década de 1950, destacou-se na parceria com a Prefeitura Municipal. Destaco que funcionou no Colégio Estadual e Escola Normal “Hilmar Machado de Oliveira”, uma biblioteca aberta à comunidade, até a prefeitura providenciar um local adequado. Desse modo, os leitores garcenses adentravam a Escola para empréstimos de livros ou pesquisas. A partir da inauguração de um prédio próprio para a Biblioteca Municipal, a Biblioteca do Colégio e Escola Normal “Hilmar Machado de Oliveira” continuou atendendo os seus alunos, mas também outros que procurassem.

Outro espaço que se destacava, no interior da escola, era o laboratório de Ciências, como lugar de aprendizagem para os (as) normalistas e como um lugar de exposições para divulgação dos conhecimentos aprendidos que seriam ensinados às crianças.

Figura 19 - Biblioteca da Escola



Fonte: Acervo da E.E. Hilmar Machado de Oliveira

Figura 20 - Laboratório de Ciências



Fonte: Acervo da E.E. Hilmar Machado de Oliveira

A biblioteca funcionou em um amplo salão, até meados de 1950, quando foi transferida para uma outra sala nas dependências da mesma Escola. Esse salão, chamado

de Salão Nobre, ficou para os eventos, reuniões, palestras, exposições e recepções de autoridades. Em ambos os espaços, a biblioteca foi muito utilizada pelos (as) normalistas que buscavam pesquisas ou empréstimos de livros para leituras, mas também atendia pessoas da comunidade que necessitavam dos empréstimos dos livros.

Nas memórias do Prof. Caio, a Biblioteca no início dos anos 1950, era um lugar onde a turma do curso Normal se reunia, fora do período das aulas, para leituras e para estarem juntos. Ainda não havia um grande acervo, mas o suficiente para o atendimento ao solicitado pelos professores. (ENTREVISTA 05 – Prof. Caio, Garça-SP, 29/03/2020).

Outro espaço destacado no interior da escola era a quadra, que também influenciava na relação da Instituição com a sociedade, visto ser o local dos treinos dos (as) alunos (as) que jogavam basquete, futebol e vôlei. Desde o ginásio, os alunos e alunas eram estimulados a praticarem um dos esportes citados, além da ginástica para as moças e ginástica para os moços.

Prof. Sergio: Eu gostava muito do basquete e futebol, eu jogava no time da escola que disputava jogos em outras cidades e voltávamos com troféu que era orgulho para a escola e para a cidade! Mesmo depois que saí, os jogos continuaram e o Colégio Hilmar sempre ganhando. Tinham alunas do curso Normal que participavam do time de basquete e do time de vôlei. (ENTREVISTA 7– Prof. Sergio, Garça-SP, 29/08/2019).

Nas memórias do Prof. Sergio, os jogos disputados além da cidade promoviam a representação de uma educação que valorizava o esporte, mas também projetavam a pequena cidade por meio dos símbolos da vitória, os troféus. Essa tradição era caracterizada como parte de uma cultura escolar que ia além da quadra da escola, restaurada pelo professor.

Figura 21 - Troféus conquistados pelos times do Colégio e Escola Normal “Hilmar Machado de Oliveira”



Fonte: Acervo da Escola Estadual Hilmar Machado de Oliveira

Além dos jogos, no mesmo espaço da quadra, havia lugar para os exercícios da ginástica rítmica ou danças, ministrados pela Profa. Jacinta às alunas com a finalidade de apresentações em eventos ou demonstrações nos desfiles. A propósito, as turmas eram mistas, no entanto, as aulas de Educação Física eram separadas por Feminina e Masculina.

Figura 22 - Alunas e Professora na quadra exercitando ginástica ou dança- Início da década de 1960.



Fonte: Acervo da E.E. “Hilmar Machado de Oliveira”

É possível observar na fotografia que as alunas exercitavam um movimento sob a liderança da Profa. Jacinta que está do lado direito da fotografia e é a única que está de calça comprida e um cordão no pescoço, provavelmente um apito. As alunas estão uniformizadas com *short* estilo bombacha, no qual há um elástico nas pernas que permite deixá-lo mais curto ou mais comprido. Nota-se que os shorts estão mais curtos, mas todas com o *short* no mesmo comprimento, a camisa é branca com um bolso e no bolso as siglas da Escola- CENHMO Colégio e Escola Normal “Hilmar Machado de Oliveira”, sapatilha e meia. Também se observa, ao fundo, alguns rapazes de *short*, provavelmente ao término de algum jogo ou ginástica. Assim, verifica-se que compartilhavam a mesma quadra ambos os sexos.

O uniforme fazia parte da cultura escolar. Com relação à Educação Física a Profa. Mariza, que cursou o Normal nas duas escolas, lembrou da flexibilidade do *short* bombacha que na Escola “Hilmar” a professora de Educação Física, Dona Jacinta, permitia que erguessem dependendo da apresentação, principalmente quando era ginástica rítmica. (ENTREVISTA 11 – Profa. Mariza, Garça-SP, 06/09/2019).

Para os (as) normalistas havia, além dos esportes citados, as aulas específicas sobre como ensinar jogos e brincadeiras corporais às crianças.

No cotidiano da frequência na Escola Normal, era obrigatório o uso do uniforme, camisa branca, bolso do lado direito e as siglas da Escola, saia plissada azul marinho, meia branca e sapato estilo colegial.

Figura 23 - Normalistas 1950



Fonte: Acervo da E.E. “Hilmar Machado de Oliveira” cedida pelo Prof. Sergio

De acordo com o Prof. Sergio, a foto da figura 23 foi tirada no ano de 1950 e apresenta os alunos (as) do primeiro ano do curso Normal. Junto ao grupo está o Prof. Porfírio, de terno claro, agachado. Sobre o uniforme dos moços, o Prof. Sergio relatou que estavam de terno, gravata e cravo na lapela porque seriam fotografados, mas, no dia a dia, o uniforme era camisa branca com as iniciais da escola em um dos bolsos, calça bege e sapato. (ENTREVISTA 7 – Prof. Sergio, Garça-SP, 29/08/2019)

Figura 24 - Normalistas - Meados de 1960- Instituto de Educação.



Fonte: Acervo da E.E. “Hilmar Machado de Oliveira”

A foto da figura 24 estava arquivada na pasta da escola. Ela traz as figuras das alunas do Instituto de Educação “Hilmar Machado de Oliveira” - década de 1960. A Escola Normal passou a ser Instituto de Educação no ano de 1962, sendo assim, pode-se inferir que a turma retratada é de após 1962. Observa-se que não houve mudanças no uniforme, somente nas iniciais do bolso que passaram a ser I.E, sigla do Instituto de Educação. Também é possível observar a diminuição do sexo masculino no curso Normal, conforme já abordado.

A cultura do uso do uniforme pelos estudantes normalistas ainda perdurou pela década de 1960. A turma de normalistas que terminou o curso no ano de 1970 registrou a finalização do curso na escola, sem uniforme, e de maneira mais descontraída conforme a fotografia da Figura 25.

Assim, o uniforme escolar fazia parte de uma cultura escolar que marcou a Escola Normal, estendendo-se por décadas como sendo obrigatório. No entanto, com a alteração do curso Normal para Habilitação Magistério mediante a Lei Complementar 5.682/71, no município de Garça-SP, os (as) alunos do referido curso não mais usavam o uniforme.

Figura 25 - Formandos Normalistas do Instituto de Educação Hilmar Machado de Oliveira.



Fonte: Acervo da E.E. “Hilmar Machado de Oliveira”

Na fotografia da Figura 25, vale destacar que o primeiro da esquerda para a direita é o Prof. José. Os alunos (as) e professor estão na frente da Escola, que já estava denominada Instituto de Educação “Hilmar Machado de Oliveira”.

O Grêmio Estudantil foi identificado como ativo desde a primeira turma do curso Normal, nas memórias da Profa. Wilma:

Profa. Wilma: Tinha o Grêmio Literário, organizado pelo Grêmio, nós alunas e alunos nos reuníamos para leituras de crônicas, romances e poesias. As festas eram mais em datas comemorativas e tinha um jornal que o Grêmio escrevia, era sobre os fatos que ocorria na escola, sobre as festas, poesias e até sobre as repreensões. Era datilografado e colocado no mural. (ENTREVISTA 06 – Profa. Wilma, Garça-SP, 10/09/2019)

O excerto do relato da Profa. Wilma demonstra uma atuação de alunos com a preocupação da leitura, mesmo ainda com o pouco acervo, pois era o início do curso Normal. Em 1949-1950, há a denominação de um Grêmio Literário.

A participação dos alunos (as) normalistas no cotidiano da escola continuou por meio do Grêmio Estudantil que incluía alunos (as) dos segmentos que a escola oferecia em cada período, Ginásio, Colegial (Clássico-Científico) e Normal e foi denominado Grêmio Estudantil Castro Alves- GECA.

De acordo com as memórias das Professoras Mariza, Maria Helena e Vera, o Grêmio Estudantil, nas décadas de 1950 e 1960 era bem atuante e estendia a sua atuação para além da escola, em ações sociais como campanhas para auxílio às famílias carentes, enxovais para crianças, roupas e alimentos às crianças das creches e orfanatos. Na organização dos eventos que ocorriam fora da escola, estavam as apresentações e a participação no Programa da rádio local “A Voz do Estudante”, no qual os alunos participantes do grêmio abordavam temáticas sobre a cultura, como músicas da época, filmes em cartaz no cinema, peças de teatro que seriam apresentadas na cidade, declamação de poemas e versos de amor e amizade, significado das datas comemorativas, situação do país, da cidade e sobre os eventos realizados pela escola.

Esse programa na rádio acolhia para a apresentação na “Voz do Estudante” os Grêmios das duas Instituições, Colégio “Santo Antônio” e Colégio e Escola Normal “Hilmar Machado de Oliveira”.

No cotidiano interno da Escola, o Grêmio Estudantil Castro Alves atuava junto aos professores na organização dos eventos, datas comemorativas, nas campanhas para arrecadar verba para compra de material esportivo ou pedagógico, na divulgação de notícias sobre a escola por meio de cartazes nos murais da escola.

Profa. Vera: Tinha um Grupo do Grêmio Estudantil que fundou o Vértices Clube, a Raquel era presidente, reunia-se com os alunos e alunas no auditório da Escola para conversar sobre os problemas dos jovens, as inversões de valores. Havia um programa de rádio que os alunos do Hilmar participavam, faziam a trilha sonora e apresentações. As comemorações ou eventos de apresentações artísticas dos alunos aconteciam no Clube do Grêmio Teatral, lembro do Claudio Castanho que tocava violão, declamávamos poesias, tinha alunos imitando professores. (ENTREVISTA 12 – Profa. Vera, Garça-SP, 12/09/2019).

A Profa. Vera expôs um evento organizado pelo Grêmio Estudantil, apresentado fora do espaço da Escola, no Grêmio Teatral. Nesse evento, os alunos e alunas apresentavam as suas habilidades artísticas, dentre as quais se destacavam a imitação aos professores de maneira humorística sem ofendê-los. A música e a poesia também marcavam estas apresentações.

Vale ressaltar que de acordo com a Profa. Vera e a Profa. Mariza, muitos jovens da Escola Normal “Hilmar Machado de Oliveira” reuniam-se para tocar e cantar, independente das apresentações da escola; além da organização para irem juntos ao cinema da cidade.

Outra ação lembrada pela Profa. Vera, no excerto apresentado, é a de encontros com os alunos para conversa sobre os problemas que os jovens enfrentavam naquele período, liderados por uma aluna integrante do Grêmio. Esses encontros ocorriam nas dependências da Escola, mas o Grêmio também tinha uma sala própria.

O Grêmio Estudantil Castro Alves também atuava em parceria com o Clube Pan americano com representantes na Escola. O Clube Pan-Americano era vinculado ao Rotary Clube da cidade de Garça SP e representado pelos melhores alunos. Criado em 1939, pelo Rotary Club, previa a participação de alunos do Ginásio Colegial e Normal, com o objetivo de educar os estudantes de todas as Américas sobre as culturas e costumes de outros países. Esse Clube esteve presente na escola até final da década de 1950. (LIVRO ATA REUNIÃO DE PROFESSORES, f. 56).

Anualmente, toda a escola era envolvida em uma exposição sobre os países, como relatou a Profa. Mariza em suas Memórias:

Profa. Mariza: Nos dois colégios que estudei fiz parte do Grêmio, no Normal, no Hilmar Machado, tinha o Grêmio Estudantil Castro Alves-GECA e o Clube Pan-americano, que eu acho que era relacionado ao Rotary e era acompanhado pelo Prof. Michel de História, cada aluno representava um país, tinha que estudar sobre esse país para apresentar para todos na escola. Me lembro que eu representei a Bolívia, tinha um primo que havia morado ou viajado para lá e trouxe vários objetos. Montei uma apresentação coma história do país, bandeira, hino, costumes e os objetos. Foi um sucesso! (ENTREVISTA 11 – Profa. Mariza, Garça-SP, 06/09/2019).

Conforme declarou a Profa. Mariza, era um evento que envolvia toda a Escola, não somente o curso Normal; e as exposições eram demonstradas na Escola e no Clube Rotary Clube de Garça SP.

Outra exposição organizada pelos (as) normalistas, com a ajuda do Grêmio Estudantil, era a Exposição Pedagógica, acompanhada pelas Professoras Jacinta, Celeste

e Iracema Casella. Essa exposição movimentava a escola, a cada final de semestre, com as demonstrações de materiais, jogos, brincadeiras, teatro, música e histórias para os visitantes.

O Grêmio Estudantil Castro Alves foi atuante até início da década de 1971, a partir da Lei Complementar 5.692/71 (BRASIL, 1971), com a reorganização das escolas para 1º e 2º Grau, a representação dos alunos nas Instituições Escolares passou a ser pelo Centro Cívico Escolar, inclusive na Habilitação Magistério, conforme relatou a Profa. Marcia que conclui o Magistério no ano de 1986. Ela não se lembrou da atuação do Centro Cívico.

Os eventos organizados pelo Colégio e Escola Normal “Hilmar Machado de Oliveira”, posteriormente Instituto de Educação “Hilmar Machado de Oliveira”, eram organizados pelos professores e alunos, tanto para as apresentações internas como externas. De acordo com as memórias dos entrevistados e os registros contidos nas Atas das reuniões dos professores, foi possível identificar alguns eventos que se caracterizaram como parte da cultura da escola, conforme segue: os desfiles cívicos apresentados na semana da pátria e no aniversário do município; campeonatos esportivos; comemorações do dia das crianças, dia das mães, dia dos pais, aniversário da escola; comemorações cívicas como dia da independência, dia da bandeira; exposições pedagógicas; semana Pan Americano; Formatura.

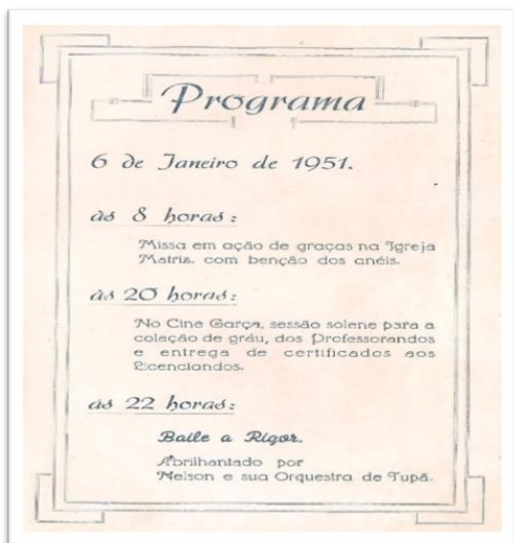
As comemorações do Dia das Mães, dos pais e das crianças eram organizados pelos alunos (as) do curso Normal, liderados pela Profa. Jacinta da disciplina de Educação Física Feminina e em parceria com as professoras da Escola de Aplicação Anexa, na qual os (as) normalistas trabalhavam com as crianças as confecções de lembranças, ensaiavam músicas cantadas, danças e apresentações teatrais. Também havia a apresentação do canto orfeônico liderado pela Profa. Celeste.

Os campeonatos esportivos, conforme já citado, envolviam as modalidades de basquete, futebol e vôlei e quando ocorriam na cidade de Garça SP, a escola acolhia os jogadores e as autoridades que os acompanhavam. As comemorações cívicas eram organizadas com leituras sobre a data, declamações de poemas, apresentação do canto orfeônico, sempre com a participação dos (as) normalistas atuando na Escola Anexa.

O evento da formatura, aguardado e organizado durante o último ano do curso consta desde a primeira turma de formandos e continuou ocorrendo com todo o ritual de uma formatura, com missa na igreja católica, após a missa a entrega do certificado no Cinema- Cine São Miguel ou no Clube Grêmio Teatral. Também algumas turmas

organizavam o baile no Tênis Clube. Para tanto, durante o ano os (as) normalistas formavam comissões para arrecadar dinheiro para os custos do evento.

Figura 26 - Convite Formatura Turma 1950



Fonte: Acervo da E.E. Hilmar Machado de doação do Prof. Sergio.

Figura 27 - Colação de Grau Formatura 1950



Fonte: Acervo da E.E. Hilmar Machado de doação do Prof. Sergio.

Figura 28 - Baile de Formatura dos formandos de 1950.



Fonte: Acervo da E.E. Hilmar Machado de Oliveira

A figura 26 mostra a programação contida no convite, com um dia específico para o evento da formatura, com início às 8h da manhã, em uma missa, na igreja católica e

destaque para a benção dos anéis, na qual o padre abençoava os anéis de formatura que eram comprados pelos familiares ou pelo (a) formando (a). Na sequência, após a missa havia a entrega dos certificados no Cine São Miguel, conforme mostra a fotografia da Figura 27, na qual se observam as moças e os moços em trajes elegantes, pois logo após a solenidade, ocorria o Baile de Formatura no Tênis Clube de Garça, com exigência do traje a rigor, conforme a fotografia da figura 28. Vale ressaltar que esse clube era frequentado pela elite garcense, mas na formatura participavam todos, pois se pagava uma taxa para a utilização do espaço e para a orquestra que tocava no baile.

Essa sequência no ritual da formatura permaneceu por muito tempo para todos os cursos e escolas:

Prof. Sergio: O baile era muito esperado pelos alunos no último ano. Mesmo quem não tinha muita condição fazia de tudo para participar. Até hoje tem esse ritual de formatura e de Colação de Grau. Víamos no CPP, os alunos se arrumam chegam todos bonitos, só que agora são outras músicas, nem sempre é banda, é mais o... DJ. (ENTREVISTA 7 – Prof. Sergio, Garça-SP, 29/08/2019).

O Prof. Sergio ao se referir ao CPP, é o Centro do Professorado Paulista no qual ele foi Presidente e onde acompanha as formaturas atuais [2019].

A cultura da formatura, conforme apresentada, perdurou na conclusão do curso Normal na década de 1970 e continuou na Habilitação Magistério conforme lembraram a Profa. Estela que se formou no ano de 1974 e a Profa. Marcia, no ano de 1986, com o mesmo ritual, missa, benção dos anéis e colação de grau.

A cultura da formatura dos professores e professoras valorizava e enaltecia o ser professor com o símbolo do anel e da benção relacionados à religiosidade. A propósito, mesmo a Escola pública Colégio e Escola Normal “Hilmar Machado e Oliveira”, Instituto de Educação “Hilmar Machado de Oliveira” ser denominada laica, na cultura da formatura predominava a cerimônia da religião católica celebrada na própria igreja o que representava o predomínio da religião católica na sociedade garcense e, consequentemente na escola.

Outro evento que se caracterizou na cultura escolar e na representação da Instituição Escolar na sociedade foi o desfile cívico com a fanfarra, pois envolvia muitos alunos, ensaios e uma apresentação para um público muito maior. A maioria da comunidade garcense saía às ruas para a apreciação do desfile. Assim, nas memórias de todos os entrevistados que passaram pela Escola em questão, surge o dia do Desfile Cívico de 7 de setembro ou do aniversário do município.

A fanfarra, composta por alunos e alunas, era organizada pelos professores (a) de Educação Física. A Profa. Jacinta foi lembrada como a que organizava a marcha e apresentação do que ela designava como ginástica moderna, na qual as alunas faziam movimentos sincronizados e o malabarismo da baliza. (ENTREVISTA 12 – Profa. Vera, Garça SP, 12/09/2019).

Figura 29 – Alunas normalistas do Colégio Estadual e Escola Normal Hilmar Machado de Oliveira- Década de 1950



Fonte: Acervo da E.E. “Hilmar Machado de Oliveira”

As duas fotografias contidas na figura 29 mostram um desfile cívico de meados da década de 1950, no qual aparecem as moças normalistas separando o pelotão com a identificação do nome do curso e logo atrás as outras normalistas, todas uniformizadas e sincronizadas na marcha que seguia o som da fanfarra. Elas aparecem com os cabelos arrumados e até de óculos de sol. Nenhuma das entrevistadas descreveu sobre proibições de maquiagem, eram mais liberadas em relação aos cuidados com cabelos e maquiagem. Na segunda fotografia da figura, o pelotão da Escola Normal passava em frente ao palanque onde se concentravam as autoridades. Vale ressaltar que o desfile cívico, na cidade de Garça SP, até a última apresentação, no ano de 2019, ainda faz o mesmo percurso e o palanque com as autoridades é montado no mesmo lugar da fotografia.

O desfile com as normalistas caracterizava a representatividade de um curso para moças, pois mesmo tendo alguns alunos, estes estavam na fanfarra. Como lembrou o Prof. Mario, os moços do curso Normal, geralmente estavam no desfile tocando algum instrumento, como ele. (ENTREVISTA 01 – Prof. Mario, Garça-SP, 29/08/2019).

Vale ressaltar que em determinados períodos, a Profa. Jacinta atuou como professora de Educação Física nas duas Escolas, Colégio Santo Antônio e Colégio Estadual e Escola Normal “Hilmar Machado de Oliveira”.

Pelo exposto neste capítulo, as duas Instituições marcaram a formação dos professores e professoras no município de Garça SP, o Colégio “Santo Antônio” como uma Instituição religiosa, com Capela integrada às salas de aula, regras de conduta para as normalistas cumprirem, tanto dentro da escola como fora, eventos religiosos dentre outros costumes que carregavam cunho religioso, além dos atendimentos assistencialistas e de caridade. O Colégio Estadual e Escola Normal “Hilmar Machado de Oliveira”, posteriormente Instituto de Educação, com os seus espaços de formação e integração como a biblioteca e laboratório, a organização e atuação do Grêmio Estudantil, com a participação dos alunos e alunas nos campeonatos esportivos disputados em outros municípios propiciando a interação entre ambos os sexos.

A Escola pública estadual considerada como laica, Colégio e Escola Normal “Hilmar Machado de Oliveira”, continuou a manter a cultura da formatura com missa na igreja católica e a bênção do anel, evidenciando assim o predomínio da religião católica na sociedade garcense.

A partir da constituição das Instituições de formação de professores no município de Garça-SP, os alunos concluintes do Ginásio poderiam dar continuidade aos estudos ainda no considerado Secundário, nos cursos Científico, Clássico ou Normal. Estes dois últimos, oferecidos a partir de 1953, sendo o curso Científico no noturno, fato que impedia muitas jovens de cursar por proibição dos pais.

As escolhas para uma profissão não eram neutras, e na maioria a influência foi da família, que conforme já apresentado, valorizava a escolaridade e a continuidade dos estudos nas providências para tal, bem como no comportamento no qual se destacava o que Bordieu (1998) designou como Capital Cultural, uma vez que estudar e ter uma profissão era comum para os familiares dos (as) professores (as) entrevistados. Sobre a feminização do magistério, os homens escolheram o curso Normal já com expectativas de outras atuações e as mulheres, professoras entrevistadas, também escolheram o curso Normal com a expectativa de continuidade o que marcaria um *habitus* das professoras na busca de aperfeiçoamento pedagógico que continuaria após o curso Normal, conforme exposto no capítulo 5.

O aperfeiçoamento pedagógico constante já estava também na representação da sociedade após uma década de funcionamento do Colégio Estadual e Escola Normal “Hilmar Machado de Oliveira”, devido à reivindicação dos professores (as) formados (as)

e formadores (as) na escola citada, para se ter o Instituto de Educação que permitia oferecer os cursos de aperfeiçoamento.

As duas Instituições de formação de professores (as) para o Ensino Primário, cada uma com a sua especificidade, uma pública laica e uma particular religiosa, se constituíram no município e para o município de acordo com a demanda de cada uma. A Escola Normal pública constituiu-se como tal pelas reivindicações de um grupo da sociedade, do qual professores faziam parte. O grupo era motivado pelo histórico do campo educacional dos ideais escolanovistas que defendiam para se ter no país Escolas do Ensino Primário e Secundário públicas e laicas.

Mais uma reivindicação dos agentes da sociedade garcense mobilizaram as religiosas franciscanas para constituir no município o curso Normal na escola religiosa particular Colégio “Santo Antônio”. Esse grupo de pais, religiosos católicos, queria um local exclusivo para a educação das filhas, pois a Escola Normal Pública Laica não atendia os ideais de algumas famílias.

Alguns elementos da cultura escolar da Escola Normal pública laica foram constituindo essa representação de uma escola não religiosa: ensino em classes mistas, meninos e meninas, liberdade para com tipos de cabelos ou maquiagem, não obrigatoriedade de frequência às missas, professores (as) formadores leigos religiosos, ausência das aulas de religião no curso Normal, participação das meninas em campeonatos esportivos, os desfiles cívicos com as moças maquiadas, de óculos de sol, grupos de jovens moços e moças que se reuniam na e fora da escola para tocar e cantar, dentre outros elementos que caracterizavam o cotidiano escolar e se evidenciavam na sociedade garcense.

As duas instituições destacaram-se como pertencentes à sociedade, devido os seus espaços se estenderem para além da formação profissional, na atuação da Escola confessional religiosa com as missas na capela, os bazares beneficentes, a participação da comunidade na organização das festas religiosas e na atuação da Escola pública laica na disponibilidade da biblioteca à comunidade, troféus das participações nos campeonatos esportivos representando o município, local de recebimento de políticos e outros.

Toda a vida das Instituições em questão e as suas culturas escolares eram mediadas pelos que lá atuavam e ministravam o ensino e as práticas prescritas no currículo de formação de professores, assim, nas memórias dos (as) professores (as) entrevistados (as), os professores formadores fizeram uma grande diferença, pois se destacavam na escola e para além da escola, inspirando os normalistas em formação, conforme apresentado a seguir no capítulo 4.

CAPÍTULO 4

A ESCOLA NORMAL E A HABILITAÇÃO MAGISTÉRIO: A FORMAÇÃO DE AGENTES FORMADORES NA SOCIEDADE GARCENSE

Ah!! Os professores eram ilustres, de um conhecimento! Cobravam muito dos alunos e eram respeitados pela sociedade! (ENTREVISTA 6 – Prof. Mário, Garça-SP, 29/08/2019).

Os professores (as), como agentes formadores nos cursos de formação de professores (as) para o Ensino Primário, marcaram a aquisição dos saberes mediante a atuação na escola e na sociedade garcense, o que possibilitou a representação do que seria um bom professor.

Conforme apontado no excerto dos relatos do Prof. Mario, apresentado na epígrafe, os professores (as) formadores (as) eram dotados de conhecimentos associados a uma postura de cobrar, de exigir dos seus alunos, o que proporcionava respeito e consideração.

Tardif (2000) considera, como uma das fontes de aquisição dos saberes professorais, a formação profissional para o magistério que se apresentava nas Escolas Normais e na Habilitação Magistério. As práticas ensinadas nessas escolas indicavam os saberes que estavam contidos nas concepções teóricas pedagógicas e eram mediadas pelos agentes formadores, professores que apresentavam posturas que influenciavam os (as) futuros professores (as).

Nas primeiras décadas do funcionamento das Escolas Normais do município de Garça-SP, além da atuação dos professores (as) na Escola Normal, eles (as) se destacaram na sociedade, mediante a divulgação dos seus saberes pelos meios de comunicação como jornal e rádio, na atuação da política local e na área cultural, o que também contribuiu para a representação dos ilustres professores (as).

Neste capítulo, apresento por meio das fontes iconográficas; relatos dos entrevistados (as); cadernos dos alunos(as); atas de reuniões pedagógicas e jornais; a atuação dos professores (as) formadores (as) nas décadas de 1950 a 1970 na escola e na sociedade como marcos de professores ilustres e sábios que influenciavam os alunos (as) e a sociedade com os seus saberes e práticas; os saberes e práticas contidos no currículo prescrito e ensinado no curso Normal e Habilitação Magistério e os embates entre os saberes e práticas ensinados no curso Normal e Habilitação Magistério e os apresentados

pelas professoras atuantes no ensino primário da Escola de Aplicação e dos Grupos Escolares.

Conforme apresentado a seguir, os professores (as) eram considerados ilustres, detentores de saberes, devido à atuação na sociedade garcense e na docência nas Instituições de formação de professores (as), conforme apresentado na sequência.

4.1 Ilustres Professores (as) Formadores (as), atuantes na sociedade garcense

A oficialização de uma Escola Secundária com Ginásial e Curso Normal proporcionou a constituição de um grupo de professores (as) formadores (as), licenciados (as) com formação específica, que se destacavam na sociedade devido aos seus saberes demonstrados além da escola, na atuação política e cultural, conforme se identificou nas memórias dos (as) entrevistados (as) e nas publicações do jornal “Correio de Garça” na década de 1950.

Uma dessas professoras foi a Profa. Terezinha Circe, uma jovem que marcou a formação normalista do Prof. Sergio e do Prof. Mario Baraldi, visto ambos lembrarem das suas declamações e da sua maneira clara de ensinar. Era uma professora que deixara a família em outra cidade e morava em uma república no município de Garça SP. Os alunos, encantados com aquela professora que lia, declamava e escrevia no jornal, iam até sua residência para realizarem serenatas. Essa professora iniciou a escrita de artigos no jornal local, “O Correio de Garça”, relacionados à educação, ao desenvolvimento da criança, do adolescente, à necessidade e valorização da leitura, além de participar junto aos seus pares das reivindicações por melhoria dos estabelecimentos de ensino.

No jornal “Correio de Garça” de 14 de maio de 1953, a professora escreveu um longo texto intitulado “Estudos atuais sobre a Psicologia do Adolescente”, ressaltando os estudos sobre influências sociais no desenvolvimento do adolescente (CIRCE, Garça SP, maio de 1953). Outro artigo desta- se no mesmo jornal, na edição do dia 11 de outubro de 1953. Intitulado “O Valor Educativo da Biblioteca enaltece a biblioteca pública: “Atividade educativa de grande sentido social, a organização da Biblioteca Pública é um índice de progresso dos mais avançados no que se refere à cultura de uma cidade. Dizer que um município tem bem montada a sua biblioteca, à disposição do seu povo, desde a criança até o adulto, equivale a afirmação de sua autonomia cultural.” (CIRCE, Garça SP, outubro de 1953). Essa matéria relacionada à Biblioteca tinha como objetivo partilhar com o público tal valorização, pois não havia um espaço específico no município para a

Biblioteca, sendo necessária, no ano de 1951, a acomodação do pouco acervo que se tinha em uma das salas do Ginásio Estadual e Escola Normal Dr. Hilmar Machado de Oliveira.

Além da sua colaboração nos jornais locais, a Profa. Circe liderou uma campanha de doações de livros e articulo junto com outro professor, Prof. José Porfírio, a reivindicação de um local próprio para o acesso da população, o que ocorreu no ano de 1954. O Prof. José Porfírio também é lembrado nos relatos dos (as) entrevistados (as) que vivenciaram as décadas de 1950 a 1970 no município de Garça-SP. Ele iniciou como professor titular da cadeira de Ciências Naturais no ano de 1949, “possuidor de uma oratória convincente e carismático”, como relataram, foi eleito vereador por quatro mandatos, fez parte da comissão para a reforma do Ensino Primário municipal. Como vereador e professor defendia publicamente as melhorias da educação. Foi autor do Hino à Garça no ano de 1951.

De acordo com o jornal “O Palanque”, de 30 de setembro de 1951, havia uma divulgação da sua candidatura, anunciada com questões relacionadas à educação: “Você já pensou do que Garça precisa no campo educacional? Prédio e material didático para o Colégio? Bibliotecas? Centro e Educação Física para operários? Centro coordenador para todos os professores do município? Bebedouros, carteiras, filtros, instalações sanitárias para o Ginásio”. No final, abaixo da fotografia do Prof. José Porfírio, lê-se: “Lembrem disto em 14 de outubro e votem em José Porfírio”.

Nos relatos do Prof. Sérgio, ao ver as fotos mostradas por ele, chamou-me a atenção a presença do Prof. José Porfírio em quase todas as fotos, junto aos alunos do Curso Normal. Mas ele explicou: “Ele não foi professor do Normal, logo no começo, ele dava aulas no Ginásio, mas como a maioria que estava na Escola Normal tinha feito o ginásio com ele, então continuava com aquela admiração e o escolhia para paraninfo ou para estar junto. Depois, ele foi professor do curso Normal” (ENTREVISTA 7 – Prof. Sérgio, Garça-SP, 29/08/2019). Esses relatos reforçam a ideia da popularidade que o professor tinha entre os (as) alunos (as) e, posteriormente, junto à sociedade garcense.

Figura 30 - Fotografia da turma de normalistas de 1951, tendo no detalhe, sentado na segunda cadeira da direita, de terno branco, o Prof. José Porfírio, ao seu lado esquerdo a Profa. Terezinha Circe.



Fonte: Acervo da Escola Estadual Hilmar Machado de Oliveira

Essa fotografia da Figura 30 foi tirada no Salão Nobre da Escola., nesse período, esse espaço era utilizado como Biblioteca Municipal. Os professores estão sentados e o Prof. José Porfírio é o de terno claro, tem do lado esquerdo da fotografia a Profa. Terezinha Circe. Por meio dessa fotografia é possível observar que no início da Escola Normal, havia também a demanda dos alunos do sexo masculino por esse curso. O Prof. Sergio, aluno, é o sétimo da direita para a esquerda.

Também foi destaque na atuação social a Profa. Iracema Judith Casella, citada anteriormente, estendendo à comunidade os saberes referentes à educação, mediante o que chamavam de “Conferência”. Era um evento que ocorria no espaço de um clube “Grêmio Teatral Leopoldo Fróes”, com a presença de professores e pessoas da sociedade que se interessassem; tinha a intenção de divulgar as questões educacionais relacionadas à aprendizagem dos alunos, aos estudos recentes, aos conhecimentos dos conteúdos, à psicologia e à sociologia. Nas Conferências, a Profa. Iracema Judith Casella, mais conhecida como Profa. Casella, proferia sobre o Ensino Intuitivo, defendia o ensino laico que deveria ser de acesso a todos, além das indicações da teoria educacional que preconizava a aprendizagem da criança por meio das experiências.

A partir de meados da década de 1950, foram publicadas semanalmente, no jornal “Correio de Garça”, crônicas ou poesias de autoria do também Prof. Boanerges do Prado Viana, professor de Língua Portuguesa. Esse professor também era presidente do

Clube Pan-americano, no município de Garça-SP, que envolvia os alunos nas comemorações anuais que aconteciam nos espaços da Escola ou no Grêmio Teatral.

Durante a década de 1950 e 1960 há várias publicações, no Jornal “Correio de Garça”, dos professores do Colégio e Escola Normal “Hilmar Machado de Oliveira”, referentes aos assuntos relacionados aos conhecimentos desenvolvidos na escola, sobre ciências, saúde, psicologia, sociologia e docência. Os Professores que se destacaram nas publicações para a sociedade garcense foram: Almicar Varanda, Jurandyr Guimarães, Domingos Viggiani, Iracema Judith Casela e José Maurício Borges de Oliveira.

Além dos escritos nos jornais, conforme registro na Ata da reunião de Professores, um programa na “Rádio Centro Oeste” também foi destaque para a projeção dos professores e os seus saberes na sociedade. O Programa semanal, denominado “A escola a serviço da família”, contava com a participação do Prof. Amilcar Varanda de Língua Portuguesa trazendo abordagem de temáticas que auxiliavam na educação das crianças e adolescentes. Na falta do Prof. Amilcar Varanda, a Profa. Celeste Romero Marcondes assumia o programa. (LIVRO ATA DE REUNIÃO DE PROFESSORES, 1956, p.12-14)

A Profa. Celeste está na memória dos entrevistados, mas também na de muitos alunos e alunas que passaram por ela desde 1948, quando o Ginásio Estadual e Escola Normal “Hilmar Machado de Oliveira” foi oficializado como escola pública. Aos noventa e nove anos, morando em frente à escola citada, atualmente Escola Estadual “Hilmar Machado de Oliveira”, no ano de 2014, teve a sua última participação no Projeto sobre a historiografia dessa escola. Os registros dessa participação estão na Pasta História da Escola. Nas entrevistas cedidas aos pequenos grupos de alunos, a Professora contava sobre a sua vida e a sua atuação e que os alunos que passaram por ela já eram avós e a visitam.

Conforme os seus relatos, informou que se mudou para a cidade de Garça-SP, no ano de 1936, ainda solteira e já professora de piano formada no Conservatório Dramático e Musical, onde teve aulas com Mario de Andrade. Mostrava as músicas que gostava e passava para os alunos músicas eruditas, Hinos, cantigas folclóricas e as músicas populares que tocava. Também exigia a leitura das partituras e o solfejo, que fazia parte do conteúdo das aulas de Música, denominada de Canto Orfeônico. Gostava muito das festas, as quais auxiliava a organizar. Ao ser questionada por um aluno sobre a festa que mais a marcou, disse que foi um evento no auditório da rádio, para o qual organizou o coral de alunos regido por ela para cantar. Antes da apresentação do coral,

uma aluna declamou uma poesia, tendo um acompanhamento de violão tocado pelo seu pai. A Professora Celeste se emocionou tanto que começou a querer chorar, mas quando chegou a sua apresentação não teve jeito, regia soluçando, os alunos cantando sem entender nada e ela passando vergonha. Completou que a menina que a fez chorar de emoção com a declamação da poesia, era a Vera. (PASTA- PROJETO HISTÓRIA DA E.E. HILMAR MACHADO DE OLIVEIRA, 2010-2018). A Vera é uma das professoras entrevistadas nessa pesquisa e participou das entrevistas relacionadas ao Projeto sobre a historiografia da escola. Após o relato da Profa. Celeste, foi solicitado à Profa. Vera qual era a poesia que ela declamou ao som do violão de seu pai, que fez a Profa. Celeste reger chorando. A Profa. Vera buscou nos seus guardados e cedeu à Escola a poesia declamada.¹⁵

As festas citadas pela professora foram lembradas pelos entrevistados, destacando que as apresentações dos cantos eram sempre esperadas e muito aplaudidas.

Prof. Mario: A Dona Celeste marcou minha geração, quer dizer, não somente a minha, mas dos alunos até a década de 70. Professora de música que estava sempre nas apresentações do município com o coral da Escola Hilmar. (ENTREVISTA 01 – Prof. Mario, Garça-SP, 02/09/2019).

As músicas levadas ao público eram relacionadas aos eventos, cantigas populares e músicas populares da época de autores como Dorival Caymi, Ataulfo Alves, Francisco Alves, João Gilberto, Agostinho, Enezita Barroso, Elizete Cardoso e outros. (PASTA- PROJETO HISTÓRIA DA E.E. HILMAR MACHADO DE OLIVEIRA- 2010-2018).

A atuação musical da Profa. Celeste ficou marcada na memória coletiva da sociedade garcense, com as suas apresentações musicais, nas quais participavam os (as) alunos (as) e alguns músicos da cidade, sob a regência da querida professora.

A Professora Jacintha Bretas Sales iniciou como professora de Educação Física feminina, no Colégio Estadual e Escola Normal “Hilmar Machado de Oliveira”, no início da década de 1950. Posteriormente, também ministrou aulas no Colégio “Santo Antônio”.

¹⁵Mamãe, eu tenho uma saudade louca de você.../Quando criança, mal sabia andar. /Mas me fazia de duro, /Punha um pé aqui, /Outro ali, caía no chão. /Começava a chorar. /Você assustada, levantava-se, me embalava/Fazia caretas para me fazer sorrir/Mamãe, eu tenho uma saudade louca de você.../Mas um dia...você inventou um novo brinquedo. Ficou numa cama quieta e sossegada. / Nem falava; foi para dentro de um caixão. Tomou o carro feio e todo mundo dizia: Sua mãe foi se esconder. / E eu procurei, procurei...fiz beicinho e chorei.../ Mas você nunca mais me apareceu. / Fiquei com raiva da brincadeira de esconder. /Mamãe, eu tenho uma saudade louca de você! / (Autoria desconhecida)

Mudou-se para Garça-SP, junto com o seu esposo, na década de 1940. Nesse período e até meados da década de 1970, a sociedade garcense não tinha conhecimento que esta professora dinâmica, líder dos campeonatos esportivos feminino, seria filha da grande poetiza Cora Coralina.¹⁶

Para a turma da Escola Normal, no Colégio estadual, a sua atuação ficou marcada, pois mediava junto à comunidade garcense, doações para a melhoria da escola, principalmente para a fanfarra.

De acordo com o Livro de registro das atividades extracurriculares da década de 1950, a professora conseguiu, com o apoio do Rotary do município, os uniformes para a fanfarra mista da escola e conseguiu doação dos instrumentos, feita pela prefeitura de Garça. Com a Câmara Municipal adquiriu para a Escola verba para a compra de um aparelho de som, para utilização nos ensaios da Ginástica Rítmica e para os eventos, além do material didático, instrumentos de bandinha de percussão e jogos infantis. (LIVRO DE REGISTRO DAS ATIVIDADES EXTRACURRICULARES- 1958-1959; f. 3)

A Professora em questão orientava o Clube Esportivo Feminino e treinava o time feminino de basquete, que disputava campeonato em outros municípios representando o colégio e a cidade de Garça-SP, conseguindo troféus e representando a mulher no esporte.

A Dona Jacinta era considerada muito dinâmica. Sempre no esporte e na Ginástica rítmica, levava as jogadoras para fora da cidade, o que para época era uma novidade, pois as meninas geralmente não saíam de casa. (ENTREVISTA 10 –Profa. Maria Helena, Garça-SP, 03/09/2019).

Outra professora que se destacou na sociedade garcense na área cultural, também lembrada pelos (as) entrevistados (as), foi a Profa. Lúcia Helena Alves que foi aluna da Profa. Celeste e participava do coral, mas se destacou na área teatral. Foi Professora nas duas Escolas de formação de professores.

Começou a dar aulas de inglês e português no Colégio e Escola Normal “Hilmar Machado de Oliveira” e no Colégio “Santo Antônio”, extrapolou o ministrar aulas e foi a primeira professora, do município, a estudar língua inglesa nos Estados Unidos por meio de uma bolsa de estudos cedida pelo Rotary Clube de Garça. No retorno, inovou com as aulas conforme será abordado posteriormente.

¹⁶Ana Lins dos Guimarães Peixoto (1889-1985), conhecida como Cora Coralina, foi um importante poetiza e contista brasileira. Começou a escrever aos 14 anos, mas somente aos 75 anos teve o seu primeiro livro publicado. Esteve na cidade de Garça SP por várias vezes em visita a filha Jacinta e netos. Na década de 1980 deixou os seus livros publicados e autografados para a Escola Estadual de 1º Grau Hilmar Machado de Oliveira, onde a sua filha havia lecionado.

No início da década de 1960, a Profa. Lucia Helena montou um grupo de teatro com os alunos e alunas do colegial (Clássico-Científico) e Normal do Colégio Estadual e Escola Normal “Hilmar Machado de Oliveira”. Nomeado com a sigla GETA- Grupo Estudantil de Teatro Amador, esse grupo mobilizou a cidade com as suas apresentações que aconteciam no Clube do Grêmio Teatral ou no palco do cinema.

Profa. Vera: No dia da apresentação lotava o cinema ou o Grêmio, muitos assistiam várias vezes a mesma peça e era aberto ao público. Eu e a Nancy fizemos parte do GETA, só não podíamos ir quando as apresentações eram fora da cidade, o pai não permitia. Então participávamos de peças que não iriam concorrer nos festivais de teatro, pois o GETA concorria e sempre ficava bem! Mas só de participar já era muito bom! A Lúcia além de escrever, fazer as adaptações também atuava. (ENTREVISTA 12 – Prof. Vera, Garça-SP, 12/09/2019).

A Profa. Vera lembrou de duas peças que fizeram muito sucesso, foram apresentadas várias vezes e concorreram em festivais: O auto da compadecida, do autor Ariano Suassuna e Pedro Pedreiro, de autoria de Renata Palotini. Lembrou que um colega, o Nilson, poderia ter as fotos e a relação das peças que ganharam. Com o colega citado obtivemos tal relação conforme segue: 1- Nossa Cidade de Thornton Wilder, classificada em 2º lugar na final do Festival Estadual de Teatro Amador na inauguração do Teatro de Presidente Prudente SP; 2- Pedro Pedreiro de Renan Palotini, classificada em 3º lugar no Festival Estadual de Teatro Amador na inauguração do Teatro de São Bernardo do Campo SP; 3- Auto da Compadecida de Ariano Suassuna, classificada em 3º lugar no Festival Estadual de Teatro Amador, na inauguração do Teatro de São Carlos-SP.

Além de concorrer nos festivais, as peças foram apresentadas na cidade de Garça-SP por várias vezes.

Devido ao empenho da Profa. Lucia e alunos, o Colégio Estadual e “Escola Normal Hilmar Machado de Oliveira” ofereceu uma homenagem ao grupo.

Figura 31 - Integrantes do GETA em solenidade de homenagem-1965



Fonte: Acervo do Sr. Nilson Bastos Bento cedido para esta pesquisadora.¹⁷

Neste registro do dia da homenagem recebida, os integrantes estavam arrumados para a festa e sorridentes com o sucesso. A Profa. Lucia está no centro, de óculos, ao seu lado direito a Profa. Vera e atrás dela a Profa. Nancy. O local é a escada da Escola, onde várias gerações, até os dias atuais [2020], param para fazer as fotos.

A valorização das duas professoras na área cultural e como professoras na escola marcou os eventos culturais na cidade e a consideração de professoras ilustres.

Na década de 1950, a escola Normal pública de Garça-SP também despontava por meio dos professores (as) nas questões sociais que eclodiam naquele período, muitas das quais defendidas pelo sociólogo Florestan Fernandes¹⁸ que tinha uma ideia da compreensão da educação a partir de seus determinantes sociais, considerando-a um fator de transformação social provocada (SAVIANI, 2008, p. 293).¹⁹

Na ocasião da elaboração da primeira Lei de Diretrizes e Bases Nacional, que posteriormente foi designada LDB n. 4.024/61, os professores da rede pública puderam apresentar um manifesto sobre os artigos da primeira versão da referida Lei, registrado na ata da reunião dos Professores do Colégio Estadual e Escola Normal”, páginas 45-47,

¹⁷O Sr. Nilson Bastos Bento foi integrante do GETA, e radialista no município de Garça SP por muitas décadas.

¹⁸Sociólogo formado pela Faculdade de Filosofia e Ciências e Letras da Universidade de São Paulo (USP), iniciou a carreira como professor universitário. Fez mestrado e doutorado na área de sociologia, atuou na campanha em defesa da escola pública, a favor do ensino público, laico e gratuito como direito fundamental do cidadão.

¹⁹Sobretudo entre 1945 e 1968, foi um período de intensos debates e disputas sobre as questões da escola pública e privada na educação brasileira, cujas consequências repercutiriam, inevitavelmente, sobre a nossa primeira Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, a LDB n. 4.024/61 (SAVIANI, 2008).

como “projeto de Bases e Diretrizes”. No final da ata da reunião do dia vinte e três de março do ano de 1960, há o seguinte registro, conforme segue:

[...] O assunto sobre diretrizes e bases da educação será tratado na próxima reunião por se achar ausente o Prof. Vigiani que falaria sobre o assunto e para aguardarmos a conferência sobre ele, que o Prof. Florentan Fernandes fará no Cine São Miguel. [...]. (LIVRO ATA DE REUNIÃO DE PROFESSORES, 1960, p. 45).

Na continuidade dos registros das atas, na reunião seguinte, que ocorreu em abril do mesmo ano, sem o registro do dia, o Prof. José Maurício Borges de Oliveira iniciou a leitura do referido projeto e após a leitura de cada artigo, os demais professores e professoras se manifestavam pela aprovação ou não. Segue a descrição da discussão sobre a Escola pública:

[...] Em seguida, foi lido o Título III. O Prof. Domingos Vigiani pergunta o que os presentes entendem por adequada representação. Argumenta que não deveria haver representação alguma dos estabelecimentos de ensino particular, nos Conselhos Estaduais de Educação, porque se houver, as particulares traçarão normas para eles e para o Estado, quando deve acontecer o inverso. Compete ao Estado traçar as normas, porque o estado é uma instituição, um aparelho de organização social, de equilíbrio dos interesses particulares, grupais e coletivos. Dr. Jurandir Guimarães propõe a representação de 1/3 para os estabelecimentos de ensino particulares. Posto em votação o assunto, foi obtido o seguinte resultado: - Representação nula, 4 votos; representação de 1/3, 5 votos; representação igual, 2 votos. O prof. José Mauricio Borges de Oliveira justifica o seu voto dizendo que 1/3 nos Conselhos não seria representativo e que, portanto, achou mais conveniente votar pela representação igual. Prof. Domingos Vigiani diz reconhecer a excelência de muitas escolas particulares, inclusive a da nossa cidade, mas que assim mesmo é contrário a subvenção do governo, em termos excepcionais, a uma certa empresa particular. Ficou, portanto, deliberado que no artigo 5 dever-se-ia acrescentar: adequada representação não ultrapassando de um terço. Devido ao adiantado da hora, Dr. Jurandir Guimarães propôs que se nomeasse uma Comissão para estudar ao assunto e apresentar o resultado do estudo. Prof. Vigiani propõe a leitura de um trabalho seu, que será posto em discussão. Professora Iracema Casella propõe uma reunião da Congregação, sua proposta foi rejeitada e aceita a de uma reunião dos professores na qual seria continuada a discussão do assunto. Prof. Vigiani esclarece que de uma escola pública não poderá sair um manifesto contrário a escola pública. A reunião foi suspensa pela Sra. Diretora às 19 horas, devendo ser convocada brevemente uma outra em continuação. Eu, Iracema J. Casella de Moraes Frota secretária “ad hoc” lavrei a presente ata que depois de lida e aprovada será assinada pelos presentes. (LIVRO ATA DE REUNIÃO DE PROFESSORES, 1960, f. 46-47).

A reunião seguinte ocorreu no mês de abril, no registro da Ata da reunião não consta a descrição do dia, consta o acordo de que uma comissão de professores faria uma redação com as ponderações dos professores nos trabalhos apresentados. No entanto, não há registro nessa Ata, nem nas demais posteriores, sobre o teor dos trabalhos apresentados e nem da conferência do sociólogo Florestan Fernandes, à qual se referiram.

Sobre esse período, o Sr. João Chaves era vereador e acompanhava os eventos ocorridos no Cine São Miguel e os outro (as) entrevistado (as) não se lembraram desse fato. O Sr. João Chaves relatou que o Professor- Sociólogo Florestan Fernandes esteve em Garça mais de uma vez, porque tinha relações de amizade com o então Diretor da Escola “Hilmar Machado de Oliveira”, Prof. João Nunes Miranda. Mas, não foi possível, neste texto, aprofundar-me sobre essa relação do sociólogo com o diretor. No entanto, de acordo com as atas das reuniões, as atas dos exames e o registro da retirada dos livros, há indícios da presença dos estudos sociológicos na disciplina de Sociologia ministrada na época, no Colégio Estadual e Escola Normal “Hilmar Machado de Oliveira”, pelo Prof. José Mauricio Borges. A propósito, vale citar a voz da Profa. Terezinha, aluna do Colégio Santo Antônio por escolha da sua família. Ao lembrar-se das suas vivências no ano de 1964, citou:

Profa. Terezinha: Tinha uma rádio ali perto da rodoviária “Voz Juvenil” que foi fechada. Aqui em Garça se focou nos alunos do Hilmar, que eram mais independentes. O Hilmar passou a ser o bicho papão! Namorar alguém do Hilmar, era um fim, não tinha cabimento, era taxado de comunista! Tudo isso marcou!! (ENTREVISTA 18 – Profa. Terezinha, Garça-SP, 11/09/2019).

Essa representação que surgiu na memória da Profa. Terezinha remete aos ideais possivelmente propagados pelos alunos e professores, referentes a uma sociedade mais democrática e igualitária, sendo a defesa da escola pública uma delas, mas também à participação dos alunos nas peças teatrais organizadas pela Profa. Lucia Helena ou em outros eventos e aos comportamentos mais liberais do que a outra escola particular religiosa.

Sobre o programa no rádio, eram os alunos do Colégio Estadual e Escola Normal “Hilmar Machado de Oliveira”, sob o acompanhamento dos (as) professores (as), que conduziam o programa, conforme consta a organização registrada nas Atas das Reuniões dos Professores. (LIVRO ATA DE REUNIÃO DE PROFESSORES, 1956, p.12-14). Havia também a participação das alunas do Colégio Santo Antônio, no entanto, conforme lembrou a Profa. Terezinha, elas não ficaram por muito tempo e os alunos da Escola

Hilmar deram continuidade. (ENTREVISTA 18 – Profa. Terezinha Manchini, Garça-SP, 11/09/2019).

Mesmo os professores que ministravam aulas também na escola particular, demonstraram, na ocasião relatada, a preocupação com a escola pública. Dentre eles, destacou-se o Prof. Domingos Vigiani, que defendeu veemente a representação total no Conselho de Educação ser da Escola Pública, posteriormente, foi professor e vice-diretor da Faculdade de Filosofia e Ciências de Marília – FFC/UNESP-Marília.

Quanto à LDB n. 4.024/1961, foi promulgada, e o artigo 5º do Título III manteve-se: “São assegurados aos estabelecimentos de ensino públicos e particulares, legalmente autorizados, adequada representação nos conselhos estaduais de educação, e o reconhecimento, para todos os fins, dos estudos nêles realizados.” (BRASIL, 1961). Entretanto, não foi essa a concordância por parte dos professores que participaram da discussão, pois esses professores indicaram uma representatividade maior ou total das escolas públicas.

Vale destacar que o Prof. Porfírio, a Profa. Celeste, a Profa. Jacinta e a Profa. Lucia Helena também lecionavam no Colégio “Santo Antônio”, particular religioso, no entanto, a atuação deles na sociedade garcense se destacava como professores da escola pública estadual.

No Colégio “Santo Antônio”, destacava-se a ação das freiras que também eram professoras no curso Normal, com as obras assistenciais na Creche “Maria Leonor” e na interação entre ambas Instituições. Mediante tal atuação, as freiras franciscanas eram muito consideradas pela sociedade garcense. Como mulheres ilustres, elas ensinavam o respeito, a cooperação e principalmente o assistir, auxiliar aos que precisavam. (ENTREVISTA 04 – Profa. Estela, Garça-SP, 04/09/2019).

Assim, as atitudes e atuação dos professores apresentavam-se além da escola, constituindo também o ser professor para os seus (as) alunos (as) normalistas e a representação como ilustres professores na sociedade garcense, agentes que atuavam na sociedade como escritores no jornal, debatedores e defensores da escola pública, como políticos para angariar melhorias para a educação e também como artistas.

Nas Instituições de formação, os saberes específicos dos cursos Normais e posteriormente a Habilitação Magistério, também se constituíam como ensinamentos e práticas para o exercício da profissão professor, como expressos nos currículos dessas escolas apresentados na sequência.

4.2 Saberes no currículo da Escola Normal e na Habilitação Magistério

Cada professor (a) entrevistado (a) apresentou em suas memórias o que estava marcado com relação aos ensinamentos realizados na Escola Normal, referentes à aprendizagem de como ser professor.

No início do funcionamento do curso Normal do Colégio Estadual e Escola Normal “Hilmar Machado de Oliveira”, a Profa. Wilma relatou os aprendizados de como ser professora.

Profa. Wilma: Lembro que as aulas de Práticas eram dadas pela Profa. Lidya Gindle e Psicologia e Pedagogia pela Profa. Iracema Casella e essas três matérias era uma nota só. Em Pedagogia aprendíamos sobre planos de aulas, corrigir e em Psicologia, como era a criança, se estava triste, alegre, como se desenvolvia, como deveríamos tratá-las. Nas aulas de Práticas, fazíamos desenhos e escritos em papéis grandes que prendíamos em um cabo de vassoura e íamos virando, era tipo um livro grande com ilustrações. Com a Lydia, íamos dar aula nas fazendas e ela ia assistir. Tinha também, desde o ginásio as aulas de Trabalhos Manuais e Boas Maneiras com a Profa. Águeda que sempre dizia que uma boa professora, porque essa aula era separada de meninos, tinha que saber costurar, cozinhar, fazer crochê, tricô e, principalmente ter boas maneiras, saber se comportar, inclusive na cozinha, como colocar uma mesa, o que ela chamava de uma postura adequada. (ENTREVISTA 6 – Profa. Wilma, Garça-SP, 10/09/2019)

Essas memórias da Profa. Wilma, referentes ao início da Escola Normal, revelam-nos a preocupação de preparar o professor para confeccionar e utilizar os recursos práticos, como um livro ou caderno grande, conhecer sobre a criança, mas também para a professora ter uma formação voltada para o lar! Esse ensino também pode revelar uma concepção da Escola Normal, de que o aprendizado das normalistas, caso não exercessem a profissão, poderia ser útil para esposa, mãe e dona de casa.

Ainda no início da Escola Normal, a Profa. Terezinha Cirse assumiu as aulas citadas pela Profa. Wilma. Durante toda a década de 1950, as aulas de Metodologias e Práticas, Psicologia-Pedagogia eram divididas entre ela e a Profa. Iracema Judith Casella, essa, mais atuante nos estágios e na mediação entre a Escola Normal e a Escola Anexa.

A leitura do Livro de Registro de aulas dadas possibilitou verificar as disciplinas que compunham o Curso Normal, no decorrer das décadas de 1950 e 1960, da Escola Normal e Colégio Estadual “Hilmar Machado de Oliveira”. Elas correspondiam com as citadas pelos (as) entrevistados (as) normalistas nesta Instituição.

Quadro 12 - Disciplinas do Curso Normal do Colégio Estadual e Escola Normal
“Hilmar Machado de Oliveira”- 1948-1970

Disciplina	Período	1º Normal	2º Normal	3º Normal
Português	1948-1970	X	X	X
Matemática	1948-1970	X	X	X
Ciências	1948-1970	X	X	X
História	1948-1970	X	X	X
Geografia	1948-1970	X	X	X
Desenho	1948-1970	X	X	X
Trabalhos Manuais	1948-1963	X	X	X
Música- Orfeão	1948-1969	X	X	X
Psicologia-Pedagogia	1948-1963	X	X	X
Psicologia	1964-1970	X	X	X
Metodologias e Práticas	1950-1963	X	X	X
Anatomia	1950-1963	X	X	X
Sociologia	1948-1970		X	X
Biologia	1948-1970		X	
Educação Física	1948-1970	X	X	X
Filosofia e História da Educação	1950-1970			X
Educação Social e Cívica	1950-1963			X
Artes	1964-1970	X	X	X
Prática	1964-1970	X	X	X
Recursos Audiovisuais	1965-1970		X	X

Fonte: Elaborado pela autora mediante consulta Livro de Ata das Aulas dadas- acervo de E.E. “Hilmar Machado de Oliveira”

Observa-se no Quadro 12 que algumas disciplinas continuaram por duas décadas constantes, nos três anos do Curso Normal: Português, Matemática, Ciências, História, Geografia, Desenho, Educação Física e Música-Orfeão que se mantiveram até 1969, sendo incluída a disciplina de Arte. As disciplinas de Sociologia e Biologia também permaneceram nas duas décadas, nos segundos e terceiros anos; e Filosofia e História da Educação no terceiro ano.

A partir de 1964, houve uma alteração com relação às disciplinas específicas de práticas: a disciplina de Psicologia ficou exclusiva, sem a Pedagogia; a disciplina de Metodologias e Práticas passou a ser denominada Prática. Assim, a partir de 1964, se teve a disciplina de Psicologia e a disciplina de Prática.

Vale ressaltar que mediante a análise da Ata dos registros dos Exames de Segunda Chamada foi possível identificar algumas questões e conteúdos trabalhados nas

disciplinas do Curso Normal. (LIVRO ATA DE EXAMES DE SEGUNDA CHAMADA DO CURSO NORMAL, 1958, f. 1-23)

A Segunda Chamada referia-se a uma recuperação para os alunos que não obtiveram notas satisfatórias nas avaliações durante o processo de ensino. Era marcado um dia e um horário para cada grupo de alunos, e uma banca composta pelo diretor e professores das disciplinas sorteava o “ponto”, que era denominado por um número correspondente aos registros dos conteúdos que os alunos tinham no caderno.

Desse modo, nas disciplinas que se mantiveram sem alterações, verificou-se que os conteúdos se referiam ao que os normalistas deveriam saber para ensinar no Curso Primário. Como alguns exemplos do quadro a seguir:

Quadro 13 - Disciplinas e Questões atribuídas nos exames de segunda chamada para alunos do curso Normal- 1958

Disciplina	Ano	Questões
Português	1º E 2º	Redação: Como gostaria de passar o carnaval; plural dos nomes compostos; Redação-carta; classificação dos substantivos e adjetivos; regras de acentuação; Dar as condições da crase e exemplos; Dar as qualidades da descrição; Dar pelo menos 3 regras do emprego do Infinitivo pessoal; Dar a qualidade da boa narração.
Matemática	1º	Determinar os dois menores números pelos quais devemos multiplicar 24 e 36; tem-se quatro números tais que a soma dos três é 843, a soma dos três últimos é 1.217, a soma dos dois primeiros e o último 941 e a do primeiro e os dois últimos 1.028. Quais os números?
Geografia	2º	Quais as serras que fazem parte do maciço Atlântico? Quais os rios do estado de São Paulo? Qual a diferença que se dá à criança do 2º ano, entre cidade e bairro?
História	1º	A descoberta do Brasil e a expedição cabralina.
Trabalhos Manuais	2º	Projeto explicativo dos trabalhos de modelagem.
Educação Física	2º	Qual a diferença entre sessões dramatizadas e sessões historiadas; qual a coreografia do balaio?

Fonte: Elaborado pela autora mediante o Livro Ata dos Exames de Segunda Chamada-acervo E.E. “Hilmar Machado de Oliveira”.

É possível identificar, nas questões expostas no quadro, os conhecimentos que o (a) normalista deveria assimilar, como a gramática, o domínio de texto dissertativo, os problemas de raciocínio, a capacidade de memorização e o descrever das práticas executadas e registradas nas aulas de Educação Física.

O quadro apresentado é apenas um excerto dos registros, há outras disciplinas com os seus respectivos conteúdos, com destaque para a disciplina de Psicologia e Pedagogia, posteriormente chamada Prática que serão expostas posteriormente.

Outra fonte que possibilitou verificar os conteúdos ministrados na Escola Normal, especificamente no 2º ano do curso Normal, foi um caderno brochura pequeno de uma aluna, encontrado junto aos Livros de Atas. No caderno consta o nome da aluna, “Sonia” e, após alguns registros, o visto da Professora Terezinha Circe Dutra. Nas páginas há figuras coladas referentes aos conteúdos registrados.

Figura 32 - Caderno da aluna Sonia do Colégio e Escola Normal “Hilmar Machado de Oliveira”- 1951



Fonte: Acervo da E.E. “Hilmar Machado de Oliveira”

Sobre o caderno, verifica-se que não está encapado, mas não seria por falta de capricho, mas conforme lembrou a Profa. Wilma era um período bem patriota. As figuras dos soldados correndo, todos os adereços do vestuário em verde e amarelo e a bandeira nas mãos em um ato de coragem e de valentia, representavam um país que lutava, que buscava o progresso; ainda eram as influências do ideal positivista constituinte do pensamento republicano brasileiro. (CADERNO DA ALUNA SONIA DA ESCOLA NORMAL E COLÉGIO ESTADUAL “HILMAR MACHADO DE OLIVEIRA”- 1951.)

A primeira página do caderno, com letras pedagógicas e um verso sobre o amor, remete ao capricho que era cobrado dos (as) normalistas. Conforme relataram os (as) entrevistados (as), havia exigências para a apresentação de cadernos organizados, asseados, com figuras, desenhos, letras bonitas. Os cadernos eram visitados pelos (as) professores (as) do curso Normal, que diziam que o caderno mostrava a identidade do aluno, por isso deveriam ter capricho!

Deste caderno apresentado, foi possível realizar um excerto das temáticas registradas referentes aos saberes necessários aos professores (as), na concepção pedagógica daquele período, conforme segue:

Quadro 14 - Temáticas contidas no caderno da aluna- 2º ano do Curso Normal do Colégio Estadual e Escola Normal “Hilmar Machado de Oliveira”

Temática	Síntese
1º Ponto- Método	Definição de Método-indução/dedução; as vantagens das formas interrogativas ou socráticas; as perguntas que devem ser evitadas; Atitudes da professora diante da resposta do aluno; Atitudes do aluno; Causas dos erros dos alunos; Atitudes do professor diante desses erros; Modos de Ensino: individual, coletivo, misto-vantagens e desvantagens de cada um; Histograma.
2º Ponto- Organização da Classe	Arranjo e decoração da sala de aula; A construção da escolha- terreno, o recreio, a sala de aula, o mobiliário, material de ensino e a ornamentação.
3º Ponto- Retardado e Repetentes	Consequências da reprovação; Conceitos de anormalidade.
4º Ponto- O Professor	Qualidades do Professor; Valor da formação do professor; Biblioteca Pedagógica; papel do professor e a escola
5º Ponto- A organização da Biblioteca Infantil	Vantagens da biblioteca; Organização;
6º Ponto- Liberdade e Disciplina	A psicologia da criança e a sua formação moral; Dificuldades do Professor Primário
7º Ponto- Trabalho e Repouso	A formação da personalidade do aluno; O repouso; A fadiga; A divisão do tempo; O trabalho individual e coletivo; O programa;
8º Ponto- A lição	A escola tradicional; A lição para Herbart; O assunto da Lição; A classe; Defeitos comuns nas aulas de práticas; Da critica.
9º Ponto- Atividades extras-Curriculares	Cooperativas Escolares; Cinema; Rádio; Teatro; Associação de Pais e Mestres
10º Ponto- Metodologia e Geografia	Objetivos; Fundamentos; Verificação; Exemplo de Plano de Aula- Excursões, instrumentos reais como mapas, globo, bússola.
11º Ponto- Metodologia de História	Objetivos; Dificuldades; Técnica; O ensino da história nos diferentes graus
12º Ponto- Metodologia do Canto no curso primário	A importância; sua colocação no horário; Técnica; Plano de Aula.
13º Ponto- Metodologia de Ciências	Objetivos e Conteúdos para cada grau.
14º Ponto- Metodologia de Desenho	O grafismo infantil- definição, técnicas, avaliação testes e Plano de Aula
15º Ponto- Metodologia de Caligrafia	A importância da escrita; Objetivos; O problema da escrita; Técnica; Cuidados Gerais
Concepção e classificação dos métodos de leitura	Definição do método sintético, do método analítico e do método misto; Definição de alfabetização e leitura; sobre as cartilhas com as abordagens dos métodos; Linguagem no 1º grau; O ensino da leitura e Plano de Aula; Da leitura- passos para a leitura do 1º ao 4º grau.

Linguagem Escrita	Valor Social; Cuidados; A cópia e o seu relativo valor; O ditado; A reprodução; Descrição; A composição; Exemplo de uma aula de linguagem escrita; Cartas; Gramática no 1º grau; O jornal da classe
Globalização do Ensino	O sincretismo da mente infantil; A correlação-entrelaçamento das matérias considerando a separação; A globalização; os sujeitos
Requerimentos e Ofícios	Modelos: Solicitando apostila de título em virtude de casamento; Requerimento para majoração de vencimentos; Requerimento pedindo cópia da ficha do exercício; solicitando salário família; Requerimento para licença por moléstias; Licença Especial; Licença estando enferma pessoa da família; Requerimento para inscrição de 10 a 15 de fevereiro de cada ano na inspetoria auxiliar; Requerimento para Laudo de Saúde; Requerimento pedindo isenção em concurso de ingresso; Ofício pedindo abono de faltas.
Da Matrícula	Instruções para a escrituração do livro de matrícula.
Da Chamada	Como realizar e registrar a chamada dos alunos.
Metodologia de Aritmética	Histórico; Valor do ensino da Aritmética e objetivos; Técnicas de Ensino; A formação do conceito dos números; as operações fundamentais; A tabuada. As frações; os problemas.

Fonte: Elaborado pela autora - consulta ao caderno do acervo da E.E. “Hilmar Machado de Oliveira”

No Quadro 14 há definições e prescrições necessárias para a formação que se pretendia. Saberes referentes à atuação do (a) professor (a), que poderiam embasar as suas práticas, conceitos referentes às metodologias, à organização da escola, da sala de aula, aos modelos de Plano de Aula, sobre a criança e seu desenvolvimento específico na aprendizagem escolar e como preencher documentos necessários na vida profissional.

As temáticas do sexto e do sétimo pontos se relacionam com a coleção “A criança e nós” (APÊNDICE B), localizada na escola conforme descrito no capítulo 1. Fundamentadas na concepção da Psicologia do Desenvolvimento Infantil, indicam o que os (as) normalistas deveriam conhecer sobre o desenvolvimento afetivo da criança como ser social e biológico e, a partir dessa concepção as aulas deveriam ser elaboradas.

Na abordagem dos tópicos apresentados e de acordo com as prescrições para cada um, há a abordagem da concepção teórica pautada no Ensino Intuitivo ao prescrever o ensino que favoreça a criança experimentar. Sobre essa questão podem ser dados como exemplos: trabalhar a carta na aula de Linguagem, propor o uso social da carta e a criança escrever para alguém aprendendo o estilo correto e a escrita de uma carta.

Os saberes explicitados na Escola Normal também são evocados nas memórias dos professores entrevistados, sempre tendo como precursor o professor (a) formador (a). A primeira representação do conhecimento que vem à memória é a figura do professor, posteriormente vem o nome da disciplina e o que aprendiam.

Profa. Maria Helena: Os professores eram tops!! Muito inteligentes, tinham postura, ensinavam e cobravam. A Profa. Iracema Casella, de Prática, era excelente, rigorosa, exigente. Uma vez escrevemos duas palavras erradas, “quis” e “pesquisa” com “z”. Ela nos fez escrever duas folhas de almaço. Nunca mais esqueci! Mas era amorosa e muito boa! Ela marcou muito, pois ensinava como dar aulas e como se utilizar dos materiais, ensinava fazer o cartaz de pregas, com figuras e palavras ou textos pequenos para cada disciplina. Ela também dizia que professor tinha que ter postura, se arrumar! Não admitia que aluna normalista fosse à escola de bob na cabeça, naquele tempo era comum as moças colocarem bob na cabeça e colocar um lenço. Ela dizia que o aluno não gostava de ver professora mal arrumada, a professora deveria estar sempre de cabelo penteado e roupa apresentável, mas ser educada, amável, cumprimentar todos e falar pausadamente sem gritar, sempre ouvir e atender com cautela e calma. (ENTREVISTA 10 – Profa. Maria Helena, Garça-SP, 03/09/2019).

No relato apresentado, destacaram-se alguns saberes como: aprender por repetição ao escrever várias vezes as palavras escritas errado; aprender como ensinar com recursos, tendo como um deles o cartaz de pregas, que de acordo com a Profa. Maria Helena, é um material confeccionado com cartolina e colado por cima um papel tipo “papel pardo”, no qual se faz pregas, dobras como leque, para colocar figuras grandes, números, palavras, pequenos textos, também escritos em cartolinas recortadas; a apresentação pessoal da professora como sendo também essencial para agradar ao aluno, que na concepção da professora formadora deveria ser bem apresentável, não somente no visual como também no jeito de falar e tratar as pessoas e os alunos.

Os ensinamentos apresentados no relato da Profa. Maria Helena faziam parte do currículo, de acordo com o registro do 4º ponto do caderno, no qual há as descrições sobre a conduta do professor na formação docente, conforme quadro descrito a seguir:

Quadro 15 - Condutas do Professor

Qualidade do Professor	Adaptação do Professor ao meio
A- Ser social 1-Dedicação a todos os alunos; 2-Cuidado especial com os menos dotados.	A-Meios para aperfeiçoamento: 1- A biblioteca pedagógica; 2- As revistas; 3- Reuniões; 4- Cursos de aperfeiçoamento.
B-Comunicabilidade 1- Paciência;	B- A seleção do magistério 1-Capacidade física; 2-Intelectual; 3-Moral; 4-Vocação.
C- Formação Científica 1- Métodos e processos; 2-Capacidade de Análise; 3- Capacidade de dirigir os trabalhos.	C- Valor da formação do professor 1-Dela depende todo o progresso em questão do ensino;

	2-Um programa nada vale sem um espírito que o anime, o funde e o faça frutificar
D- Economia 1-Dispendio de Energia; 2-O processo didático. Necessidade de equilíbrio nessa qualidade	D- O papel do professor e a escola Responsabilidade maior: 1-Necessidade de grande preparo intelectual; 2-Conhecimento da personalidade infantil; 3- Formação moral.

Fonte: A autora- caderno da aluna acervo E.E. “Hilmar Machado de Oliveira”

No quadro apresentado, ressaltam-se as prescrições da qualidade que o professor (a) deveria ter e as capacidades e adaptações ao meio educacional. Para a atuação docente, ou seja, para a seleção do magistério seria necessário o (a) professor (a) ter desenvolvido a capacidade física, a capacidade intelectual, a moral e a vocação. Desse conjunto apresentado, referente à formação do (a) professor (a), dependeria o progresso do ensino.

A representação de tais capacidades e qualidades perduraram durante muito tempo na atuação dos (as) formadores (as) nas Escolas Normais e na Habilitação Magistério.

Os relatos dos (as) professores (as) entrevistados (as) ao se referirem aos seus professores (as) da Escola Normal bem como os registros nas atas das reuniões dos professores (as) formadores (as) e das professoras da Escola Anexa apresentam os indícios das concepções educacionais que se buscavam legitimar.

Na condição de alunos (os), os relatos dos entrevistados apresentam marcas da atuação dos (as) professores (as) que ensinavam.

Profa. Maria Helena: A Profa. Lúcia era ótima, ensinava como ter uma biblioteca na sala de aula, uma farmacinha. Elas nos preparavam para dar aula nas escolas isoladas onde teríamos que fazer de tudo. A Cidinha Piola também deu aula de Prática e, era do mesmo jeito da Iracema e da Lúcia! Exigentes, mas ensinavam muito bem! (ENTREVISTA 10– Profa. Maria Helena, Garça-SP, 03/09/2019).

Profa. Vera: A Cidinha Piola dava Práticas de Ensino e Psicologia, inovou as aulas com uns cadernos, para registrar as reflexões dos problemas colocados. As aulas práticas na Escola Anexa, eram planejadas e no dia marcado a Cidinha Piola ficava junto assistindo, depois, na classe apontava no que deveríamos mudar para melhorar. (ENTREVISTA 12 – Profa. Vera, Garça-SP, 12/09/2019).

Profa. Nancy: No Curso Normal tive um encontro inusitado com três professores muito bons, eu poderia dizer, professores que alargavam e expandiam o pensar a escola, a vida, a sociedade, o desenvolvimento, as mudanças e as transformações: Prof. José, Profa. Cidinha e Profa. Mercedes Stéfani. Digo inusitado, porque eles eram tão bons, mas tão bons...Entendiam do tempo, espaço e de pessoas. Sabiam das pesquisas passadas e presentes. Correlacionam-nas com aquilo que estávamos aprendendo. Sabiam da Vida, das áreas em que a pesquisa é feita no dia a dia, no construir o conhecimento, no despertar para a sociedade, nas

relações e interrelações pessoais, políticas e legais. (ENTREVISTA 13 – Profa. Nancy, Garça-SP, 06/05/2020).

Os relatos apresentados pelas três professoras expõem as aulas práticas relacionadas à organização da sala de aula, tanto para a aprendizagem, mediante uma biblioteca na classe, quanto para os cuidados que se deveria ter com as crianças, tendo uma farmacinha na classe caso o aluno se sentisse mal ou se machucasse. As aulas práticas não sendo somente assistidas, mas avaliadas com reflexão sobre o que poderia melhorar. A atuação do professor e das professoras da Escola Normal citados dava-se além das aulas práticas; conforme especificado no relato da Profa. Nancy, pois relacionavam as teorias e as pesquisas, com as questões do cotidiano.

A Profa. Cidinha e o Prof. José, citados nos relatos, são professores presentes nesta pesquisa e apresentaram as memórias do período em que foram professores na Escola Normal, exemplificando a citação a Profa. Nancy.

Sobre a atuação como professora na Escola Normal e as intervenções práticas a Profa. Cidinha apresentou:

Profa. Cidinha: Ao começar dar aulas na Escola Normal, no Hilmar, encontrei uma mulher maravilhosa, a Profa. Iracema Casella, comecei com Psicologia, depois Práticas de Ensino. A Casella era Deweyana, tinha os livros de Dewey e estudávamos, líamos os textos com ela, era um modo de ensinar vivencial. Então eu era exigente com os alunos. Exigia, leitura e pesquisas. Também a elaboração das aulas conforme estudávamos, que era o método global. Os problemas encontrados, as buscas de soluções. Os alunos elaboravam as aulas, com os recursos e eu ia assistir. Se não estivesse de acordo, já sinalizava, tinha que refazer, estudar mais. Mas as vezes, após várias tentativas tinha que sinalizar que o aluno não seria um bom professor! Como foi o caso do Valdir Perez, o que foi goleiro da Seleção Brasileira. Era meu aluno, mas não levava jeito para ser professor, estudava, não conseguia explicar e, quando foi dar aula, na disciplina de Prática eu disse: “Quando vou ver o jogo do Garça no domingo, você é dez como goleiro, como professor é zero!!!! Vai ser goleiro”. E ele foi! (ENTREVISTA 20 – Profa. Cidinha, Garça-SP, 16/09/2019).

Mediante esse relato anterior, observa-se que as reflexões referentes às aulas práticas contribuíam para a melhoria das práticas docentes dos (as) normalistas, mas também para a não continuidade, como exemplificou a Profa. Cidinha ao emitir a sua avaliação ao então futuro goleiro da Seleção Brasileira, Valdir Perez.

No mesmo relato, também se identificam os estudos dos trabalhos de Dewey, um dos pensadores teóricos do movimento escolanovistas, e a apropriação e divulgação do método global, conforme explicou a Profa. Cidinha:

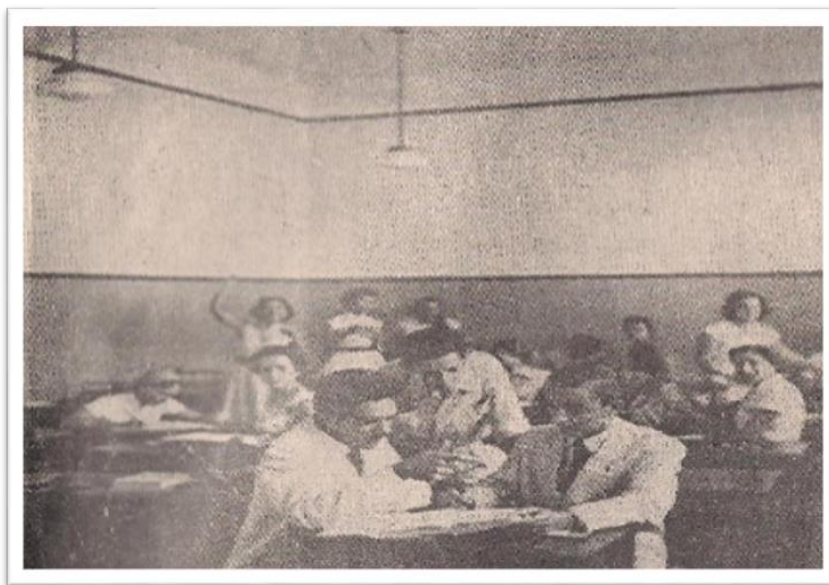
Profa. Cidinha: Fazendo cursos, fiz um relacionado ao método global: era contextual, você contava uma história, tirava uma frase, a criança ouvia e via aquela frase várias vezes, depois destacava uma palavra, essa palavra era escrita, reescrita, falada, depois ela era dividida em sílabas, as sílabas eram trocadas formando novas palavras. (ENTREVISTA 20 – Profa. Cidinha Piola, Garça-SP, 16/09/2019).

Sobre o método global citado nesse relato, também chamado de método analítico, na abordagem do ensino, esse método tinha como pressuposto a percepção a partir do todo para as partes e estava no bojo das proposições da Escola Nova.

4.2.2 Espaços de aprendizagem: salas de aula, excursão e biblioteca

Para além da organização das disciplinas, a sala de aula, enquanto um lugar praticado, um espaço, revelava que havia momentos de cooperação, trocas e até uma descontração de aceno para o momento da foto!

Figura 33 - Aula no curso Normal da Escola Normal e Colégio “Hilmar Machado de Oliveira”



Fonte: Acervo E.E. “Hilmar Machado de Oliveira”

De acordo com o Prof. Mario, a Profa. Cida e o Prof. Sergio, alunos do Colégio Estadual e Escola Normal “Hilmar Machado de Oliveira” neste período, não era sempre assim, mas em algumas aulas, como nas aulas da Profa. Iracema Casella e nas aulas da Profa. Terezinha Circe, ocorriam momentos de interação.

O Prof. Mario, lembrou das práticas da Escola Normal do Colégio Estadual e Escola Normal “Hilmar Machado de Oliveira”:

Prof. Mario: Não era um curso que ficamos somente na sala de aula. Os professores programavam excursões que eram passeios, mas também

para aprender. Essa professora que aparece discursando é a Professora Terezinha Circe, ela dava aula de Práticas de Ensino. Na foto foi uma excursão à Fazenda Santa Cecília. Lá tinha escola, íamos ver como era e, algumas vezes, também dar aulas como experiência. Tinha sempre um ponto de como deveríamos dar aulas, depois preparávamos as aulas e tínhamos que ir ao Grupo Escolar ou em uma fazenda com o grupo da classe para aplicar. Ela ia verificar. Mas foi uma professora que muito marcou, era alegre, gostava de recitar poemas e nos incentivava a ensinar. Quando comecei como professor no início da década de cinquenta, me lembrava do jeito dela ensinar. (ENTREVISTA 1 – Prof. Mário, Garça-SP, 29/08/2019).

As leituras, discursos e escritos da Profa. Terezinha Circe marcaram uma prática de interesse pela leitura e autores, conforme lembrado pelo Prof. Mario, pois as suas declamações atraíam os alunos para o interesse de buscar leituras de poesias, de crônicas de romance e outros.

A imagem da fotografia na Figura 34 nos revela uma professora falando com eloquência, enquanto um aluno e uma aluna ouviam-na.

Figura 34 - Aula na Fazenda Santa Cecília



Fonte: Acervo da E.E. “Hilmar Machado de Oliveira”, doado pelo Prof. Mario.

Segundo esse relato do Professor Mario, ainda não tinha a Escola de Aplicação-Anexa, por isso as aulas práticas para experimentar com as crianças ocorriam no Grupo Escolar e, esporadicamente, nas Escolas Isoladas da zona rural. Além de dar aulas, os (as) normalistas, acompanhados (as) pelos (as) professores (as), conheciam sobre a organização e vida na zona rural.

Os alunos normalistas, apesar de um número reduzido, juntos com as alunas normalistas, participavam da formação inicial da docência de maneira entrosada, conforme lembrou o Prof. Mario. Os alunos (as) iam de uniforme, pois não era somente passeio. A ida à fazenda, zona rural, consistia na aquisição de novos saberes: conhecer o lugar e como as crianças da zona rural viviam, como era a escola Isolada Rural, com a sua classe na qual havia crianças do 1º ao 3º ou 4º ano, as dificuldades e os métodos de trabalho do professor que deveria fazer tudo na escola, desde a limpeza até propriamente as aulas. (ENTREVISTA 1 – Prof. Mário, Garça-SP, 29/08/2019).

O espaço da Biblioteca fazia parte da formação dos (as) normalistas, pois alguns professores (as) solicitavam as leituras dos livros pertencentes ao acervo da Escola, o que era escrito na lousa era um resumo que, na maioria das vezes, era retirado dos livros que estavam no acervo da Biblioteca (ENTREVISTA 19 – Prof. Cida, Garça-SP, 29/03/2020).

Nos dois livros de registro de retirada dos livros da Biblioteca, há o registro do livro de Sociologia, emprestado pela Profa. Cida que explicou que o Prof. José Maurício dava aula de sociologia e visto a complexidade da matéria, do interesse e da avaliação, ela retirava o livro, que era usado pelo professor, na Biblioteca da Escola. Ressaltou que alguns alunos compravam os livros, mas como tinha na biblioteca e ela não tinha condições de comprar os livros, então os emprestava da biblioteca. (ENTREVISTA 19 – Prof. Cida, Garça-SP, 29/03/2020).

Quadro 16 - Títulos dos livros retirados pelos (as) alunos (as) normalistas – 1953-1954

Título	Autor	Título	Autor
Sociologia Educacional	Fernando de Azevedo	História do Brasil	Tabajara Pedroso
Princípios da Sociologia	Fernando de Azevedo	História da Civilização	Will Durant
Lições de Sociologia	Aquiles Archêro Junior	História da Educação	Paul Monroe
Introdução a Sociologia	Amaral Fontana	O Divórcio	Pe Leonel Franco
Teoria e Pesquisa em Sociologia	Amaral Fontana	Espumas Flutuantes	Castro Alves
Sociologia da Vida Rural Brasileira	Hernani de Carvalho	Poesias Completas	Raimundo Correia Roy Cohen
Revista Sociológica	Olímpio Catão	Quando o homem ama	Octavian
O problema da Educação Rural	Fernando de Azevedo	Poesias	Olavo Bilac
Práticas dos testes mentais	Henri Pierson	A ilustre casa de Ramires	Eça de Queiroz

Aulas de Canto Orfeônico	Judith Morisson Almeida	Literatura Luso Brasileira	Francisco da Silva Bueno
A Educação e seus problemas	Fernando de Azevedo	Alma Cabocla	Paulo Setúbal
Plano de Aula	Orlando Antunes Moreira	Contos	Eça de Queiroz
O ensino primário no Brasil	M.A. Teixeira de Freitas	Noções de Psicologia da Criança	João de Souza Ferraz
Didática da Escola Nova	A. M. Aguayo	Práticas Escolares	Antônio D'Ávila
Pedagogia Científica	A.M. Aguayo	Lições de Pedagogia	Chosteauss
Geografia das Crianças	Aroldo de Azevedo	Pedagogia Geral	Mario Gonçalves Viena
Biologia Educacional	Ary Lex	Orientação Educacional	Isabel Junqueira Schimit
Filosofia da Educação	Cônego Siqueira	Psicologia Del Nino	Claparede
Os Fundamentos da Psicanálise	Emilio Mira Lopes	Psicologia Humana	João de Souza Ferraz
Psicologia Evolutiva da criança e adolescente	Emilio Mira Lopes	Psicologia Infantil	João de Souza Ferraz
Noções de Psicologia da Criança	João de Souza Ferraz	Caderno de Psicologia	Gates
Boas Maneiras	Carmem D'Ávila	Higiene da Primeira Infância	Dr. Pedro de Alcantara
Desenho Pedagógico	Harttwel	Enciclopédia dos Trabalhos Manuais	Schwetter

Fonte: A autora de acordo com o Livro de Registro de empréstimo dos livros da biblioteca do Colégio Estadual e Escola “Hilmar Machado de Oliveira”

O quadro apresentado refere-se aos títulos retirados pelos (as) alunos (as) normalistas no período de 1953 a 1954. A maioria refere-se à formação específica de professores, no entanto, há os livros de literatura.

Os livros dos autores John Dewey, Fernando Azevedo e Lourenço Filho eram referências para o método Intuitivo, constante do movimento da Escola Nova. Ao comparar com o caderno, não há referência dos autores, apenas prescrições que se entende serem as práticas relacionadas a essa fundamentação teórica.

Sobre os livros de literatura, a Profa. Vera esclareceu que o Prof. José Maurício lecionava Sociologia e Português, exigia muita leitura e na disciplina de Língua Portuguesa

escolhia o autor Eça de Queiroz, apesar de ser um livro não indicado para os que estavam no início do Ginásio. (ENTREVISTA 12 – Profa. Vera, Garça-SP, 12/09/2019).

Na sequência, apresento os embates entre a teoria estudada no Colégio Estadual e Escola Normal/ Instituto de Educação “Hilmar Machado de Oliveira” e as práticas das professoras da Escola de Aplicação Anexa.

4.3 Escola de Aplicação-Anexo e Escola Normal: embate entre teoria e práticas

Nas memórias da Profa. Maria Izabel que atuou na Escola de Aplicação- Anexa à Escola Normal e Colégio Dr. Hilmar Machado de Oliveira, no decorrer da década de 1950 e 1960, a Profa. Iracema Casella, como Professora que acompanhava os estágios e as aulas práticas das normalistas, mantinha um constante diálogo com as professoras sobre os métodos de alfabetização.

Profa. Maria Izabel: A Casella sempre tinha contato conosco, eu tinha o método sintético, mas as alunas e a Casella, ensinavam no método Analítico, global. Então começamos assim, com as palavras, com um texto. As alunas iam dar aulas na minha classe e sempre tinha as histórias, figuras, experiências, cartazes. Nós usávamos a cartilha, mas também o método que estudávamos com a Casella. (ENTREVISTA 21 – Profa. Maria Izabel, Garça-SP, 28/10/2019).

Mediante tais memórias, observa-se que há a influência da metodologia adotada pela Profa. Iracema Judith Casella referente à alfabetização. Além de ensinar os (as) alunos (as) normalistas também realizava a mediação entre as professoras da Escola de Aplicação. Como demonstrou a Profa. Maria Izabel que utilizava o método sintético, ensinava a alfabetização por meio da apresentação e aprendizado das letras, da soletração, do fônico, da relação do som com a letra e da silabação; método que ela foi alternando mediante o aprendizado com a Profa. Casella e alunas que demonstravam em suas aulas práticas a aplicabilidade do método analítico, ao utilizarem histórias, frases, palavras para iniciar o processo de alfabetização.

A Profa. Maria Helena também ressaltou que havia uma rotina na interação entre a Escola Normal e a Escola de Aplicação-Anexa:

Profa. Maria Helena: Tínhamos que montar um plano de aula, a Profa. Iracema Casella via e, tínhamos que dar essa aula nas classes do Anexo. Nesse dia, ficava na classe a Profa. Iracema, a professora da classe, e os nossos colegas de classe sentados lá atrás. Eu ficava sempre muito nervosa. Depois, na classe do Normal, a Profa. Iracema e os outros alunos, analisavam a aula se estavam de acordo com o que aprendemos nas aulas de Prática. A Profa. Iracema dava nota. (ENTREVISTA 10– Profa. Maria Helena, Garça-SP, 03/09/2019).

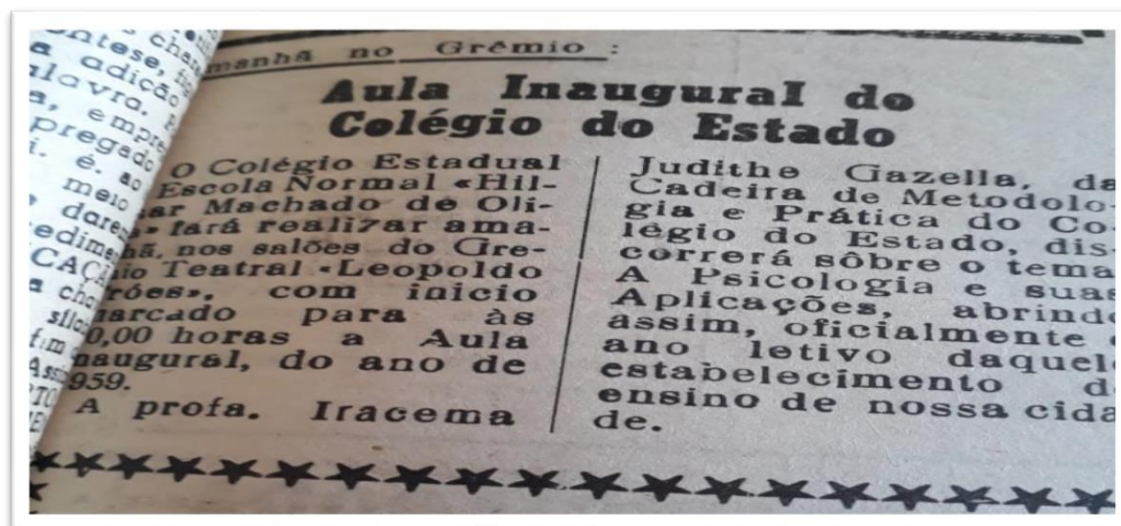
Os estudos relacionados às metodologias e conceitos referentes à educação também eram compartilhados para além do espaço da sala de aula, conforme lembrado pelas normalistas do Colégio Estadual e Escola Normal “Hilmar Machado de Oliveira” e presente nas memórias da Professora Maria Izabel.

Profa. Maria Izabel: Nós professoras da Escola de Aplicação, do Anexo, também íamos juntas com as normalistas e outros professores nas aulas inaugural e nas Conferências no Grêmio. Vinha gente de fora, mas a Casella também proferia palestras falando sobre o ensino, sobre as crianças e trazia sempre as novidades da educação. (ENTREVISTA 21 – Profa. Maria Izabel, Garça-SP, 28/10/2019).

As “novidades da educação” referiam-se aos estudos do método intuitivo, do qual a Profa. Iracema Judith Casela ensinava aos (as) normalistas e às professoras da Escola Anexa.

O evento referente à Aula Inaugural foi identificado em uma nota do jornal como um comunicado que, conforme lembrou a Profa. Maria Izabel, poderia ir os pais e outras pessoas.

Figura 35 - Nota sobre Aula Inaugural



Fonte: Jornal “O Correio de Garça” - 1959, p. 10-Acervo Museu Histórico Pedagógico de Garça-SP

Sobre a Aula Inaugural e a sua organização há a descrição em uma das Atas de reunião entre os professores:

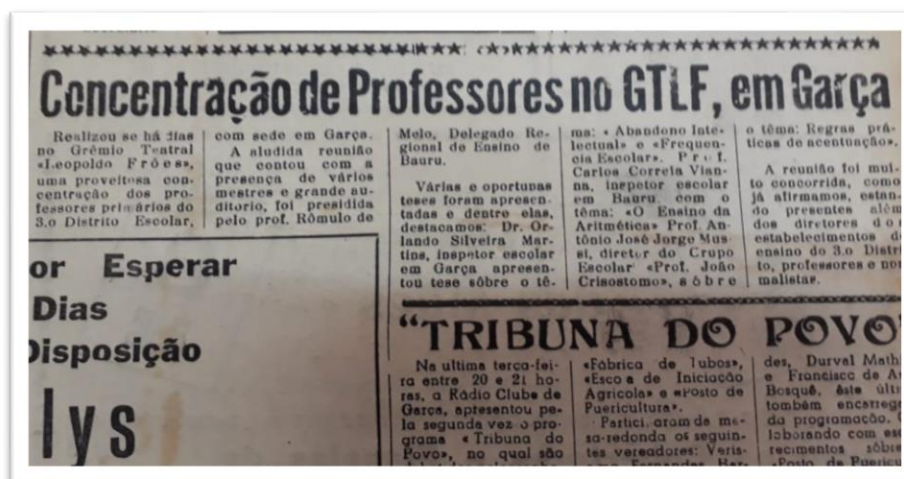
A aula inaugural é uma solenidade que marca o início do ano letivo e poderá ser ministrada por um professor do estabelecimento, convidado para este fim; ou escolhido entre as pessoas ilustradas alheias ao mesmo. O assunto deverá ser escolhido conforme o ambiente. Por exemplo, em uma sala de aula, melhor será a escolha de um assunto do

programa. Em um auditório o tema poderá ser escolhido fora do programa, visando mais captar mais a atenção dos presentes. No curso Normal, entretanto, mesmo dentro do programa, existem assuntos interessantes. (LIVRO DE ATAS DO CONSELHO TÉCNICO DO CURSO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES PRIMÁRIO, 15/12/1954, f.10)

Essa aula inaugural acontecia na própria escola ou no Grêmio Teatral, com a participação de todos os alunos normalistas e, de acordo com as lembranças da Profa. Maria Izabel, com a participação das Professoras Primárias da Escola de Aplicação-Anexa.

Além das Conferências que ocorriam durante o ano na própria escola ou no Grêmio Teatral, com palestras proferidas pelos professores ou professoras da Escola Normal, também um evento de palestras e abordagens de temáticas educacionais foi identificado como ocorrido no início do ano de 1960.

Figura 36 - Encontro de Professores



Fonte: Jornal “O Correio de Garça”, 14/02/1960, p. 3. Acervo do Museu Histórico Pedagógico

A reportagem apresentada nos traz indícios de que o evento foi organizado pelos órgãos oficiais e as teses proferidas pelos ocupantes de cargos concursados no serviço público educacional, como o diretor de escola e inspetores, estes últimos tinham como atuação a fiscalização do cumprimento dos atos normativos nos estabelecimentos de ensino.

Nesse evento, que promoveu a concentração de professores primários e normalistas, destacaram-se os saberes que seriam importantes para os professores e aspirantes da profissão.

Temas como o “Abandono Intelectual” e a “Frequência Escolar”, tão debatidos também na atualidade, estavam na pauta da preocupação, no entanto, as políticas de atendimento aos estudantes poderiam indicar alguns fatores de esvaziamento das turmas, identificados na rigorosidade das avaliações, na necessidade do ingresso no trabalho, dentre outros.

A temática abordada por especialistas da educação a serviço do estado também indica o discurso da democratização do ensino que despontava para a expansão das escolas e, conseqüentemente, para a necessidade da manutenção dos alunos na escola. Assim, o (a) professor (a), na sua formação inicial e continuada já estava sendo inserido (a) na discussão referida.

No entanto, a outra temática abordada referia-se aos conteúdos e metodologias relacionados à aritmética e às regras de acentuação, o que indica a preocupação com as questões de Língua Portuguesa de como ler, e com as de Matemática de como contar, no entanto, mais aprofundada para a formação e atuação do (a) professor (a).

Anterior a esse evento, no ano de 1956, outras discussões com relação à formação dos (as) professores (as) para o Ensino Primário estavam na pauta da atuação dos professores (as) do Colégio Estadual e Escola Normal “Hilmar Machado de Oliveira”.

A senhora vice-diretora pôs, a seguir, em discussão, o terceiro tema oficial do décimo congresso estadual de Educação a realizar-se na cidade de Ribeirão Preto, durante a segunda quinzena de setembro próximo, a fim de que as conclusões do corpo docente fossem encaminhadas à comissão organizadora competente. O tema estava assim formulado: Que reformas devem sofrer as escolas normais de São Paulo, para que se aprimore a qualidade dos professores que produzem? Em resumo, chegou o corpo docente às seguintes conclusões: 1º) Ninguém pode ensinar aquilo que não sabe, e os normalistas poucos conhecimentos demonstram ter das matérias que pretendem ensinar; 2º) Os alunos do Curso de Formação Profissional do professor pouca base possuem de Português e Matemática, disciplinas que, dada a sua relevância, obrigatoriamente deveriam ser incluídas também no primeiro e no segundo ano do Curso Normal; 3º)- Necessidade de maior número de aulas práticas em que os alunos pudessem exercitar-se ativamente para as lidas magisteriais. Finalmente, a senhora vice-diretora convidou o Professor de Sociologia Educacional, senhor José Maurício B. de Oliveira, para relatar o segundo tema do congresso, com base nos seus estudos e experiências, levando em conta as realidades do nosso meio. Eis o teor desse segundo tema: “Admitia a necessidade da colaboração constante entre a escola primária e a família, como incrementar o interesse e o apôio desta em favor das atividades daquela?”. Nada mais havendo que tratar, a senhora presidenta levantou a sessão, lavrando-me, Amílcar Monteiro Varanda, secretário ad hoc, esta ata, que vai assinada por todos os presentes. (LIVRO ATA DE REUNIÃO DOS PROFESSORES DO COLÉGIO E ESCOLA NORMAL DR HILMAR MACHADO DE OLIVEIRA, f.16, 30/06/1956)

Nesse registro, entende-se que os (as) professores (os) enviariam ou iria um professor representante ao Congresso citado e levaria as questões debatidas. As questões descritas, já definidas, e a outra relacionada à interação da família e escola, que deveria ser escrita por um (a) professor (a) mediante os seus estudos e experiências, estariam na composição da apresentação do referido Congresso.

Não foi possível a continuidade da abordagem da temática citada, pois não há registros em atas anteriores e nem posteriores, mas é evidente o clamor dos (as) professores (as) formadores (as) sobre o que os (as) alunos (as) normalistas deveriam aprender: o que ensinar, com ênfase nas disciplinas de Matemática e Língua Portuguesa e como ensinar, aprendendo por meio das práticas; o que vai perdurar na postura dos (as) formadores (as) que atuarão posteriormente.

Assim, a Concentração dos Professores, elucidada na notícia do jornal, remete-se à tais saberes bem como às discussões e definições elencadas pelos (as) professores (as) formadores (as) para o Curso Normal.

Na continuidade aos saberes específicos, constituídos na formação dos professores (as) primários (as), uma década após a reunião apresentada, há a figura da Profa. Iracema Casella como mediadora entre a Escola Normal e a Escola de Aplicação Anexa do Colégio Estadual e Escola Normal “Hilmar Machado de Oliveira”, o que já foi relatado nas memórias da Profa. Maria Izabel (ENTREVISTA 21 – Profa. Maria Izabel, Garça-SP, 28/10/2019).

Essa atuação de mediação pode sugerir a postura da Profa. Iracema Casella em relação à concepção da educação, do ensino e da aprendizagem e a sua influência na organização das duas escolas que tinham o caráter de formação inicial e continuada.

É no registro de uma ata de reunião entre professoras e diretora da Escola Anexa e professoras da Escola Normal que se evidencia essa posição.

A reunião está registrada como ocorrida no dia 25 de abril de 1967, no Livro Ata das Reuniões Pedagógicas do Curso de Aplicação Anexo ao Colégio Estadual Escola Normal “Hilma Machado De Oliveira -1963-1973, nas folhas 25 a 27. Vale ressaltar que os documentos apresentam o nome de Colégio Estadual e Escola Normal “Hilmar Machado de Oliveira”, no entanto, a partir de 1962, a referida escola tornou-se “Instituto de Educação “Hilmar Machado de Oliveira”.

O registro apresenta o nome de Iracema Casella de Moraes Frota, no entanto trata-se da mesma professora que iniciou no ano de 1947, Iracema Judith Casella, faltando o segundo nome e acrescentado o nome de casada. Também consta o registro de outras três

professoras: Maria Aparecida Gomes, Vanilda Sanches e Terezinha Delicato. A Professora Maria Aparecida Gomes está nesta pesquisa e já foi apresentada no primeiro capítulo como Professora Cidinha. A professora Vanilda atuou como professora da Escola Normal, na Habilitação Magistério, diretora de escola pública estadual e está presente nas memórias da Professora Márcia, conforme relatos posteriores. A Professora Terezinha Delicato atuou como professora de Educação Artística.

De acordo com o registro da reunião, logo no início, já se anunciou o objetivo do encontro: cooperação e planejamento mútuo entre a Escola Normal e a Escola de Aplicação-Anexa do Colégio e Escola Normal “Hilmar Machado de Oliveira”. A Profa. Casella apresentou uma concepção de educação na qual o aluno seria o agente de sua educação e participante ativo do seu trabalho de formação. Mediante tal concepção, fazia-se necessária uma reforma nos métodos de ensino,

[...] ficando assim condenados aqueles que só levam a memorização, sem o desenvolvimento de hábitos, habilidades e atitudes desejáveis. Portanto, a tendência que se esboçou no início de se adotar na Escola Normal aulas de estudos dirigidos, em forma de problemas, de debate, de trabalho em equipe, não pode ser abandonada, mas somente reforçada. É urgente que se o trabalho isolado de cada disciplina na Escola Normal e a mentalidade que a formação do professor primário pode ser feita nos moldes do ensino supletivo. É preciso ter convicção que este trabalho exige estudo intensivo, dedicação plena, tempo integral do educando. De outro modo mais simplista essa formação não será conseguida e a renovação escolar há tanto tempo já idealizada e várias vezes já ensaiada nunca vingará por falta de preparo dos professores recém-saídos das Escolas Normais. É preciso acreditar na Ciência, acreditar na Psicologia, na Biologia, na Sociologia e nas orientações didáticas resultantes destas ciências. É preciso crer que existe o interesse pelo estudo, quando é compreendido a sua finalidade, que existe a disciplina consciente quando é compreendida a sua necessidade e não imposta como uma impertinência do mestre. Portanto no plano da Escola Normal é necessário que se valorize a formação profissional do professor e que ela seja apresentada ao normalista como um ideal. É preciso reconhecer que a ciência da Educação progrediu extraordinariamente nestes últimos 20 anos e que muitos dos acontecimentos que se passam dentro da escola já foram exaustivamente estudados, males já foram diagnosticados e soluções já foram propostas e quando aplicadas revelam-se eficientes. Só para servir de exemplo será citado o caso da gritaria que as crianças fazem antes e ao bater o sinal para a entrada das aulas. É um fenômeno sintomático de um estado de abandono que se encontram as crianças. Maiores esclarecimentos sobre o assunto pode ser encontrado no livro, Teoria e Prática na Escola Elementar de Roberto Moreira no capítulo: A escola primária brasileira. (LIVRO ATA DAS REUNIÕES PEDAGÓGICAS DO CURSO DE APLICAÇÃO ANEXO AO COLÉGIO ESTADUAL E ESCOLA NORMAL “HILMA MACHADO DE OLIVEIRA -1963-1975- f. 25-27)

Vale ressaltar que onde se lê: “É urgente que se o trabalho isolado de cada disciplina na Escola Normal e a mentalidade que a formação do professor primário pode ser feita nos moldes do ensino supletivo”, pode se inferir que no momento do registro houve engano, pois o sentido que se tem é que o trabalho isolado de cada disciplina e a concepção de um curso Normal aligeirado nos moldes de um supletivo não são adequados ao trabalho que a professora apresentava.

Mediante esse preâmbulo, a Profa. Casella destacou algumas medidas que visavam a interação entre a Escola Normal e a Escola de Aplicação Anexa, a partir de um Planejamento conjunto entre ambos, por meio do que foi denominado “Unidades Didáticas”. Para tanto, a professora declarou que se fazia necessário o conhecimento e a aplicação de todos os métodos, recursos e procedimentos da Didática Moderna e elenca os itens para o planejamento com foco nas Unidades Didáticas e nos procedimentos. Ainda ressaltou que aos objetivos do Ensino Primário deviam ser visados, conforme segue: desenvolvimento do raciocínio da criança, de suas atividades de expressão e sua integração ao meio físico e social. Na continuidade, ela defendeu que somente com o planejamento por meio de Unidades Didáticas, seria possível incluir as aulas dos normalistas sem comprometer a formação dos mesmos e passou a descrever os itens com as suas prescrições que podem ser identificados no quadro 17.

Quadro 17 - Planejamento para o trabalho com Unidade Didática

Itens	Descrição/prescrição
Estimulação e sondagem dos interesses dos alunos para a realização de um planejamento cooperativo.	Fontes dos estímulos: livros, conversas, debates, revistas, jornais.
Formulação dos objetivos e propósitos e planejamento das atividades a serem realizadas.	Aplicação da técnica do trabalho em grupo.
Investigação, localização e coleta dos dados que vão servir de meios para o alcance dos objetivos e propósitos visados e para a realização das atividades planejadas.	Entrevistas, leituras, frequência à biblioteca, consulta a mapas, excursões etc.
Interação, correlação e sistematização dos dados.	Análise das aquisições feitas ou a serem adquiridas e sua sistematização por materiais do currículo primário.
Culminação das atividades.	Realização de assembleias, dramatizações, relatórios, álbuns, jornais de classe, estereogramas etc.
Avaliação da aprendizagem.	De hábitos, habilidades e atitudes adquiridas.

Fonte: Elaborado pela autora mediante registro no Livro Ata das Reuniões Pedagógicas do Curso de Aplicação Anexo ao Colégio Estadual E Escola Normal “Hilma Machado De Oliveira -1963-1975- f.25 a 27.

Na continuidade dos registros da Ata acima mencionada, a Profa. Iracema Casella destacou que o trabalho por Unidade Didática requeria um planejamento realizado pelo professor da classe, no caso específico a que se referia, o professor da classe em cooperação com o (a) normalista em formação, além de considerar os objetivos do ensino primário: desenvolvimento do raciocínio da criança, de suas atividades de expressão e sua integração ao meio físico e social e completou:

Como não houve ensejo de realizar um planejamento conjunto os normalistas já foram orientados no planejamento e execução de uma unidade didática, que todavia não podem ser completas, pois, falta a eles a metodologia de várias matérias. (LIVRO ATA DAS REUNIÕES PEDAGÓGICAS DO CURSO DE APLICAÇÃO ANEXO AO COLÉGIO ESTADUAL E ESCOLA NORMAL “HILMAR MACHADO DE OLIVEIRA” -1963-1975- f.25 - 27)

Assim, após tal definição, a professora apresentou as Unidades Didáticas a serem trabalhadas pelas (os) alunas (os) normalistas e, conseqüentemente, pelas professoras das classes da Escola Anexa, anunciando a classe da Escola Anexa e a turma da Escola Normal, respectivamente com a temática, conforme o Quadro 18.

Quadro 18 - Turmas e Unidade Didática

Ano-Normalistas	Ano-Primário	Unidade Didática
2º	4º	Jornal e região sul
2º	3º	Estado de São Paulo
3º	1º	Método analítico
3º	1º ao 4º	Iniciação à matemática moderna e numeração.

Fonte: Elaborado pela autora mediante registro no Livro Ata das Reuniões Pedagógicas- 1963-1975- f.25 a 27.

No discurso apresentado pela Profa. Iracema Casella estão contidos os ideais que se apresentavam na educação e na formação dos professores primários.

Ao indicar que “é preciso acreditar na Ciência, acreditar na Psicologia, na Biologia, na Sociologia e nas orientações didáticas” e reforçar a aproximação das pesquisas e das metodologias, observa-se aproximação com as ideias escolanovistas, nas quais se prioriza no currículo de formação de professores as três disciplinas, Educação, Biologia Aplicada e Sociologia, por meio da metodologia do ensino intuitivo bem como na consideração de que a educação seria a propulsora para o desenvolvimento social do país.

Essa concepção estava explícita nas referências teóricas e metodológicas do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas-INEP, com influência das Escolas Norte-Americanas, com destaque para as pesquisas no campo das Ciências Sociais, com

prioridade para as relações entre educação e desenvolvimento, com vistas ao atendimento às crianças mais pobres que chegavam à escola.

Para ilustrar e embasar o discurso, a Profa. Casella citou o livro *Teoria e Prática na Escola Elementar* do autor Roberto Moreira com destaque para o capítulo: “A escola primária brasileira”. O nome completo do autor é José Roberto Moreira.

Paixão (2002), ao realizar um estudo sobre este autor e as suas obras, nos aponta que este ingressou no Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas- INEP como técnico em educação via concurso e esteve em sintonia com os projetos de Anísio Teixeira na elaboração e criação dos centros de pesquisas, no decorrer da década de 1950 e início de 1960.

Mediante os estudos da autora, eis uma síntese de 10 (dez) pontos das ideias do autor Roberto Moreira, com relação à escola primária, que norteava a atuação das professoras formadoras:

- 1- A escola primária, moderna, corresponde ao princípio de educação como direito e dever de todos, em virtude de condições da vida contemporânea;
- 2 - Corresponde ao mínimo de que o homem tem necessidade como equipamento cultural exigido pela sociedade do nosso tempo;
- 3 - É universal e, por isso, pública, servindo às crianças de todas as origens, indistintamente, quaisquer que sejam suas crenças, raças, classe social;
- 4 - É laica, que não significa antirreligiosa, mas neutra em face das ideologias religiosas e políticas, respeitando-as igualmente;
- 5 - É mantida pelo Governo, isto é, com recurso do povo, par ao próprio povo;
- 6 - Em face dos direitos dos homens que resultam de condições necessárias à vida coletiva pacífica, reconhece também direitos das crianças, como pessoa humana em desenvolvimento;
- 7 - Procurando dar à criança as bases do seu necessário equipamento cultural, tem em vistas as suas possibilidades medianas, deixando para os níveis médio e superior o aproveitamento das aptidões específicas, de acordo com as necessidades coletivas e com interesses pessoais;
- 8 - Por equipamento cultural entende-se não apenas hábitos e habilidades mentais, mas também motoras (manuais) e atitudes morais, cívicas ou políticas;
- 9 - Considera as matérias escolares, inclusive a leitura e o cálculo, meios e não fins, no processo de equiparar culturalmente a criança para a vida e, por isso, a aprendizagem de tais matérias deve ser realizada em situações concretas de sua aplicação ou utilização;
- 10 - Dificulta e torna impraticável as rotinas escolares, em virtude da necessidade de revisão contínua do currículo e do planejamento constante das atividades educativas. (PAIXÃO, 2002, p. 73).

O fato da insistência da Profa. Iracema Casella na atuação de mediadora entre as práticas ensinadas aos alunos (as) normalistas e as desenvolvidas pelas professoras

adjuntas e substitutas na Escola Anexa induz ao entendimento de que as professoras insistiam nos métodos tradicionais de concepções de memorização, cópias e reprovações.

Isso se confirma ao retomar o relato da Profa. Maria Izabel ao se referir à Profa. Iracema Casella como muito inteligente, que as ensinava os novos métodos, o método analítico, mas devido às muitas cobranças dos pais, as professoras do Anexo precisavam trabalhar com a cartilha. (ENTREVISTA 21 – Profa. Maria Izabel, Garça-SP, 28/10/2019).

Com relação à adoção das cartilhas na Escola Primária de Aplicação-Anexo, identificou-se no livro de atas, as reuniões com o registro das cartilhas escolhidas para o primeiro ano. No ano de 1956 a cartilha adotada foi a *Caminho Suave*, de Branca Alves Lima e, a partir do ano de 1957 a 1963, a Cartilha *Sodré*, de Benedita Stahl, foi a adotada. (LIVRO ATA DAS REUNIÕES PEDAGÓGICAS DO CURSO DE APLICAÇÃO ANEXO AO COLÉGIO ESTADUAL E ESCOLA NORMAL “DR. HILMAR MACHADO DE OLIVEIRA”-1954 A 1963, f. 8, 9, 12).

Pelo exposto, a finalidade da Escola de Aplicação-Anexo de ser um espaço de práticas relacionadas à teoria estudada na Escola Normal, praticadas tanto pelos (as) normalistas como pelas professoras, não se concretizou visto as práticas das professoras da Escola de Aplicação permanecerem na memorização e utilização da cartilha, denominadas como práticas tradicionais. Essa situação provocava uma incoerência entre os ideais de educação e as práticas que a Profa. Iracema Casella defendia e ensinava e o que as professoras realizavam nas suas classes, local onde os (as) normalistas realizavam os estágios.

Em relação ao curso Normal do Colégio Santo Antônio, as Professoras Mariza e Terezinha apresentaram nos seus relatos as práticas e teorias ensinadas e aplicadas no ensino primário da própria escola.

Profa. Mariza: Quando fui para o Colégio, em 1959, a professora de Prática de Ensino era a Profa. Ivete Marcondes, tínhamos que preparar as aulas também com recursos. A Dona Ivete era bem rigorosa, avaliava, o material, a performance, o português, os desenhos pedagógicos, a letra, se conhecia o conteúdo. Também dávamos aulas nas classes do primário que tinha no Colégio. (ENTREVISTA 11 – Profa. Mariza, Garça-SP, 06/09/2019).

Mediante tais relatos é possível identificar também as práticas presentes na formação dos (as) professores (as), tendo como foco a utilização dos materiais para o desenvolvimento da aprendizagem dos alunos.

Considerando que o Colégio Santo Antônio apresentava uma formação religiosa, que era mantido pela Congregação Franciscana de Agudos, é possível identificar nos relatos da

Profa. Terezinha aspectos específicos dessa Escola, mesmo tendo alguns professores em comum, que lecionavam em ambas as Escolas Normais, na estadual pública e na particular.

Sobre as disciplinas, apresentou as seguintes: Sociologia, Metodologia, Português, Matemática, História do Brasil, Geografia do Brasil, Psicologia, Inglês e Estatística, Canto, Educação Artística, Desenho Artístico, Desenho Geométrico e Educação Física. Destacou que tinham as aulas de práticas pela disciplina de Metodologia Clássica.

Profa. Terezinha: Tinha a Metodologia Clássica que a gente dava aula, que eu fiquei traumatizada. Eu conto isso para todo mundo: Era sobre as vogais, eu fui dar a lição do ovo. Era sorteado o tema, ali você podia fazer tudo, ser palhaça, fazer circo. Naquela época era muito voltado para a parte artística. Então eu lembro que eu fiz um fogão de papelão, um bolo, as crianças até sentiam o cheiro do bolo assando! Então eu ia falando as vogais: A E I O, falei Ó. Mas como falar ó se falamos ovo???? Eu tirei a nota mais baixa da paróquia! Não tinha desculpa do nervoso. A professora da classe, a Dona Yolanda, era a professora da 1ª série, ficou encantada com a minha aula. Mas a freira, Irmã Aparecida, que estava avaliando, era brava, nervosa! (ENTREVISTA 18 – Profa. Terezinha, Garça-SP, 11/09/2019).

A experiência relatada pela Profa. Terezinha com relação à aula que ministrou para ser avaliada, fazia parte das aulas de estágio que eram realizadas nas classes do primário da mesma escola, as quais a professora formadora assistia para atribuir nota. Pela exposição da Profa. Terezinha, a professora da classe gostou, pois havia na aula material concreto, diferente do que ela apresentava aos alunos, que se limitava aos livros didáticos e a cartilha para a alfabetização.

Sobre a formação geral e relacionada à leitura das normalistas a Profa. Terezinha destacou a atuação da Irmã Cristina como professora e as proibições de determinadas leituras:

A irmã Cristina continuou como professora de Português no Normal. Era muito inteligente, fora de série, ela dava livros para a gente ler e ela sabia se as alunas leram. Não adiantava dar uma de esperta e ler o começo, o meio e o fim do livro. Ela ia descobrir. Você tinha que ler os romances, os romances aceitos pela religião. Eu me lembro que nós queríamos saber quem era Eça de Queiroz. Não podia falar em Eça de Queiroz. Então a gente lia escondido, porque quanto mais proibia mais dava o interesse! Mas poderia e líamos: A Moreninha, Olhai o Lírio dos Campos, Os Sertões. Então aprendemos a ler com as obras primas da literatura brasileira. Quer dizer, de uma certa forma, nós fomos privilegiadas, porque foi através delas que o nosso português se tornou correto. Tinha as falhas, mas você tinha conteúdo para colocar no papel, porque tinha um alicerce muito grande. Era obrigada a ler porque durante o mês se trabalhava aquele conteúdo e toda a parte histórica, toda a literatura estava em um movimento histórico. A Profa. Irmã Cristina conseguia trazer todas as disciplinas para a literatura. Como por exemplo, na época do romantismo. Era tudo casado com Geografia do Brasil e a História do Brasil. Isso era muito importante. Então tínhamos uma base muito

grande. A gente não tinha tempo para nada, era só estudar. (ENTREVISTA 18 – Profa. Terezinha, Garça-SP, 11/09/2019).

A obrigatoriedade dos livros clássicos e a proibição do autor Eça de Queiroz mostrava o ideal da formação religiosa. Apesar da proibição, as leituras aconteciam e havia as exigências das leituras solicitadas pela da Irmã Cristina.

As memórias da Profa. Terezinha apresentam uma formação voltada para os conhecimentos gerais, mas também focada e voltada para a constituição dos saberes que seriam ensinados. Destaca-se na postura da Profa. Irmã Cristina, lembrada como muito inteligente, a realização de um trabalho interdisciplinar.

As duas Instituições formadoras de professores primários apresentavam a dificuldade de relacionar a teoria e a prática ensinadas no curso Normal com as práticas das professoras atuantes na Escola de Aplicação e ou na Escola Primária.

4.4 Habilitação Magistério e as teorias e práticas para o ensino e a aprendizagem

A transformação da Escola Normal em Habilitação Magistério, mediante a Lei Complementar 5.692/71(BRASIL,1971), não proporcionou uma mudança imediata na caracterização da formação de professores, pois foi gradativa.

No município de Garça-SP, marcou a saída das alunas do Colégio “Santo Antônio” para o Instituto de Educação “Hilmar Machado de Oliveira”. As memórias de duas professoras, da Profa. Estela que vivenciou a mudança e o início da denominação Habilitação Magistério que continuou sendo chamado de “Normal” e da Profa. Marcia que iniciou a sua formação em meados da década de 1980, possibilitou identificar aspectos dos saberes que se destacaram nesse período.

Sobre a nova escola de formação a Profa. Estela lembrou:

Profa. Estela: Esta escola havia sido transferida para um novo e lindo prédio, construído pelo Governo do Estado naquele ano. Suas instalações eram modernas e bem arejadas e seus professores, em sua grande maioria, eram rotulados como os melhores da cidade, exigentes, bem-preparados, atualizados, tinham excelente relacionamento com seus alunos e conseguiam envolver a comunidade nos seus objetivos educacionais. (ENTREVISTA 4 – Profa. Estela, Garça-SP, 04/09/2019).

Com relação às disciplinas, a Profa. Estela relatou que a disciplina de Matemática não foi trabalhada, mas foi transferida no terceiro ano, podendo ter sido abordada nos anos anteriores. As disciplinas cursadas neste período do terceiro e quarto ano foram: Português, História, Ciências Físicas e Biológicas, Psicologia, Organização Social e

Política do Brasil, Práticas de Ensino, Sociologia da Educação, Biologia da Educação, Desenho Pedagógico, Teoria Geral e Artes Plásticas.

Profa. Estela: As professoras que trabalhavam com a parte de Estágio tinham a preocupação de nos preparar psicologicamente e materialmente, antes de nos lançar em salas de aulas nas creches e escolas municipais de Garça, para as aulas práticas que valeriam como estágio. Tínhamos a tarefa de preparar os cartazes ilustrativos baseados na Cartilha Caminho Suave, antes de cumprirmos as horas de estágio para que as professoras de Desenho e de Práticas de Ensino os aprovasse e pudessem conferir tudo, para não passar nenhum erro. Para esse trabalho, as professoras nos deixavam livres para realizá-lo no interior do Bosque Municipal que ficava ao lado do Instituto de Educação “Hilmar Machado de Oliveira”, de onde saíam belas histórias e risadas. A professora de Desenho nos ensinava a dividir o quadro negro em três partes para não dispersar o conteúdo a ser escrito e a fazer com a régua grande as linhas imaginárias para que pudéssemos escrever corretamente na lousa, além de nos treinar corretamente nos cadernos de caligrafia com “letras pedagógicas”, bem “redondinhas” como ela dizia. (ENTREVISTA 4 – Profa. Estela Mancini, Garça-SP, 04/09/2019).

Considerando a alteração advinda da Lei Complementar 5.692/71 (BRASIL,1971), que alterou os Sistemas de Ensino, os estágios passaram a ser realizados nas Escolas de 1º Grau e ou Pré-Escola. A Escola de Aplicação-Anexa ao Colégio Estadual e Escola Normal “Hilmar Machado de Oliveira”, posteriormente transformada em Instituto de Educação “Hilmar Machado de Oliveira”, foi transferida para o Grupo Escolar, denominado após a lei citada “Escola Estadual de 1º Grau João Crisóstomo”, onde também os alunos (as) do curso do Magistério realizavam os estágios. No relato apresentado, observa-se que o aprendizado relacionado à alfabetização tinha como fundamentação os pressupostos contidos na cartilha Caminho Suave, visto as alunas elaborarem materiais visuais copiando-os da cartilha de forma ampliada.

Na mesma escola, na década posterior, no ano de 1984, a Profa. Márcia iniciou a habilitação Magistério e lembrou que iniciou o 2º Grau no ano de 1983, porque o primeiro ano era comum a todos os cursos. Também ressaltou que, no segundo ano da Habilitação Magistério, ainda tinham nas disciplinas de Matemática e Língua Portuguesa conteúdos específicos do “Colegial”, denominado 2º Grau.

Profa. Márcia: Meus professores no curso do Magistério foram importantes na minha formação: Vanilda Sanches, Alzira, Júlia, Cleuza, entre outros, sempre preocupados com a nossa formação de qualidade. Nos davam leituras e trabalhos que fazíamos com grande dificuldade, devido à falta de tempo. Organizamos e apresentamos teatro, brincadeiras, jogos, atividades diferenciadas, que colocávamos em prática no estágio obrigatório. Nos estágios obrigatórios de Pré-Escola e Escolas de 1ª a 4ª série aprendi muito sobre a profissão: como lidar

com os conflitos diários, a postura do professor em sala de aula, indisciplina, convivência com pais, funcionários, enfim, a dinâmica escolar. Ele foi essencial para minha formação, pois entrei em contato com a escola, propriamente dita e sua dinâmica: assistia aula, ajudava a professora corrigindo atividades, cadernos, tomando leitura dos alunos, fazendo o reforço com aqueles que tinham dificuldades, além de aplicar na prática o que aprendíamos na teoria: os 8 passos da alfabetização e as atividades do AM- Atividades de Matemática. (ENTREVISTA 17 – Profa. Márcia Santos, Garça-SP, 22/01/2020).

Ao retomar o período da sua formação de professora na Habilitação Magistério, no início de 1983, a Profa. Márcia citou a Profa. Vanilda Sanches, a mesma professora que estava na reunião citada anteriormente, liderada pela Profa. Casella. Ressalta em suas memórias a importância do estágio e da aplicabilidade do que se aprendia na teoria, ou seja, vêm a sua memória os saberes relacionados às práticas. Pelo exposto no seu relato, a aprendizagem que ocorria no curso de formação relacionava-se com as práticas das professoras de 1ª a 4ª série do 1º Grau. Vale ressaltar que o período é de meados da década de 1980, no qual havia se iniciado um trabalho de formação continuada realizado pela Delegacia de Ensino de Garça SP, abordado no capítulo 5.

A mesma professora ressaltou que foi um período de formação, no qual aprendeu a confeccionar muito material para as aulas, tanto que mesmo não atuando mais como professora há muito tempo, guardou alguns como: figuras para flanelógrafo, jogos de dominó e de memória. Esse material guardado foi emprestado para mim, junto com 06 (seis) cadernos, sendo 02 (dois) exclusivos dos registros dos relatórios dos estágios e 04 (quatro) registros das matérias do curso, dos quais um é registro de coletâneas de jogos para as crianças e outro registro de músicas infantis.

Figura 37 - Materiais confeccionados e cadernos



Fonte: Acervo Profa. Márcia Cristina dos Santos Rosário

O caderno no qual há o registro da disciplina de Didática inicia-se com a definição conforme segue: A escola e o professor na vida da criança, Funções da Escola,

Sistematização dos conhecimentos que a criança traz da sua rica experiência de vida, Proposição de atividades que atendam aos interesses da faixa etária da criança, desenvolvimento das habilidades adequadas à integração da criança ao meio físico e social, criar hábitos saudáveis e atitudes (predisposições) positivas em relação ao que deseja a comunidade. Na sequência, há um texto intitulado “Ensinando a criança” de autoria de Alayde Marcozzi, no qual é exposto o ideal da Escola Moderna. Nessa concepção, a criança aprende as técnicas fundamentais da leitura, da escrita e do cálculo por meio de atos participativos contrários à memorização e à imitação.

Mediante o texto apresentado, é possível identificar a concepção de educação em relação à aprendizagem, semelhante à elucidada na Escola Normal, no decorrer das décadas de 1950 e 1960, ao fazer alusão à Escola Moderna. Há aspectos equivalentes ao discurso da Profa. Iracema Casella e do autor citado por ela, como a aprendizagem, por meio do material concreto, no entanto, com a orientação para a participação e confecção realizada pelo aluno e não exclusiva pelo professor.

Com relação ao professor na classe e no ambiente da sala de aula, há a indicação de que a sala de aula deve ser atraente, para incentivar a criança a ter interesse no ensino aprendizagem, porque é nela que a criança passa a maior parte do tempo e que o professor tem a responsabilidade de proporcionar ao aluno condições favoráveis à aprendizagem.

Quadro 19 - Orientação para a organização da sala de aula

Mobiliário	Sugestões de Arranjos da Sala
-Carteiras e cadeiras-atender às condições físicas das crianças-para crianças canhotas carteira adequada. -Quadro- negro ou verde- o professor deve ficar na frente do quadro, mas de maneira que não atrapalhe a visibilidade da criança, devendo escrever com o corpo de lado para que as crianças possam ler nitidamente as atividades que estão no quadro	- Quadro de notícias: Divulgar as notícias da escola, da cidade, do estado, do país, do mundo; renovar constantemente de acordo com os conteúdos; ter gravuras, ser colorido e vistoso; -Cantinho das Novidades: Pode ser localizado na estante, mesa ou outro. Material que estimule e mantenha o interesse das crianças pelo assunto que está sendo desenvolvido; - Biblioteca da Classe: livros didáticos, recreativos, revistas, álbuns de relatórios dos alunos, material de recorte; - Cantinho de Ciências: sugestões: gaiola com pássaros, terrários, aquários, caixotes com areia/terra/terra adubada, mostruários de sementes; - Pannel de Exposição: Pode ser confeccionado com folha de Eucatex, papel cartão ou cartolina para colocar os melhores trabalhos dos alunos. Colocados na classe, no saguão, no pátio, no corredor. Para confeccionar- não colocar sempre as mesmas crianças, fazer a equipe tendo um bom aluno e quatro regulares.

Fonte: Caderno de Didática da Profa. Márcia Cristina dos Santos Rosário-Elaborado pela autora.

O quadro 19 apresenta as prescrições da organização de uma sala de aula, com a concepção do Ensino Intuitivo. De acordo com a Profa. Márcia, na realização dos estágios, estes quesitos deveriam ser observados.

A Profa. Márcia ressaltou que era muito reforçada a aprendizagem da alfabetização pelo método dos “Oito Passos”. Sua descrição com exemplos consta nos registros de um dos seus cadernos conforme o Anexo C, no qual o ensino da leitura se inicia pelo todo, ou seja, por uma história, para depois realizar a análise das partes: sentenças, palavras, sílabas. Desse modo, as etapas enunciadas para alfabetizar se relacionam ao Método Analítico.

Vale retomar que este método era o proposto e ensinado também na Escola Normal pela Profa. Judith Casella, conforme já exposto.

Pela indicação da Profa. Márcia, na realização dos estágios, a aluna observava e até participava desse processo de alfabetização, no qual as professoras já não mais utilizavam as cartilhas, mas folhas mimeografadas e livros.

Por todo o exposto neste capítulo, a organização curricular da Escola Normal e da Habilitação Magistério apresentava a concepção teórica do Método Intuitivo, ensinada pelos (as) professores (as) formadores (as), sendo a mesma que compôs a formação dos (as) professores (as).

Os (as) professores (as) formadores (as), agentes sociais, atuaram para além da escola, propiciando a representação, na sociedade garçense, de ser bom (a) professor (a) e influenciando com a participação os (as) alunos (as) normalistas, conforme segue: escritores de temas relacionados à saúde, à sociologia, à psicologia, dentre outros, no jornal local; participação na rádio local na condução do programa “A escola a serviço da Família” com orientações e interação sobre a educação da criança e jovens; na política em defesa da melhoria das escolas; nas apresentações culturais com músicas apresentadas pelos (as) alunos (as); liderança nos campeonatos esportivos; mobilização dos (as) alunos (as) para a formação teatral e apresentações e participações em Festivais de Teatro; discussões e debates sobre as questões sociais em defesa da escola pública; na organização das conferências e aulas inaugurais com temáticas relacionadas às concepções pedagógicas.

Esta participação dos professores formadores marcava a característica de um lugar para além da escola, o município de Garça-SP.

Sobre as conferências, ressalta a apresentada neste capítulo, com as temáticas “Abandono Intelectual” e “Frequência Escolar”, na qual participaram os (as) normalistas e os professores (as) do Ensino primário. Essa abordagem indicava os saberes necessários

aos docentes atuantes e em formação, que deveriam assimilar e aplicar para ser bons (as) professores (as). Eram saberes essenciais e necessários, frente a uma escola que se anunciava com a democratização do ensino e a expansão das escolas, discussão que estava no campo educacional sob a influência dos ideais escolanovistas e que resultaria na LDBE Lei de Diretrizes e Bases da Educação 4.024/61 (BRASIL, 1961).

A expansão das escolas e a democratização do ensino significavam a inclusão da diversidade das classes sociais e o ensino considerado como tradicional, com abordagens sem significado para o estudante, memorização e avaliações rigorosas, eram um dos fatores que levavam à não frequência dos alunos à escola e até ao abandono devido às reprovagens. Para contribuir com a aprendizagem da criança o método intuitivo foi designado como o mais adequado.

Nesse sentido, o discurso da conferência citada também estava presente no cotidiano da formação dos (as) normalistas, na voz e conduta da Profa. Iracema Judith Casella que reivindicava mais aulas práticas com ênfase na Língua Portuguesa e Matemática e que por meio de orientações e ensinamentos instruía as professoras do Ensino Primário da Escola Anexa sobre as metodologias do ensino intuitivo, devido à atuação dessas se relacionar com o método tradicional, o que dificultava para a professora (a) formadora (a) as aulas de observação e aulas práticas. A reivindicação para mais aulas práticas tinha a intenção de que os (as) normalistas “ensinassem” às professoras primárias a metodologia do ensino intuitivo.

A Profa. Iracema Casella, defendia, nas orientações citadas, a necessidade de se acreditar na Ciência, na Psicologia, na Biologia, na Sociologia e nas orientações didáticas, para persuadir as professoras. Ela apresentou o livro sobre a Escola Primária, do autor José Roberto Pereira, técnico em Educação do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas- INEP, que esteve em sintonia com os projetos de Anísio Teixeira na elaboração e criação dos centros de pesquisas, no decorrer da década de 1950 e início de 1960, período no qual se destaca um dos itens referente à metodologia solicitada para ser aplicada: considerar as matérias escolares, inclusive a leitura e o cálculo, meios e não fins, no processo de equiparar culturalmente a criança para a vida e, por isso, a aprendizagem de tais matérias deve ser realizada em situações concretas de sua aplicação ou utilização.

O discurso da Profa. Iracema e o currículo estavam expressos nas referências teóricas e metodológicas do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas-INEP, com influência das Escolas Norte-Americanas, com destaque para as pesquisas no campo das

Ciências Sociais, com prioridade para as relações entre educação e desenvolvimento e com vistas ao atendimento às crianças mais pobres que chegavam à escola.

Na formação das normalistas do Colégio Santo Antônio, identificou-se nas aulas práticas o ensino com material e visual e a atuação da Irmã Cristina, nas aulas de literatura, com uma abrangência interdisciplinar.

No curso Normal das duas Instituições apresentadas e na Habilitação Magistério, a formação dos (as) professores (as) apresentava caráter prescritivos, sem indícios de autonomia na elaboração das próprias práticas.

As práticas e teorias desenvolvidas nas escolas de formação para o Ensino Primário formaram os saberes dos (as) professores (as) agentes entrevistados (as), que seriam a base para o início e trajetória na carreira do magistério, conforme a apresentação no Capítulo 5.

CAPÍTULO 5

DEPOIS DA ESCOLA NORMAL: DAS PRÁTICAS APRENDIDAS NA FORMAÇÃO ÀS TRANSFORMADAS NA ATUAÇÃO DOCENTE

Era uma sala que não tinha forro, por isso todos os dias, de segunda a sábado, eu chegava tinha que limpar. Depois de varrer e organizar é que começava a aula. Tinha uma lousinha para cada fileira. Foi difícil no começo porque não tinha experiência, mas tinha o que eu aprendi, então, além do livro didático que o dono da fazenda comprava para os alunos, eu também usava os cartazes de pregas que eu mesma confeccionava para cada turma e, também montei uma biblioteca na classe com os meus livros. (ENTREVISTA 10– Profa. Maria Helena, Garça-SP, 03/09/2019).

Após a conclusão do curso Normal, os professores (as) iniciavam a sua atuação não mais como “normalistas”, conforme exercitavam na Escola Anexa, para avaliação, ou esporadicamente em uma Escola Isolada na zona rural, para conhecerem as escolas, nas excursões organizadas pelos (as) professores (as). Ao se assumirem como professores (as) de uma classe, os seus saberes seriam elucidados nas suas práticas.

Assim, é nesse momento que se mobiliza o conjunto de saberes apontados por Tardif (2012), como os saberes pessoais, adquiridos no ambiente familiar, na vida; os saberes advindos da escola anterior à escola de formação, na escola primária, ginásio e os saberes da formação profissional, os saberes disciplinares e curriculares e os saberes experienciais.

Os saberes da formação profissional, aqueles aprendidos no curso de formação, podem ser identificados como saberes pedagógicos, nos quais se têm implícitas doutrinas ou concepções ideológicas e formas de atuação, de saber-fazer e técnicas. Os saberes disciplinares relacionam – se às disciplinas contidas nas áreas do conhecimento escolar, já os saberes curriculares se estabelecem a partir da apropriação dos programas escolares, nos quais estão incluídos os discursos, os objetivos, os métodos.

É na própria atuação, nas experiências práticas no cotidiano do professor, que os saberes experienciais se desenvolvem. “Eles incorporam-se à experiência individual e coletiva sob a forma de *habitus* e de habilidades de saber fazer e de saber ser.” (Tardif, 2012, p. 39).

Nesse sentido, os professores (as) apresentaram as suas expectativas, as influências dos saberes professorais no período de formação profissional inicial na Escola Normal ou Habilitação Magistério e a mobilização dos saberes apresentados, suas

incorporações ou decepções e as permanências e transformações na atuação professoral, aspectos que os caracterizaram como professores nas instituições escolares e sociedade.

No excerto do relato da Profa. Maria Helena apresentado na epígrafe, há a preocupação inicial de como dar aulas, mas ela conseguiu exercer a docência, mobilizando os seus saberes. Da mesma maneira, os (as) outros (as) professores (as) entrevistados (as) também demonstraram se reportarem aos aprendizados constituídos no período da formação inicial ao evocarem os professores formadores, o currículo, as metodologias e as práticas. Não somente do período da Escola Normal, mas desde o primeiro contato com o lugar que seria, posteriormente, o de sua atuação professoral.

As práticas e os saberes constituídos, que fizeram parte de toda a formação dos (as) professores (as), com destaque para as ensinadas na Escola Normal ou Habilitação Magistério, permaneceram ou se transformaram nas suas atuações, como agentes, marcaram uma cultura do ensino, da aprendizagem e da escola como um espaço, um lugar praticado.

Neste capítulo, apresento mediante os relatos dos (as) professores (as) nas entrevistas, as práticas na atuação dos docentes (as) no início da docência e no decorrer da carreira de professor (a), que se relacionam com a pluralidade dos saberes adquiridos na história de vida e principalmente no curso de formação, as suas representações de docência, e um *habitus* dos (as) professores (as) nos espaços educacionais conforme segue: Escolas Isoladas da zona rural; Jardim da Infância e Pré Escola; Ensino Primário/ 1º Grau 1ª a 4ª série; Ginásio/ 1º Grau 5ª a 8ª série, Colegial/2º Grau; Classe Especial; Gestão- Direção e Coordenação; Órgão da Secretaria da Educação- Delegacia de Ensino.

Há duas situações de atuação professoral nas quais as professoras, ainda como alunas do último ano da Escola Normal e Habilitação Magistério, tiveram a experiência de exercer a docência, a Profa. Nancy na escola experimental “Emília” e a Profa. Estela no Programa Mobral²⁰.

5.1 Alunas Professoras: a Escola Emília e o Mobral

No ano de 1964, a Profa. Nancy, ainda aluna do curso Normal do Instituto de Educação “Hilmar Machado de Oliveira”, teve a possibilidade de exercer a docência

²⁰Programa de alfabetização de adultos criado pelo decreto 5.379 de 15/12/1967, do Governo Federal, com o objetivo de erradicar o analfabetismo. Esse Programa somente foi implementado no ano de 1971, organizado nos níveis federal, estadual e municipal por meio de comissões que mobilizava a busca do público a ser alfabetizado e recursos humanos para execução do programa.

como monitora em uma escola particular com uma proposta pedagógica diferenciada das escolas de ensino primário do município. No ano de 1973, no último ano do curso Normal, que passou pela transição para Habilitação Magistério, na mesma escola, a Profa. Estela, também teve a possibilidade de atuar em um novo Programa denominado Mobral com o ensino para jovens e adultos.

Na sequência, apresento como tais atuações se materializaram na docência dessas professoras, constituindo outros espaços educacionais que se seguiram.

5.1.1 Escola Emília e a idealização de um método

A Escola Emília foi idealizada por 02 (duas) professoras e 01 (um) professor do curso Normal do Instituto de Educação Hilmar Machado de Oliveira, 02 (dois) deles são participantes da pesquisa: a Profa. Cidinha e o Prof. José

Profa. Nancy: No final daquele ano de 1963, eles, a quem eu considerava meus modelos de gente e de profissionais, me convidaram para dar aulas em uma escolinha que estavam implantando em Garça, uma escolinha completamente diferente. Naquela época, eu ainda não entendia muito bem o que era ser diferente, mas logo, pude perceber que a Escola de Artes “Emília” tinha uma proposta pedagógica centrada no aluno e o professor era sempre o mediador entre o aluno e o conhecimento. Era uma tríade: professor, conhecimento e aluno e essa tríade era cercada por muitas experiências significativas onde o aluno protagonizava a construção de seu próprio conhecimento. Coisa inusitada para os anos 60. (ENTREVISTA 13 – Profa. Nancy, Garça-SP, 06/05/2019).

A experiência de colocar na prática uma teoria que considerava a criança como protagonista da sua aprendizagem a levou a perceber as diferenças dos ideais de formação preconizados no curso Normal e a atuação das professoras da Escola de Aplicação e do Grupo Escolar no período de estágio obrigatório.

As professoras das escolas citadas utilizavam as cartilhas para alfabetização e livros didáticos a partir do segundo ano, fundamentadas em um ensino de memorização.

Sobre a Escola “Emília”, o Prof. José e a Profa. Cidinha relataram esta experiência.

Profa. Cidinha: Era uma Escola primária registrada e tudo! Era revolucionária mesmo. Éramos três idealistas, eu, o José e a Mercedes. A ideia brotou quando nós estudávamos. Eu dava aula de Práticas de Ensino no curso Normal, o Benevides e a Mercedes também davam aula. Foi logo que terminei o curso de Pedagogia e eles estavam cursando. Eu fui a primeira em Garça a cursar pedagogia na UNESP de Marília, fui da primeira turma. Então estudávamos muito. Montamos a escola, mas como disse, éramos idealistas, sem pé no chão para

empreendimento. Convidamos as famílias que teriam condições de pagar e começamos com oito alunos. (ENTREVISTA 20 – Profa. Cidinha, Garça-SP, 16/09/2019).

O Prof. José lembrou que os estudos que realizavam os levaram a idealizar uma escola diferente das que se apresentavam com utilização das cartilhas e muita memorização, era só decorar sem compreensão.

Prof. José: Queríamos envolver o aluno diretamente naquilo que ele aprende, nós queríamos uma escola compreensiva, uma escola que o aluno aprendesse a pensar, a descobrir e redescobrir as coisas. Era uma escola que realmente tinha que ter outro viés, diferente desse que se apresentava há muito tempo e no qual nós também tínhamos sido educados. (ENTREVISTA 15 – Prof. José, Garça-SP, 30/08/2019).

Para a organização da Escola idealizada, uma casa foi alugada e adaptada para escola, a atuação dos professores se deu de acordo com as áreas estabelecidas naquele período como Comunicação, Estudos Sociais, Matemática, Ciências e Arte. Cada Professor ficou com uma parte. A Profa. Cidinha assumiu a alfabetização, a Profa. Mercedes, Estudos Sociais, o Prof. José a Matemática e Ciências e a Profa. Nancy, Arte e, como monitora da Profa. Cidinha, a continuidade em Comunicação e Língua Portuguesa. A Matemática era abordada para desenvolver o raciocínio a partir de situações que as crianças vivenciavam com materiais manipuláveis e em duplas ou grupos. (ENTREVISTA 15 – Prof. José, Garça-SP, 30/08/2019).

De acordo com a Profa. Cidinha, o trabalho era pautado nos estudos de Dewey, no qual se valorizava a experiência para a aprendizagem. Nesse sentido, o desenvolvimento da criatividade fazia parte das aulas de arte que se relacionava com a alfabetização da criança ou com os conteúdos das outras áreas. Na alfabetização era adotado o método global, com utilização de livro específico, mas sempre considerando a realidade e vivências das crianças. (ENTREVISTA 20 – Profa. Cidinha, Garça-SP, 16/09/2019).

No trabalho com arte era oferecido um repertório para os alunos a partir do que era da vivência e fazia sentido, mas também imagens e pinturas que não conheciam, a partir das quais eles criavam em desenhos, colagens, pintura, modelagem. (ENTREVISTA 13 – Profa. Nancy, Garça-SP, 06/05/2019).

Essa experiência de uma escola que não contemplava o ensino tradicional, até então instituído nos Grupos Escolares e na Escola Particular Colégio “Santo Antônio”,

durou três anos, pois como apontaram o Prof. José e a Profa. Cidinha, os pais queriam para os filhos o mesmo ensino que tiveram pautado na memorização, o que levou a diminuir a quantidade de alunos, impossibilitando a continuidade da escola Emília como destacou a Profa. Nancy:

Profa. Nancy: Foi uma pena, mas o saber instituído e cristalizado condenou e matou a iniciativa de vanguarda que se implantara em Garça. Vivemos somente três anos!!! Três curtos, mas profícuos anos. Aprendi que mudar cabeças era uma coisa muito difícil de se fazer. O novo sempre é assustador e por ser assustador é visto com desconfiança. Dura lição. O status quo é imutável!!! (ENTREVISTA 13 – Profa. Nancy, Garça-SP, 06/05/2019).

O desafio de “mudar cabeças” com iniciativas para a transformação do ensino tradicional, se repetiria mais tarde na trajetória da Profa. Nancy em parceria com os mesmos professores.

Profa. Cidinha: Olha, fomos pioneiros e corajosos de querer fazer a diferença, não éramos construtivistas, como estudantes da teoria de Dewey queríamos colocar em prática aquele ideal de educação que acreditávamos. Abrimos caminhos! (ENTREVISTA 20 – Profa. Cidinha, Garça-SP, 16/09/2019).

A colocação da Profa. Cidinha de abrir caminhos, se referia as ações que posteriormente o mesmo trio de professores estaria reunido para a formação continuada dos professores na busca do rompimento com o ensino tradicional que prevalecia na escola primária.

5.1.2 Aprender e ensinar com o Mobral

A alfabetização de Jovens e Adultos não foi abordada na formação inicial dos professores (as), nem na Escola Normal e nem na Habilitação Magistério. No último ano da Habilitação Magistério, ainda chamada de curso Normal, a Profa. Estela teve a oportunidade de exercer a docência no Programa do Mobral, no ano de 1974. O Programa funcionava no período noturno em uma escola de 1º Grau- 1ª a 4ª série.

Profa. Estela: O Mobral foi a minha primeira experiência como professora. No contrato constava monitora, mas eu era a professora daquele grupo de pessoas jovens e idosas, tão carentes de tudo. Preparar-me para ir trabalhar era uma alegria, um prazer indescritível para uma jovem que ainda não havia terminado o seu curso Normal e já atuando em sala de aula e sendo remunerada. Um orgulho! (ENTREVISTA 3 –Profa. Estela, Garça-SP,04/09/2019).

Pelo relato exposto, a professora era contratada como monitora, mas atuava como professora. A organização do funcionamento do Mobral ficava a cargo da Prefeitura

Municipal que contratava os profissionais, orientava e distribuía o material necessário ao ensino. Este material eram as cartilhas entregues aos alunos e os cartazes para apresentação.

De acordo com a Profa. Estela, era aplicada uma metodologia apoiada pela cartilha e pelos cartazes que apresentavam em cada unidade uma figura e a palavra que a representava, chamada de palavra geradora, relacionada ao cotidiano das pessoas, como trabalho, união, família, rádio, povo, alimentação e outras. Após a conversa sobre a palavra e o seu significado, apresentados aos alunos, eles escreviam a decomposição das sílabas da palavra e o estudo e a escrita das sílabas, assim como a formação de outras palavras com as sílabas. Além do ensino da leitura e escrita, a Profa. Estela destacou que havia muita conversa e valorização do aluno a partir do acolhimento por parte dela de cada um que se esforçava ao máximo para aprender e apresentava as suas expectativas de vida. Em todas as aulas, havia um diálogo e conversa sobre a vida, as suas expectativas e como alcançar os seus objetivos, sempre a partir da palavra geradora que iriam trabalhar, era moroso, mas eles aprendiam. (ENTREVISTA 4 –Profa. Estela, Garça-SP, 04/09/2019).

Essa postura de acolhimento e valorização ao aluno adulto, a explicação como forma de atrair e envolver os alunos no significado da palavra e a sua escrita eram pautados nas aulas que eram ministradas no seu curso Normal para ensinar as crianças, mas adaptados com o que era significativo para os adultos. A consideração por cada aluno como pessoa que tinha uma história de vida e que deveria ser bem acolhido deu-se a partir das orientações da família e do período que esteve com as freiras no ginásio. (ENTREVISTA 4 –Profa. Estela, Garça-SP, 04/09/2019).

A experiência com a alfabetização de Jovens e Adultos para a Profa. Estela ocorreu em um ano. O Programa continuou e outras monitoras ou professoras iniciantes assumiram as turmas e deram continuidade ao ensino, por meio dos materiais próprios do Mobral.

5.2 O início da docência nas Escolas das Fazendas e as práticas específicas

Profa. Jane: Me formei em 1949 e, na cidade só tinha um Grupo Escolar, já com professoras que se formaram fora, tinha para nós as escolas das fazendas. Então, comecei dando aulas nas Fazendas. Ia a cavalo, de charrete. (ENTREVISTA 9 – Profa. Jane, Garça-SP, 02/09/2019).

O excerto do relato da Profa. Jane refere-se ao início da atuação docente na Escola Primária e período citado, a primeira turma formada de normalistas da qual a professora fazia parte. No entanto, o início da docência no Ensino Primário ocorria para a maioria nas Escolas Isoladas, chamadas pelos (as) professores (as) de “Escolas da Fazenda”.

As Escolas Isoladas eram instaladas na zona rural ou nas periferias dos municípios, desde que houvesse uma demanda de crianças para iniciar o ensino primário.

Essas escolas apresentavam características próprias, como classe multisseriada, um único professor e turmas mistas, ou seja, as turmas eram formadas por meninos e meninas. As Escolas Isoladas, localizadas na zona rural, eram estabelecidas nas propriedades dos fazendeiros que eram os responsáveis pela sua construção e adequações.

No município de Garça-SP, não há registros de Escola Isolada na área urbana, visto os Grupos Escolares se instalaram nos bairros.

Na área rural, pertencente ao município de Garça-SP, predominava a cafeicultura. Era composta por grandes fazendas nas quais residiam os trabalhadores com as suas famílias, nas chamadas “colônias”, que eram casas de madeira umas próximas das outras e por pequenos sítios, nos quais os produtores residiam com os seus familiares.

Desse modo, a população garcense era composta por uma quantidade significativa de moradores na área rural e, conseqüentemente, as crianças residiam e se desenvolviam nesses locais.

Algumas fazendas possuíam pequenos empórios chamados de “vendas”, campos de futebol, capelas e Escolas. As escolas, em sua maioria, eram construídas pelos próprios fazendeiros, como destacou a Profa. Maria Helena. Ela salientou que a “Escola da Fazenda” - a Escola Isolada da Zona Rural foi construída pelo dono da fazenda e tinha também a sua ajuda, os mobiliários e os materiais o governo mandava, mas toda a manutenção era do proprietário da fazenda, inclusive o seu transporte de carroça, dirigido pela menina, era da responsabilidade do fazendeiro. (ENTREVISTA 10– Profa. Maria Helena, Garça-SP, 03/09/2019).

Quando se iniciou o processo da institucionalização das Escolas no município de Garça-SP, com a criação do Grupo Escolar e posteriormente do Ginásio, o município contava com mais de vinte Escolas Isoladas Rurais e, entre as décadas de 1950 a 1970, mais de trinta e oito Escolas Isoladas Rurais.

Assim, eram mais as Escolas Isoladas Rurais do que os Grupos Escolares situados na área urbana, portanto, a maior oferta para os iniciantes na profissão professor que

constituía um lugar de docência estava na área rural, onde o (a) docente, na sua maioria feminina, seria a Professora da “Escola de Fazenda”.

Essas escolas não tinham um diretor ou funcionários, eram apenas os alunos e professor ou professora. Cada Escola Isolada da zona rural era vinculada a um Grupo Escolar, ficando assim sob a responsabilidade do Diretor (a) dos seus respectivos Grupos Escolares.

O percurso dos professores para chegar às Escolas da Fazenda não era simples, pois no decorrer da década de 1950 a 1960, os professores (as) não dispunham de automóveis, dependendo de ônibus, trem, carroça, charrete ou tinham que morar na Fazenda. Após o trajeto, na chegada à escola, ainda era preciso organizar o espaço para o início das aulas. Dos professores (as) entrevistados (as), cinco iniciaram a docência nas Escolas Isoladas: Jane, Mario, Cida, Caio e Maria Helena.

Desse início, estes professores (as) lembraram das dificuldades e da mobilização dos saberes adquiridos ao longo da vida para exercer a docência em um espaço de grande diversidade.

A Profa. Jane lembrou que ao se deparar com uma classe mista, onde tinha que dar aula para três turmas, pois aquela Escola Isolada ia até a terceira série, precisou retomar como alfabetizar, como dar continuidade à leitura, matemática e outras disciplinas.

Profa. Jane: Para a alfabetizar, fui procurar em livros e também como a minha professora do primário alfabetizava, era bem de cartilha mesmo, as vogais, depois as sílabas. Para ficar melhor as aulas, e chamar a atenção das crianças, comprei uma vitrola e levava discos de música para ouvir e quem já sabia escrever, escrevia o que sentia ou sobre o que era a música. As crianças de fazenda eram muito boas e disciplinadas. Eu era exigente, mas com as da fazenda nem precisava ser tão brava. (ENTREVISTA 9– Profa. Jane, Garça-SP, 02/09/2019).

Ao recorrer ao recurso da vitrola para apresentar as músicas, a Profa. Jane recorria e transformava o que aprendeu e vivenciou em sua família, pois destacou que ela e os irmãos tinham como diversão além de irem ao cinema, passear na praça, reunirem-se ao redor da vitrola para ouvir os discos de música.

A Profa. Jane ia de charrete para a Escola, lembrou que precisava estar sempre com roupas adequadas para tal, de calças compridas, sapatos baixo e confortável ou bota e camisa confortável, bem diferente dos uniformes das normalistas e das mulheres da época que usavam saias e sapatos altos. (ENTREVISTA 9 – Profa. Jane, Garça-SP, 02/09/2019).

O Professor Mario relatou que ao terminar a Escola Normal no ano de 1952, foi nomeado para uma Escola Isolada na zona rural de Marília, não tinha como ir e voltar todos os dias, então precisava ficar durante a semana na fazenda e, em troca da hospedagem e da alimentação, fazia a escrituração da fazenda. Depois de um ano, conseguiu uma classe em outra fazenda, mas pertencente à cidade Garça SP. Dessa experiência, o Prof. Mario apresentou uma pequena escola com carteiras duplas de madeira, sendo cada fileira de uma série. Havia os livros para cada série e uma lousa.

Prof. Mario: Quando comecei, ainda bem que tivemos algumas excursões nas fazendas e foi possível ver como era a organização dessas escolas. Mas tinha que preparar e aplicar quatro tipos de aula diferentes. Lembrava como as professoras faziam: dividia a lousa em 3 partes, distribuía o livro e fazia as explicações, depois ia de carteira em carteira auxiliando e explicando. (ENTREVISTA 1 – Prof. Mário, Garça-SP, 29/08/2019).

Além das práticas apresentadas nesse excerto dos relatos, o Prof. Mario retornou à lembrança das aulas da Profa. Terezinha Circe, professora de Práticas na Escola Normal, que em toda aula fazia as leituras de histórias e poemas em voz alta. Esse aprendizado o Prof. Mario disse que também colocou em prática com os alunos das 03 (três) turmas, pois a maioria das Escolas Isoladas da Zona Rural ofereciam até o terceiro ano. (ENTREVISTA 1 – Prof. Mário, Garça-SP, 29/08/2019).

Na atuação do Prof. Caio, também a Profa. Terezinha Circe foi lembrada, como a professora que ensinava a Pedagogia, como ensinar e principalmente como a que ressaltava a necessidade da leitura para os alunos. Nas Escolas da Fazenda, o Prof. Caio relatou que atuou por 06 (seis) anos, sempre com muita dificuldade de locomoção e de materiais como livros que muitas vezes era de sua providência, tendo que preparar aulas para cada fileira que correspondia a uma série, por isso o uso da cartilha e dos livros ajudava, pois era pouco tempo que se tinha com os alunos ENTREVISTA 5 - Caio, Garça-SP, 29/03/2020).

Morar na fazenda também foi o início para a Profa. Cida. Ao terminar a Escola Normal, no início da década de 1950, por ter sido uma das melhores alunas, foi contemplada com o que ela denominou de uma “cadeira prêmio”, tendo uma classe na Fazenda dos Ingleses que pertencia ao município de Gália SP, bem próximo do município de Garça SP. Considerando as dificuldades de transporte, também precisou morar na Fazenda, mas havia local adequado, casa específica para as professoras. Conforme relatado nas memórias da Profa. Maria Helena que cursou o primário nessa fazenda, era

um Grupo Escolar, com toda a organização e as classes eram por séries. A Profa. Cida lembrou que era bem-organizado, pois tinha merenda, material e livros. Para ensinar se utilizava dos livros e cartilhas. As cartilhas de alfabetização adotadas apresentavam o que no curso Normal foi aprendido como o método misto, analítico-sintético. (ENTREVISTA 19 - Cida, Garça-SP, 29/03/2020).

Como a Profa. Jane, a Profa. Maria Helena, mais de uma década depois, também fazia um percurso difícil, tendo que ir de ônibus e charrete para uma escola rural. Para tanto, lembrou que não ia para a Escola da Fazenda de saia e salto alto, precisava ir de calça e roupa confortável, pois quando chegava à Escola com classe multisseriada, ainda tinha que limpar e organizar o espaço, o que os alunos também ajudavam a fazer. Como aprendeu na Escola Normal e na sua própria educação familiar, deveria estar sempre bem arrumada e apresentável.

Para o planejamento e execução das aulas, de acordo com o excerto dos relatos da Profa. Maria Helena na epígrafe deste capítulo, ela utilizava os recursos aprendidos nas aulas de Práticas, como o cartaz de pregas para contar histórias, depois montar as frases, as palavras, as sílabas e as letras como práticas do método analítico. A organização da biblioteca com livros que ela já tinha ou que comprava. Tinha que utilizar a cartilha Sodré para alfabetização, pois era a adotada pelos Grupos Escolares. Uma vez por mês, tinha reunião Pedagógica no Grupo Escolar “João Crisóstomo” para auxiliar os professores na aula e na avaliação das suas turmas. Destacou que visto ser leitora, procurava em toda a sua atuação passar para os alunos o prazer e a necessidade da leitura, buscava novos livros, textos diferentes e ilustrados e conforme via que a turma aprendia reforçava o que havia feito. (ENTREVISTA 10 – Profa. Maria Helena, Garça-SP, 03/09/2019).

Profa. Maria Helena: Na minha prática, mesmo com as cartilhas ou livros que eram adotados, e a maneira de alfabetizar ficou bem interiorizada como a que a Profa. Casella ensinava, começando pela história, a frase, as palavras, as sílabas e as letras. Mas também com exercícios de memorização e escrita das sílabas, a formação de frases. Ensinava as cantigas folclóricas e o Hino Nacional, como apreendemos nas aulas de música. (ENTREVISTA 10 – Profa. Maria Helena, Garça-SP, 03/09/2019).

O aprendizado da alfabetização, desenvolvido nas aulas de Práticas do Curso Normal, foi mobilizado na atuação da Profa. Maria Helena bem como o ensino e canto das músicas folclóricas aprendidas e cantadas nas aulas de Música ministradas pela Profa. Celeste durante o curso Normal, mas a busca por novas maneiras de ensinar iam constituindo outras práticas.

Sobre o perfil dos alunos, os professores (as) das Escolas de Fazenda foram unânimes ao expor que apesar da classe multisseriada, de ter que preparar aulas para turmas diversificadas, eram poucos alunos e sempre muito comportados e educados, pois as famílias que mandavam os seus filhos para a Escola respeitavam muito os professores e o ensino, queriam os filhos estudados, pelo menos até o 4º ano.

Nenhum dos professores (as) apresentados (as) continuou nas Escolas da Fazenda, uma vez que os professores buscaram outras formações e especializações para atuarem nas escolas da cidade.

5.3 A atuação professoral nos espaços escolares da cidade

Os espaços educacionais, além das Escolas Isoladas da zona rural, foram constituídos de acordo com os períodos, conforme já apresentado nos capítulos 2 e 3. Após a conclusão da Escola Normal, os (as) professores (as) retornaram a esses espaços, com saberes e práticas constituídos na formação, mas também em processo, pois a prática da docência possibilitaria aprendizados e outras práticas.

Vale retomar que até o ano de 1971, os professores formados até então atuaram nos Grupos Escolares, Ginásio, Colegial ou Escola Normal. A partir do ano de 1972, devido à Lei n. 5.692/71 (BRASIL, 1971), as escolas primárias e ginásio tiveram uma junção e passaram a ser denominadas Escola Estadual de 1º Grau e o Colegial, Escola Estadual de 2º Grau e o curso Normal foi incluído como curso técnico denominado Habilitação Magistério.

Desse modo, dependendo do período e da formação, os (as) professores (as) atuaram em um desses espaços ou em todos, considerando as suas respectivas formações após a conclusão do curso Normal ou Magistério. Em espaços educacionais citados, alguns professores (as) passaram a atuar em outras funções como Diretor ou Coordenador. Apresento a seguir, por meio dos espaços educacionais do município de Garça SP, a atuação dos agentes professores (as) entrevistados (as).

Na sequência, apresento a atuação das professoras que optaram pelo espaço educacional do Jardim da Infância e Pré-Escola e os saberes específicos mobilizados por essas agentes.

5.3.1 O Jardim da Infância

A Profa. Nilma optou por fazer um curso de Especialização - Jardim da Infância e Pré-Escola, no município de Bauru-SP, distante 70 (setenta) km de Garça-SP, pois além

de adquirir mais conhecimentos e ampliar os espaços de trabalho, também iria adquirir mais pontos. Ao término, substituía quando professores (as) faltavam nos Grupos Escolares. Logo, prestou concurso do estado para a pré-escola e precisou assumir na cidade de Assis-SP, onde ficou um ano e conseguiu a remoção para o Grupo Escolar João Crisóstomo. Sobre a sua atuação, a professora destacou que da Escola Normal levou sempre o aprendizado de trabalhar com as crianças com material concreto para que a criança pudesse ver e manusear e que esses conhecimentos, somados com os aprendidos no curso específico para trabalhar com as crianças antes da idade da alfabetização, ajudaram-na a ser o que os outros diziam, uma professora dinâmica. Para ela a música era essencial, junto com a contação das histórias, da criação dos fantoches pelos alunos (as), pintura, recorte e brincadeiras. Conseguiu um piano que ficava na sala de aula e tocava e cantava com os alunos (as), conforme lembrou a Profa. Márcia que foi sua aluna. Para aperfeiçoar o trabalho com música para as crianças, fez um curso específico de bandinha rítmica e montou uma com os seus alunos (as) que se apresentavam sempre nos eventos. Mas logo no início, encontrou algumas dificuldades.

Nilma: Para desenvolver um trabalho com as crianças da Pré-Escola, era necessário um espaço adequado e, no Grupo Escolar “João Crisóstomo” não tinha, era uma salinha e o banheiro era o mesmo usado pelos alunos do noturno, do Mobral. Isso me incomodou e fiz várias campanhas, pedi ajuda, vendemos bolo e conseguimos ampliar a sala, fazer um banheiro específico para os pequenos. (ENTREVISTA 8 – Profa. Nilma, Garça-SP, 18/07/2020).

Sobre a dinâmica de buscar auxílio para a melhoria, retomou que na Escola Normal, alguns professores (as) agiam dessa forma para melhorar o atendimento aos alunos, pois não havia investimentos e nem verbas para a escola. Lembrou da sua afinidade com música e de entender com as aulas de música da Dona Celeste que era possível ensinar as crianças, mas adaptar para cantigas infantis e de forma alegre e descontraída, como aplicou com os seus alunos. (ENTREVISTA 8 – Profa. Nilma, Garça-SP, 18/07/2020).

Enquanto ministrava as aulas na então Pré- Escola, a Profa. Nilma cursou Pedagogia.

Iniciar a docência tendo como parceira de trabalho e diretora as professoras que foram formadoras na Escola Normal e no espaço onde cursou o Jardim da Infância, foi uma experiência vivenciada pela Profa. Terezinha, que optou por aceitar o convite para

lecionar na Jardim da Infância da Creche “Maria Leonor”, no final da década de 1960, quando terminou o curso Normal.

Profa. Terezinha: Imagine que de aluna passei a ser professora junto com a Irmã Cristina e a diretora era a Irmã Sagrado Coração e na mesma escola que fui aluna no Jardim da Infância! Foi muito diferente e ao mesmo tempo desafiador, pois tinha que colocar em prática os ensinamentos delas, inclusive a postura de professora como foi ensinada, a responsabilidade de ter em suas mãos várias crianças e fazer o melhor. Tive muito apoio das irmãs, que primavam pela organização, mas também pelo tratamento às crianças como pequenos que precisavam do tempo para brincadeiras, cantigas e desenvolvimento motor. (ENTREVISTA 18 – Profa. Terezinha, Garça-SP, 11/09/2019).

Enquanto lecionava na Creche, a Profa. Terezinha relatou que fez o curso de Especialização de Pré-Escola na cidade de Marília e, posteriormente, substitui a Profa. Nilma na Escola Estadual de 1º Grau “João Crisóstomo”, na classe de Jardim da Infância. Após ser aprovada no concurso público do estado se removeu para uma cidade mais próxima de Garça SP e conseguiu retornar à Escola Estadual de 1º Grau. Sobre a sua atuação, a Profa. Terezinha destacou que utilizava muito material ilustrativo, livros infantis, revistas para recortar e montar figuras, músicas. Junto com as crianças organizava eventos, festas e, as crianças esperavam o desfile de Sete de Setembro, que ela incentivava a participação e a arrumação dos pelotões dos pequenos. Tal atuação foi atribuída pela professora como conhecimentos e influência dos cursos que fez, do Normal e da Especialização em Pré-Escola, dos quais aplicava na prática e criava outras atividades, mas com destaque que a base foram os dois cursos, o Normal e o da Especialização. (ENTREVISTA 17 – Profa. Terezinha, Garça-SP, 11/09/2019).

5.3.2 Ensino Primário e ou 1º Grau 1ª a 4ª série

A Profa. Jane, depois de atuar nas escolas da zona rural conseguiu classe no Grupo Escolar João Crisóstomo:

Profa. Jane: Como professora, eu era muito brava! Muito exigente com os alunos. Chegava um aluno bagunceiro o Diretor já colocava na minha classe para eu dar jeito! Eu estudava muito e escolhi para trabalhar com as minhas classes, o livro didático da Débora Pádua. Não era fácil ter material, mas eu comprei, li todos os livros didáticos e adotava eles com os alunos. Nem todos podiam comprar, e os que não podiam emprestava o meu para lerem e realizarem os exercícios sentados juntos e sem conversa. O aluno tinha que aprender! Continuei levando a vitrola. Esses bagunceiros eram os que mais se apegavam com a gente. Quantos que passam aqui e me gritam: “Oi Professora J.” Alguns eu reconheço outros não. (ENTREVISTA 9 – Profa. Jane, Garça-SP, 02/09/2019).

Ao se autodefinir como era e como ministrava suas aulas, veio à memória da Profa. Jane, a professora rígida, brava que recebia os alunos bagunceiros para “dar um jeito”, mas com destaque para o acolhimento. A adoção de uma metodologia de livros foi lembrada pela professora como explicação oral, leitura do texto, resolução dos exercícios do livro com a sua ajuda, mas tudo sem conversa ou bagunça.

A Profa. Wilma ao terminar o curso Normal, no ano seguinte, em 1950 começou a carreira docente com uma classe de primeiro ano na referida Instituição. No período da tarde, esporadicamente substituía no Grupo Escolar ou nas Fazendas. No período da noite 02 (duas) vezes na semana ministrava aulas, aulas de corte e costura para as mães dos alunos da Creche.

Profa. Wilma: Aquelas aulas de Trabalhos Manuais no curso Normal me incentivaram a pensar para que serviria na minha atuação de professora. Por isso, aprendi a costurar e vi o quanto seria importante ensinar as mães dos meus alunos e de outros também. As irmãs, as freiras da creche incentivavam pois seria uma maneira das mães ajudarem em seus lares. (ENTREVISTA 6 – Profa. Wilma, Garça-SP, 10/09/2019).

Ao ensinar as crianças do primeiro ano e mesmo dos outros anos e nas substituições, a Profa. Wilma relatou que trazia das aulas de Práticas e da Psicologia o ensino para a criança com alegria, então sempre procurou contar histórias, cantar e dramatizar. Ensinau começando pelas vogais, sílabas, frases. Mas, antes contava uma história sobre o começo da letra que ensinaria ou da sílaba. Deu o exemplo, se fosse o M, de macaco, contava a história de um macaco, levava desenhos, fantoches, ensinava música. Como não poderia fazer uma faculdade, pois já tinha os filhos, fez um curso de Aperfeiçoamento pelo Estado, sobre a Matemática Moderna. Salientou que esse curso muito contribuiu para a sua atuação, pois abordava o ensino da Matemática com brinquedos, como dados, ábaco e outros materiais e também aprendia a confeccionar os materiais para trabalhar com os alunos. A Profa. Wilma destacou que amava ser professora, mas precisou parar para cuidar de uma filha que adoeceu e só retornou muitos anos depois, em uma escola particular, em classes de alfabetização. Desse período relatou que retomou o que aprendeu no curso Normal, nas suas práticas anteriores como professora e procurou estudar e dar aulas mais motivadoras, com mais materiais que incentivassem as crianças. Destacou que dentre os seus alunos estava a sua neta que teve o prazer de alfabetizar. (ENTREVISTA 6 – Profa. Wilma, Garça-SP, 10/09/2019).

O Prof. Sergio iniciou a docência como professor substituto na cidade, tanto de Garça SP, quanto na cidade vizinha Vera Cruz-SP, substituindo. Era o início da década de 1950 e se inscreveu nas escolas e quando precisava ia de motocicleta. Desse período, retomou que lecionava com os livros didáticos e cartilhas e cursou Educação Física. (ENTREVISTA 7 –Prof. Sergio, Garça-SP, 29/08/2019).

O Prof. Caio, após 06 (seis) anos atuando nas Escolas Isoladas da zona rural, atuou 02 (dois) anos no Grupo Escolar “Maria do Carmo Pompeu Castro”, em Garça-SP, o chamado “Grupinho” e desistiu da docência, visto ter cursado Direito e preferir exercer a profissão de advogado. Sobre a desistência de ser professor relatou que não tinha habilidade para ensinar, pois os alunos ouviam, mas não entendiam, por mais que tentasse aplicar as metodologias e explicações. (ENTREVISTA 5 - Caio, Garça-SP, 29/03/2020).

Da Escola da Fazenda dos Ingleses, a Profa. Cida se transferiu para o Grupo Escolar “João Crisóstomo” e nesse período cursou Letras. Sobre as suas práticas, relatou que o livro didático era um guia a ser seguido, mas concomitante sempre incluía outros meios como apresentações de outros materiais como cartazes. (ENTREVISTA 21 - Cida, Garça-SP, 29/03/2020).

Apesar de não ter cursado a Escola Normal no município de Garça-SP, a Profa. Cidinha ao retornar já formada, iniciou a docência no Colégio Santo Antônio com as freiras, onde tinha cursado o Ginásio. Sobre a primeira experiência como docente ela relatou que não sabia como agir, pois lhe foi atribuída uma classe de primeiro ano e era alfabetização, então foi buscar ajuda de uma professora mais experiente, mas era muito tradicional e foi assim que ela fez, trabalhou com a cartilha de alfabetização que era o método silábico e foi nesse período que recebeu na escola a visita da Profa. Josefina Chaia que divulgou o curso de Pedagogia da UNESP de Marília. Seria a primeira turma da então FAFI – Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da cidade de Marília, em finais de 1958. De acordo com a Profa. Cidinha, foi cursando a Pedagogia que a sua concepção de educação e de alfabetização se transformou. (ENTREVISTA 20 – Profa. Cidinha Piola, Garça-SP, 16/09/2019).

No Grupo Escolar Profa. Maria do Carmo, o Grupinho, o Professor Mario deram continuidade como professor ao sair da Escola Isolada da zona rural. Das práticas, relatou que continuou com a utilização dos livros didáticos que já eram adotados pelo Grupo e, enquanto lecionava, cursou Educação Física, pois o salário não seria suficiente para sustentar a sua família. Neste Grupo Escolar, como professor primário, assumiu a organização da fanfarra.

Mario: A fanfarra sempre foi uma tradição e muito esperada por todos. Havia falta de muitos instrumentos e vários alunos querendo participarem, junto com o diretor pedimos ao prefeito e ganhamos oito instrumentos e conseguimos com a Escola Sagrado Coração e assim conseguimos ensinar, ensaiar e colocar a fanfarra nos desfiles no ano de 1956. (ENTREVISTA 1 – Prof. Mário, Garça-SP, 29/08/2019).

O Prof. Mario passou a atuar além da sala de aula, na organização da fanfarra que era uma maneira de unir os alunos e fazê-los sentir como parte da escola. Para tanto, mobilizou o que aprendera no período da Escola Normal, como ele destacou, que foi essencial para saber atuar junto aos alunos.

Quando a Profa. Maria Helena dava aulas na Escola Isolada da zona rural no período da manhã, no período da tarde fazia um curso de Aperfeiçoamento que contribuía para o aumento no salário, mas também para o conhecimento de metodologias por meio das leituras pedagógicas. Neste período se casou e foi morar em Santo André-SP, retornando para Garça-SP em 1980, na Escola de 1º Grau “Lydia Yvone”. No período que lecionou no município de Santo André, deu continuidade aos estudos e cursos. Destacou que nas reuniões com os professores estudavam e liam os “Guias Curriculares”, chamado de “Verdão” e, quando retornou para Garça-SP, na escola onde lecionava, os professores (as) estavam no início das leituras dos Guias, material que era o subsídio para os planejamentos das aulas e execução. (ENTREVISTA 10 – Profa. Maria Helena, Garça-SP, 03/09/2019).

Profa. Maria Helena: No ano de 1980, nas escolas da cidade, as de 1º Grau, aumentou muito o número de alunos por classe, eram de todas as classes sociais e havia muita cobrança para todos aprenderem. Continuei, acolhedora e com a minha postura de contar histórias, dramatizar, cantar com os alunos e trabalhar as letras das músicas, ler poesias, propor as escritas das poesias. Procurava sempre ensinar com material manipulável, visual e com significado que estivesse próximo do aluno. (ENTREVISTA 10 – Profa. Maria Helena, Garça-SP, 3/09/2019).

A referência da Profa. Maria Helena aos Guias Curriculares indica que havia uma direção para as práticas docente, declarada por meio de um Guia prescritivo.

A década de 1980 é marcada na Educação por uma ampla expansão do ensino na cidade de Garça-SP. Havia mais escolas de 1º Grau, de 1ª a 4ª série, no entanto, também muitas professoras. Continuava o mesmo desafio para as professoras iniciantes desde a formação da primeira turma da Escola Normal, começar substituindo tanto na cidade como na zona rural. Para chegar até as Escolas Isoladas da zona rural, já não havia as charretes, a professora teria que se dispor de carro e, nas escolas da cidade, as professoras

chamadas para substituir, geralmente, eram parentes ou conhecidas das pessoas que trabalhavam na Escola. Foi com esta lembrança que a Profa. Márcia relatou em suas memórias que ao terminar o Magistério, continuou a trabalhar no comércio e, no período noturno, cursava Pedagogia na UNESP de Marília-SP.

Profa. Marcia: Estava no segundo ano de Pedagogia e fui fazer estágio no Colégio “Santo Antônio”, gostaram do meu trabalho e fui contratada. Foi muita felicidade, pois comecei a atuar na profissão que amava, com carteira assinada e ganhando bem! Mas, no começo foi difícil, pois o que aprendi no Magistério e as teorias que estudava no curso de Pedagogia, não eram coerentes com as práticas das professoras que lá atuavam. Eram professoras aposentadas com práticas bem tradicionais. (ENTREVISTA 17 – Profa. Márcia, Garça-SP, 22/01/2020).

Desse início a Profa. Márcia relatou que tinha o apoio da Coordenadora para as inovações que se referia a um trabalho para além das apostilas. Incentivava a leitura de livros, montava experiências de Ciências, apresentava filmes relacionados as temáticas abordadas na apostila, proporcionava as produções escritas dos alunos. As suas práticas tinham muito dos saberes e conhecimentos desenvolvidos no curso de Magistério a partir do princípio de que a criança aprende por meio da participação.

Ao terminar o curso de Pedagogia, a Profa. Márcia ingressou no ensino público por meio de concurso e, desse período destacou que o aprendizado nas formações oferecidas pela Delegacia de Ensino se somava aos já adquiridos e aplicava tanto na escola particular como na escola pública Escola de 1º Grau João Crisóstomo. Eram cursos sobre o A.M. Atividades Matemáticas, que apresentavam situações problema, jogos de raciocínio e trabalho com material manipulável como sólidos geométricos, ábaco e material Dourado. Esse material era composto por encartes reproduzidos para os alunos. Na parte de Linguagem a Profa. Márcia destacou que reforçava a aprendizagem por meio da leitura e que montou uma biblioteca na sala de aula, além de disponibilizar outros materiais como mapas, cartazes para incentivar e trabalhar a leitura. (ENTREVISTA 17 – Profa. Márcia, Garça-SP, 22/01/2020).

5.3.3 Classe Especial – Deficiente Mental: ainda em busca do aperfeiçoamento, frente à diversidade na docência

O currículo da Escola Normal, conforme exposto, abordava muito superficialmente o trabalho com crianças, chamadas especiais, mas levou a Profa. Mariza, a se interessar por esta área e buscar, logo após o curso Normal, um curso de Saúde

Mental, na cidade de São Paulo com duração de um ano. Esse curso preparava para dar aulas para crianças deficientes mentais nas chamadas “Classes Especiais”. Ao término do curso, a professora ingressou em uma classe especial na cidade de Bauru SP e, logo se transferiu para o Grupo Escolar João Crisóstomo. (ENTREVISTA 11 – Profa. Mariza, Garça-SP, 06/09/2019).

Profa. Mariza: No curso de formação do Normal como no curso de Saúde Mental, foi marcante preparar as aulas e ensinar com materiais concretos e demonstrações. O curso de Saúde Mental veio a somar e aprendi muito como ensinar com o material Montessoriano, com Material Dourado, Blocos Lógicos, Sólidos Geométricos, cartazes de letras, palavras, nomes. Além de ter o cuidado de ensinar cada criança como cuidar de si própria, da sua higiene, dos seus pertences. (ENTREVISTA 11 – Profa. Mariza, Garça-SP, 06/09/2019).

A Profa. Marisa lembrou que o trato com a Educação Especial, nesse período, início nos anos de 1960, era bem rotulado, a sala tinha uma placa com o nome “Classe de Deficiente Mental”, o que proporcionava uma separação. Salientou que na sua atuação valorizava muito as crianças e mobilizava todos os seus conhecimentos, como o uso do material citado, música, contava histórias com figuras, propunha desenhos e dessa forma ensinava as letras e as palavras. Também lembrou que alguns alunos iam para essa Classe porque demoravam mais um pouco para aprenderem a ler e escrever e que a partir dessa metodologia com materiais, aprendiam, então ela solicitava que eles retornassem para a classe comum. (ENTREVISTA 11 – Profa. Mariza, Garça-SP, 06/09/2019).

5.3.4 Ginásio e ou 1º Grau (5ª a 8ª séries) e Colegial e ou 2º Grau (1º ao 3º anos)

Depois da Escola Normal, alguns professores (as) já iniciaram a sua atuação no Ensino Primário ou Jardim da Infância e, enquanto trabalhavam cursaram licenciaturas. Outros, logo ao término da Escola Normal, buscaram os cursos de Licenciatura e como alunos (as) já iniciaram a docência.

Enquanto era Professora no grupo Escolar a Profa. Jane fez o curso de Letras e depois Pedagogia na Faculdade Particular de Marília, ao terminar prestou concurso para Língua Portuguesa, passou e deu continuidade como Professora do Ginásio, iniciando na Escola de Gália SP, até ser removida para a Escola de 1º Grau “João Crisóstomo”. Das práticas desse período relatou que deu continuidade à metodologia do uso de livros, utilização dos recursos e da exigência da disciplina.

O Prof. Mario continuou a sua atuação como professor de Educação Física, na Escola de 1º Grau “Maria do Carmo Pompeu Castro”, promovendo e participando com

os alunos dos campeonatos esportivos. Ele ressaltou que teve uma grande influência dos seus professores, no período que cursou o Ginásio e Escola Normal Hilmar Machado de Oliveira, na valorização dos esportes. (ENTREVISTA 1 – Prof. Mário, Garça-SP, 29/08/2019).

O mesmo ocorreu com o Prof. Sergio, que ao concluir Educação Física, deu continuidade na sua atuação de professor no Ginásio, também dando ênfase à organização dos campeonatos esportivos. (ENTREVISTA 7 – Prof. Sergio, Garça-SP, 29/08/2019)

A Profa. Vera, ao término da Escola Normal, cursou licenciatura de História na FAFI de Marília-SP, no período da manhã, pois o pai não permitiria o estudo noturno. Quando estava no segundo ano da faculdade, começou a ministrar aulas no período da tarde. Ao término, foi efetivada por concurso em escola estadual, atuou na Escola Estadual de 1º Hilmar Machado de Oliveira, na cidade de Garça-SP e iniciou como professora no Colégio “Santo Antônio”. Da sua atuação, a professora Vera destacou:

Profa. Vera: A escola Normal e o curso de História foram a base, muitos outros aprendizados surgiam no momento de lecionar. A oportunidade de ter participado do grupo de teatro, com o meu gosto pela leitura e música me favoreciam a preparar e ministrar as minhas aulas com dramatização e colocar os alunos na situação. Fazia as propostas das leituras e colocava desafios para reflexão se aquele fato histórico foi assim mesmo, enfim procurava sempre levar ao pensamento crítico. (ENTREVISTA 12 – Profa. Vera, Garça-SP, 12/09/2019).

O Grupo de Teatro a qual a Profa. Vera se referiu era o Grupo, citado no capítulo anterior, criado e dirigido pela Profa. Lucia Helena que se tornou companheira da Profa. Vera no Grupo Pirlimpimpim Contadoras de História.

A licenciatura de Educação Física foi escolhida pela Profa. Elisabete, logo após o término da Escola Normal. Destacou que a sua escolha seria Psicologia, mas já casada, o marido não tinha condições de pagar, então fez o curso de Educação Física. Ingressou como professora por meio de concurso público, em São Paulo-SP, onde começou a lecionar e ficou por um tempo até conseguir ser removida para Garça-SP. No seu relato de atuação como professora destacou que ensinava e promovia a participação dos alunos nos esportes e ginástica, mas visto ter interiorizado a discriminação que vivenciou no curso Normal do Colégio “Santo Antônio”, priorizava o acolhimento de todos os alunos, independente da situação econômica, religiosa, gênero ou de raça. Para tanto, salientou que todo início de aula fazia um círculo de conversa na quadra, os alunos anunciavam o tema de interesse para conversarem, geralmente era sobre violência, abandono, namoro, sexo e outros. Muitos alunos a procuravam para conversa individual. Além desta atuação,

a Profa. Elizabete destacou que incentivava os alunos a olharem para as questões sociais e desenvolveu com os alunos da Escola Estadual “Hilmar Machado de Oliveira”, na década de 1990, um projeto que envolveu a sociedade garçense. (ENTREVISTA 16 – Profa. Elizabete, Garça-SP, 24/09/2019).

Profa. Elizabete: O Projeto nasceu em uma das conversas sobre as questões sociais e foi nomeado como “Jovem faça alguém feliz”. Os alunos se dividiram em grupos e por afinidade de habilidades e cada grupo foi atuar em uma entidade do município, creches e asilo. Iam uma vez por semana e contavam histórias, cantavam, promoviam brincadeiras, faziam campanhas de roupas, brinquedos e alimentos. Durou mais de cinco anos! A Escola inscreveu este projeto no Programa da Bandeirantes “Escola Solidária” e foi campeã promovendo aos alunos viagens e prêmios. Esse projeto ganhou outros prêmios e colaboradores. Mas o maior prêmio foi que os alunos envolvidos melhoravam em tudo na escola, na disciplina, nas notas. (ENTREVISTA 16 – Profa. Elizabete, Garça-SP, 24/09/2019).

A Profa. Elizabete declarou que esse perfil de se envolver com as questões sociais e de atender, socorrer os outros, foi um aprendizado desde pequena, quando a sua mãe adotava as crianças abandonadas. Da Escola Normal, destacou que levou a valorização das apresentações do Desfile Cívico, pois sempre participou das organizações como professora de Educação Física, mas incentivando os alunos sem obrigatoriedade. (ENTREVISTA 16 – Profa. Elizabete, Garça-SP, 24/09/2019).

No término da Escola Normal, a Profa. Nancy fez a licenciatura de Letras na FAFI de Marília e, ainda cursando essa faculdade, começou a ministrar aulas em substituição, efetivando-se após a conclusão e aprovação em concurso público. Da sua atuação em sala de aula, relatou que no início, antes de se efetivar, ministrava aulas em três, quatro escolas nos municípios vizinhos.

Profa. Nancy: Não dava tempo para nada... nada, mas eu nutria a grande esperança e vontade de construir o conhecimento com meus alunos, daquela forma que vislumbrei no pouco tempo de vida da Escola Emília. Queria que meus alunos, de quinta a oitava série, conseguissem dominar a leitura e a escrita e que pudessem ter parâmetros a respeito de linguagem no momento em que fossem avaliados ao ingressarem no mercado de trabalho. Mexer com linguagem, heranças familiares e sociais não era uma tarefa fácil, mas eu desejava cumprir a minha função de educadora e, mostrar ao aluno, a existência de uma variação linguística desprivilegiada, mas legítima e, outra privilegiada e, na qual ele seria sempre avaliado. (ENTREVISTA 13 – Profa. Nancy, Garça-SP, 06/05/2020).

O período relatado pela professora Nancy se refere ao ano de 1973, logo após a promulgação da Lei n. 5.692/71, que torna obrigatório o ensino do 1º grau compreendido,

entre 1ª e 8ª série, caracterizado como a democratização do ensino referente ao acesso e obrigatoriedade da frequência. Essa obrigatoriedade aumentou o número de alunos, bem como a diversidade de alunos nas escolas em classes superlotadas chegando a 45 (quarenta e cinco) e 50 (cinquenta) alunos. “A escola passou a receber alunos com culturas diversas, com relações diversas de família e com especificidades culturais e de trabalho diversas”. (ENTREVISTA 13 – Profa. Nancy, Garça-SP, 06/05/2020).

Um dos dificultadores para o trabalho desejado pela Profa. Nancy era a quantidade de alunos por classe e as várias escolas pelas quais tinha que passar de forma rápida, dar a aula e correr para outra escola. Essa situação mudou quando a professora ingressou por concurso público e se efetivou em uma única escola, na Escola Estadual de 1º Grau “Norma Mônico Truzzi”, no distrito de Jafa- Garça-SP. Nessa escola, a Profa. Nancy enalteceu o seu encontro com a Diretora Isolina que proporcionava um ambiente acolhedor e de aprendizagem, tanto para os alunos quanto para os professores. Logo no início, a professora relatou que se incomodou com a questão da leitura e escrita dos alunos e viu que os livros da biblioteca da escola não poderiam ficar guardados, também promoveu um acervo de leitura para as classes, com a compra de jornais, revistas e até alguns livros, no entanto, salientou que ter os livros, revistas e jornais na sala de aula não seria a garantia da leitura pelos alunos, era preciso ter estratégias para despertar no aluno a necessidade da leitura, sendo assim lembrou-se de um dizer de sua mãe que “ninguém dá o que não tem” e passou a questionar e analisar a atuação, conforme segue o excerto do seu relato:

Profa. Nancy: Qual a familiaridade do meu aluno com um livro, com um jornal? Jornal entrava nas casas embrulhando carne. Não era um portador de notícias. Revistas? Todos tinham um Almanaque do Biotônico Fontoura que era distribuído, gratuitamente, como brinde, pelas farmácias ao final do ano. Era uma revistinha, muito disputada, por sinal e, que eu, assim como todo mundo, gostava muito. Lá, tinha indicação da época certa para plantio e para pesca, fases da lua, horóscopo e história em quadrinhos com o Jeca Tatu, que representava o homem do campo, descalço e cheio de lombrigas e que no Almanaque aparecia como usuário do Biotônico Fontoura- remédio contra lombriga (mal do brasileiro desde sempre). (ENTREVISTA 13 – Profa. Nancy, Garça-SP, 06/05/2020).

Mediante essa constatação, a Profa. Nancy relatou que inspirada no formato do almanaque, passou a fazer o uso do jornal na sala de aula, lendo sobre futebol, previsão do tempo e uma ou outra notícia. Depois, passou a contar somente trechinhos de uma história, lendo o livro e parava em um ponto interessante e emocionante da história, dava

uma folheada no livro e classe pedia para continuar; continuava e parava. Um dia, um aluno pediu o livro emprestado e, na próxima aula, chegou contando toda a história do livro “Zezinho, o dono da porquinha preta”, compartilhando-a com os alunos daquela oitava série.

Profa. Nancy: No outro dia, havia uma comitiva de alunos me esperando à entrada da escola. “Hoje, a senhora vai acabar a história, não vai? Aquilo para mim, era como ganhar um grande prêmio na loteria. Passei a comprar seis volumes de um mesmo livro e colhi alegria, quando os alunos me pediram para ler o livro, para levar o livro para casa, que a mãe tinha adorado a história que ele tinha lido para ela e, os alunos passaram a compartilhar a história que haviam lido... (ENTREVISTA 13 – Profa. Nancy, Garça-SP, 06/05/2020).

Mas o trabalho da professora não ficou somente na leitura dos livros, precisaria investir também na escrita. A Profa. Nancy relatou que iniciou pelas transcrições das narrativas, com intervenções, em um processo muito lento, mas que apresentou resultados, pois aos poucos a transcrição da oralidade foi substituída pelas marcas da escrita. (ENTREVISTA 13 – Profa. Nancy, Garça-SP, 06/05/2020).

Nessa escola, a Profa. Nancy atuou com as estratégias de leitura e escrita nos trabalhos com os alunos e compartilhava as experiências com os colegas professores, tendo o apoio da Diretora. No mês de setembro do ano de 1983, estava em uma de suas aulas, quando recebeu um recado para comparecer à Delegacia de Ensino de Garça-SP, contato que proporcionaria novamente um encontro com os seus professores formadores e parceiros na Escola “Emília” e também mudaria o cenário na formação continuada dos professores no município de Garça-SP, por meio de um novo espaço com muitos desafios.

5.3.5 Escola Normal e Habilitação Magistério

Três professores presentes nesta pesquisa atuaram na Escola Normal e Magistério, a Profa. Cidinha, o Prof. José e a Profa. Maria Regina.

A Profa. Cidinha, enquanto cursava o terceiro ano de Pedagogia, assumiu as aulas de Psicologia e posteriormente de Práticas quando a Profa. Iracema Casella se aposentou. Da sua atuação, já relatada no capítulo anterior, ressaltou que tanto no curso de Pedagogia como no encontro com a Profa. Casella, se fundamentou na concepção de educação de John Dewey e como professora era exigente nas leituras, não passava somente os pontos, solicitava as leituras dos livros com reflexão. Sobre a avaliação relatou que não formulava questões que eram memorizadas, mas sim para dissertar de acordo com as leituras realizadas. (ENTREVISTA 20 – Profa. Cidinha, GarçaSP, 16/09/2019).

O Prof. José não fez a Escola Normal e iniciou como professor quando cursava Pedagogia na UNESP Marília, com aulas de Matemática na Escola Técnica de Garça SP. Relatou que naquele momento, preocupava-se com associar o conteúdo da matemática a sua utilização pelos alunos, em sua maioria adultos que pleiteavam empregos nos bancos e escritórios. Na atuação como professor, na Escola Normal do Instituto de Educação “Hilmar Machado de Oliveira”, na área de Matemática e Ciências, também ensinava os conteúdos e as leituras, que fundamentavam como ensinar com práticas de experimentação, na qual a criança pudesse compreender. (ENTREVISTA 15 – Prof. José, Garça-SP, 30/08/2019).

A Profa. Maria Regina, após cursar História, iniciou como professora do curso Normal no Instituto de Educação “Hilmar Machado de Oliveira” e também assumiu a parte de metodologia de História e Geografia. Ela relatou que não adotava passar “pontos”, solicitava a leitura de livros e interpretação, também não dava atividades ou avaliação com questionário, mas sempre dissertação sobre o aprendido. Destacou que aprendeu muito com a Profa. Cidinha e o Prof. José, ambos a incentivaram a estudar e prestar o concurso para Diretor de Escola, referiu-se a eles como os “Iluminados”. (ENTREVISTA 14 – Profa. Maria Regina, Garça-SP, 04/10/2019).

5.3.6 Coordenação e Direção: atuação na formação continuada dos professores em serviço nas escolas

Das salas de aulas, professores (as) passaram para a função de acompanhar e orientar os professores, tanto na função de Coordenador como na função de Diretor. Nessas funções ocorriam a transposição das práticas e saberes adquiridos do ser professor (a).

O Prof. Sergio, enquanto exercia a docência como professor de Educação Física, cursou aquele curso de Aperfeiçoamento- Administração Escolar, reivindicado no final da década de 1950, no Instituto de Educação “Hilmar Machado de Oliveira” que certificava para ser Diretor de Escola, assim começou substituindo o Diretor da Escola Estadual e 1º Grau João Crisóstomo e logo assumiu como diretor. Como diretor lembrou que mobilizou os saberes que aprendeu na Escola Normal, com destaque para os mais burocráticos e necessários como os registros nos Diários de Classe, mas também no incentivo e organização das festas, jogos e desfiles. (ENTREVISTA 7 –Prof. Sergio, Garça-SP, 29/08/2019).

Na busca de carreira no Magistério, o Prof. Mario também cursou Administração Escolar, na mesma turma do Prof. Sergio e assumiu como Diretor na década de 1970 de escola de 1º Grau no município de Garça SP. Dessa atuação, lembrou que tinha uma postura de orientação e diálogo com os professores e incentivava e proporcionava a atuação da fanfarra e esportes, além do incentivo à leitura e estudos dos professores. (ENTREVISTA 1 – Prof. Mário, Garça-SP, 29/08/2019).

Enquanto lecionava no Jardim da Infância, a Profa. Nilma cursou Pedagogia, e depois de anos com as suas turmas de crianças, recebeu a proposta para atuar como Coordenadora Pedagógica. Destacou que atuava junto aos professores no incentivo para a criatividade com os alunos, auxiliava nos planejamentos e execuções das aulas, das quais sempre orientava para um ensino com materiais. Quanto à formação musical, relatou que ministrou curso, tanto na escola onde atuava na Coordenação como em escolas de outras cidades. (ENTREVISTA 8 – Profa. Nilma, Garça-SP, 18/07/2020).

Após ter cursado Pedagogia, a Profa. Marisa atuou como coordenadora e nessa atuação de apoio aos professores, salientou que sempre priorizou o ensino com materiais concretos para todas as classes, pois facilitava o aprendizado e a criança poderia aprender pelos sentidos. Apesar das resistências de algumas professoras, sempre tinham as que assumiam as mudanças e tentavam aplicar os novos conhecimentos, mediante os resultados positivos, pois as crianças aprendiam, ficavam animadas para continuar. A mesma postura a Profa. Marisa salientou que teve quando assumiu a Secretaria da Educação no Município de Garça-SP, na década de 1990, quando somente a rede pré-escolar era responsabilidade do município. Ela frisou que acompanhava os trabalhos das professoras. (ENTREVISTA 11 – Profa. Mariza, Garça-SP, 06/09/2019).

No término do contrato como monitora do “Programa do Mobral”, a Profa. Estela cursou Pedagogia na UNESP-Marília. Ao terminar o curso, continuou a atuação como professora, substituindo, até ingressar por meio de concurso público estadual em uma escola na zona rural na cidade de Brotas SP, mas não foi possível continuar e devido às situações familiares se viu obrigada a exonerar e se mudar para Brasília-DF para residir com os pais. Neste novo local, a professora atuou durante dez anos como professora e Orientadora Educacional em escolas particulares. Ao retornar para a cidade de Garça-SP, novamente por motivos familiares, foi contratada para atuar como Orientadora Educacional no Colégio “Santo Antônio” onde fora aluna no período do Ginásio. Dessa atuação, a professora destacou que foi necessário mobilizar todo o seu aprendizado de sua trajetória na educação, desde o seu contato com a escola. Na função de orientadora,

relatou que ao verificar como a escola estava organizada, constatou que precisava se aproximar mais dos alunos, para além da religiosidade que era a fundamentação do trabalho desenvolvido na escola. Como gestora, pois exerceu a função de Orientadora Educacional e, posteriormente, com a saída das freiras devido à venda da Escola para leigos, diretora. Contou que como diretora, priorizou a cultura como forma de envolvimento dos jovens com a escola, por meio de eventos, como Festival de Criação Literária, Festival de Música, Aprimoramento da fanfarra e Desfile Cívico, Feira de Ciências. A Profa. Estela destacou que todas as práticas exercidas por ela não eram individuais, mas a partir de diálogos com as outras coordenadoras, com as famílias e principalmente com os alunos. Tais eventos representavam a culminância de um trabalho de projetos desenvolvido pelos professores e alunos. Muitos alunos a partir das suas participações desenvolveram a capacidade da comunicação, da leitura, da disciplina com estudo e se destacaram profissionalmente. Na atuação como Secretária da Educação no município de Garça SP, destacou que uma de suas prioridades era proporcionar uma formação continuada por meio de palestras, seminários e cursos para todos os professores da rede municipal de ensino. (ENTREVISTA 4 – Profa. Estela, Garça-SP, 04/09/2019).

No mesmo período que Profa. Márcia tinha a sua classe na Escola Estadual de 1º Grau “João Crisóstomo”, assumiu a função de Coordenadora Pedagógica no Colégio Santo Antônio. No período da manhã e no período da tarde era professora na rede pública. Como Coordenadora, destacou que acompanhava o trabalho dos professores e aprendeu um trabalho humanizado devido à atuação das irmãs. Posteriormente, assumiu por concurso público o cargo de diretora de escola, no qual está até o presente [2020]. Nesse cargo, relatou que o desafio continua na formação e acompanhamento da formação dos professores, pois sempre os orienta a atuarem com aulas e abordagens significativas para incentivar os alunos à aprendizagem, sempre com foco na função social das leituras e dos conteúdos. (ENTREVISTA 17 – Profa. Márcia, Garça-SP, 22/01/2020).

As duas professoras, Cidinha e Maria Regina e o Prof. José, que atuaram no curso de formação de professores, também ingressaram via concurso público, como diretores de escola.

A Profa. Cidinha ingressou como diretora no início da década de 1970, no município de Oscar Bressane SP, ficando um ano. Desse período, além de aprender sobre a parte de administração, também orientou e atuou na recuperação da aprendizagem de vários alunos que tinham dificuldades de leitura e escrita, da mesma maneira que atuou na Escola “Emília”. Na remoção, foi para o Instituto de Educação “Hilmar Machado de

Oliveira”, que a partir de 1972 foi denominado Escola Estadual de 1º e 2º Grau “Hilmar Machado de Oliveira”. Dessa experiência, a Profa. Cidinha relatou que precisou mobilizar além dos saberes relacionados às concepções pedagógicas, também os relacionados às funções administrativas e às de organização de uma escola que cresceu em número de alunos e estava em um novo prédio bem maior, além da complexidade e diversidade dos segmentos de ensino. Precisou retomar as regras e normas de convivência na escola e junto com os professores organizou uma Feira para expor os conhecimentos aprendidos, assim, os professores e alunos organizaram em cada sala uma área, uma sala de ciências, uma sala de desenho e pintura, sala de História e Geografia, sala de comunicação. Vinham alunos de outras escolas para assistirem às apresentações. (ENTREVISTA 20 – Profa. Cidinha, Garça-SP, 16/09/2019).

No final da década de 1970, a Profa. Cidinha ingressou como Supervisora de Ensino na Delegacia de Ensino de Garça-SP.

O Prof. José ingressou como Diretor em uma escola cidade de Alvinlândia, próxima de Garça SP, na qual permaneceu por oito anos. Desse período, salientou que além das atividades burocráticas de administração, também acompanhava o trabalho pedagógico dos professores, nas orientações das aulas, com a experiência que tinha tanto de professor de Matemática e Ciências, pois também havia feito a Licenciatura de Ciências, assim como da experiência de professor no Curso Normal. No ano de 1980, iniciou como Supervisor de Ensino na Delegacia de Garça SP. (ENTREVISTA 15 – Prof. José, Garça-SP, 30/08/2019).

No início da década de 1970, a Profa. Maria Regina ingressou por concurso público como diretora, em outro município, e conseguiu a remoção no ano de 1984 para a Escola Estadual de 1º Grau “João Crisóstomo”, o Grupão, onde desenvolveu um trabalho em parceria com a Profa. Mariza que era coordenadora.

Profa. Maria Regina: Dei continuidade ao trabalho que realizava em Panorama. Era um trabalho com os professores sobre Plano de Aula e Metodologias, eles só apresentavam a relação dos conteúdos conforme estavam nos Guias Curriculares. Então, comecei com as reuniões pedagógicas e a realização das leituras para compreensão e elaboração das atividades e metodologias. Era uma tendência pedagógica que só conceituava e não contextualizava, por isso eu propunha as reflexões para metodologias que levassem a contextualização. Fui convidada pela Delegacia de Dracena para atuar na formação para os Guias Curriculares. Quando cheguei em Garça dei continuidade, no Grupão. (ENTREVISTA 14 – Profa. Maria Regina, Garça-SP, 04/10/2019).

Desse período de diretora, a Profa. Maria Regina destacou que uma das funções, além da gestão de toda a escola, era a formação continuada junto com a Coordenadora que era leitora. Elas estudavam juntas sobre o currículo e as metodologias. Também relatou que fez um curso que a incentivou a retornar com um curso de alfabetização para adultos.

Profa. Maria Regina: Fiz um curso com o Paulo Freire sobre alfabetização de adultos! Foi excelente! Voltei doidinha para ter o supletivo em nossa escola! Uma escola central, de fácil acesso e tantos adultos sem alfabetização, sem conseguir dar continuidade aos estudos por ter que trabalhar! Então, insisti com o Benevides e implantamos em nossa escola. Orientava os professores, apresentava o método do Paulo Freire. Muitos alunos se formaram e deram continuidade nos estudos! (ENTREVISTA 14 – Profa. Maria Regina, Garça-SP, 04/10/2019).

Ao se referir que insistiu com o Benevides, ela se refere ao Prof. José presente na pesquisa, que nesse período, era o Delegado de Ensino no município de Garça SP.

Com relação ao funcionamento do curso, a Profa. Maria Regina ressaltou que providenciava todo o material necessário para a realização do trabalho dos professores.

Desse encontro e de outros que teve com o educador Paulo Freire, apresentou o registro:

Figura 38 - Profa. Maria Regina e Prof. Paulo Freire- Década de 1980



Fonte: Acervo pessoal da Profa. Maria Regina

A Profa. Maria Regina bem com os outros (as) apresentados na função de Diretores e Coordenadores mobilizavam os saberes de professores com os saberes da experiência, na gestão das escolas, que ia além da atuação que tiveram nas salas de aulas,

pois se fazia necessário um acompanhamento da escola como um todo e uma das funções era a orientação e acompanhamento do trabalho dos professores.

A Profa. Maria Regina deu continuidade à formação e acompanhamento do trabalho dos docentes, enquanto esteve na função de Supervisora de Ensino, na Delegacia de Ensino de Garça-SP, como outros professores (as), conforme apresentado na sequência.

5.4 Novos e velhos saberes: um desafio para os professores (as) formadores (as)

A formação continuada dos professores não se limita aos cursos de aperfeiçoamento, orientações, cursos de licenciaturas, mas também às experiências desenvolvidas no cotidiano da sua atuação, como apresentou a Profa. Nancy em seus relatos. Na continuidade da sua trajetória, surgiu a atuação em espaço, que se abriria para a continuidade da formação dos professores na Delegacia de Ensino de Garça-SP, sob um cenário da redemocratização do ensino e, conseqüentemente, uma reorganização curricular.

As Delegacias de Ensino foram criadas a partir do ano de 1970. No município de Garça-SP foi criada no ano de 1976. Composta pela atuação de um Delegado de Ensino, Supervisores de Ensino e técnicos administrativos e, posteriormente, de um Núcleo de Apoio Técnico Pedagógico, a delegacia de ensino foi um espaço educacional propulsor das formações continuada dos professores de Garça-SP e dos municípios circunvizinhos.

Os atuantes nesse espaço, como agentes educativos, apresentaram as suas memórias de concepções educacionais e atitudes para a divulgação e implementação no sistema de ensino, com vista à melhoria da qualidade da educação.

O encontro citado pela Profa. Nancy, com os professores que foram seus professores na Escola Normal e com os quais atuou na Escola “Emília”, referia-se ao Prof. José que estava como Delegado de Ensino e a Profa. Cidinha como Supervisora de Ensino.

Sobre a chegada do Prof. José à Delegacia de Ensino, ele relatou que recebeu convite para atuar como Supervisor de Ensino no ano de 1980, efetivando-se por meio de concurso público no ano de 1982. Desse período como supervisor, pode novamente compor a sua atuação na educação com a Profa. Cidinha que ingressara anteriormente como Supervisora de Ensino na mesma Delegacia, na qual ambos buscavam além das prescrições burocráticas legais aos diretores, orientações para estudos pedagógicos junto aos professores.

Da sua atuação como supervisor, lembrou alguns fatos referentes à educação e à atuação dos professores. Retomou quando começou a dar aulas e mesmo como diretor, quando não existiam orientações e formações sobre as diretrizes curriculares e como atuar; mas já existia a publicação dos Guias Curriculares, no entanto, cada professor realizava o trabalho como queria. Sobre estes Guias, o Prof. José relatou:

A escola foi recebendo e estocando, mas não utilizava, como supervisor, chegava na escola e verificava que a escola não utilizava e nós também não conhecíamos! Então começamos a lê-los na Delegacia, pois não tinha nenhuma orientação. Percebemos que havia uma diretriz e após os estudos iniciamos um trabalho de formação junto aos professores. (ENTREVISTA 15 – Prof. José, Garça-SP, 30/08/2019).

Esse trabalho, a princípio executado pelos Supervisores, teria continuidade mediante as novas concepções que se anunciaram.

O Prof. José destacou a importância do papel da Supervisão que na Delegacia de Garça SP não tinha a função exclusiva de acompanhar nas escolas as atividades burocráticas, mas a de acompanhar a aprendizagem dos alunos, se eles estavam aprendendo, quais as dificuldades, se tinha professor necessitando de auxílio. (ENTREVISTA 15 – Prof. José, Garça-SP, 30/08/2019).

A Profa. Cidinha deixou o cargo de diretora e passou a ser Supervisora de Ensino, por meio de concurso público na Delegacia de Ensino de Garça SP, no ano de 1980. Sobre essa atuação, lembrou que continuava os estudos sobre as questões pedagógicas e que, em um desses estudos, fez um curso sobre Matemática ministrado pela Lamparelli. Depois do curso passou a orientar os professores de 1ª a 4ª série sobre a concepção de Matemática.

Acabei fazendo curso com a Lamparelli, na qual nos fazia a pensar em como a criança aprendia, como entendia a Matemática e priorizava a construção com compreensão dos conceitos matemáticos. Comecei indo às escolas da zona rural e aos poucos ensinando as professoras que começaram a aplicar. Depois já veio oficialmente um trabalho de formação continuada na Delegacia. (ENTREVISTA 20 – Profa. Cidinha, Garça-SP, 16/09/2019).

O curso citado pela Profa. Cidinha foi ministrado pela Profa. Lydia Lamparelli, uma das professoras que atuou e coordenou a elaboração do Guia Curricular de Matemática a partir do ano de 1972, que teve a sua publicação e divulgação a partir do ano de 1975. A proposta apresentada pela Profa. Lamparelli refere-se à assimilação dos conceitos de matemática por meio de situações concretas e de vivência dos alunos, à

apresentação de situações problema e à identificação das experiências que os alunos já possuíam com relação à matemática. Para o trabalho com Matemática, de 1ª a 4ª série, define dois níveis: o nível I que aborda conjunto e relações e o Nível II que aborda o estudo intuitivo das relações. Para os dois níveis são apresentadas sequências de atividades que ficaram conhecidas como AM - Atividades Matemáticas. Esse compilado de atividades foi organizado em livros, sendo um para cada série e divulgado por meio de cursos de formação continuada a partir de meados da década de 1980. Atualmente, as atividades contidas nos AMs são encontradas em livros didáticos.

Esse trabalho de formação continuada a qual a Profa. Cidinha se referiu era uma das iniciativas da Secretaria da Educação do estado de São Paulo para a implementação da reformulação do currículo que resultou na elaboração das Propostas Curriculares na década de 1980 e, na necessidade da sua execução pelos professores.

A década de 1980 é marcada pelo início da redemocratização do país após anos sob o regime do governo militar. A primeira eleição estadual direta, desse período, implicou em transformações no campo educacional no estado de São Paulo, com o então governador eleito Franco Montoro que por meio da Secretaria da Educação propunha uma educação democrática em relação a entrada dos alunos na escola, a permanência e uma boa qualidade educacional. Para tanto, a partir de diálogo com os professores do Ensino de 1º e 2º grau e a divulgação e circulação de pesquisas e produções acadêmicas que abrangiam teorias e práticas de uma educação democrática, foram realizadas algumas ações como a reformulação do currículo, a edição, circulação da Propostas Curriculares e formação dos professores para a apropriação das teorias e práticas.

Dessa forma, os órgãos vinculados à Secretaria da Educação, a CENP-Coordenadoria de Ensino e Normas Pedagógicas²¹ e as Delegacias de Ensino, como veiculadoras, tiveram um papel fundamental na aplicabilidade, na divulgação e nos meios que possibilitassem a apropriação dos professores para a transformação das concepções e práticas educacionais.

A propósito, os exemplares das Revista Ideias (Apêndice C), encontrados no acervo da Sala de Leitura da E.E. “Hilmar Machado de Oliveira” e enviados para essa escola por ocasião do fechamento da Delegacia de Ensino de Garça-SP, apresentavam as concepções teóricas pedagógicas que fundamentariam as práticas.

²¹Órgão vinculado da Secretaria da Educação do Estado de São Paulo, tinha a finalidade de promover estudos educacionais, de elaborar, executar e normatizar os modelos curriculares para o Estado de São Paulo, proporcionar a qualificação dos professores e dos atuantes nos setores administrativos pedagógicos.

Para atender a implementação do ensino preconizado como democrático e as novas concepções pedagógicas, a Resolução SE 200 de 05/09/1983 determinou a permissão do afastamento de professores para compor o quadro da Delegacia de Ensino ou Divisões Regionais, com a finalidade de estudar e atuar na formação continuada dos professores, visando um novo currículo.

Na Delegacia de Ensino de Garça-SP, professores agentes desenvolveram ações de formação continuada junto aos professores das escolas jurisdicionada a esta Delegacia.

No início do ano de 1983, o Prof. José recebeu o convite, do então Sr. Prefeito Júlio Marcondes de Moura, para atuar como Delegado de Ensino na Delegacia de Ensino de Garça SP. Ressaltou o Prof. José que não aceitou de imediato, pois não era vinculado a partido e sabia tratar-se um cargo de indicação política partidária, mas os colegas insistiram para tê-lo como Delegado e, então, iniciou como Delegado nesse ano, permanecendo por uma década. (ENTREVISTA 15 – Prof. José, Garça-SP, 30/08/2019).

É nesse cenário que a Profa. Nancy recebeu o convite para comparecer à Delegacia de Ensino de Garça-SP em setembro de 1983, sendo recebida por duas pessoas, consideradas por ela como “modelo de profissionais e de pessoas”: o Prof. José e Profa. Cidinha. Nesse encontro, recebeu o convite para ser monitora do Ciclo Básico²² com a função de atuar na formação continuada dos (as) professores (as) alfabetizadores (as), visando práticas específicas para a superação das dificuldades na alfabetização. Destacou que após alguns dias, já estava em São Paulo-SP, na Coordenadoria de Ensino e Normas Pedagógicas (CENP), participando de uma capacitação sobre o Ciclo Básico, junção das duas séries iniciais do ensino público.

Profa. Nancy: Joguei-me no estudo e, junto novamente, com a mente brilhante e incansável da Professora Cida Piola e com o aval do Sr. Delegado de ensino, começamos a divulgar as “novas” e a trabalhar as mudanças. Eu me via, novamente, no difícil papel de fazer cabeças, em momentos delicados, muito delicados na Educação. Aquela que era uma bela profissão e aquele que era um profissional muito respeitado e reconhecido foram alvos de políticas educacionais, passando também, porque não dizer, por políticas financeiras que os levaram quase à margem da miséria, tanto econômica quanto cultural. (ENTREVISTA 13 – Profa. Nancy, Garça-SP, 06/05/2020).

²² Instituído pelo Decreto 21.833, de 28 de dezembro de 1983 e regulamentado pela Resolução SE n. 13 de 17 de janeiro de 1984, correspondia à fase inicial da escolarização do ensino do 1º Grau com duração de dois anos letivos, apresentava como finalidade para este aumento de tempo para a alfabetização proporcionar aos alunos superar as etapas da alfabetização de acordo com o ritmo de aprendizagem de cada um e de suas características socioculturais e, nas demais áreas do currículo proporcionar o desenvolvimento das habilidades cognitivas e de expressão. No processo do ensino e aprendizagem a avaliação era propositada para abranger o desempenho do aluno, a atuação do professor e o funcionamento da escola.

O excerto apresentado no relato da Profa. Nancy reflete a representação que se tinha do professor respeitado, detentor de saberes e reconhecido na sociedade, sendo uma bela profissão; e das transformações que ocorreram no decorrer da década de 1970, que provocaram a mudança na concepção da profissão professor. Alguns fatores, como o aumento do ingresso e a conclusão no Curso Normal e Magistério, da maioria feminina que vislumbrava na profissão uma forma de conciliar os afazeres domésticos com o trabalho, levaram à abertura dos cursos noturnos e nem todos com a qualidade para a formação; baixos salários e, classes lotadas e falta de política de acompanhamento e continuidade de formação.

No cenário apresentado pela Profa. Nancy, estavam na atuação do ensino primário algumas professoras formadas na Escola Normal, na década de 1960, que eram leitoras e buscavam informações e formações para as suas práticas e outras ainda presas somente no aprendizado do período de Normalista.

Na continuidade das memórias da Profa. Nancy, a sua preocupação a levou a refletir como poderia trabalhar na formação continuada dos professores, na sua maioria professoras, que não constituíram procedimentos de leituras, não eram leitores e para a apropriação dos conceitos relacionados às práticas dos professores seria necessário a leitura e compreensão das teorias e não somente a apresentação de práticas, como receitas prontas para copiar. (ENTREVISTA 13 – Profa. Nancy, Garça-SP, 06/05/2020).

Algumas determinações legais surgiram, naquele período, para incentivar a participação nos cursos que as Delegacias de Ensino viessem a oferecer, os cursos de no mínimo trinta horas, chamados de cursos de Capacitação, que proporcionavam pontuações para a evolução funcional. Com essa apresentação, a Profa. Nancy elaborou um curso sobre a leitura na sala de aula, no período noturno, pois tinham professoras que atuavam nos dois períodos e era o início da implantação do Ciclo Básico no qual as professoras tiveram as suas jornadas aumentadas. O curso tinha duração das 19h às 22h e três vezes na semana. No primeiro dia, a Profa. Nancy fez um levantamento por meio de questões abertas sobre a relação das professoras com a leitura e, imediatamente, teve a sua hipótese comprovada de que leituras não faziam parte da vida da maioria. Ao perceber os burburinhos, as vozes aumentando e a vontade de ir embora, pegou um dos livros que estava em sua caixa, olhou para o grupo e continuou em silêncio, olhando para cada uma. As vozes foram diminuindo:

Profa. Nancy: Quando tudo se aquietou, pedi que imaginassem uma casa em um sítio onde gostariam de ir passar as férias. Várias foram as

descrições dos sítios e então, solenemente, com voz firme e bem acalentadora, abriu o livro escondendo a capa e comecei a ler: “O sítio de Dona Benta ficava num lugar muito bonito. A casa era das antigas, de cômodos espaçosos e frescos [...]” (ENTREVISTA 13 – Profa. Nancy, Garça-SP, 06/05/2020).

A leitura continuou com voz acalentadora e em um ponto de suspense, com uma indagação, parou, pois já era o horário do término do primeiro dia do curso. As professoras estavam todas atentas e queriam saber qual livro era, se tinha na biblioteca. Assim, foi a continuidade do curso, a realização da leitura sem cobrança de fichas ou perguntas sobre a história. Era o mês de agosto, e a mesma forma de leitura e apresentação de uma história passou a ser realizada pelas professoras em suas classes. Na continuidade do curso, com o objetivo de proporcionar a leitura aos professores, e nos outros cursos que ocorreram, a Profa. Nancy destacou que apresentou muitos autores e seus textos aos (as) professores (as): Rubem Alves, Adélia Prado, Elias José, Carlos Drummond.

Profa. Nancy: Circulei pela literatura infantil, juvenil, adulta, cantei em versos, em prosa e em diversos. Ler se aprende lendo. Lendo se entende que linguagem escrita é uma coisa e que linguagem oral é outra. O escrito eu posso ler e o falado eu posso escrever, mas tenho algumas regras a serem seguidas de acordo com o gênero do texto que escrevo. (ENTREVISTA 13 – Profa. Nancy, Garça-SP, 06/05/2020).

Essa prática da Profa. Nancy foi o início, pois posteriormente, na sequência das capacitações, eram propostas as leituras de textos desenvolvidos por pesquisadores acadêmicos referentes às teorias pedagógicas fundamentadas em Jean Piaget, Vygotsky, Freinet, Emília Ferreiro.

Para os Diretores das Escolas também foi ministrada uma oficina de leitura com a entrega de caixas contendo livros literários para o trabalho dos professores.

Na atuação da Profa. Nancy há a mobilização dos saberes constituídos ao longo de sua trajetória referente à leitura. Desde a sua infância na família, a sua experiência na escola primária com a Profa. Lolinha que lia as histórias e proporcionava momentos para a dramatização e escrita de outras histórias, a sua passagem pela Escola Normal e o encontro com os dois professores José e Cidinha que estudavam, liam, ensinavam, a sua atuação na Escola Emília atuando com Arte e leituras das histórias, a atuação no Grupo de teatro GETA- Grupo Estudantil de Teatro Amador e outras constituídas na licenciatura, na atuação com os alunos. Esses saberes, mobilizados para atuar na formação de outros professores, continuaram em desenvolvimento, visto as muitas “capacitações” que os monitores e, posteriormente ATP- Assistente Técnico Pedagógico, realizavam na CENP

e depois FDE- Fundação para o Desenvolvimento da Educação que também a partir de 1987 passou oferecer as capacitações e as publicações.

No ano de 1987, a Secretaria da Educação passou para as Delegacias de Ensino autonomia financeira para com as despesas referentes às formações e projetos educacionais e para a montagem de uma Oficina Pedagógica.

No município de Garça-SP, a Delegacia de Ensino mudou-se para um prédio com espaço maior e uma das salas ficou exclusiva para a montagem da Oficina Pedagógica, que foi inaugurada no ano de 1988. Era mais um espaço de produção do conhecimento, relacionado às concepções teóricas que estavam em circulação e que fundamentavam as práticas docentes, na perspectiva do construtivismo, para a implementação das Propostas Curriculares.

Além da atuação da Oficina Pedagógica e dos cursos oficiais ministrados pelos monitores, a autonomia da Delegacia de Ensino favoreceu a elaboração e oferecimento de cursos, encontros, seminários, palestras, ministrados por professores, pesquisadores, teóricos, como Pedro Bandeira, Douglas Tufano, Ester Pilar Grossi, dentre outros. Esses encontros não eram somente para os professores ouvirem passivamente, mas tinham como objetivo a interação dos professores com aqueles que os ministravam; era momento de perguntas, de apresentarem as incertezas e de relatos das experiências produtivas e as que não davam certo. (PASTA DE REGISTOS DAS AÇÕES DA DELEGACIA DE ENSINO DE GARÇA-SP-1988-1989)

Figura 39 – Profa. Maria Helena em diálogo com a Profa. Ester Pillar Grossi- 09/11/1987.



Fonte: Acervo da E.E. “Hilmar Machado de Oliveira”

Na fotografia apresentada na Figura 39, a Profa. Maria Helena não se recordou exatamente o que estaria dialogando, mas poderia ter apresentado um questionamento com relação às dificuldades dos (as) professores (as) de extinguirem as práticas já incorporadas.

Profa. Maria Helena: As orientações da equipe da Diretoria e as palestras e cursos estavam voltadas por um método fundamentado na pesquisa da Emília Ferreiro, era o construtivismo. Mas não era fácil realizar uma transformação de imediato em nossas aulas. Precisávamos de estudos teóricos e experimentação. Eu planejava as minhas aulas, pesquisava materiais para ilustrá-las, usava o livro didático, mas também outros materiais como livros de histórias, revistas, gibis. Na alfabetização, mesclava um trabalho com textos e o passo a passo da alfabetização. Não tive tempo de realizar aulas completamente na Proposta Construtivista, pois me aposentei no ano de 1990. (ENTREVISTA 10 – Profa. Maria Helena, Garça-SP, 03/09/2019).

A educadora Ester Pillar Grossi ministrou a palestra intitulada “Teoria de Emília Ferreiro e a Didática de Ester Pillar Grossi” e a abordagem foi a apresentação dos conceitos teóricos e as experiências desenvolvidas no estado do Rio Grande do Sul.

Ao narrar as experiências, suscitava mais dúvidas nos professores (as) e professoras (as) presentes que ainda experimentavam e estudavam sobre este novo trabalho que era aos poucos apresentados às professoras alfabetizadoras do município de Garça SP, por meio das monitoras na Oficina Pedagógica da Delegacia de Garça SP.

Figura 40 - Profa. Nancy monitora ministrando curso sobre alfabetização e leitura no Ciclo Básico na Oficina Pedagógica da Delegacia de Ensino de Garça- SP-abril 1988.



Fonte: Acervo da E.E. “Hilmar Machado de Oliveira”

Na Oficina Pedagógica, nas capacitações de alfabetização, os professores liam e refletiam sobre as suas práticas e elaboravam outras. No retorno à sala de aula, alguns as aplicavam, as experimentavam, outros continuavam com as mesmas aulas. Além das capacitações ocorrerem na “Oficina Pedagógica” da Delegacia de Garça-SP, as professoras formadoras também iam às escolas, conforme relatou a Profa. Nancy sobre a fotografia da Figura 39, na qual estava na Escola Estadual de 1º Grau “Cel. Galdino” no município de Gália-SP.

Essa abordagem em relação à alfabetização exigia uma compreensão da concepção teórica relacionada ao processo de construção do conhecimento da criança e a consideração de que a linguagem escrita não compreendia a codificação, mas um sistema de representação. Daí a recomendação da não utilização de cartilhas que apresentam frases, palavras, sílabas, desconectadas do uso social da linguagem.

A implementação das Propostas Curriculares também foi um outro desafio, pois exigiu dos supervisores e monitores da Delegacia de Ensino, mais estudos teóricos e elaboração de cursos. Para tanto, houve um aumento de monitores, denominados de ATP- Assistentes Técnicos Pedagógicos, sendo um por disciplina. No início, a prioridade foi para Matemática e Língua Portuguesa, para 3ª e 4ª série. Vale ressaltar a abordagem de Matemática, que era voltada para o ensino a partir das Atividades de Matemática, conhecido como AM. Esses materiais eram impressos e havia um para cada ano, de 1ª a 4ª série. As atividades eram desafiadoras e exigiam a manipulação de alguns materiais, como o Material Dourado, Ábaco, Sólidos Geométricos.

Prof. José: Trabalhamos muito, houve muita resistência, pois a gente estava interferindo. Começamos pelos diretores, para convencer que precisávamos melhorar o ensino, não foi a parte mais difícil, mais difícil foi com os professores. Alguns professores se rebelavam, outros se rebelavam no início, mas depois dos estudos, das leituras, das capacitações, da compreensão e experimentação, aceitaram e desenvolveram bons trabalhos. Até hoje [2019] encontro professoras que atuaram naquela época e conta o quanto foi produtivo depois que compreendeu e o quanto os seus alunos produziram. (ENTREVISTA 15 – Prof. José, Garça-SP, 30/08/2019).

Pelos relatos expostos, havia uma cooperação entre os agentes que atuavam na apropriação, divulgação, capacitação com relação às teorias fundantes das novas práticas.

A Profa. Maria Regina deu continuidade à formação de professores, quando a partir do ano de 1991, passou a substituir a supervisão e em 1992 se efetivou por concurso na Delegacia de Ensino de Garça-SP. Nesse período, realizou cursos referentes às Propostas Curriculares de História e ficou responsável pela formação dos professores de

1ª a 4ª série. Destacou que era uma abordagem por eixos e no Ciclo Básico era o aluno construir a sua história, na 3ª e 4ª séries a construção do espaço social e movimentos de população. Já de 5ª a 8ª série os eixos eram a construção das relações sociais com foco no trabalho e cidadania e participação. Era uma Proposta que exigia estudo, compreensão e elaboração das atividades práticas a partir das orientações, para atuação com os alunos. (ENTREVISTA 14 – Profa. Maria Regina, Garça-SP, 04/10/2019).

Na atuação de Supervisora, a Profa. Maria Regina destacou que, como já eram institucionalizadas na Delegacia de Garça-SP, as visitas às escolas não eram meramente para o acompanhamento das questões burocráticas, mas para o acompanhamento pedagógico, orientações, sugestões de leituras e participações em reuniões de formação. Dessa forma, conseguia orientar os professores (as). (ENTREVISTA14 – Profa. Maria Regina, Garça-SP, 04/10/2019).

Como Delegada de Ensino na Delegacia de Garça-SP, após a aposentadoria do Prof. José Benevides, no ano de 1993, deu continuidade aos trabalhos desenvolvidos em relação à formação dos professores, aumentando a Oficina Pedagógica, apoiando a equipe para as formações e acompanhamentos nas escolas até o ano de 1999. Com o fechamento da Delegacia de Ensino de Garça-SP, assumiu como Dirigente de Ensino na cidade de Ourinhos-SP, retornando alguns anos depois para a Diretoria de Ensino de Marília-SP, no seu cargo de Supervisora de Ensino, podendo acompanhar algumas escolas no município de Garça-SP. (ENTREVISTA14 – Profa. Maria Regina, Garça SP, 04/10/2019).

Sobre as mudanças na educação, desde quando iniciou a escolaridade, salientou que foram muitas as políticas educacionais. Como diretora, supervisora, Delegada de Ensino e Dirigente Regional de Ensino atuava para a divulgação do que acreditava, se não via sentido, ignorava.

5.5 A continuidade na atuação

Cada agente apresentado nessa pesquisa e a sua atuação nas escolas ou Delegacia de Ensino, mesmo após a aposentadoria, deram continuidade em algum segmento educacional, estudos ou junto aos familiares, conforme relataram. [2020]

Com exceção do Prof. Caio, conforme já citado, após oito anos de atuação como professor primário, nesse período fez o curso de Direito e deixou o cargo de professor para exercer a profissão de advogado, da qual já se aposentou.

A sua esposa, Profa. Cida, após a aposentadoria como professora, cursou Direito e foi atuar junto ao seu esposo como advogada.

Outro Professor que seguiu a carreira de advogado foi o Prof. José, que ao se aposentar como Delegado de Ensino cursou Direito e exerce a função. [2020].

A profa. Wilma, depois do retorno como professora, aposentou-se e declarou que conviver mais com a família. Em todas as festas ela tem que organizar a mesa, aprendizado que adquiriu lá nas aulas de Boas Maneiras, no final da década de 1940, na Escola Normal.

A Profa. Terezinha após a aposentadoria, também foi acompanhar a educação dos netos.

As professoras Maria Helena, Marisa, Vera e Nancy, são integrantes do Grupo Pirlimpimpim contadoras de histórias, realizam um trabalho voluntário de contação de histórias, além de organizarem e ministrarem cursos.

A Profa. Nancy deu continuidade aos estudos, realizou Mestrado na UNESP-Marília na área de Educação e atuou na formação de professores no curso Normal Superior e Pedagogia. Ingressou como Professora de Inglês na FATEC- Faculdade de Tecnologia de Garça, onde também atuou como coordenadora nessa faculdade e retornou como Professora. Dessa atuação, relatou que sempre se deparava com o mesmo desafio: formar leitores.

Mais um desafio ela enfrentou no ano de 2017, em nome do serviço que a Faculdade deveria prestar à comunidade, ao implantar um curso de alfabetização de adultos. Para tanto, contou com a colaboração de algumas professoras aposentadas, dentre elas a sua irmã Profa. Vera e juntas fizeram uma pesquisa de quem seriam os adultos que não eram alfabetizados. Com o apoio do transporte e lanche da Prefeitura Municipal de Garça SP, realizaram o trabalho que mantiveram até início de 2020 devido ao surto global do Coronavírus.

Já aposentada, a Profa. Vera participou [2020] também como alfabetizadora de jovens e adultos no projeto citado pela Profa. Nancy. Para tanto, salientou que precisou estudar muito e trabalhar com as palavras geradoras de significado para eles e com histórias das suas vidas, de maneira que percebessem a função da leitura e da escrita no cotidiano.

A Profa. Elizabete, após a aposentadoria, passou a atuar em Programas para a Terceira Idade, dando ginásticas e danças, trabalho que continua a realizar [2020].

Na mesma vertente de trabalhos sociais, a Profa. Estela também atua, mas nas creches e com assessoria nas escolas.

A Profa. Cidinha se aposentou no final da década de 1980, cursou psicologia, mestrado e doutorado na área. É psicóloga atuante até o momento. [2020]. Já atuou nos órgãos de proteção à criança e adolescente, na organização de alfabetização de adultos na Creche Maria Leonor, na formação de professores no ISEG- Instituto Superior de Educação de Garça- Normal Superior e Pedagogia e ministrou vários cursos na área de psicologia para professores.

Os Professores Sergio e Mario, após a aposentaria, assumiram a presidência do CPP- Centro do Professorado Paulista, sindicato que representa os professores tanto nas reivindicações da carreira e salarial como nas ofertas de lazer. Atuaram até o ano de 2019, quando precisaram se afastar.

A Profa. Maria Regina continuou atuante na Apase- Sindicato de Supervisores de Ensino de São Paulo.

Na atuação, cada professor (a) demonstrou os saberes que adquiriram ao longo de sua trajetória, saberes que mobilizaram para a realização das práticas, seja para dar as aulas, para elaborar e ministrar os cursos de formação continuada dos professores ou para atuar na gestão das escolas ou dos órgãos da educação como a Delegacia de Ensino.

Neste capítulo, de acordo com os relatos, depois da Escola Normal, foi possível identificar a diversidade da docência nos espaços educacionais- lugares praticados nos quais os (as) professores (as) agentes atuaram mobilizando os seus saberes.

Em cada lugar praticado, a atuação professoral estava pautada nos saberes mobilizados constituídos ao longo da trajetória e nas experiências. As práticas relatadas no início da docência e mesmo na continuidade elucidaram os saberes contidos na escola de formação de professores, presente nas memórias ao se reportarem que aprenderam na Escola Normal ou na Habilitação Magistério.

Foi possível identificar que as práticas docentes, ao ministrar as aulas, referiam-se às concepções pedagógicas ensinadas e divulgadas pelas professoras formadoras do curso Normal, em específico a Profa. Iracema Judith Casella, fundamentadas no Ensino Intuitivo ao se referirem às aulas com recursos visuais, dramatização, histórias com figuras, objetos manipuláveis e a alfabetização pelo método global/analítico. No entanto, apesar da apropriação do referido método, ao iniciarem à docência, alguns professores demonstraram a necessidade de trabalhar com as cartilhas e livros, materiais e métodos, que faziam parte de uma cultura escolar e, sendo assim, “mesclavam “o que aprenderam

no curso Normal com o já instituído. No entanto, o que prevaleceu nas memórias dos (as) professores (as) entrevistados (as) foram as práticas aprendidas na Escola Normal, que ao alternarem com as práticas do ensino tradicional, constituíam uma cultura do ensino.

A concepção do Ensino Intuitivo esteve presente na experiência da escola “Emília”, com um trabalho pautado nos estudos de Dewey, no qual se valorizava a experiência para a aprendizagem.

A constituição dos saberes na família e na escolaridade, que antecedem a formação profissional, apareceram nos relatos referentes à atuação dos (as) professores (as), como da Profa. Elizabete que se comprometia com as questões sociais, com os atendimentos e ajuda aos outros, principalmente aos jovens e velhos, ao atribuir essa atuação à influência da mãe que adotava crianças abandonadas e também da Profa. Nancy ao retomar a leitura, sempre presente no seu ambiente familiar, e a sua professora do primário que despertou o gosto pela leitura das histórias e escrita, além da sua participação no GETA- Grupo de Estudantes de Teatro Amador.

A continuidade da formação e estudos estiveram presentes na trajetória dos (as) professores (as) agentes, todos (as) prosseguiram com determinados cursos, licenciaturas, aperfeiçoamento, especialização. A busca de uma formação contínua identifica-se desde a reivindicação da sociedade garcense para se ter uma escola específica para a formação de professores, da reivindicação para se ter uma Escola Anexa, na qual se poderia aperfeiçoar a formação por meio das práticas, a reivindicação para a transformação da Escola Normal em Instituto de Educação, com a intenção de se ter um curso de aperfeiçoamento, principalmente de Administração Escolar, caracterizando um *habitus* do (as) professores (as) agentes.

A atuação em determinados espaços educacionais, exigiam formações específicas, conforme as escolhas da Profa. Nilma e Terezinha que, após a Escola Normal, cursaram Especialização para o Jardim da Infância/Pré-Escola e da Profa. Mariza na Especialização da Educação Especial. Ambos os espaços-lugares praticados exigiram a mobilização dos saberes da Escola Normal e dos cursos específicos.

Os (as) professores (as) agentes formadores atuaram nos lugares praticados, além das escolas, como diretores (as), coordenadores (as), também na Delegacia de Ensino como supervisores (as), monitora e Delegado (a) de Ensino. Essas atuações exigiam cursos específicos de Licenciatura ou aperfeiçoamento e, de acordo com as memórias apresentadas, iam além de serviços burocráticos, pois exigiam a mobilização dos saberes

para as orientações e acompanhamento do trabalho dos (as) professores (as), além de exigirem também estudos constantes.

No decorrer da atuação e trajetória dos (as) professores (as), a educação no Brasil passou por alterações. A democratização do ensino já estava propositada na Lei Complementar 5.692/71 (BRASIL, 1971), com a obrigatoriedade do Ensino de 1º Grau, compreendido da 1ª a 8ª série, o que promoveu o aumento de alunos na rede de ensino de todo o país, como lembrou a Profa. Nancy: “a escola passou a receber alunos com culturas diversas, com relações diversas de família e com especificidades culturais e de trabalho diversas.” (ENTREVISTA 13 – Profa. Nancy, Garça-SP, 06/05/2020).

A partir da década de 1980, com a redemocratização do país, após anos sob o regime militar, somente o acesso do aluno à escola não era o suficiente para a garantia da equidade, assim, fizeram-se necessárias concepções pedagógicas e práticas que possibilitassem a aprendizagem dos (as) alunos (as) e uma nova organização curricular

A Delegacia de Ensino de Garça-SP, por meio da atuação dos agentes professores (as) formadores (as), foi o lugar praticado para a formação continuada dos (as) professores (as), com o desafio de propagar e acompanhar as concepções pedagógicas fundamentadas no construtivismo. Para tanto, órgãos da Secretaria da Educação do Estado de São Paulo, Coordenadoria de Estudos e Normas Pedagógicas-CENP e a Fundação para o Desenvolvimento da Educação-FDE promoveram cursos e materiais que eram oferecidos aos representantes das Delegacias, aos monitores e, posteriormente, aos denominados Assistentes Técnicos Pedagógicos que os repassavam aos (as) professores (as), conforme relatou a Profa. Nancy. Para além dos cursos, os agentes formadores da Delegacia de Garça-SP promoviam encontros e palestras com pesquisadores e professores das Universidades, como meio de possibilitar a aprendizagem das novas concepções teóricas.

As outras áreas do currículo também eram contempladas nessa formação continuada, como a Matemática e a utilização das Atividades Matemáticas.

Este período foi marcado pelos desafios tanto para os (as) agentes formadores (os), como para os (as) professores que tinham como saberes e práticas os mobilizados ao longo de suas trajetórias. Alguns (as) professores (as) assimilavam os novos saberes e transformavam as suas práticas, outros (as) experimentavam e alternavam entre as já estabelecidas e as que se anunciavam.

Assim, a diversidade docente se apresentou na atuação das Escolas Isoladas da zona rural, na escola experimental Emília, no Mobral, nos Grupos Escolares, nas Escolas de 1º e 2º Grau, na Educação Infantil/Pré-Escola, na Classe Especial, Delegacia de Ensino

e na atuação de funções de Coordenação, Direção, Supervisão, Delegado (a) de Ensino esta como *lócus* da formação continuada.

Além da formação continuada se destacou a atuação continuada dos professores (as) agentes que prosseguiram nas execuções de atividades, a maioria relacionada à educação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O percurso metodológico fundamentado em uma nova repartição cultural possibilitou identificar, analisar e interpretar na história da educação de Garça-SP, aspectos da constituição do ser e saberes professorais, para uma história da formação e atuação de professores (as) de Garça-SP, a partir de 1940, década em que instituiu a primeira escola de formação de professores (as) do Ensino Primário.

Os relatos das memórias dos professores (as) que atuaram e atuam como agentes no campo educacional foram fontes que corroboraram com as fontes documentais escritas e iconográficas para o entendimento de que a história da formação e atuação dos professores (as) do município de Garça-SP, foram constituídas mediante ser e saberes professorais de agentes específicos de um mesmo “lugar” institucional e contribuiu para a constituição da cultura escolar do município de Garça-SP.

Os professores (as) agentes apresentaram uma trajetória que se entrelaça com a constituição das instituições escolares no município de Garça-SP e de sua cultura escolar. Assim, a influência familiar e a interação com os espaços escolares como lugares praticados possibilitaram a constituição do ser e saberes professorais.

Nesta interação foi possível identificar três aspectos: a valorização aos estudos dada pelos familiares, elementos da cultura escolar e os saberes dos professores (as).

A valorização dos estudos e da educação é um dos aspectos que se apresentou logo no início da constituição escolar, inicialmente, marcada por uma disputa política para consolidar um grupo partidário, mas também por reivindicação para a construção de escola para as crianças e jovens.

A “Escola na Garagem”, marcou o início da escolarização no município, mesmo não sendo uma escola formal. Foi organizada anterior a elevação à município, ainda quando o pequeno povoado era designado como “Vila”. Os moradores de uma parte deste povoado, localizado no reduto do Sr. Labieno do Partido Democrata Paulista-PDP, primeiro a chegar com uma comitiva e estabelecer um Patrimônio, se organizaram para que as crianças a partir dos dois anos, se agrupassem em uma garagem organizada nos moldes de uma escola multisseriada sob a regência de uma professora denominada “Rabúla”, por não ter a formação para a docência.

Com a elevação da Vila à Município, a família Barros, do Partido Republicano Paulista- PRP, que fazia oposição ao Sr. Labieno, doou um terreno para construção de um Grupo Escolar e a construção ocorreu com a finalidade primeira para ser local das eleições

à presidente de 1930, mas também para acolher as crianças do recém município divulgando o valor da educação.

Apesar da identificação de uma disputa política, no decorrer da constituição das escolas, se identificou também que houve uma dispersão de tal disputa pois para a continuidade da educação no Ensino Secundário, novamente se teve a doação de um grande terreno para a construção de um prédio escolar, realizada pela família Barros no mandato do Prefeito Sr. Hilmar Machado de Oliveira, enteado do Sr. Labieno.

Ao término da construção da primeira escola secundária, não houve autorização do Ministério da Educação para o funcionamento e a escola secundária foi arrendada para os dois padres Antônio e Aquino como escola particular religiosa.

Vale salientar que na década de 1940, com os ideais dos escolanovistas já propagados em defesa da escola pública e laica, os pais, professores e uma parcela da comunidade garcense reivindicaram, por meio de “Abaixo-assinado”, para que a Escola construída para ser pública, arrendada pelos padres como escola particular religiosa, fosse pública laica. Mediante a reivindicação atendida, a escola passou a ser pública estadual, denominada Colégio Estadual e Escola Normal “Dr. Hilmar Machado de Oliveira”, prefeito que havia falecido e outra escola particular religiosa se constitui pela intervenção do Padre Antônio Magliano, o Instituto “Maria Leonor” e o “Colégio Santo Antônio”.

A partir da institucionalização das escolas, tanto a pública como a particular religiosa, identificou-se as atitudes dos familiares de possibilitar os meios para a ida à escola, a permanência e a continuidade dos estudos, nas providências dos materiais, uniformes, incentivos, mesmo com as dificuldades. Ao analisar o perfil dos pais dos (as) entrevistados (as), se pode entender que todos eram alfabetizados e o trabalho exercido exigia competência leitora para desenvolvê-lo. Além da profissão dos pais, também se identificou famílias que tinham como lazer leituras, tocar instrumentos musicais, frequentar cinema e igreja. Esta identificação se relaciona ao que Bourdieu (1998) denominou como capital cultural, no qual os pais ou responsáveis pelos (as) alunos (as), independente dos recursos econômicos, possibilitam acessos aos meios de aprimorar a educação na oferta de livros, jornais e eventos culturais como teatro e cinema.

Sobre alguns elementos da Cultura Escolar, os (as) entrevistados (as) apresentaram em suas memórias as regras e normas da Escola, incorporadas e obedecidas como a fila para entrar, meninos separados das meninas nas filas e na organização das classes, o uso obrigatório do uniforme que representava a Escola, tanto a pública laica como a particular confessional, o domínio e o cântico do Hino Nacional e de outros, a

organização com o material (livros e cadernos) tendo que estar encapado e cuidado, os desfiles com as fanfarras, as festas, os exames como forma de avaliação, o recreio com saídas em tempos diferentes de grupos distintos, alunos(as) que comeriam a merenda e alunos que levavam o lanche, disciplina e cumprimento das regras das escolas para se ter um ambiente disciplinado e organizado.

Os saberes dos (as) professores (as) do Ensino Primário, Secundário e Jardim da Infância foram retomados nas memórias dos (as) entrevistados. Como alunos (as) do Ensino Primário, surgiram memórias de professoras que dominavam o saber de dar aulas com as cartilhas e exigir uma memorização, professoras que ensinavam com as histórias e possibilitavam aos (as) seus alunos (as) escrevê-las, demonstrando assim os seus saberes de leitoras, o professor que, diferente dos outros, ensinava a matemática por meio de jogos e situações problema. Do Jardim da Infância, as memórias que ficaram das professoras se referem ao saber cantar, tocar piano e promover as brincadeiras, recortes, colagem, pintura e exercícios motores. Há referências aos professores (as) do Ginásio como os detentores do saber e dignos de muito respeito. Demonstravam, os seus saberes por meio do domínio dos conteúdos de suas disciplinas, de ter uma boa comunicação e exigir dos (as) seus (as) alunos (as) o conhecimento do que foi ensinado por meio das leituras, compreensão e memorização. O bom (a) professor (a) era o que exigia o aprendizado do (a) do (a) aluno (a), como a boa escola era a exigente, a que reprovava o (a) aluno (a) de ano. Da escola religiosa ficaram as marcas do aprendizado, a rigidez e a religiosidade. Vale ressaltar que a Instituição religiosa oferecia também o sistema de creche para crianças necessitadas e o Jardim de Infância para as crianças não necessitadas. Sobre a creche nenhum dos (as) professores (as) entrevistados (as) frequentou.

Mesmo com a constituição da Escola Primária e Secundária, nem todas as crianças e jovens davam continuidade, pois na escola particular se fazia necessário os recursos econômicos e na escola pública também devido as providências dos materiais, uniforme, custos com a preparação para o exame de admissão e as exigências rígidas dos estudos.

Assim, a educação no município se constituiu por meio de duas instituições educacionais, uma pública laica e uma particular religiosa.

As duas instituições foram “lugares praticados” na formação dos (as) professores (as) por meio da Escola Normal e, cada uma com as suas culturas escolares, se constituíram no e para o município considerando a interação que ambas tinham com a sociedade garcense. A religiosa, exclusiva para meninas, com o ideal de desenvolver os princípios da religião católica e a laica para alunos e alunas, com foco nos estudos e

socialização e atuação na comunidade, no entanto, com alguns aspectos que caracterizava o predomínio da religião católica na sociedade garcense como a cultura da solenidade da formatura da qual fazia parte a missa.

A Escola pública Colégio Estadual e Escola Normal “Hilmar Machado de Oliveira”, tornou se pública a partir de 1948 e ficou mais de uma década exclusiva na formação de professores (as) para o Ensino Primário. Somente no ano de 1953 o Colégio “Santo Antônio” passou a oferecer o curso Normal.

A partir da constituição das Instituições de formação de professores no município de Garça-SP, os alunos concluintes do Ginásio poderiam dar continuidade aos estudos ainda no considerado Secundário, nos cursos Científico, Clássico ou Normal. Estes dois últimos, oferecidos a partir de 1953, sendo o curso Científico no noturno, fato que impedia muitas jovens de cursar por proibição dos pais.

Na trajetória escolar dos (as) professores agentes seria necessário escolher um percurso, uma profissão. As escolhas apresentadas nas memórias dos (as) entrevistados (as) não eram neutras, a maioria teve a influência da família que valorizava os estudos, mas também expressava a representação de uma atuação propícia para as mulheres, por proporcionar o trabalho logo após a formação e ao mesmo tempo cuidar do lar, caracterizando a feminização do magistério. Os professores entrevistados escolheram o curso Normal já com expectativas de outras atuações e as professoras entrevistadas escolheram o curso Normal com a intenção de dar continuidade na formação, o que já se anunciava como um ideal de professoras do mesmo lugar, indicando um *habitus* dessas professoras na busca constante de aperfeiçoamento.

O aperfeiçoamento pedagógico foi também reivindicação dos (as) professores (as) que, após conclusão do curso Normal queriam dar continuidade para um aperfeiçoamento pedagógico, para tato, a transformação do Colégio Estadual e Escola Normal “Hilmar Machado de Oliveira” em Instituto de Educação se fazia necessário. A transformação ocorreu no início da década de 1960, oferecendo a possibilidade de formação continuada.

Cada Escola de formação de professores para o Ensino Primário constituiu a sua cultura escolar na qual os professores (as) agentes como alunos (as) participavam.

Alguns elementos da cultura escolar da Escola Normal pública laica foram constituindo a representação de uma escola não religiosa: ensino em classes mistas, meninos e meninas, liberdade para com tipos de cabelos ou maquiagem, não obrigatoriedade de frequência às missas, professores (as) formadores leigos religiosos, ausência das aulas de religião no curso Normal, participação das meninas em

campeonatos esportivos, os desfiles cívicos com as moças maquiadas, de óculos de sol, grupos de jovens moços e moças que se reuniam na e fora da escola para tocar e cantar, formaturas com colação, missa e baile dentre outros elementos que caracterizavam o cotidiano escolar e se evidenciavam na sociedade garcense. No entanto, vale ressaltar que apesar da escola considerada laica, a religião católica se evidenciava como predominante no evento da formatura que marcou a cultura escolar do curso Normal e Habilitação Magistério por décadas.

A constituição da escola religiosa tinha como ideal a formação cristã para a atuação na sociedade pautada na moral, no comportamento e na religião católica. Desse modo, alguns elementos da cultura escolar se apresentaram, como o uso do uniforme sendo a representação da escola e que as moças que o usavam não poderiam ir a outros lugares com ele, o comprimento das saias monitorado, a proibição do uso de maquiagem ou cortes de cabelo, as festas religiosas com a participação dos familiares.

As duas instituições destacaram-se como pertencentes à sociedade, devido os seus espaços se estenderem para além da formação profissional, na atuação da Escola confessional religiosa com as missas na capela, os bazares beneficentes, a participação da comunidade na organização das festas religiosas e na atuação da Escola pública laica na disponibilidade da biblioteca à comunidade, troféus das participações nos campeonatos esportivos representando o município, local de recebimento de políticos e outros.

As duas instituições de formação de professores ofereceram o curso Normal até início da década de 1970. Com a promulgação da Lei Complementar 5.692/71 (BRASIL, 1971), o curso foi transformado na Habilitação Magistério e sem continuidade no Colégio Santo Antônio. Desse modo, somente a instituição pública passou a oferecer a Habilitação Magistério.

Durante o período de formação, a partir de 1940, o curso Normal foi oferecido em ambas as instituições e, posteriormente a Habilitação Magistério.

Os saberes específicos para a atuação dos (as) professores (as) em formação eram ensinados pautados em um currículo específico, no qual se identificou a fundamentação na concepção pedagógica do Método Intuitivo, divulgado e ensinado pela Profa. Iracema Judith Casela. Para as práticas dos (as) alunos (as) normalistas o Colégio Estadual e Escola Normal “Hilmar Machado de Oliveira”, posteriormente, Instituto de Educação, apresentava uma Escola Anexa para esse fim. No entanto, as professoras da Escola Anexa exerciam as práticas tradicionais o que gerava um embate entre a Professora formadora

que precisava de modelos de aulas referentes ao método citado, considerando que era a teoria e práticas ensinadas no curso.

A atuação dos professores formadores também marcou a constituição do ser e saberes professorais dos (as) alunos (as) em formação. Os (as) professores (as) atuaram para além da escola, propiciando a representação, na sociedade garcense, de ser bom (a) professor (a) e influenciando a participação dos (as) alunos (as) normalistas, conforme segue: escritores de temas relacionados à saúde, à sociologia, à psicologia, dentre outros, no jornal local; participação na rádio local na condução do programa “A escola a serviço da Família” com orientações e interação sobre a educação da criança e jovens; na política em defesa da melhoria das escolas; nas apresentações culturais com músicas apresentadas pelos (as) alunos (as); liderança nos campeonatos esportivos; mobilização dos (as) alunos (as) para a formação teatral e apresentações e participações em Festivais de Teatro; discussões e debates sobre as questões sociais em defesa da escola pública; na organização das conferências e aulas inaugurais com temáticas relacionadas às concepções pedagógicas.

Sobre as conferências, ressalta a apresentada com as temáticas “Abandono Intelectual” e “Frequência Escolar”, na qual participaram os (as) normalistas e os professores (as) do Ensino primário. Essa abordagem indicava os saberes necessários aos docentes atuantes e em formação, que deveriam assimilar e aplicar para ser bons (as) professores (as). Eram saberes essenciais e necessários, frente a uma escola que se anunciava com a democratização do ensino e a expansão das escolas, discussão que estava no campo educacional sob a influência dos ideais escolanovistas e que resultaria na LDBE Lei de Diretrizes e Bases da Educação 4.024/61 (BRASIL, 1961).

A expansão das escolas e a democratização do ensino significavam a inclusão da diversidade das classes sociais e o ensino considerado como tradicional, com abordagens sem significado para o estudante, memorização e avaliações rigorosas, eram um dos fatores que levavam à não frequência dos alunos à escola e até ao abandono devido às reprovos. Para contribuir com a aprendizagem da criança o método intuitivo foi designado como o mais adequado.

O discurso da Profa. Iracema e o currículo estavam expressos nas referências teóricas e metodológicas do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas-INEP, com influência das Escolas Norte-Americanas, com destaque para as pesquisas no campo das Ciências Sociais, com prioridade para as relações entre educação e desenvolvimento e com vistas ao atendimento às crianças mais pobres que chegavam à escola.

A formação das normalistas do Colégio “Santo Antônio” apresentou indícios de um currículo que priorizava as práticas, apesar de ter a diversidade de ensino religioso, as alunas também deviam preparar aulas práticas e aplicar nas classes de Ensino Primário do próprio Colégio. A atuação da Irmã Cristina se destacou ao ministrar aula de Literatura de maneira interdisciplinar.

Depois da Escola Normal, se apresentou a diversidade da docência nos espaços educacionais- lugares praticados nos quais os (as) professores (as) agentes atuaram e atuam mobilizando os seus saberes, espaços estes identificados como Escolas Isoladas da zona rural, Grupos Escolares/ Ginásio Escolas de 1º Grau, Escolas de 2º Grau, Jardim da Infância, Classe Especial e funções desenvolvidas nas escolas como Direção e coordenação e as de outro espaço de atuação que caracterizou a formação continuada, supervisão e Delegado de Ensino na Delegacia de Ensino.

A mobilização dos saberes dos professores (as) na docência foi identificada pelos relatos, como desde a influência familiar até as experimentais, ou seja, se constituiu na atuação, com referências as práticas do método Intuitivo e o impasse que já ocorria na Escola Anexa, a cultura da utilização da cartilha e do método pautado na memorização, o que levava as (os) professores (as) “mesclarem” os métodos proporcionando uma cultura do ensino.

Os (as) professores (as) agentes formadores atuaram nos lugares praticados como diretores (as), coordenadores (as), também na Delegacia de Ensino como supervisores (as), monitores e Delegado (a) de Ensino. Esta atuação exigia cursos específicos de Licenciatura ou aperfeiçoamento e, de acordo com as memórias apresentadas, ia além de serviços burocráticos pois exigia a mobilização dos saberes para as orientações e acompanhamento do trabalho dos (as) professores (as), o que exigia também estudos constantes.

A continuidade da formação e estudos estiveram presentes na trajetória dos (as) professores (as) agentes, todos (as) prosseguiram com determinados cursos, licenciaturas, aperfeiçoamento, especialização. A busca de uma formação contínua se identifica desde a reivindicação da sociedade garcense para se ter uma escola específica para a formação de professores, da reivindicação para se ter uma Escola Anexa, na qual se poderia aperfeiçoar a formação por meio das práticas, a reivindicação para a transformação da Escola Normal em Instituto de Educação com a intenção de se ter um curso de aperfeiçoamento, principalmente de Administração Escolar, caracterizando um *habitus* do (as) professores (as) agentes.

A Delegacia de Garça-SP, mais um espaço de formação, mudou o cenário na formação continuada dos professores no município, por meio de um novo espaço com muitos desafios.

Para tanto, os professores (as) atuantes neste espaço como agentes atuaram para a implantação de novas concepções pedagógicas e estudos advindas das mudanças políticas e sociais que ocorriam no país.

No decorrer da atuação e trajetória dos (as) professores (as) a educação no Brasil passou por alterações. A democratização do ensino já estava propositada na Lei Complementar 5.692/71 (BRASIL, 1971), com a obrigatoriedade do Ensino de 1º Grau compreendido da 1ª a 8ª série, o que promoveu o aumento de alunos na rede de ensino de todo o país, como lembrou a Profa. Nancy: “a escola passou a receber alunos com culturas diversas, com relações diversas de família e com especificidades culturais e de trabalho diversas.” (ENTREVISTA 13 – Profa. Nancy, Garça-SP, 06/05/2019).

A partir da década de 1980, com a redemocratização do país após anos sob o regime militar, somente o acesso do aluno à escola não era o suficiente para a garantia da equidade, assim, se fez necessário concepções pedagógicas e práticas que possibilitassem a aprendizagem dos (as) alunos (as) e uma nova organização curricular, fundamentada nas concepções teóricas construtivistas.

Para tanto, órgãos da Secretaria da Educação do Estado de São Paulo, Coordenadoria de Estudos e Normas Pedagógicas-CENP e a Fundação para o Desenvolvimento da Educação-FDE, promoveram cursos e materiais que eram oferecidos aos representantes das Delegacias, os monitores e, posteriormente, denominados Assistentes Técnicos Pedagógicos, que repassavam aos (as) professores (as), conforme relatou a Profa. Nancy. Para além dos cursos, os agentes formadores da Delegacia de Garça-SP, promoviam encontros e palestras com pesquisadores e professores das Universidades como meio de possibilitar a aprendizagem das novas concepções teóricas.

As outras áreas do currículo também eram contempladas nessa formação continuada como a Matemática, e a utilização das Atividades Matemáticas. Esta mobilização se referia a reformulação do currículo que resultou na elaboração e divulgação das Propostas Curriculares em meados da década de 1980 e, na necessidade da execução pelos professores.

Desse modo, as décadas de 1980 e 1990 são marcadas pelos desafios tanto para os (as) agentes formadores (os) atuantes na Delegacia de Ensino, como para os (as) professores que tinham como saberes e práticas os mobilizados ao longo de suas

trajetórias. Alguns (as) professores (as) assimilavam os novos saberes e transformavam as suas práticas, outros (as) experimentavam e alternavam entre as já estabelecidas e as que se anunciavam formando assim novas práticas.

Tanto na formação inicial como na formação continuada dos (as) professores (as) se identificou a influência das políticas educacionais propositadas nas legislações e nos ideários de acordo com o período.

Conforme exposto no capítulo 5, os professores (as) como agentes sociais continuaram a atuação e a mobilização dos seus saberes constituindo a educação no município de Garça-SP, um lugar praticado, que apresentava como marcos e características a atuação dos (as) professores (as) na reivindicação de cursos de formações, na busca constante de estudos, no envolvimento com o campo cultural como a formação teatral e apresentações musicais, desfiles cívicos, no envolvimento com o esporte, na atuação na sociedade com palestras e outras ações de informações educacionais e na atuação política mediante a representação da educação na Câmara Municipal.

Tais marcos e características possibilitam a reflexão referente a busca para uma formação e atuação professoral que possa influenciar e promover a aprendizagem dos (as) alunos (as).

Pelo exposto nesta pesquisa, que apresenta uma função histórica, uma história da formação e atuação de professores (as) no município de Garça-SP, no recorte temporal de 1940 a 1996, foi constituída mediante ser e saberes professorais de agentes específicos – professores (as) de um mesmo lugar institucional que constituiu a cultura escolar do município de Garça-SP e um *habitus* de professores (as) de formação contínua.

Se existe, pois, uma *função histórica*, que especifica a incessante confrontação entre um passado e um presente, quer dizer, entre aquilo que organizou a vida ou o pensamento e aquilo que hoje permite pensá-los, existe *uma série indefinida de “sentidos históricos”*. (DE CERTEAU, 1982 p.39).

Nesse sentido, apresentou-se uma história da formação e atuação de professores (as) que não se finaliza, mas possibilita a constituição de outras histórias referentes ao mesmo lugar praticado ou de outros diversos lugares.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, J. A. Vestígios para uma reinterpretação do magistério feminino em Portugal e Brasil. In: SOUZA, R. F., VALDEMARIN, V. T.; ALMEIDA, J. A. O legado educacional do século XIX. Araraquara-SP: UNESP – Faculdade de Ciências e Letras, 1998. p. 107-181.

AURAS, G.M.T. “UMA VEZ NORMALISTA, SEMPRE NORMALISTA” A **Presença do Método de Ensino Intuitivo ou Lições de Coisas na Construção de um Habitus Pedagógico (Escola Normal Catarinense 1911-1935)**. 2005. Universidade Federal do Paraná. Disponível em: <https://hdl.handle.net/1884/2984>. Acesso em 02/02/2018

AZEVEDO, L. C.S.S. **Escola Normal “Carlos Gomes”: Memória e Formação de Professores**. 2005. Tese (Doutorado). Universidade Estadual de Campinas. Disponível http://repositorio.unicamp.br/jspui/bitstream/REPOSIP/252409/1/Azevedo_LenyCristinaSoaresSouza_D.pdf. Acesso em: 02/02/2018.

BERNARDES, V.A.M. **História e Memória de Alfabetizadoras: desenvolvimento profissional**. 2005. Tese (Doutorado). Universidade Estadual de Campinas-Faculdade de Educação. Disponível em: <http://repositorio.unicamp.br/jspui/handle/REPOSIP/252470>. Acesso em 02/02/2018.

BRASIL. Lei Orgânica do Ensino Normal. Dispõe sobre a adaptação dos serviços do ensino normal nos Estados, Territórios e Distrito Federal. **Diário Oficial da União** - Seção 1 - 4/1/1946. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/declei/1940-1949/decreto-lei-8586-8-janeiro-1946-416404-norma-pe.html>. Acesso em: 05/02/2018.
_____. Lei n. 4024/1961, de 20 de dezembro de 1961, Fixa as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. **Diário Oficial da União** de 27 de dezembro de 1961. Disponível em: www.mec.gov.br. Acesso em: 05/02/2018.

_____. Lei Complementar n. 5.692/71 de 11 de agosto de 1971. Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Disponível em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L5692.htm. Acesso em 10/10/2017.

_____. Lei n.9.394/96 de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 23 de dezembro de 1996, ano CXXXXIV, nº248, p.27.833-27.841. Disponível em: www.planalto.gov.br/ccivil_3/LEIS/L9394.htm. Acesso em 10/10/2017.

BOURDIEU, Pierre. **Sociologia**. Tradução Paula Monteiro e Alice Azusmendi. São Paulo: Ática, 1983.

_____. **Razões práticas**: Sobre a teoria da ação. Tradução Mariza Corrêa. Campinas, SP: Papirus, 1996

_____. **Os usos sociais da ciência**: por uma sociologia clínica do campo científico. Tradução Denice Bárbara Catani. São Paulo: Editora Unesp, 2004.

BURKE, P. **O que é História Cultural?** 2.ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

CAMPOS, I.M.C.A. **Em busca do absoluto**. Agudos SP: Casa Regional das Irmãs Franciscanas de Siessesn, 1986.

CHARTIER, Roger. **A história cultural entre práticas e representações**. Lisboa: Difel, 1990.

_____. **O mundo como representação**. Estudos Avançados, v.5 n. II. São Paulo. Jan/abr.1991. Disponível em https://www.scielo.br/php?script=sci_arttex&pid. Acesso em 12/02/2018.

COSTA, S.S. **Histórias Contadas E Vividas: Memórias da Escola Normal Rural Murilo Braga de Itabaiana/Sergipe (1950-1972)**. 2016. Tese (Doutorado). Faculdade de Educação, da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul – PUC/RS. Disponível em: <http://tede2.pucrs.br/tede2/handle/tede/7092>. Acesso em: 02/02/2018.]

DE CERTEAU, Michel de. **A Escrita da história**. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1982.

_____. **A invenção do cotidiano: 1. artes de fazer**. 3ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.

DEMARTINI, Z. B.; ANTUNES, F. F. Magistério primário: profissão feminina, carreira masculina. Cadernos de Pesquisa, São Paulo, n. 86, pp. 5-14, ago., 1996.

ESCOLANO BENITO, Augustín. **A arquitetura como programa. Espaço-escola e currículo**. In: Viñao Frago e Escolano Benito. Currículo, espaço e subjetividade. Rio de Janeiro: DP&A, 1998.

_____. **La cultura de la escuela em el sistema educativo liberal**. In: Escolano Benito. HISTÓRIA ILUSTRAD DE LA ESCUELA EN ESPAÑA. Dos siglos de perspectiva histórica. Madri: FUNDACIÓN GERNÁN SÁNCHEZ RUIPÉREZ, 2006.

FIGUEIRÔA, A.P.L. **QUE SAUDADE DA PROFESSORINHA: história e memória da escolarização das Normalistas niteroienses e recifenses**. 2017. Tese (Doutorado). Universidade Federal de Pernambuco. Disponível em: <https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/26903>. Acesso em: 03/04/2019

FRANKFURT, S.H. **Da Escola Normal à Habilitação Específica para o Magistério em 2º Grau: práticas e apropriações (1961-1981)**. 2011. Tese (Doutorado). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo-PUC SP. Disponível em: <https://tede2.pucsp.br/handle/10312>. Acesso em: 02/02/2018.

FURTADO, A. **Por uma história das práticas de formação docente: um estudo comparado entre duas escolas normais de Ribeirão Preto- SP (1944-1964)**. 2007. Tese (Doutorado) Universidade de São Paulo-Faculdade de Educação. Disponível em:

<https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/48/48134/tde-25072007-152749/publico/ComecoTeseAlessandraFurtado.pdf..> Acesso em: 02/02/2018.

KOSSOY, B. **Fotografia e História**. São Paulo: Ática, 1989.

LEITE, K.C.E. **Memórias de Professoras de Escolas Rurais: (Rio Claro – SP, 1950 A 1992)**. 2018. Dissertação (Mestrado). Universidade Estadual Paulista “Júlio De Mesquita Filho “Faculdade De Filosofia E Ciências *Campus De Marília* – SP. Disponível em: <http://hdl.handle.net/11449/153087>. Acesso em: 05/06/2019.

MEIHY, J.C.S.B.; HOLANDA, F. **História Oral: como fazer, como pensar**. 2ed. São Paulo: Contexto, 2010.

MORAES, A.D.J. **História E Memória Da Formação Docente Em Ituiutaba –MG. 2014**. Tese (Doutorado). Universidade Federal de Uberlândia. Disponível em: <https://repositorio.ufu.br/handle/123456789/13686>. Acesso em: 02/02/2018

NÓVOA, A. Para o estudo sócio-histórico da gênese e desenvolvimento da profissão docente. **Teoria e Educação**. Porto Alegre: Pannonica, n.4, 1991.

NÓVOA, A. **Profissão Professor**. Porto: Porto Editora, 1995.

PAIXÃO, L. O catarinense João Roberto Moreira- um sociólogo da educação esquecido. *Perspectiva*. Florianópolis, v.20, n. Especial, p.57-83, jul./dez. 2002. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/perspectiva/article/view/10258/9504>. Acesso em: 20/08/2020.

PINHEIRO, M. L. **A Escola Normal De Campinas No Período 1920-1936: Práticas e Representações**. 2003 Dissertação (Mestrado). Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de Educação. Disponível em: <http://repositorio.unicamp.br/jspui/handle/REPOSIP/253580>. Acesso em 02/02/2018

RICOEUR, P. **A Memória, a história o esquecimento**. Campinas SP: Editora da Unicamp, 2007.

SÃO PAULO. Lei n. 671, de 23 de março de 1950. Determina que passem a funcionar como Colégio, diversos Ginásios Estaduais e dá outras providências. **Diário Oficial do estado de São Paulo-Executivo**. São Paulo, 23 de março de 1950. Disponível em: <https://www.al.sp.gov.br/norma/41953>

_____. Lei 7.148, de 15 de outubro de 1962. Transforma em Instituto de Educação a Escola Normal de Garça. **Diretoria Geral da Secretaria de Estado dos Negócios dos Governos**, São Paulo SP, 16 de outubro de 1962. Disponível em: <https://www.al.sp.gov.br/repositorio/legislacao/lei/1962/lei-7148-15.10.1962.html>. Acesso em: 02/01/2018

SAVIANI, D. História das ideias pedagógicas no Brasil. 2. ed. e ampl. – Campinas-SP: Autores Associados, 2008. – (Coleção Memória da Educação). p. 277-346.

SILVA, M. **Os Saberes Docentes Na História De Vida Do Professor de Educação Física**. Dissertação (Mestrado). 2009. Universidade Estadual Paulista “Júlio De Mesquita Filho” Instituto de Biociências- Rio Claro SP. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/handle/11449/90082>. Acesso em: 02/02/2018.

SILVA, T.D.M. **Trajetórias de Formação de Professores de Educação Infantil: História Oral de Vida**. 2012. Dissertação (Mestrado). Universidade de São Paulo-Faculdade de Educação. Disponível em: https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/48/48134/tde-28092012-151546/publico/TALITA_DIAS_MIRANDA_E_SILVA_rev.pdf.. Acesso em: 02/02/2018

SOUZA, B.S.A. **A Escola Normal Regional Nossa Senhora Do Carmo Em Belo Jardim – PE: desfilando o *habitus* professoral pelas ruas da cidade**. 2013. Tese (Doutorado). Universidade Federal da Paraíba. Disponível em: <https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/tede/4726>

TANURI, L. M. O Ensino Normal no estado de São Paulo (1890-1930). Tese de doutorado, Marília: Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Marília, 1973.

TARDIF, M. **Saberes docentes e formação profissional**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

THOMPSON, P. **A voz do passado** – História Oral. São Paulo: Paz e Terra, 1992.

VICENTINE, P.; LUGLI, R. G. **História da profissão docente no Brasil: representações em disputa**. São Paulo: Cortez, 2009.

VIÑAO FRAGO, Antonio. Historia de la educación y historia cultural: posibilidades, problemas, cuestiones. **Revista Brasileira de Educação**, Campinas, SP, n. 0, p. 63-82, set./out./nov./dez. 1995.

FONTES

ABAIXO ASSINADO, Garça, data.

CIRCE, Terezinha. Estudos atuais sobre a Psicologia do Adolescente. **Correio de Garça**, Garça SP, 14 de maio de 1953.

CIRCE, Terezinha. O Valor Educativo da Biblioteca. **Correio de Garça**, Garça SP, 11 de outubro de 1953.

ENTREVISTA 1 – Prof. Mário, Garça SP, 29/08/2019).

ENTREVISTA 2 – Sr. João Chaves, Garça SP 04/09/2019).

ENTREVISTA 3 – Sra. Madalena, Garça SP, 04/09/2019).

ENTREVISTA 4 – Profa. Estela, Garça SP, 04/09/2019).

ENTREVISTA 5 – Caio, Garça SP, 29/03/2020).

ENTREVISTA 6 – Profa. Wilma, Garça SP, 10/09/2019).

ENTREVISTA 7 – Prof. Sergio, Garça SP, 29/08/2019).

ENTREVISTA 8 – Profa. Nilma, Garça SP, 18/07/2020).

ENTREVISTA 9 – Profa. Jane, Garça SP, 02/09/2019).

ENTREVISTA 10 – Profa. Maria Helena, Garça SP, 03/09/2019).

ENTREVISTA 11 – Profa. Mariza, Garça SP, 06/09/2019).

ENTREVISTA 12 – Profa. Vera, Garça SP, 12/09/2019).

ENTREVISTA 13 – Profa. Nancy, Garça SP, 06/05/2020).

ENTREVISTA 14 – Profa. Maria Regina, Garça SP, 04/10/2009).

ENTREVISTA 15 – Prof. José, Garça SP, 30/08/2019).

ENTREVISTA 16 – Profa. Elizabete, Garça SP, 24/09/2019).

ENTREVISTA 17 – Profa. Márcia Santos, Garça SP, 22/01/2020).

ENTREVISTA 18 – Profa. Terezinha, Garça SP, 11/09/2019).

ENTREVISTA 19 – Profa. Cida, Garça SP, 29/03/2020).

ENTREVISTA 20 – Profa. Cidinha, Garça SP, 16/09/2019).

ENTREVISTA 21 – Profa. Maria Izabel, Garça SP, 28/10/2019).

LIVRO ATA da Reunião dos Professores do Colégio Estadual e Escola Normal Hilmar Machado de Oliveira, Acervo da E.E. Hilmar Machado de Oliveira, Garça SP, 1960, p. 45.

JORNAL O Correio de Garça, **Garça conta com o maior Grupo Escolar do Estado**, 06 de setembro de 1953, p.5

JORNAL O Correio de Garça, Aula **Inaugural do Colégio do Estado**, 1959, p. 10.

JORNAL O Correio de Garça, **Instituto de Educação Dr. Hilmar Machado de Oliveira**, 27/11/1959, p.8

JORNAL O Correio de Garça, **Curso de Aperfeiçoamento para o Colégio do Estado**, 3/12/1959, p.5

JORNAL O Progressista, **As primeiras nomeações para o Ginásio Estadual e Escola Normal de Garça**, 22 /04/1948, p.1

LIVRO ATA da Reunião dos Professores do Colégio Estadual e Escola Normal Hilmar Machado de Oliveira, Acervo da E.E. Hilmar Machado de Oliveira, Garça SP, 1960, p. 46-47

LIVRO ATA da Reunião dos Professores do Colégio Estadual e Escola Normal Hilmar Machado de Oliveira, Acervo da E.E. Hilmar Machado de Oliveira, Garça SP, 1956, p.12-14, 16

LIVRO ATA das Reuniões do Conselho Técnico do Curso de Formação de Professores Primários Garça, 1954, p.1

LIVRO ATA das Reuniões Pedagógicas do Curso de Aplicação Anexo ao Colégio Estadual E Escola Normal “Hilma Machado De Oliveira”, 1954, p.1; 8-12; 25-37

LIVRO ATA das Aulas dadas do Colégio Estadual E Escola Normal “Hilmar Machado De Oliveira”, 1948-1970, p. 1-56

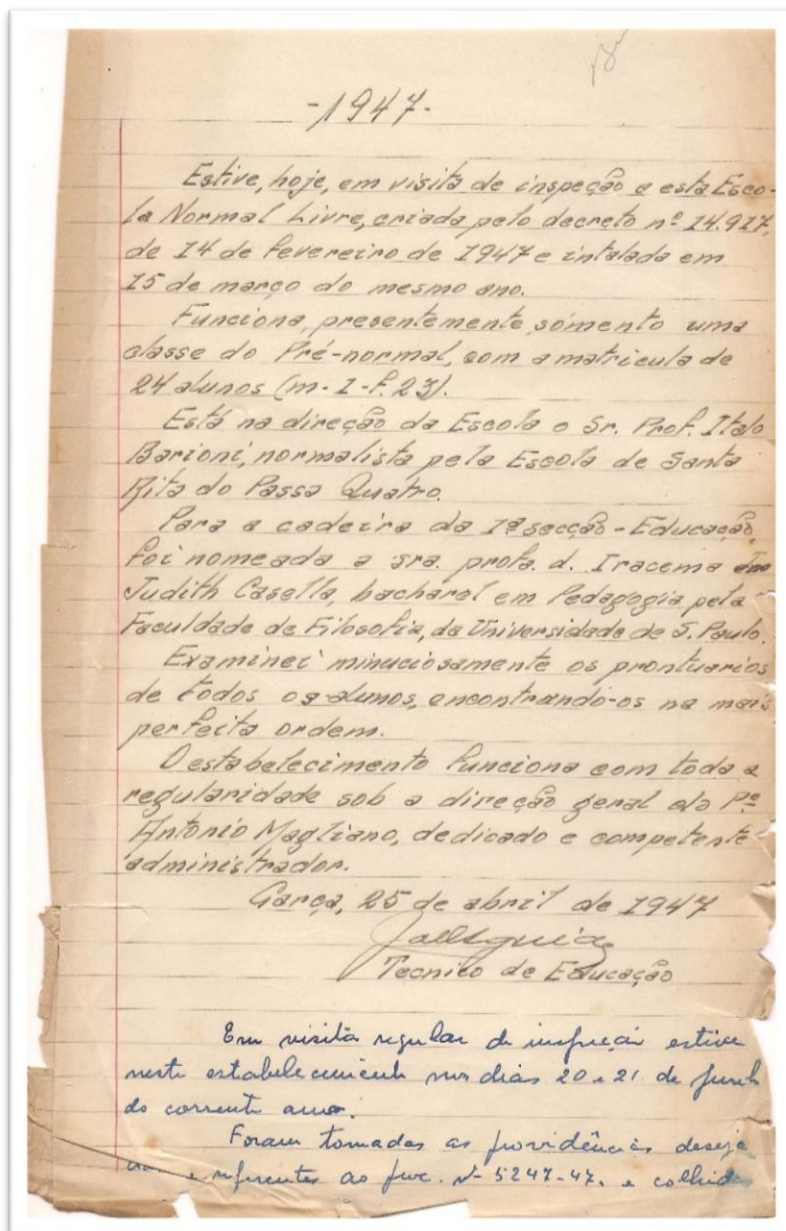
LIVRO ATA de exames escola particular Santo Antônio e do Curso de Aplicação da Escola Normal Livre De Garça; 1947 a 1948; p.1-50

LIVRO ATA de Exames de Segunda Chamada do Curso Normal “Hilmar Machado de Oliveira”, 1958, p. 1-23

LIVRO ATA do Conselho Técnico do Curso de Formação Primário do Colégio e Escola Normal Dr. Hilmar Machado de Oliveira, Acervo da E.E. Hilmar Machado de Oliveira, Garça, 1954, p.10

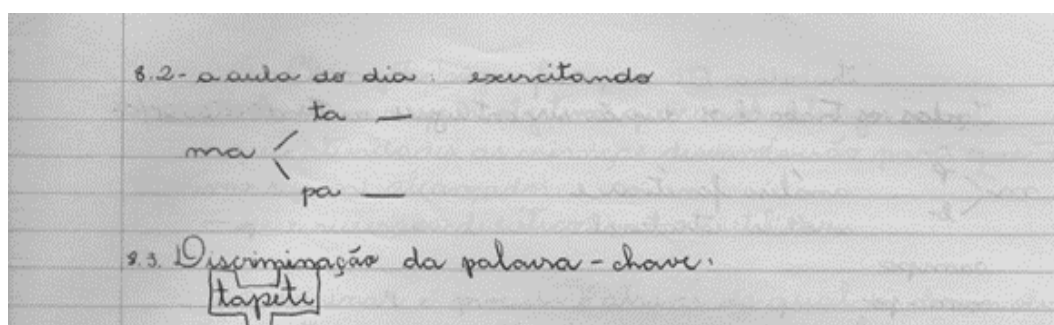
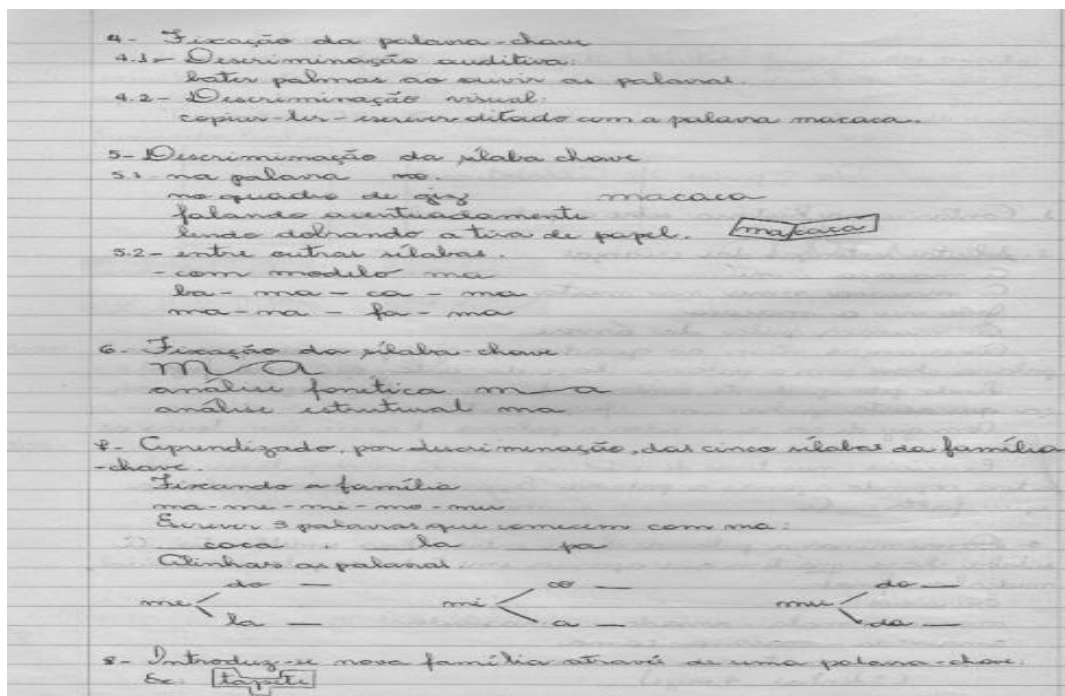
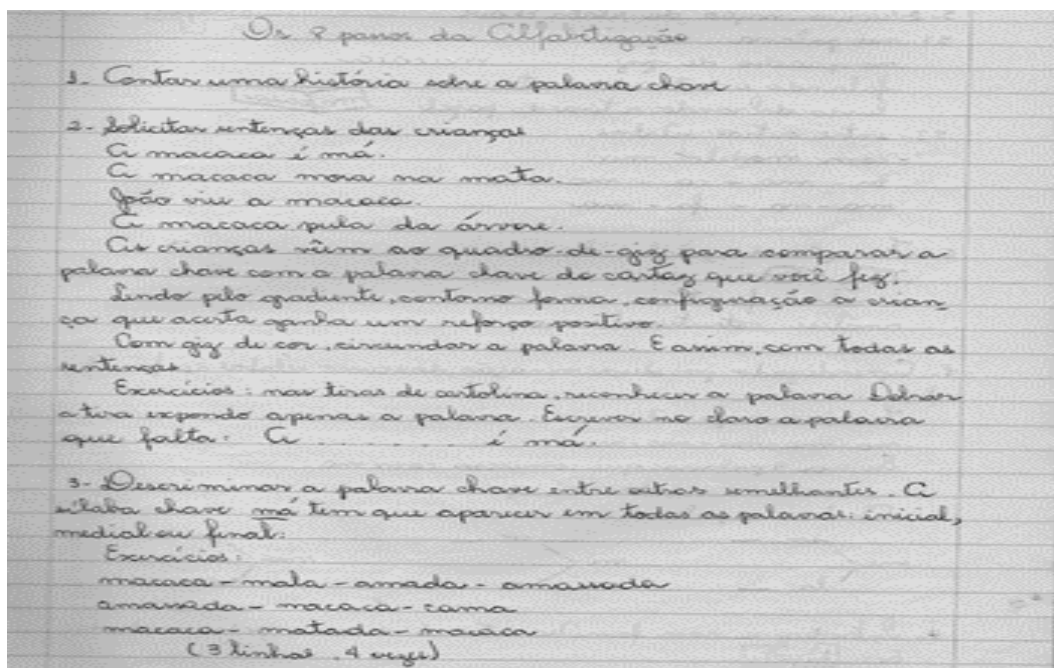
ANEXO A

TERMO DE VISITA DO TÉCNICO DE EDUCAÇÃO -1947



ANEXO C

REGISTRO NO CADERNO DE DIDÁTICA- ALFABETIZAÇÃO 8 PASSOS



APÊNDICE A
QUADRO - MATERIAL SELECIONADO.

GRUPO A					
Documento	Assunto	Páginas	Período	Síntese	Obs.
1-Livro Ata de Termo de Posse dos Funcionários e Professores da Escola Normal e Ginásio Estadual de Garça-1948 a 1952.	Ata de posse.	100	1948/1952	Cada termo contém a data e a descrição da formação do funcionário e ou professor que passará a exercer o cargo na Escola. A ata tem o acompanhamento do Técnico da Educação. É o primeiro livro da Escola, quando esta passa a ser do Estado e do primeiro ano do curso Normal.	Identificação do corpo docente e funcionários.
2-Livro de Registro das Atividades extracurriculares.	Atividades extracurriculares.	50	1958/1961	Registro em 17 páginas (as demais estão em branco) com data, mês e ano de atividades que eram consideradas como extracurriculares: jogos esportivos realizados pelos alunos, fundação da biblioteca, realização de provas mensais, excursões, exposição de trabalhos de alunos, elaboração de material didático, seminários, elaboração de material didático, exibição de filmes educativos, Festa Cívica, Debates, Comemorações.	É possível identificar as atividades realizadas além da sala de aula e como e por quem eram realizadas.
3- Livro de Escrituração Escolar para Uso das Escolas Normais.	Orientações para a atuação do professor normalista.	121	1949	Elaborado por um professor de Escola Normal, contém orientações para	É possível identificar que a Escola Normal seguia tais orientações

Organizado por Elias F. D'Annunziata-prof. Chefe da 1ª Secção-Educação-5ª edição.				as atividades docentes do aluno-mestre, legislação escolar e modelos para Boletim de Alunos, Caixas escolares, matrículas, fórmulas para estatísticas mensais e anuais.	mediante os outros documentos como o Livro de Matrícula, os relatos e Livro das reuniões. Atividades relacionadas ao método analítico.
4- Livro Ata de Reunião dos Professores	Registro de reuniões ocorridas entre professores e direção	50	1952/1960	Há 38 atas que registram as reuniões lideradas pelo diretor da escola para tratar de assuntos do cotidiano escolar e orientações aos professores: Organização da Escola; Organização para aula inaugural, exposição pedagógica, participação dos professores nos meios de comunicação, análise, reflexões e indicações para artigos da Base Educacional que viria a ser a Lei de Diretrizes e Bases da Educação.	Participação dos professores por meio de comentários, reflexões, sugestões e decisões.
5- Livro Ata de Reunião Ordinária dos Professores	Registro de reuniões ocorridas entre professores e direção.	50	1955/1956	Há registro de 4 reuniões entre março de 1955 e março de 1956. A condução das reuniões se faz pelo diretor que dá orientações e abre para discussões de assuntos do funcionamento escolar. Há 50 folhas, mas registros escritos até a p.7	Identifica-se uma preocupação com os espaços físicos e a organização dos eventos comemorativos dos quais a escola participa na comunidade. Há registro do funcionamento do Grêmio Estudantil com local e sede própria.

6.1-Livro Ata das Reuniões Pedagógicas do curso de Aplicação anexo ao Colégio Estadual e Escola Normal Dr. Hilmar Machado de Oliveira.	Reunião pedagógica entre diretora e professoras do curso primário anexo a Escola.	50	1954/1963	Há 66 encontros registrados dos quais foram tratados de temas de orientações e solicitações da diretora as professoras. As orientações se referem ao funcionamento das turmas e os procedimentos que os professores devem adotar.	É possível identificar os saberes predominantes que eram modelos para os alunos normalistas, que faziam o curso Normal e tinha a escola Anexo como modelo e local para as aulas de regência.
6.2- Livro Ata das Reuniões Pedagógicas do curso de Aplicação anexo ao Instituto de Educação. Hilmar Machado de Oliveira.	Reunião pedagógica entre diretora e professoras do curso primário anexo a Escola	50	1963/ 1975	Há 40 encontros registrados até a p. 38. Os temas tratados se relacionam as orientações dadas pela diretora e há reuniões com os professores de Metodologia para alinhamento do que se é ensinado no Curso Normal e o planejamento e atuação na Escola Anexo.	Identifica-se que não há coerência nos trabalhos desenvolvidos na escola Anexa com a Proposta de trabalho ensinada no curso Normal. Encerra-se em 1975, visto a extinção da Escola Anexa e da alteração do curso Normal para Magistério.
7- Ata da Congregação dos Professores do instituto de Educação Hilmar Machado de Oliveira	Registros das atas referentes as reuniões da Congregação instituída por professores	50	1963-1964	Há seis encontros da Congregação que é composta por professores com a finalidade de acompanhar as atividades escolares. A Congregação funcionou somente neste período.	Identifica-se conflitos entre os professores em relação as medidas disciplinares que se deveriam tomar.
8- Ata do Conselho Técnico do Curso de Formação de Professores Primários.	Regulamentos e atividades do curso Normal-Formação de Professores Primários	50	1954 a1962	Há 43 encontros deste Conselho com a finalidade de discussão das atividades escolares e regulamentos aos alunos referentes ao curso Normal e a escola anexa. Há prioridade na organização das festividades,	

				medidas disciplinares e regulamentos de avaliações.	
9-Ata do Conselho Técnico do Curso de Formação de Professores Primários	Regulamentos e atividades do curso Normal-Formação de Professores Primários	50	1962-1963	Há 4 encontros com a Regulamentos e atividades do curso Normal-Formação de Professores Primários. Os registros estão até a página 6. Há prioridade na organização das festividades, medidas disciplinares e regulamentos de avaliações, com ressalva para as últimas reuniões nas quais se discutiram as reformulações para o curso Normal tendo mais aulas de Prática e Psicologia.	
10-Ata de Seminário da Curso Normal.	Seminário relacionado aos conhecimentos adquiridos nas disciplinas do curso Normal.	5	1960	Há o registro de quatro seminários, até a página 5. Nos registros dos seminários há a apresentação dos conhecimentos das disciplinas realizada por alunos e professores.	É possível identificar os temas trabalhados no curso Normal e a atuação e prioridades dos professores em relação a relevância dos temas trabalhados na formação.
11- Livro de Ocorrências Aulas Previstas e Dadas Normal Noturno e Diurno	Registra-se a cada ano as aulas previstas e dadas quantitativamente.	28	1963/1970	Há as disciplinas, os professores que ministravam e a quantidade por ano	Dá informações sobre a matriz curricular de cada ano do curso Normal.
12- Pasta História da Escola de 1º Grau Hilmar Machado de Oliveira	Histórico da Escola com documentos	63	1972-1975	Há um copilado de pesquisas realizadas por alunos das 7ªs e 8ªs séries com cópias de documentos e fotografias que comprovam a instalação da	Possibilita identificar toda o histórico da escola com destaque para a mudança de prédio.

				escola, o arrendamento pelos padres, a reivindicação da população, a transformação em escola pública e a trajetória até a data 1972. A partir de 1973 há cópias de documentos e fotografias sobre a inauguração do prédio novo Instituto de Educação.	
13-Pasta Delegacia de Ensino de Garça.	Registro das ações da Delegacia de Ensino de Garça SP.	49	1988/1989	Há fotografias, textos, recortes de publicações de jornais sobre as ações desenvolvidas na Delegacia de Ensino de Garça SP, nos anos de 1988 e 1989.	Identifica-se o trabalho de formação continuada pautado nas concepções teóricas do construtivismo e as propostas curriculares advindas da Secretaria da Educação.
14- Pasta-Projeto Historiografia da Escola	Registro das atividades desenvolvidas pelos alunos da Escola de acordo com o Projeto.	30	2010-2019	Há fotografias e registros das conversas entre ex-alunos e alunos atuais sobre a escola em cada tempo de estudo.	Localizar os alunos que cursaram a Escola Normal e participaram do Projeto da Escola contribuindo com fotografias e informações.
GRUPO B- Biblioteca e Materiais					
Documento	Assunto	Páginas	Período	Síntese	Obs.
1-Livro Tombo do curso Normal.	Registro dos livros da Biblioteca da Escola.	91	1950/1957	Apresenta até a p.15 a relação dos livros da biblioteca da Escola. Há 434 títulos, um exemplar de cada título e os temas são: Literatura, Gramática, Psicologia, Sociologia, Filosofia, Pedagogia, Metodologias, Biologia,	Predomina os títulos dos livros relacionados a Psicologia, Sociologia e Práticas de Ensino.

				Higiene, Dicionários, Práticas Escolares, História, Asseio, Crianças, Matemática, Inglês. Nas páginas 39, 40 e 41 há um rascunho escrito a lápis pela bibliotecária de um texto sobre a importância da biblioteca, do livro e da leitura.	
2.1- Livro Anotações de Empréstimo de Livros.	Registro dos empréstimos dos livros da biblioteca	50	1953/1954	Registro dos empréstimos dos livros da biblioteca.	Possibilita a identificação dos títulos mais retirados.
2.2- Livro Anotações de Empréstimo de Livros.	Registro dos empréstimos dos livros da biblioteca	100	1954/1957	Registro dos empréstimos dos livros da biblioteca.	Possibilita a identificação dos títulos mais retirados.
3- Livro de registro de material Didático.	Registro dos materiais didáticos comprados com verbas do Órgão de Cooperação Escolar-OCE e campanhas.	50	1967	Há registros da página 1 a 5. Nas anotações há registro de mobiliários, coleção de filmes relacionados a matemática, ciências, história e arte, projetor.	Possibilita identificar os materiais pertencentes a escola. Verificar a utilização nos relatos.
GRUPO C- ATAS DE EXAMES					
Documento	Assunto	Páginas	Período	Síntese	Obs.
1-Livro Ata de exames Escola Particular Santo Antônio e do Curso de Aplicação da Escola Normal Livre de Garça.	Resultados dos exames Finais.	50	1947/1948	Trata-se de resultados dos exames prestados pelos alunos do 4º ano para dar continuidade aos estudos no secundário (ginásio). Estes alunos concluíam o 4º ano e faziam um curso para prestar o exame que garantiria a continuidade dos estudos. No secundário já se iniciava o pré Normal. O livro conta com 8 páginas preenchidas.	Possibilita a confirmação de que até 1946 a Escola Particular Santo Antônio estava arrendada para os Padres, com ensino primário e secundário. O ano de 1947 foi transição e altera para Escola Pública, mas o primário é concluído em 1948. Este curso primário seria a Escola Anexa na

					Escola Normal Livre que os Padres pretendiam implantar.
2-Livro Ata de Exames do Curso Profissional de Formação de Professores da Escola Normal	Registro descritivo do processo de exames	100	1950-1952	Há registros em todas as páginas. As atas contêm os nomes dos professores, alunos, pontos sorteados e o desempenho	Possibilita identificar os conteúdos pelos pontos sorteados.
3- Livro Ata dos exames do curso Normal	Registro descritivo do processo de exames	100	1958-1977	Há registros até a p. 85. A partir do ano de 1972, incluiu-se neste livro as atas de exames do 1º e 2º Graus. Há atas de 1975 exames de adaptação de matéria para alunas advindas do curso normal de outras escolas. A partir de 1976 aparece a denominação Magistério.	Possibilita verificar a transição e o nome das disciplinas.
4-Ata dos exames parciais do curso de Formação Profissional do Professor do Colégio Estadual e Escola Normal de Garça	Registro do rendimento dos alunos nos exames parciais	100	1952-1954	Todas as páginas estão preenchidas com os registros das disciplinas, professores e rendimento dos alunos.	O curso Formação profissional do professor é o curso Normal. Identifica-se as disciplinas.
5- Ata do Exame Vestibular ao curso de Aperfeiçoamento do IE Escola Normal Hilmar Machado de Oliveira.	Registro do vestibular prestados por candidatos ao curso de Aperfeiçoamento.	50	1961-1968	Há registro até a p.14. Registros da avaliação das disciplinas de Português e Pedagogia /Psicologia Também há registros de 2ª época e de conclusão, com as seguintes disciplinas: Metodologia das Matérias; Metodologia da Leitura; Metodologia Aritmética; Prática; Psicologia da	Identifica-se que se tratava de um curso para os concluintes da Escola Normal.

				Aprendizagem; Administração Escolar	
6- Ata dos Resultados Finais do Curso de Administração Escolar	Registro dos resultados finais do Curso de Administração Escolar	100	1965-1970	Há registros até a p. 9 dos resultados finais do 1º e 2º ano do curso de Administração Escolar. Há a relação de alunos e as notas das disciplinas a seguir: Estatística; Biologia Educação; Psicologia da Educação; Sociologia da Educação; Economia; Administração Escolar; Educação Complementar; Filosofia.	Identificou-se que o curso durava dois anos e habilitava para a administração escolar, direção e inspeção. Se confirma com a entrevista dada pelo Prof. Sergio e Prof. Mario Há o nome dos dois na relação de conclusão.
GRUPO D – Informações Adicionais					
Documento	Assunto	Páginas	Período	Síntese	Obs.
1-Livro de Matrícula.	Registro de matrícula.	50	1954-1959	Nas 50 páginas há o registro dos alunos que se matricularam no curso Normal. Começa na matrícula n.492, o que indica que há livros anteriores e posteriores. Neste livro há o N° de matrícula; Nome, idade/data de nascimento; Naturalidade; Filiação; profissão e naturalidade do pai; Residência; data da matrícula e ano do curso.	É possível identificar a origem dos alunos como local que residem e sobre profissão do pai e nacionalidade. Uma amostra da situação econômica e social: Profissão dos Pais que predomina: Sitiente, Comerciante, Servidor Público.
2-Livro do registro dos documentos dos funcionários e professores.	Transcrição da publicação da contratação dos professores e funcionários.	100	1948-1956	Até a p.60 há a transcrição da publicação no Diário Oficial da posse, a partir da p. 61 até a p.64 o registro de títulos e portarias de professores e	Identifica-se, professores e funcionários desse período e as suas respectivas formações.

				funcionários citando: Nome, cargo, padrão, situação, Decreto, data da publicação no Diário Oficial, posse, exercício.	
3-Livro de registro de Visitas.	Assinaturas das pessoas que compareceram à exposição de materiais didáticos- 10/11/1967 a 17/11/1967	50	1967	Há o registro de um evento: “Exposição de Material Didático do curso Normal do I.E.E. Hilmar Machado de Oliveira de Garça, organizado pelas Professoras Eurides Luzia Quagio, José Benevides Cavalcante, Tereza Delicato, de 10/11/1967 a 17/11/1967. Há 433 assinaturas.	Não há a descrição dos materiais apresentados. É possível identificar nas entrevistas.
4-Orfeão	Registro das aulas de orfeão da Escola Anexo	50	1955-1956	Há a relação de alunos e o conteúdo trabalhado com a letra da música e desenho	Dá indícios do trabalho desenvolvido na escola anexa na qual os normalistas estagiavam e exerciam as aulas práticas

Fonte: A autora de acordo com o acervo da E. E. Hilmar Machado de Oliveira

APÊNDICE B
QUADRO DA COLEÇÃO “A CRIANÇA E NÓS”

Título	Autor	Abordagem
A orientação profissional da criança	Antoine Léon	-Evolução dos conceitos de orientação profissional; - Da escolha da profissão ao exercício do ofício; - Os objetivos educativos e as formas pedagógicas da orientação profissional; - Os processos pedagógicos da orientação profissional; - Resultados de alguns controles psicopedagógicos de orientação profissional.
Crianças excepcionais e sua educação familiar	Samuel A. Kirk, Merle B. Karnes e Winifred D. Kirk	- O problema dos pais; -Graus de retardamento mental; - Determinação do grau de retardamento; - A criança em casa ou em escolas especializadas; - O cuidado pessoal; - A independência; - Os brinquedos; - Ensinando a falar; - A aceitação social; - O controle da conduta; - Solução do problema de conduta; - Um programa completo para o excepcional.
Educação para o Amor- Psicologia da Afetividade	Caleb Gattegno	- O homem ser espiritual; - Psicologia da afetividade; -Educação para o amor; - O contágio espiritual; -Psicologia da adolescência; - A educação do adolescente; - Estudo do meio e aquisição dos conhecimentos; - Em prol de uma educação para uma consciência mundial; - A criança e o seu meio; - Nova teoria da imagem.
A Criança e a família	Maurice Porot	- O lar: segurança e solidariedade; - A mãe: o amor; - O pai: a autoridade; - Avós e sogros; - Os irmãos e irmãs: a rivalidade; - Os estudos das relações em família.

Fonte: A autora de acordo com o acervo da Sala de Leitura da E.E. Hilmar Machado de Oliveira.

APÊNDICE C
QUADRO - TÍTULOS DA REVISTA IDEIAS

Ano	Nº	TÍTULO
1988	1	A Educação Básica no Brasil e na América Latina
1988	2	A Pré-Escola e a Criança, Hoje
1988	3	Recursos Humanos Para Alfabetização
1988	4	Informática e Educação
1988	5	Leitura: caminhos da aprendizagem
1989	6	Toda Criança é Capaz de Aprender?
1989	7	O Cotidiano da Pré-escola
1990	8	A Construção do Projeto de Ensino e a Avaliação
1990	9	Multimeios Aplicados à Educação: uma leitura crítica
1991	10	O Jogo e a Construção do Conhecimento na Pré-escola
1991	11	A Didática e a Escola de 1º Grau
1992	12	Leitura, Escola e Sociedade
1992	13	O Papel do Diretor e a Escola de 1º Grau
1992	14	Experiências de Desenvolvimento de Pessoal na Área do Ensino Pré-Escolar no Estado de São Paulo
1992	15	Diretor - Articulador do Projeto da Escola
1993	16	A Autonomia e a Qualidade do Ensino na Escola Pública
1993	17	Linguagem e Linguagens
1993	18	O Tempo e o Cotidiano na História
1993	19	Alfabetização: passado, presente, futuro
1994	20	Construtivismo em Revista
1994	21	Violência, um Retrato em Branco e Preto
1994	22	Avaliação do Rendimento Escolar
1994	23	Cultura e Saúde na Escola

Fonte: A autora de acordo com o acervo da Sala de Leitura da E.E. Hilmar Machado de Oliveira